



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS DA INTERPRETAÇÃO

JEFFERSON BRUNO MOREIRA SANTANA

**POLÍTICAS DE TRADUÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS PARA AS LÍNGUAS DE
SINAIS: UM DIÁRIO DE BORDO DO BRASIL AO PARAGUAI, URUGUAI E
ARGENTINA**

FLORIANÓPOLIS

2021

Jefferson Bruno Moreira Santana

**Políticas de tradução de textos literários para as Línguas de sinais: um diário de
bordo do Brasil ao Paraguai, Uruguai e Argentina**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em
Estudos da Tradução da Universidade Federal de
Santa Catarina para obtenção do título de doutor em
Estudos da Tradução, na linha de pesquisa Estudos
da Interpretação.

Orientador: Prof. Dr. Markus Joannes Weininger

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Santana, Jefferson Bruno Moreira

Políticas de tradução de textos literários para as Línguas de sinais: um diário de bordo do Brasil ao Paraguai, Uruguai e Argentina / Jefferson Bruno Moreira Santana ; orientador, Markus Joannes Weininger, 2021.

208 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Políticas de tradução. 3. Textos Literários. 4. Línguas de Sinais. 5. Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina. I. Weininger, Markus Joannes . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

Jefferson Bruno Moreira Santana

Políticas de tradução de textos literários para as Línguas de sinais: um diário de bordo do Brasil ao Paraguai, Uruguai e Argentina

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Markus Joannes Weininger
Universidade Federal de Santa Catarina
Orientador

Prof. Dr. Leonardo Peluso Crespi
Universidad de la República Uruguay
Examinador

Prof. Dra. Velia Rosana Famularo
Asociación Argentina de Traductores e Intérpretes
Examinadora

Prof. Dra. Célia Beatriz Godoy Riquelme
Universidad Nacional de Assunción
Examinadora

Prof. Dra. Carla Damasceno de Morais
Instituto Federal de Santa Catarina
Examinadora

Prof. Dra. Silvana Aguiar dos Santos
Universidade Federal de Santa Catarina
Examinadora

Certificamos que esta é a versão **original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para a obtenção do título de doutor em Estudos da Tradução.

Coordenação do Programa

Prof. Dr. Markus Joannes Weininger
Orientador

Florianópolis, 10 de dezembro de 2021

*Dedico este trabalho ao Sarau Vozes Negras, à todas
as minhas mestras e mestres latino-americanas/os.*

AGRADECIMENTOS

Neste momento, agradeço a todes, todas e todos que contribuíram na construção dessa viagem/tese.

Todo trabalho que produzo acontece com uma multidão ou um mutirão, assim começo a agradecer ao Prof. Dr. Markus Joannes Weininger por uma relação de muito aprendizado, respeito, compreensão, sobretudo, paciência. Agradeço a paciência em compreender os meus processos para (re)construção da pesquisa/tese, todo o mergulho e compromisso nesta viagem investigativa comigo, ao entender cada ponto do meu fazer/fazendo. Um mestre da escuta e em busca de descolonizar o conhecimento dos Estudos da Tradução e da Interpretação.

Agradeço às professoras que estiveram na banca de qualificação do doutorado no dia 18 de setembro de 2018, começando pela Prof. Dra. Carla Damasceno de Moraes, por seu olhar sociológico/político e cultural ao apontar caminhos e afetos para uma tese entrecruzada, além disso, na defesa da tese confirma e demonstra a sensibilidade literária e tradutória para entender a minha escrevivência em fronteiras. A Prof. Dra. Marie-Helene Catherine Torres por ser um dos fios condutores iniciais da ideia dessa tese e por acreditar nas minhas visões políticas, potencializando o meu mergulho prático/teórico na literatura traduzida para Línguas de Sinais, desde o mestrado, só tenho a agradecer por tudo que fez por mim. Agradecer à Prof. Dra. Silvana Aguiar dos Santos “Sil”, que simboliza um encontro ou uma crônica ancestral de nossos afetos e de consciências/políticas re(ori)afro-ontológicas, ao ser uma irmã que estar comigo nos espaços acadêmicos da formação (re)construção das identidades e interseccionalidade dos TILS, o seu ver atento na qualificação e na defesa da tese que nos emociona para que possamos continuar na luta política em descolonizar saberes da tradução e da interpretação, sobretudo, nessa viagem de experiências políticas e poéticas e nos meus diários.

Ao Prof. Dr. Leonardo Peluso por ter acolhido no Uruguai e na Udelar e ter confirmado as experiências e saberes fronteiriços participado da minha banca de defesa e na construção do meu diário com sugestões para escrita da tese e para a vida, por me mostrar passos tão necessários para nós pessoas conscientes da interseccionalidade para percorrermos nos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais na América do Sul.

À Prof. Dra Rosana Famularo, primeiro agradeço por também me acolher em Buenos Aires e me apresentar de forma tão expressiva e experienciada as políticas de tradução e de interpretação da Língua de Sinais Argentina e do espanhol, ao indicar caminhos para confluir no entendimento das políticas de tradução dos textos literários, além disso, por ter aceitado estar em minha banca de defesa e apontado a relevância das políticas de autoria na construção do

sistema literário traduzido das Línguas de Sinais.

À Prof. Dra Celia Requilme, agradeço por confluir com a visão das políticas linguísticas do Paraguai para eu refletir acerca da tradução e da literatura produzida na Língua de Sinais Paraguaia, intensificando saberes descoloniais, em especial, as questões de multilinguismo como uma política de tradução de textos literários, por fim por estar em minha banca de defesa ao mostrar o exercício da transformação de políticas que podem conduzir no ser e no estar de um país.

Agradeço ao grupo de pesquisa Literalise pelas confluências acerca da literatura para infância e juventude, em especial, as professoras Eliane (quero sempre em minha vida), Maria Laura e Cida, também as colegas afetuosas, Zâmbia, Tatiana e Edneide.

Agradeço à UFES e ao Departamento de Línguas e Letras (DLL) por conceder o afastamento integral para realização dessa tese, em especial, aos colegas de área e do curso de Letras-Libras bacharelado em Tradução e Interpretação, Ademar Júnior, Arlene Batista, Flávia Medeiros, Leonardo Lúcio, Lucyenne Matos e Pedro Wichts pelo apoio e compreensão.

À Lucyenne (Lu) pelo amor e pela relação ao longo de quase 20 anos de caminhada, de estudos e de lutas.

À Keila Teixeira, a Andréa Grijó a Karla Cezarino, a Silvana Vektorim por sentimentos afetuosos que demonstram por mim e o apoio para que eu fizesse o doutorado da melhor forma possível.

À Keli Xavier agradeço pela amizade e pela companhia durante o doutorado. foram quatro meses que nós tivemos a oportunidade de dividirmos apartamento, de fazermos uma disciplina juntas na PGET, tudo isso foram momentos maravilhosos para estreitar a nossa amizade ontológica. À Aline Bregonci e à Junia Zaidan pelo carinho e admiração que manifestam por mim. Ao colega Daniel Ferraz por compartilhar conhecimentos de um ponto de vista dos estudos críticos. Ao amigo Alessandro Rodrigues por um agente das vivências dissidentes.

À Prof.Dra Maria Lúcia Vasconcellos pelo aprendizado e a oportunidade de conhecer uma pessoa tão enérgica, linda de ver!

Ao Prof. Carlos Henrique Rodrigues por compartilhar conhecimentos acerca da tradução e da interpretação das Línguas de Sinais e das Línguas Orais, potencializando olhares e observações sobre o cotidiano dos TILS.

À Prof. Dra Simone Schimidt, agradeço que desde o mestrado abriu caminhos para eu pensar onde estamos e o que nos tornamos, inserindo a vontade de pesquisar as epistemologias Sul-Sul, a partir de um olhar anticolonial e interseccional.

Ao Sarau Vozes Negras, começando pela poetisa Nana Martins, por ser uma pessoa do encontro

da graça, do conhecimento afrodiaspórico, poético/literário e o acolhimento para estar comigo na produção da escrita da tese (às vezes estava em meu corpo e em minha mente), nos momentos mais difíceis enfrentados, além disso, a doçura de Loly por estar junto conosco. À Feibriss Cassilhas por sua energia poética, por seu conhecimento acerca dos Estudos da Tradução a partir de ponto vista anticolonial, sobretudo, por estar ao meu lado em momentos que mais necessitava e necessito. À Jess Oliveira pela oportunidade de estar ao seu lado como amiga e de conhecer uma grande intelectual e tradutora negra. Luck Palhano uma pessoa que simboliza (re)encontros de saberes ancestrais e interseccionais, uma produção viva do ori de Iemanjá. Eli a nossa Iyá, com saberes ancestrais, sobretudo, com a criação poética de estar comigo e a todes, à todas e todos que estiveram em nossas performances e o dizer poesias. À Escola de UBUNTU de Florianópolis pelos saberes em confluência e pelo companheirismo com amigues Lucas, Aline, Jacky, Gabizuda, Rafa e Bruno.

Ao reencontro com a amiga e prof. Juliana Pirola da Unila, uma acolhida de saberes, de companheirismo, juntamente com Gregory e Antônio em Foz do Iguaçu.

Ao prof. José Edmilson pela contribuição em abrir caminhos para os encontros no Paraguai. As intérpretes paraguaias Irene (família), Laura e o prof. Marcelo pela acolhida em Assunção, sobretudo, os diálogos enriquecedores e promover trilhas para conhecer um pouco das políticas de linguísticas e de tradução de textos literários para a LSPy. Aos tradutores surdos que participaram das oficinas de tradução de textos literários. À secretaria de políticas linguísticas do governo paraguaio por compartilhar um pouco do trabalho realizado no momento que eu a visitei.

Na Udelar além do prof. Leonardo, agradeço a Mariana, a Lara que me acolheram e me acompanharam na pesquisa na cidade de Salto, já em Montevideu agradeço a Soledad, a Maria Eugenia, a Santiago, a Adriana e a Pablo.

Na Argentina preciso começar agradecer a Eda Vera pelo afeto, carinho e compartilhamento dos conhecimentos das políticas de tradução e interpretação LSA-Espanhol, sendo o meu primeiro contato na Argentina, me acolhendo por várias vezes em sua casa, tornando-se amiga para toda vida. A AAILS, em especial, as intérpretes Laura Astrada, Flávia e Cecília, apresentaram caminhos, pessoas, contatos para que eu pudesse entender as políticas de tradução e interpretação LSA-Espanhol na Argentina de norte a sul. A prof. Monica da UBA por dialogar com os seus conhecimentos sobre a LSA e a interpretação, a Alejandra e Lorena por compartilharem as suas histórias de vida em relação a educação de surdos e da interpretação de LSA-Espanhol em Buenos Aires. Agradeço a prof. Sandra Cvejanov por me acolher em Neuquén e na Universidad Nacional del Comahue, disponibilizar materiais e por promover

políticas de tradução e de interpretação. Agradeço ao intérprete Gabriel da província de Paraná por receber em sua casa e a Maruje, Juan e toda equipe da UNER por abrir caminhos para entender e conhecer de forma didática as políticas de tradução e interpretação de Espanhol- da UNER. À Cristina Banfi por dialogar sobre as políticas de tradução dos textos literários Espanhol-LSA. À Rocío Martínez por compartilhar as suas experiências e perspectivas acerca das políticas linguísticas e de tradução na Argentina. A equipe da ADARUS por me receber com disponibilidade para conversarmos sobre as políticas de tradução de Espanhol-LSA no campo da justiça em Buenos Aires. À Claudio Vidal pelo afeto e por me apresentar o tango queer.

À Asociación Canales por me acolher e entender a minha pesquisa, a partir de um olhar acerca das políticas de tradução de textos literários, em especial, a Silvana Veinberg e Juan Lopez. Ao tradutor Fermakito por dialogar a sua experiência em traduzir textos literários para a LSA. Agradeço à coordenadora Lorena e ao Daniel diretor da escola, onde funciona a tecnicatura em Língua de Sinais Argentina em Buenos Aires.

Em Salta agradeço a Veronica e a Carolina pelo convite ao evento ImpuLSA, pela acolhida e pelas interlocuções sobre as políticas de tradução e interpretação.

Agora chego em Florianópolis para agradecer as amigas, amigos e amigues. À amiga Leticia Silva que há mais 14 anos manifesta afeto, acolhimento e confluências amplas do que nos entrecruzam, hoje juntamente com a Belle e a querida Tay. À Leticia Fiera (Leti) uma interlocutora de saberes sociológicos e uma companheira durante a minha trajetória doutoral, contribuindo na perspectiva da classe social e do trabalho como elementos que entrecruzam vidas e saberes, sobretudo, os momentos lindos, mágicos de diversão e de encantamento na ilha de Florianópolis, sempre ao meu lado nas diferentes situações. À Inaê Espindola pelas doçuras e compartilhamento afrodiaspórico. Ao Diogo (Dio) pela sua filosofia para intensificar as minhas visões políticas, sobretudo, o companheirismo e diversões para aliviar as pressões. Ao Léo pelo afeto, pela escuta atenta e disposição para sempre colaborar no bem-estar singular/plural ao mesmo tempo. Ao amigo querido Rick pelo carinho, compreensão e pelas conversas sobre os nossos entrecruzamentos, ao Daniel por estar junto ao Rick. À Clau por ser uma companheira atenta para que minha vida seja sempre mais liberta.

À La Kahlo Bodega um espaço feminista e de acolhimento LGBTQIAP+, onde pude conhecer e me afetar/afeiçoar com várias pessoas, em especial, a Juliana (Ju), vindo uma união do que somos e dos nossos trânsitos. Nesse contexto de descontração, também de luta e de compromisso social, tenho os (re)encontros e aprendizados com a Guilhermina (Gui), uma pessoa admirável que me descontraia e me colocava para refletir sobre as minhas escolhas. À

Chay com sua doçura e preocupação para que eu terminasse a tese. À Helô pelo carinho e afeto. À Julia e a Nicole que estavam ali com muito a dizer e resignificar em mim. À Mari por dialogar com as minhas demandas e por muitas vezes me acalantar, por último, as Gabis que chegaram para também alegrar o espaço.

Na La Kahlo também, tenho o encontro com a Drag Suzaninha, Arthur e Thomaz (doçura), agradeço por dividirmos, as nossas lutas, os nossos saberes, as nossas angústias, os nossos risos e as nossas esperanças.

À amiga Cibele Verrangia pela confluência dos saberes anticoloniais e pela condução da organização da tese como um sol para brilhar os meus caminhos.

Na UFSC, os encontros das amigades da tradução, literatura e da linguística tenho de agradecer ao companheirismo e as trocas com Rodrigo D'Ávila, Francieli Guarienti, Sandra Costa, Roberta Lyra, Walquíria Amorim, Marcos Luchi, Ramon Linhares e Daltro Junior. Existem aquelas amigades que estiveram implicadas diretamente na construção da minha tese, por exemplo, a amiga querida Digmar que contribuiu nas revisões da tradução para o espanhol-português, nas pistas teóricas e na apresentação proferida na defesa. Ao amigo querido André Aguiar por me alertar a ter uma atenção aos estudos da sociologia da tradução. À amiga querida Ana Carolina de Freitas pelo apoio incondicional em sempre estar disposta a contribuir, a incentivar a pesquisa realizada, contribuindo diretamente também na apresentação proferida na defesa e algumas partes na tese. Ao David por produzir os mapas do meu diário de bordo/viagem.

À amiga de longa data ou a primeira amiga de Florianópolis, Clarice Fortunato, agradeço por me levar de alguma forma a escrever um diário de viagem como uma escrevivência e interseccionalidade dos saberes descolonizados na literatura e tradução.

À Dirce (in memoriam), só saudades, que me acolheu de forma afetiva desde 2008 em Florianópolis e a sua família, em especial, a Kamily, Vânio, Jefferson e Cibelle e a nossa amiga Expedita pelo incentivo e afeto durante este período de doutoramento e na vida.

À Naty e ao Lino pelo afeto e incentivo nas interlocuções para minha compreensão como uma pessoa de fronteiras e dissidente.

Ao Andy Elias pelos momentos de descontração e os afetos por mais de 13 anos. Ao Geysel pela companhia nos momentos finais da escrita da tese e pela comida deliciosa amapaense. Ao Thunay pelo afeto e pelo carinho que manifesta por mim, pelas interlocuções de afeto em momentos tão difíceis. À Gabi e ao Artur vizinha e vizinho queridos e incentivadores para que eu concluísse a tese. Ao Rutsnei pela acolhida e afeto. Ao Paulo por me escutar e descontrair em vários momentos durante a escrita da tese e a Dani por sua alegria.

Agradeço a minha família. A minha mãe e o meu pai pelos caminhos que abriram para mim, as minhas irmãs pelos incentivos, a Djane pelos saberes políticos, acalento e carinho sem igual e a filha Clarice (Cleuris) por desenvolver um afeto único em mim, apesar de ficar a distância durante o período do doutorado.

Aos amigos e amigas de Vitória, agradeço pelos incentivos, ao Val (Valdério Reisen) com a sua assertividade em compartilhar as suas experiências, ao Fábio Romero pela alegria e generosidade, ao Carlos Magno pelas boas conversas e ao Hélivio Tolentino pela torcida para eu pudesse concluir a tese. Não posso esquecer de Livia, Darlete, Shirley e Luiz Cláudio pela força.

Às intérpretes Saionara Santos, Bárbara Peres, Stephanie Vasconcelos e os intérpretes Tiago Nogueira e Venícios Cassiano por aceitarem prontamente o desafio de trabalharem na minha defesa, só agradecimentos para vocês!

À secretaria da PGET, sempre à disposição e a Fernanda pelos apoios técnicos.

*“Vem de mim a tradução como um portal [entre-
mundos]*

*Decodificar sentidos e sentenças demanda,
[estratégias].*

Sensibilidades, intelectualidades...

Traduzir é o ato constante

*De traduzir a si mesmo em outros olhares, outros
entendimentos,*

e ainda assim,

despir-se despidoradamente

dos próprios véus.

Traduzir é trazer e ir

Levar e vir

A tradução que conecta o mundo

Na paz e na guerra

É a mesma tradução que desperta

Alerta!”

(Traduzir, Luck Palhano)

RESUMO

POLÍTICAS DE TRADUÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS PARA AS LÍNGUAS DE SINAIS: UM DIÁRIO DE BORDO DO BRASIL AO PARAGUAI, URUGUAI E ARGENTINA

Nesta tese proponho realizar uma investigação sobre as políticas de tradução de textos literários para a infância e a juventude para as Línguas de Sinais de Brasil (Libras), Paraguai (LSPy), Uruguai (LSU) e Argentina (LSA). A proposta foi contribuir e entender as políticas de tradução de forma panorâmica desses quatro países, observando como estão, são e foram consolidadas, dessa forma apresento um mapa do acervo ou da seleta literária produzida entre os anos de 2003 a 2020. Os principais resultados desta tese são (i) o registro do aumento de trabalhos de tradução literária nos países visitados, (ii) a percepção do que as agências de fomento entendem como a função de um/a tradutor/a, (iii) a valorização dos cânones, (iv) a articulação entre tradutores e autoridades que atuam na área para pensar o futuro da área e os projetos que almejamos desenvolver na tradução literária para as línguas de sinais e (iv) o entendimento das Línguas de Sinais a partir na colonialidade. Esses resultados foram notoriamente alcançados por meio das viagens aos três países e materializado através de um diário, como uma forma de sentir e experimentar. Reconhecendo as conquistas da área, até agora, ao identificar o aumento dos trabalhos da tradução literária. Além disso, a integração/internacionalização dos TILS latino-americanas/os na atuação nos diferentes textos e contextos de tradução e interpretação. O impacto da colonialidade dos países envolvidos nesta pesquisa é indispensável para pensar como a tradução e os materiais elaborados são afetados pelas relações de poder entre línguas. Ao articular teorias da literatura traduzida para as Línguas de Sinais em relação aos polissistemas literários, a tradução cultural e norma surda de tradução ao pensamento de Anzaldúa (2009), Niranjana (1992), Glissant (2005 & 2021) e Quijano (1997) e Martins (2011), propus a exercícios de textualidade diferida, antirracista e anticolonial, demarcando questões que só são desconsideradas por falta de engajamento ou comprometimento, pois são pilares da nossa sociedade.

Palavras-chaves: Literatura Traduzida; Políticas, Libras; LSPy; LSU; LSA.

ABSTRACT

Policies for the translation of literary texts into Signed Languages: a travel diary from Brazil to Paraguay, Uruguay and Argentina

In this thesis I propose to carry out an investigation on the translation policies for literary texts for children and young readers into the Sign Languages of Brazil (Libras), Paraguay (LSPy), Uruguay (LSU) and Argentina (LSA). The proposal of this study is to contribute and understand the translation policies of these four countries in a panoramic way, observing how they are consolidated, thus, I present a map of the collection of selected literary works produced 2003 and 2020. The impact of coloniality of the countries involved in this research is indispensable for thinking about how translation and the materials produced are affected by power relations between languages. By articulating theories of literature translated into Sign Languages in relation to literary polysystems, cultural translation and the deaf translation norm to the thought of Anzaldúa (2009), Niranjana (1992), Glissant (2005 & 2021) and Quijano (1997) and Martins (2011), I proposed exercises in deferred textuality, anti-racist and anti-colonial demarcating issues that are only disregarded due to a lack of commitment, as they are pillars of our society. The main results of this thesis are (i) the record of the increase in literary translation works in the countries visited, (ii) the perception of what funding agencies understand as the role of a translator, (iii) the weight of canonical texts, (iv) the articulation between translators and authorities working in the area thinking about the future of the area and the projects that we aim to develop in literary translation into signed languages and (v) the understanding of sign languages from the perspective of coloniality. These results were notably achieved through trips to the three neighboring countries and materialized through a travel diary, as a way of feeling and experiencing the object of this research, works of literary translation and their translation process. Furthermore, this study is an attempt to contribute to the integration of Latin American sign language translators acting in different texts and contexts of translation and interpreting.

Keywords: Translated Literature; Translation policies, Libras; LSPy; LSU; LSA.

RESUMEN

POLÍTICAS PARA LA TRADUCCIÓN DE TEXTOS LITERARIOS A LENGUAS DE SEÑAS UNA BITÁCORA DE BRASIL A PARAGUAY, URUGUAY Y ARGENTINA

En esta investigación me propongo explorar las políticas de traducción de textos literarios para niños y jóvenes a las Lenguas de Señas de Brasil (Libras), Paraguay (LSPy), Uruguay (LSU) y Argentina (LSA). Esta pesquisa busca contribuir con la comprensión y el entendimiento de manera panorámica de las políticas de traducción en estos cuatro países, observando cómo estas fueron, son consolidadas y se encuentran en la actualidad. Así trazo una cartografía de las colecciones de obras literarias previamente seleccionadas y producidas entre los años 2003 y 2020. En cuanto al impacto de la colonialidad en los países objeto de estudio es fundamental pensar cómo la traducción y los materiales producidos son atravesados por las relaciones de poder entre los idiomas y las Lenguas de Señas. A partir de esta problemática opté por articular las teorías de la literatura traducida para las Lenguas de Señas con la de los polisistemas literarios, la traducción cultural y el estándar de traducción para sordos como también los pensamiento de Anzaldúa (2009), Niranjana (1992), Glissant (2005 & 2021) Quijano (1997) y Martins (2011) y desarrollar ejercicios de textualidad diferida, antirracista y anticolonial puntualizando en temas completamente desconocidos por una falta de compromiso crítico aun siendo pilares fundamentales de nuestra sociedad. Los principales resultados de esta tesis fueron (i) la constatación sobre el incremento de las obras de traducción literarias en los países visitados, (ii) la percepción que tienen las agencias de financiamiento sobre el rol del traductor (a) (iii) el valor de los cánones literarios, (iv) la articulación entre los traductores y las autoridades especialistas en el área para el desarrollo de nuestro campo de actuación y la ejecución conjunta de futuros proyectos de traducción literaria a lenguas de señas de Sudamérica y (v) la comprobación del funcionamiento e institucionalización de las lenguas de señas desde una óptica colonial. Estos resultados se alcanzaron por medio de una serie de visita a los tres países vecinos y se materializaron en una bitácora de viaje como una forma de sentir y experimentar el objeto de investigación reconociendo los logros alcanzados en el área de LS hasta el momento identificando específicamente el aumento de la traducción literaria para sordos. Además, este trabajo procura contribuir con la integración de los TILS latinoamericanas/os en diferentes textos y contextos de traducción e interpretación.

Palabras clave: Literatura traducida; Políticas de traducción, Libras; LSPy; LSU; LSA.

SUMÁRIO

1. O ENCONTRO COM A PESQUISA: CAMINHARES CONTÍNUOS	20
2. POLÍTICAS DE TRADUÇÃO	40
2.2. IDENTIDADE COMO UMA TRADUÇÃO E HIBRIDISMO	56
2.3 AS IDENTIDADES SURDAS COMO PROCESSO POLÍTICO DE TRADUÇÃO	61
2.3.1 IDENTIDADES DOS TILS E PROCESSOS POLÍTICOS.....	67
2.4 LÍNGUAS DE SINAIS: LÍNGUA SELVAGEM E RELAÇÃO.....	78
2.5 LUGARES INTERSECCIONAIS	82
2.6 LATINO-AMERICANOS (SUL-AMERICANOS) E O ECO DAS VOZES	85
3.1 OS CLÁSSICOS E A FORMAÇÃO DO CÂNONE NA LITERATURA TRADUZIDA PARA AS LÍNGUAS DE SINAIS	91
3.2 TEORIA DOS POLISSISTEMAS, ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO E AS LÍNGUAS DE SINAIS	98
3.3 COLONIALIDADE DO PENSAMENTO E AS TRADUÇÕES LITERÁRIAS PARA AS LÍNGUAS DE SINAIS	105
3.4 LITERATURA PARA INFÂNCIA TRADUZIDA E AS LÍNGUAS DE SINAIS	110
3.4.1 MAPEAMENTO DA TRADUÇÃO PARA LITERATURA PARA INFANCIA E JUVENTUDE PARA LSA.....	113
3.4.2.1 MAPEAMENTO DA TRADUÇÃO PARA LITERATURA PARA INFANCIA E JUVENTUDE PARA LIBRAS: INES (CLÁSSICOS DA LITERATURA INFANTIL).....	133
3.4.3 MAPEAMENTO DA TRADUÇÃO DA LITERATURA PARA INFANCIA E JUVENTUDE PARA LSPy	139
3.4.4 MAPEAMENTO DA TRADUÇÃO DA LITERATURA PARA INFANCIA E JUVENTUDE PARA LSU.....	144
3.5 OBRAS, AMOSTRAS, MODELOS TRADUTÓRIOS E MUNDO SIMILAR EM LSA, LIBRAS, LSPY, LSU	148
3.5.1 O GATO DE BOTAS PARA LSA, LIBRAS, LSPY E LSU	150
4. DIÁRIO DE VIAGEM/BORDO DAS POLÍTICAS DE TRADUÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS: DO BRASIL AO PARAGUAI, URUGUAI E ARGENTINA	158
4.1 DE FEVEREIRO A NOVEMBRO DE 2018: DO BRASIL AO PARAGUAI	160
4. 2 DE ABRIL A JUNHO DE 2019: DO BRASIL AO PARAGUAI PASSANDO POR URUGUAI E ARGENTINA.....	171
4.3 DE SETEMBRO DE 2018 A OUTUBRO: DO BRASIL A PARANÁ	185
4.4- DEZEMBRO DE 2019: DO BRASIL A SALTA.....	187

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS - UM PARECER E UMA CONTINUIDADE DAS POLÍTICAS DE TRADUÇÃO LÍTERÁRIA EM ARGENTINA, BRASIL, PARAGUAI E URUGUAI.....	189
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	194

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES: FIGURAS E FOTOS.

Figura 1 - Esquema de uma pequena parte do polissistema sociocultural brasileiro. Santos (2018)	101
Figura 2 - Categorias da Associação Canales	117
Figura 3 - Le petit monstro.....	128
Figura 4 - Equipe Canales Argentina	128
Figura 5 - Créditos.....	129
Figura 6 - Chapeuzinho vermelho em Libras (INES)	133
Figura 8 - Biblioteca Nacional	137
Figura 9 - Link do Paraguai	140
Figura 10 - Apresentação do Conto	150
Figura 11 - Capa do Vídeo livro	151
Figura 12 - A história	152
Figura 13 - O olhar e a interação com a ilustração	152
Figura 14 - Uma conversa e os créditos	153
Figura 15 - A contação e a leitura	153
Figura 16 - O narrador	154
Figura 17 - A apresentação	154
Figura 18 - A apresentação e a história	155
Figura 19 - Os créditos	Erro! Indicador não definido.
Figura 20 - O tradutor (leitor) e o locutor	155
Figura 21 - A apresentação	156
Figura 22 - A incorporação.....	156
Figura 23 - Créditos.....	157
Figura 24 - Mapa da primeira viagem.....	160
Figura 25 - Mapa da segunda viagem.....	171
Figura 26 - Foto de Nelson Mandela da UDELAR - Salto.....	175
Figura 27 - Foto do Rio Uruguai	177
Figura 28 - Mapa da terceira viagem	185
Figura 29 - Mapa da quarta viagem	187

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 - Para os pequeninos (para los pequeños).....	117
Tabela 2 - Para os maiores (Para lós más grandes).....	121
Tabela 3 – Clásicos (clássicos)	122
Tabela 4- Animais	123
Tabela 5 - Miedo (Medo).....	124
Tabela 6 - De amor	125
Tabela 7- Cómico (Cômicos).....	126
Tabela 8 -Contos de Fadas, Contos Maravilhosos, Fábulas do INES.....	134
Tabela 9 - Brink Book	136
Tabela 10 - Biblioteca Nacional.....	136
Tabela 11 - LSB Vídeo (Fábulas de Esopo) e contos	138
Tabela 12 - Para lós más chicos (Para os pequeninos)	141
Tabela 13 - Para los más grandes (Para os maiores).....	141
Tabela 14 - Clasicos (Clássicos).....	141
Tabela 15 - Animales (Animais)	142
Tabela 16 - De miedo (De medo)	142
Tabela 17 - De amor	142
Tabela 18 - Cómicos (Cômicos)	143
Tabela 19 - Los más chicos (Para os pequeninos) - Clásicos (Clássicos)	146
Tabela 20 - Animales (Animais)	146
Tabela 21 - Miedo (Medo).....	147
Tabela 22 - De amor	147

1. O ENCONTRO COM A PESQUISA: CAMINHARES CONTÍNUOS

Encontros produzem
 Afetos
 Amizades
 Achados e perdidos
 Encontros conduzem
 Experiências
 Tecidos
 Alegrias e inquietações
 Encontros fazem
 Histórias
 Memórias
 Militâncias e ativismos
 Encontros traduzem
 O que somos
 O que nos tornamos
 O que podemos compartilhar
 E continuar.¹
 (Jeff Santana)

Escrevi este poema no início de 2019, diante das minhas aspirações poéticas vividas na arte de performatizar e declamar poesias de pessoas negras no Sarau Vozes Negras, além disso, por exercitar a escrita poética e criativa, posteriormente o dediquei a uma amiga ao escrever o prefácio de seu livro autobiográfico. O poema “Encontros” traduzo exercício da escrita que proponho nesta tese no intuito de demonstrar como chego no encontro com a pesquisa, bem como a proposta de contar uma história e o cotidiano desse estudo desenvolvido, uma vez que traduzir requer militâncias, memórias, ativismos e encontros.

Para chegar ou definir o título da tese **Políticas de tradução de textos literários para as Línguas de sinais: um diário de bordo do Brasil ao Paraguai, Uruguai e Argentina**, necessito resgatar algumas histórias e memórias, reabrindo os meus diários.

A construção da linguagem desta tese é bastante confessional, memorialística, como se estivéssemos realizando a leitura um diário dos encontros com a pesquisa e a intimidade com o tema. Não é muito usual vermos teses escritas dessa forma, no entanto, é um texto acadêmico no formato de um diário de bordo/viagem relacionado às experiências e ato de olhar/traduzir um cotidiano vivido em um espaço tempo. Assumo o risco da desconstrução ou desobediência epistemológica² e da linguagem não usual acadêmica. Este é o meu diário, aqui expurgo minhas inquietações e buscas, mesmo num trabalho acadêmico, de fôlego, investigativo. Sabemos da importância da formalidade no discurso científico, mas pela

¹ Esse poema está no livro “*Na presença da outra, ao encontro comigo: da história da educação de surdos às histórias de nossas vidas*” de Vieira-Machado e Matos (2019), também nas apresentações performáticas e declamações do Sarau Vozes Negras – instagram @vozesnegras.

² Quijano (1997), Mignolo (2008) utilizam o termo desobediência epistêmica para uma refletir sobre as influências teóricas eurocêntricas que silenciam determinadas vozes e contextos, como em América Latina.

afinidade e profundidade com que me sinto envolvido com tal produção epistêmica, resolvi produzir uma escrita que seja plenamente eu, confessional no meu fazer estético e de produção de devires, assim, peço licença aos/às leitoras para abrir as páginas da minha vida.

Produzo uma escrevivência ³ afirmada em minha criatividade poética como uma pessoa em dissidências, exclamando aqui as minhas identidades para produção desta tese, como tais para conceber a minha autoria e subjetividade de meus olhares como pesquisador, enquanto *bicha preta, afeminada, periférica em ascensão social, pai etc.* Professor e formador de tradutores e intérpretes, em especial, de textos e contextos artístico-culturais e literários, evidenciando as identidades e olhares acerca das políticas de tradução de Línguas de Sinais e das produções literárias políticas e sociais dos quatro países.

Essa autodefinição confirma que esta pesquisa não é desprovida ou descompromissada de uma luta ética, identitária e ativista. Essas intersubjetividades são como discursos de outros devires no campo da produção acadêmica, os entrelugares e as fronteiras. Para explicar esse raciocínio trago a citação de Bhabha (1998):

É na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios de diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas da nação [nationness], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados. De que modo se formam sujeitos nos “entrelugares”, nos excedentes da soma das partes da diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero etc.)? (BHABHA, 1998, p. 20).

Os entrelugares e as fronteiras a partir dessa colocação e questionamento do autor sobre esses conceitos potencializa a escolha desta pesquisa do ponto de vista teórico e das subjetividades manifestadas experienciadas por mim pelas relações gênero, raça e classe, considerando a justaposição, a condução e deslocamento das diferenças da localização, dos espaços de fala, de tradução e da escuta, onde ocorrem as trocas culturais entre os sujeitos articula as afinidades, aos afetos e as lutas e essa formação que acontece através das permutas, isso se dá por meio da linguagem, sobretudo, das aproximações políticas e de resistências para lidarmos com a ambiguidades do contexto atual latino-americano, especialmente, de países do Cone-Sul de recrudescimento de políticas públicas e políticas identitárias ao mesmo tempo em que alguns frutos são de ações afirmativas e de lutas manifestadas de maneira coletiva.

³ A temática de escrevivências conceituada por Evaristo (2007) trata-se das experiências coletivas dos corpos negros, particularmente das mulheres negras, com ênfase da dupla discriminação de raça e gênero; para dialogar com outros elementos identitários, a interseccionalidade Crenshaw (2004), Smith (2013), Akotirene (2019), que remete aos entrecruzamentos e as dissidências, referente as estruturas e hierarquias de raça com outros eixos de desigualdade social, como gênero, identidade de gênero, sexualidade, classe, idade, deficiências, diferenças linguísticas. São conceitos buscados para dialogar com as políticas de tradução das Línguas de Sinais de Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai que são vivenciados nesta tese.

Se sentir em fronteiras e em entrelugares tanto na subjetividade, na geografia como nas escolhas da investigação de estudar as políticas de tradução das Línguas de Sinais em alguns países da América Latina, especificamente, de quatro países fronteiriços do subcontinente da América de Sul (Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai). Para explicitar esse pensamento, a reflexão de Santiago (2019) também conduz a entender os espaços de pesquisa ou epistêmico dentro de uma perspectiva local e global⁴:

A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo. [...] Sua geografia [da América Latina] deve ser uma geografia de assimilação e de agressividade, de aprendizagem e de reação, de falsa obediência. (SANTIAGO, p. 16).

A partir desse pensamento compartilho o meu percurso construtivo das aproximações teóricas realizadas ao longo do tempo em apresentar a minha trajetória acadêmica e pessoal, como pesquisador em um espaço-tempo de fronteiras e de localização como sul-americano, buscando entender a tradução, a literatura e as políticas desses campos entrecruzamentos.

Em janeiro de 2008, eu, capixaba de Vitória, chego em Florianópolis, um dos principais e iniciais deslocamentos em busca de me tornar um pesquisador na área de Tradução e Literatura, como ingressante no mestrado no Programa de Pós-graduação em Literatura (PPGLIT) da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), a fim de pesquisar a Literatura Traduzida do Português para a Libras (Língua Brasileira de Sinais) e em março do mesmo ano realizo um curso na modalidade intensiva do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET). A disciplina “Tradução de literatura infanto-juvenil”, ministrada pelo professor Lincoln Paulo Fernandes, nos apresentou brevemente o mapeamento dos Estudos da Tradução, dentre eles, o estudo proposto pela Editora Saint-Jerome (2007), tendo como palavras-chave mapeadas pelas pesquisas em Tradução por esta publicação, as quais me tocaram muito e me levaram a buscar outros como Políticas de Tradução, Tradução como Política e Tradução Literária, Formação de Tradutores e Intérpretes e Interpretação de Língua de Sinais. Também pude compreender o contexto da teoria da tradução e sua aplicabilidade na Teoria dos Polissistemas Literários⁵ estudada por

⁴ Base de pensamento em Mignolo (2003).

⁵ Um dos primeiros teóricos a explicar a Teoria de Polissistemas foi o israelense Itamar Even-Zohar, sendo esta herdeira dos estudos formalistas russos. O estudioso conceituou o sistema literário como sendo constituinte de um polissistema relacionado com outros sistemas, em permanente estado de transformação, vinculando a esse fenômeno de mudança a cultura, os leitores, as seleções ou escolhas, o poder, as normas etc. O autor referencia também a posição da literatura traduzida no sistema literário entre as relações de centro e de periferia, ajudando a compreender o trabalho do tradutor acerca do texto literário.

Even-Zohar (2013), Shavit (1986), entre outros, o que me levou a refletir sobre a construção do sistema literário traduzido para a Libras.

Semanas depois no PPGLIT, juntamente com a minha orientadora Cláudia Lima Costa e a professora Simone Pereira Schimidt inicio o curso “Estudos de Gênero: Crítica feminista e as geografias do poder”, o qual me conduziu às leituras de importantes pensadores como o israelense Edward Said, em sua obra *Orientalismo* (2007); e no tocante às questões relacionadas as descrições de viagens realizadas pelo autor e nas relações de colonialidade de um ponto de vista social e cultural no século XX, também pude ter acesso às obras dos martinicanos Aimé Césaire (1978) e Frantz Fanon (2005, 2008), emblemáticos estudiosos dos discursos sobre pós-colonialidade e raça, temas caros na atualidade e nos debates sobre poder no processo anti-colonial.

Além disso, o peruano Aníbal Quijano (1997), a norte-americana Glória Anzaldúa (2009) e a indiana Gayatri Spivak (1992 e 2010) me conduziram a pensar na política da tradução não apenas do ponto de vista da tradução de uma língua a outra, mas na tradução cultural que direciona elementos, escolhas políticas, devires, processos, encontros, a partir de discursos colonizados, bem como em movimentos de descolonização. Tudo isso me leva a encontrar as inquietações das epistemológicas do Sul⁶, a partir do pensamento de Boaventura Souza Santos, no que tange ao conhecimento crítico, o qual se rearticula acerca de realizações teóricas, à qual as interpretações tem a tendência de aproximar, estrategicamente, um conjunto de espaços ou territórios que passam a funcionar em reorganizada articulação econômica e geopolítica, por exemplo, América Latina, África, Caribe e Índia, bem como as relações ou eixo Sul-Sul de diálogos⁷ construídas no universo das políticas de tradução de países da América do Sul, especialmente, neste caso o das Línguas de Sinais.

Em agosto de 2008, ao atuar como intérprete Português-Libras na disciplina “Tradução e Cultura”, ministrada pela professora Marie Helene Torres, tive contato com os Estudos Descritivos da Tradução⁸, os quais se relacionam com a Teoria dos Polissistemas, e pude perceber concepções estritamente normativas na área da tradução, também com

⁶ Boaventura de Souza Santos (2009 & 2007) aborda o pensamento abissal da epistemologia moderna ocidental e seus fragmentos e lacunas discorrendo sobre as epistemologias que geram um padrão de hierarquização, o que leva a supressão das culturas não hegemônicas, bem como as epistemologias outras que foram silenciadas e exterminadas no processo de colonização. A partir destas questões, nosso autor enfatiza a necessidade de um diálogo e de um resgate de outras formas de saberes.

⁷ Utilizo esse termo com base no texto “E o resto ao resto”, de Oliveira, Pereira & Carrascosa (2014). In: (Orgs). Oliveira, M. P.O, Pereira, M.M.S & Carrascosa. D. Cartografias da subalternidade: diálogos no eixo Sul-Sul. Salvador: EDUFBA, 2014.

⁸ Autor estudado Toury (1995).

relação ao fazer prático e teórico nesse lugar do saber. Em relação a tradução literária, notei que há um olhar para este contexto que a privilegia como sendo parte da história cultural e intercultural e qual a sua função nas diferentes culturas. A docente me tencionou também a analisar a partir dessas concepções o funcionamento das obras traduzidas para as Línguas de Sinais e as questões de nacionalização e internacionalização.

A partir de todo esse envolvimento teórico e afetivo com os estudos aprofundados na área de tradução, entendi que esta é uma ação ou uma atividade indispensável em toda e qualquer cultura, sendo ela uma prática comunicativa que proporciona a assimilação da informação, sobretudo, funciona como um instrumento político, social e cultural que fomenta a nacionalização e a internacionalização da informação, passando a entender os diversos dispositivos desenvolvidos a partir da política, da sociedade e da cultura. A tradução é um importante meio para a difusão de determinados conhecimentos a um grupo ou a comunidades, além disso, promove os discursos que são consolidados aos direitos de saberes⁹. Ao considerar a tradução como uma abordagem ampla no lugar ou no espaço ou no campo do conhecimento, observa-se sua potência dialógica em diferentes áreas do conhecimento, ou seja, existe uma plena interdisciplinaridade manifestada e plausível de ser construída e realizada. Seguindo esse pensamento pode-se citar o argumento de Santos (2013 p.152) *Essa característica interdisciplinar é uma marca dos Estudos da Tradução, afinal esse campo tem inúmeras interfaces: com a linguística, a antropologia, a sociologia, a tecnologia e muitas outras.*

Atrelado a todos esses saberes em construção, também tive a oportunidade de assistir alguns encontros do curso “Literatura Oral, Experiência e Estudos da Performance”, ministrado pela professora Vânia Cardoso, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS- UFSC), o que me despertou para o contexto dos estudos sobre a experiência¹⁰ como uma potência do olhar, do escutar, do escrever e da luta anticolonial, sobretudo, a escrita de diários como um registro de um cotidiano vivenciado em determinado espaço-tempo.

Como resultado dessas interações de saberes, da construção intelectual em junho de 2010 concluo o mestrado em Literatura com o trabalho intitulado **Fronteiras Literárias: experiência e performances de tradutores e intérpretes de Libras**, o qual abordou o discurso e a enunciação da experiência vivida por tradutores de textos literários,

⁹ Utilizei o termo “direito de saberes” de forma ontológica para descrever o acesso aos textos por meio da tradução. Uma alusão também do pensamento de Candido (1988) em seu artigo “O direito a literatura”.

¹⁰ Autores estudados Joan Scott (1997) e Oliveira (2000).

transmitindo a construção da identidade dos mesmos e prática tradutória pensada de forma reflexiva. Além disso, a leitura e uma breve análise tradutória do conto “A missa do galo (1985)”, tradução em Libras da narrativa de Machado de Assis, produzida pela Editora Arara Azul, a qual serviu como fio condutor para a observação das mais variadas formas de se traduzir um conto literário para a Língua Brasileira de Sinais. Além disso, o estudo percebeu a linguagem literária em Língua de Sinais como uma "Literatura do Corpo"¹¹, ou seja, o "corpo textualizado", a presença do corpo como uma linguagem performática em forma poética. Também foram analisadas as opiniões dos leitores, professores e tradutores, disponíveis nos fóruns de discussão promovidos pela Editora Arara Azul e, a partir disso, pude verificar que essas traduções em Libras atuam como instrumento de incentivo à leitura e até a crítica literária para o público-alvo desse projeto: a população surda.

Em outubro em 2010, já como professor de Libras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), no Congresso Internacional de Quintahabilidade da UFES, ocorreu o reencontro com a Profa. Marie Helene que era uma das conferencistas e tivemos então a oportunidade de recordarmos alguns momentos em que atuei como intérprete durante suas aulas, bem como as inúmeras e importantes discussões vivenciadas no curso. A professora mencionou com muita estima as ótimas recordações desse momento, pelo fato de ser a primeira vez que trabalhou com a presença de um intérprete de Português-Libras em suas aulas e de ter alunos surdos e intérpretes ouvintes cursando a disciplina. Ao conversarmos sobre as minhas pesquisas, perguntou se eu pretendia fazer o doutorado e qual seria a temática, mencionei que gostaria de investigar o sistema literário ou a literatura traduzida para as Línguas de Sinais em nível nacional e internacional, assim, já neste momento, indicou realizar algumas leituras dos textos do estudioso e filiado aos estudos descritivos da tradução, Prof. José Lambert¹², para a compreensão dos sistemas e mapeamentos da literatura traduzida, podendo pensar na sua aplicabilidade na Línguas de Sinais, a partir de um pensamento anticolonial para entender o sistema literário.

Passados alguns meses, em maio de 2011, submeto o projeto de pesquisa na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG-UFES), intitulado “Literatura traduzida em Línguas de Sinais: processos tradutórios”, o qual envolvia realizar um mapeamento das traduções em nível internacional e nacional, contemplando alguns países em que não havia

¹¹ Termo utilizado por Peter Novak “Body Literature” registrado em um artigo do autor: Twelfth Nighth and American Sign Language (2003) e (2005).

¹² Vários textos do Lambert foram traduzidos para o português, por exemplo, a coletânea em forma de livro *Literatura & tradução: textos selecionados de José Lambert* / Andréia Guerini, Marie-Hélène Catherine Torres e Walter Costa (orgs.). Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

uma produção de literatura, com uma maior concentração e expressão em países europeus como Espanha, Itália e Suíça.

De 2012 a 2015 busquei conhecer um pouco dessa literatura traduzida para as Línguas de Sinais, pensando em construir um mapeamento das traduções literárias e das políticas de tradução literárias para as Línguas de Sinais em nível nacional e internacional, escolhendo países de cada continente, a partir de dados e de informações da WFD (World Federation of the Deaf), WASLI (World Association of Sign Language Interpreters) e das Federações e de Associações Nacionais de Surdos e de Intérpretes de cada país. No entanto, como fora dito, a maioria das produções estavam nos países europeus, tornando-se algo muito amplo e de difícil acesso, bem como as diferentes condições e perspectivas dos países da América do Sul. No Brasil, por exemplo, pude ter contato com informações de órgãos como o INES (Instituto Nacional de Surdos), a Editora Arara Azul, a LSB Vídeo, a Brink Book, a Biblioteca Nacional de São Paulo, produções estas realizadas no eixo Rio-São Paulo, também alguns trabalhos iniciais na Argentina (Associação Canales e a Associação Artes e Señas). De modo geral, a maioria das obras traduzidas para as Línguas de Sinais são textos voltados para a infância e juventude em nível nacional e internacional.

Em abril de 2014 foi ofertado na UFES o curso de Letras-Libras, com bacharelado em Tradução e Interpretação, o qual tive a oportunidade de atuar na construção do PPC (Projeto Pedagógico de Curso) e passando a ser professor adjunto. Diferentemente dos outros cursos ofertados no Brasil, percebemos aqui a necessidade de incluir algumas disciplinas voltadas a Tradução e a Interpretação no campo da Literatura e Artes, considerando estes saberes como sendo uma das potências para a formação do tradutor e intérprete Português-Libras.

Também nesse período realizei dois projetos de pesquisa, ou seja: “A Produção Literária em Língua Brasileira de Sinais: processos tradutórios da Literatura Brasileira para Libras” (2014) e “O processo tradutório e interpretativo Português/Libras ou vice-versa: implicações linguísticas, literárias, terminológicas e culturais em diferentes gêneros textuais e contextos de interpretação” (2015). A partir desses dois últimos projetos de pesquisa, pleiteei, em 2016, uma vaga de doutorado na PGET sob a orientação do professor Markus J. Weininger, em que a proposta era realizar uma tradução de textos da Literatura Brasileira a partir de algumas temáticas. No entanto, percebemos que não poderia ser viável, naquele momento, a construção dessa pesquisa, mas a ideia de conhecer e saber como funciona a literatura traduzida em Línguas de Sinais prevaleceu como sendo um universo de grande interesse e relevância para os Estudos da Tradução e da Interpretação das Línguas de Sinais

(ETILS).

No mês de fevereiro de 2018 ao consultar o site da Associação Canales da Argentina, percebi a produção em vídeo-livros de em média 40 contos da literatura para a infância e juventude traduzidos do Espanhol para a LSA (Língua de Sinais Argentina), bem como 10 contos traduzidos do Espanhol para a LSPy (Língua de Sinais Paraguaia) e 04 contos traduzidos do Espanhol para a LSU (Língua de Sinais Uruguaia). Nesse momento, retornei às minhas memórias do projeto de “Literatura traduzida em Línguas de Sinais: processos tradutórios” e me interessei profundamente em investigar um panorama geral das políticas de tradução desses países, em especial, o funcionamento da literatura traduzida.

Então, com todo esse percurso memorialístico-confessional, o presente estudo propõe uma abordagem histórica, política, social e afetiva, ou seja, contar uma experiência em um exercício que se faz em formato de diários de viagem das políticas de tradução, bem como as vivências em contato com as instituições políticas e acadêmicas, além disso como estas chegam no âmbito da tradução literária para as Línguas de Sinais em países da América do Sul, enfatizando Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, ou seja, Espanhol para a LSA (Língua de Sinais Argentina), Português para a Libras (Língua Brasileira de Sinais), Espanhol – a LSPy (Língua de Sinais Paraguaia) e Espanhol – a LSU (Língua de Sinais Uruguaia), numa tradução que é intermodal entre uma língua oral-auditiva para outra língua visual-espacial-gestual, observando também que geralmente as produções literárias estão em Língua Oral-Auditiva na modalidade escrita (Língua Fonte) e como se dá esse processo para as Línguas de Sinais na modalidade oral (produções audiovisuais ou em vídeo).

Ao tratar das traduções de contos voltados ao público infantil (crianças), observei uma maior frequência na produção de material traduzido dos contos de fadas e leituras voltadas para infância, as quais são traduções intermodais e intersemióticas.

A escolha dos quatro países selecionados se dá pois são do mesmo subcontinente, a América do Sul, que foram tomados, colonizados e explorados pela União Ibérica (Espanha e Portugal). Os idiomas oficiais são a Língua Espanhola/Castelhano (Argentina, Paraguai e Uruguai), a Língua Portuguesa (Brasil), o Guaraní (Paraguai). Vale destacar o impacto que tal colonização e imigração europeia teve na cultural local, principalmente em relação aos povos originários (indígenas), aos povos africanos sequestrados e escravizados, hoje a importância de mostrar e resgatar a ancestralidade e conhecimento de povos que nos constituem como sul-americanos e latino-americanos.

O regime de ditadura e de intervenção militar esteve presente nos quatros países e,

até então, eles integram e são fundadores do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul). Algumas Línguas de Sinais dos países tiveram influência e origens das Línguas de Sinais Europeias (LSF - Língua de Sinais Francesa e da LIS- Língua de Sinais Italiana); dois dos países possuem documentos ou Leis que regulamentam as Línguas de Sinais, ou seja, Brasil e Uruguai.

Assim, nesta breve síntese, reconheço tais elementos como sendo primordiais para a escolha dos países e suas produções literárias como *corpus* desta pesquisa, bem como propor um estudo comparado entre as questões históricas que relacionam os modos de pensar as políticas de línguas em um contexto político-social de subalternização, observando similaridades e diferenças, também traduzir contos da literatura para infância para as Línguas de Sinais, priorizando os países do eixo sul-sul.

Uma das hipóteses em relação a Literatura para a Infância traduzida que foi explanada e discutida ao longo deste trabalho, refere-se a ideia de que as traduções de contos para a infância ocupam ou ocuparam uma posição central no sistema literário ou na construção dele nas Línguas de Sinais da América do Sul. Ao perceber a escolha desse gênero, o qual exerce uma função de reproduzir o entendimento da leitura na infância, temáticas sob determinado ponto vista eurocêntrico e racista participam desta formação do leitor literário, na educação literária, nas políticas literárias do estado e das comunidades surdas, questões bastante complexas são discutidas nesta tese e presenciada no diário de bordo das viagens Paraguai, Uruguai e Argentina.

De acordo com Shavit (1986) e Oittinen (2000 e 2005), a tradução de literatura para as crianças e jovens flutua nos sistemas literários por ser considerada menos prestigiada, como na historiografia literária, pois poucos são os escritores da literatura infantil lembrados, ou seja, os privilegiados são os da literatura não infantil que, às vezes, têm suas obras infantis não citadas na fortuna crítica, além disso, o sentido de infantil, como algo menor, é comumente utilizado de forma pejorativa na academia e nos estudos da crítica e da teoria literária, à revelia do que preconiza o mercado editorial, uma vez que são os produtos mais vendidos e consumidos no *ranking* da literatura de entretenimento.

Pensar na questão da literatura para infância e juventude como produto do mercado do capitalista, da ideia de entretenimento, no capítulo 2 sobre a literatura para infância e juventude será mencionado, além disso, os estudos sobre essa literatura. Esse argumento foi o que levantou ao me aproximar do Literalise.¹³

¹³ Grupo de Pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil, liderado pela professora Eliane Debus (PGET/PPGE).

No intuito de investigar os fatores sociais, políticos, ideológicos e culturais acerca da prática e da seleção de textos literários para a tradução em Línguas de Sinais, levei em consideração o *status* das Línguas de Sinais nesses países a partir da história dos quatro países selecionados em relação às comunidades surdas nacionais. Ao refletir que as Línguas de Sinais na Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai são “línguas jovens” em relação às pesquisas realizadas de cunho linguístico e literário e, até mesmo, aos registros históricos, às origens e às evidências exatas da existência das línguas, elas têm aproximadamente de 140 a 160 anos e a pesquisa no campo da linguística aparece em meados da década de 80, e os estudos da tradução e interpretação, na década de 90, portanto, saberes bastante recentes e com poucas referências no sentido do diálogo e da análise comparativa.

As traduções literárias para as Línguas de Sinais publicadas foram realizadas por meio de fomentos, de apoios ou de instituições, dispositivos ligados às ações e aos incentivos governamentais, em correlação com as políticas literárias voltadas à prática da leitura e do acesso à literatura para a infância. Vale ressaltar, também, a importância e relevância das produções independentes publicadas em mídias sociais, por exemplo, o Youtube, as redes sociais etc. Além disso, produções das sociedades civis, como federações, associações de surdos e de tradutores e intérpretes de Língua de Sinais e de editoras são exemplares na propagação e divulgação desses conteúdos.

As discussões desta pesquisa se pautaram também nas ações e nos incentivos governamentais em relação ao acesso dos meios de comunicação, bem como ao direito à literatura e à cultura, em especial, nas análises das políticas, na formação do tradutor e intérprete, seja surdo ou ouvinte, e os textos traduzidos. As visões em torno de um clássico ou um cânone literário serão particularizadas em vista dos textos selecionados da literatura para infância e juventude para as traduções nas Línguas de Sinais. A relevância de compreender a tradução da literatura para a infância e não “infância” no espaço literário das comunidades surdas e na formação de tradutores e intérpretes de Língua de Sinais-Línguas Orais promove algumas reflexões, tais como refletir a literatura traduzida como manifestação cultural de grupos emergentes e a necessidade e relevância da literatura na formação profissional e social dos sujeitos. Para entender como um determinado texto é recebido convém compreender tal recepção por meio das incoerências e das relações de poder que organizam um espaço ou um sistema literário. Casanova (2002) ao discutir sobre as pequenas literaturas ou literaturas menores, diz:

[...] a literatura é uma espécie de criação, ao mesmo tempo irredutivelmente

singular, no entanto inelutavelmente coletiva, de todos os que criaram, reinventaram ou se reapropriaram do conjunto de soluções disponíveis para mudar a ordem do mundo literário e a univocidade das relações de poder que governam: novos gêneros literários, formas inéditas, novas línguas, traduções, literarização dos usos populares da língua, etc (CASANOVA, 2002, p. 221).

No espaço literário existem os efeitos políticos, sociais e culturais que participam do entendimento do fenômeno literário e tradutório em diferentes línguas e culturas como um todo, muitas vezes, exigindo a assimilação de determinados textos literários e conteúdos históricos, numa base que marca e reforça hierarquias de poder na seleção e tradução de tais obras para as Línguas de Sinais.

O intuito deste trabalho, ao apresentar os contos e as obras traduzidas para as Línguas de Sinais dos países em questão, é debater as diversas nuances de sua composição, adotando-as como fenômenos históricos, buscando a compreensão não apenas das características linguísticas, bem como as relações políticas, ideológicas, educacionais, econômicas e culturais, uma vez que estas interferem na concepção do entendimento do fenômeno literário e tradutório de uma determinada produção, por exemplo, o pensamento colonial europeu (eurocêntrico), as políticas advindas de uma estrutura de valorização do prestígio de vozes dominantes, permeando uma visão não social ao conduzir o não pensar as relações de gênero, de raça, de classe social, de espaço e tempo, entre outras.

Alguns textos que figuram no cânone da literatura para infância e juventude dos países estudados nesta pesquisa foram selecionados e analisados como exemplares para a compreensão da produção traduzida e das metodologias inseridas no processo de tradução da literatura para a infância e são citados dentro de um panorama histórico, político, social e cultural na perspectiva da formação intelectual e cidadã desses sujeitos em processo de apreensão dos conhecimentos.

Apresentamos também as entrevistas e oficinas ministradas com os tradutores/contadores de histórias das diferentes Línguas de Sinais para verificar o entendimento que se tem sobre o fato literário e tradutório em diferentes contos tradicionais da literatura para infância. Assim optei em realizar reflexões metodológicas da tradução deste gênero literário para as Línguas de Sinais em relação ao produto, ao processo, a função, em destaque, o processo e as intenções das traduções, levando em consideração os fatos político-sociais que permeiam o campo da literatura como reflexo da sociedade e suas implicações na (de)formação das identidades culturais, raciais, de gênero, de classe social, entre outras.

Para abordar as especificidades dos subcampos dos Estudos da Tradução, inicio uma

discussão sobre as políticas de tradução de um ponto vista político, literário e temporal, na intenção de compreender as narrativas dos quatro países no âmbito histórico, político e linguístico acerca da comunidade surda e das identidades culturais, sobretudo, as traduções em Línguas de Sinais.

Além disso, apresento de forma descritiva as políticas linguísticas, especificamente para surdos, dos países e dos profissionais da área da educação, como professores e tradutores e intérpretes, em outras palavras, descrevo e discuto as políticas, os discursos e as ações de construção do sistema literário traduzido para as Línguas de Sinais na América do Sul, ou seja, as políticas da tradução literária em Línguas de Sinais, contemplando os discursos de centro e de periferia no sistema literário e de acesso à comunicação, privilegiando um debate que se debruça sobre as questões da formação das subjetividades outras num contexto ainda de silenciamentos e depreciação das expressões dos sujeitos em situação de subalternização histórica e social.

Nesse sentido, que Figueiredo (2018 p.7) apresenta um argumento que consolidada que o ato de tradução reflete, de tal modo, as estruturas hierárquicas existentes na colonialidade do poder e do saber, presentes na geopolítica do conhecimento nacional e internacional, a autora ainda sugere que o conceito de geopolítica do conhecimento tenha sido originalmente utilizado para falar da relação entre o centro e a periferia do sistema-mundo na produção do conhecimento, enfatizando a entender a política de tradução, pois sabe-se que essa ferramenta é uma das formas mais decisivas e eficazes para as periferias acessar as ideias e os debates produzidos no centro.

Corroborando aos estudos da tradução como política e políticas de tradução, por exemplo, as referências de Ivekovic (2019), Meylaerts (2010), Lambert (2011), Santos e Zandamela (2015) e Santos e Francisco (2018), estes últimos, afirmam e apresentam uma proposta de justificativa elementar para a pesquisa acerca de políticas da tradução, acima de tudo, um olhar em torno da tradução literária para as Línguas de Sinais:

No Brasil, o termo “política de tradução” tem sido utilizado de forma genérica, às vezes, para designar leis que tratam de determinada língua e mencionam a tradução ou a interpretação, como no caso das línguas de sinais, ou ainda para designar procedimentos e estratégias adotados na tradução de obras que abordam temas como estudos de gênero, colonialismo, tradução cultural, tradução literária entre outros (SANTOS E FRANCISCO, 2018, p. 2946).

As políticas de tradução e linguísticas são discutidas aqui no âmbito das Línguas de Sinais, desde as iniciativas iniciais de reconhecimento de uma Língua Visual-Espacial-

Gestual e o campo dos Estudos da Tradução e Interpretação em Língua de Sinais, enfatizando a tradução literária, o que me leva a pensar que as políticas linguísticas e de tradução são tensionadas, algumas vezes, por intenções e ações praticadas pelo Estado que determina o modo de pensar a Língua e a Tradução.

Para abordagem do objeto de investigação, utilizei as perspectivas da Teoria dos Polissistemas com base em Even-Zohar (2013) e Shavit (1986), e dos Estudos Descritivos da Tradução, por meio de Toury (1995) e Stone (2009), discutindo o sistema literário traduzido para as Línguas de Sinais, examinando o lugar que ocupa a literatura para a infância nesse espaço literário das quatro Línguas de Sinais, sendo essas possibilidades teóricas os principais instrumentos conceituais e políticos que fundamentam este estudo, bem como contemplando outras visões, como a Teoria do Sistema Mundo no sentido da orientação dos aspectos políticos e sociológicos da tradução.

Em vista disso, os Estudos Decoloniais, Anticoloniais, contribuem, por exemplo, nas vozes de Spivak (1992), Quijano (1997) e Glissant (2005 & 2021), bem como os estudos da interseccionalidade pontuados em Crenshaw (2015), Akotirene (2019). Essas abordagens são discutidas acerca da teoria e da crítica nos Estudos da Tradução. A reflexão sobre a sistematização de um espaço literário de pequenas literaturas e de manifestações culturais, neste caso, das Línguas de Sinais, de comunidades surdas e de tradutores e intérpretes intermodais (Português-Libras ou Espanhol-LSA) ou intramodais (por exemplo, Libras-LSU ou LSA-Libras), possuem um discurso atribuído às questões identitárias e sociais, específicas da língua, da cultura e dos discursos político-ideológicos.

Ao verificar que as Literaturas Surdas, juntamente, possuem um discurso afirmativo, estas se posicionam como manifestações culturais produzidas pela comunidade surda e se potencializam, conforme Peters (2000) e Karnopp (2006). As traduções literárias para a American Sign Language (ASL) e para a Libras, integram a Literatura Surda nos países, além disso, a pesquisa de Byrne (2013) faz um mapeamento das produções e dos gêneros literários em ASL, dentre eles, as traduções literárias English-to-ASL e as adaptações.

Este autor comprova esse argumento a partir das entrevistas com os representantes da comunidade surda americana, ou seja, 04 (quatro) dos entrevistados responderam que faz parte da Literatura Surda e 01 (um) respondeu não, significando 80% das narrativas coletas pelos informantes. Byrne ainda apresenta os gêneros literários traduzidos ao demonstrar um esquema dos tipos de textos, por exemplo, fábulas, contos de fadas, mistérios (suspenses), poesia, canções e histórias. Vale ressaltar as condições de produção e os *status* linguísticos

dos países analisados e das produções em ASL ao pensar em um país como os Estados Unidos, a partir das suas questões políticas, emergindo uma discussão sobre o imperialismo em termos discursivos e modelos de fazer tradutório, sem refletir nas particularidades do eixo sul.

Ao realizar um mapeamento dos textos literários, como fora citado anteriormente, há um número significativo de traduções ou vídeos livros de contos de fadas e de literatura para a infância em relação as quatro línguas. No Brasil, de acordo com Ramos (2000) e Santana (2010, p. 41), os primeiros dados obtidos de traduções Português-Libras são os publicados pela Editora Arara Azul, pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e da LSB Vídeo.

De acordo com Ramos (2000) e os dados da editora Arara Azul, a iniciativa de traduzir textos literários para Libras inicia-se em 1991, quando surge uma improvisação do surdo, artista e professor doutor em Estudos da Tradução, Nelson Pimenta. Este movimento ocorreu nos bastidores das gravações do programa *VendoVozes* (produzido pela TV educativa do RJ), tendo a Editora Arara Azul, em 2004, recebido suporte da IBM, bem como a parceria da SEESP/MEC (Secretaria de Educação Especial e o Ministério da Educação e Cultura) para a distribuição desse material nas escolas e nas instituições em que os sujeitos surdos estão presentes e matriculados¹⁴.

O INES publicou em 2003 a coleção “Educação de Surdos”, que apresentava produções de contos de fadas, contos maravilhosos e fábulas, em que podemos observar essas traduções audiovisuais num formato de contação de histórias, na dramatização destes textos, contando com a figura de narradores etc.

No caso da LSA, LSPy e LSU, as traduções literárias destacadas e analisadas são do projeto “Videolibros”. O projeto é ligado aos Ministérios da Educação dos países e da UNICEF (Fundação das Nações Unidas para a Infância), com o apoio da Fundação Itaú e em parceria com a Associação Civil Canales da Argentina e outros parceiros, sendo uma biblioteca virtual, gratuita e em Língua de Sinais nas três línguas e com voz (dublagem) em espanhol, ou seja, traduções audiovisuais, como as brasileiras do INES. Todos são textos “enquadrados” na literatura para a infância e juventude.

Diante desses contextos, é visível a necessidade de estudos específicos acerca das traduções literárias para as Línguas de Sinais, bem como refletir as políticas de tradução e linguísticas no atravessamento de variadas subjetividades e nuances até chegar no espaço da

¹⁴ Informações com base no banco de dados da editora Arara Azul. <https://www.editora-arara-azul.com.br/site/>

literatura traduzida. No que diz respeito aos temas relacionados à tradução literária, há poucas pesquisas nesse campo de estudo, no entanto, vejo produções potentes, como os dados apresentados nas teses de Santos (2013), Rodrigues (2013) e Ramos (2000), sendo esta última uma das primeiras pesquisas de fôlego na área de Tradução de Língua de Sinais.

Os estudos em nível de mestrado e de doutorado em programas de Estudos da Tradução e de Estudos Literários ou em Literatura com enfoque nas traduções literárias para as Línguas de Sinais também possuem um número significativo de investigações. Por exemplo, Ramos (2000) apresenta uma experiência de tradução cultural da obra *Alice no país das Maravilhas* (Carroll, 1977) buscando incentivar a continuidade de novas pesquisas no campo dos Estudos da Tradução e outros. O trabalho de Silva (2015), faz um estudo com base no *corpus* da coleção “Educação de Surdos”, produzido pelo (INES) em cotejo com os vídeos de produções literárias em Libras, postadas no Youtube, tendo como enfoque a literatura para infância e juventude como base para os estudos sobre a educação e a leitura literária, enfatizando o espaço escolar.

Em relação as dissertações, encontrei 13 (treze) trabalhos de relevância, por exemplo, o estudo de Ramos (1995) que realiza uma proposta inicial da tradução da obra *Alice no país das Maravilhas* para a Libras e Santana (2010) que analisa a tradução do conto “Missa do Galo (Assis, 1985)”, de Machado de Assis, assim como as experiências vividas por tradutores e intérpretes que traduzem textos para a Libras, em especial, das traduções publicadas pela Editora Arara Azul. Morais (2010) trabalha com a tradução de *Branca de Neve e os Sete Anões* (Disney, 1986) para a Libras, apresentando a construção visual do conto em língua de sinais e suas respectivas implicações. Castro (2012) traz análises de traduções de fábulas e de obras infantis para a Libras, observando elementos cinematográficos nessas traduções. Machado (2013) reflete sobre os elementos poéticos da poesia em língua de sinais e sua contribuição aos estudos da poesia em Libras no campo da tradução.

Andrade (2015) investiga vídeos traduções de obras literárias infantis em Libras e analisa as estratégias de antropomorfismo utilizadas pelos tradutores/atores surdos. Barros (2015) realizou uma reflexão acerca da tradução de três poemas de Carlos Drummond de Andrade presentes no livro *A Rosa do Povo* (Andrade, 2012), os quais: “A Flor e a Náusea”, “Áporo” e “Anúncio da Rosa”, a partir de uma visão dos estudos semióticos.

Schlemper (2016) analisa duas versões de clássicos da literatura para infância, as quais são *O Gato de Botas* (Perrault, 2011) e *Peter Pan* (Barrie, 2011), sobretudo, construindo um estudo que valoriza a perspectiva da aquisição da língua de sinais de

estudantes surdos por meio de contos infantis nas séries iniciais no ensino fundamental. Já Lima (2017) analisa a tradução do conto “Missa do Galo (Assis, 1985)” em Libras, embasando o seu estudo na teoria de Venuti (2002) e Schleiermacher (1813/2010). Campos (2017) detém seu estudo em análises de traduções da literatura de cordel para a Libras, apontando algumas possibilidades, estratégias e sugestões à luz do conceito de norma surda com base em Stone (2009). A pesquisa de Basílio (2017) faz um estudo sobre o discurso narrativo em uma tradução da literatura infantil para Libras do livro *Vira-lata* (King, 2005), partindo da ideia de que o tradutor articula seus membros a cada vez que corporifica uma personagem. Por último, o trabalho de Bentes (2018) apresenta algumas análises com ênfase na tradução de trocadilhos em *Alice no País das Maravilhas* para Libras, ao priorizar o capítulo IX da história da Falsa Tartaruga, apresentando e comentando as traduções propostas por surdos e ouvintes tradutores e intérpretes de língua de sinais para os trocadilhos selecionados do fragmento literário.

Além desses trabalhos, existem vários artigos publicados sobre a literatura para infância e juventude traduzida para a Libras em uma perspectiva da multimodalidade ou intersemiótica que me é cara para o estudo e análise dessas produções quando me debruço a pensar as políticas de tradução. No segundo capítulo essas e outras pesquisas serão detalhadas para perceber a contribuição dessas investigações.

Em relação à Argentina, Paraguai e Uruguai encontrei apenas as produções literárias traduzidas, mas nenhum trabalho de pesquisa científica, como monografias, teses ou dissertações, o que tornou o diálogo mais complexo, também me fez refletir sobre o valor que está sendo dado as tais produções e como esse contexto reflete o negligenciamento do acesso dos surdos tanto ao sistema literário desses países, quanto às expressões da cultura e da identidade.

Vale lembrar que a tradução da literatura para a infância e juventude, enfatizando a modalidade intralingual das Línguas Vocais-Auditivas aparecem em Klingberg (1986) e Shavit (1986), demonstrando especificidades desse campo e a dependência das práticas tradutórias às instituições sociais.

Oittinen (2000 e 2005), em sua tese, destaca a imagem da criança e da infância na tradução como norteadora de decisões da tradução e Puurtinen (1995) dá ênfase à busca da potencialidade da leitura como um fator desencadeador para as estratégias de adaptação. O trabalho também de O’Sullivan (1994) é essencial quando faz uma abordagem da tradução da literatura para infância e juventude a partir de uma perspectiva da Literatura Comparada.

Espelhando-me e refletindo todo esse aporte teórico citado, esta tese busca valorizar e reconhecer todos os estudos anteriores, sempre numa perspectiva dialógica, construindo a pesquisa no campo da teoria, da história e da crítica da tradução, tendo a experiência de traduzir, ler e criar como uma forma prática da vida cotidiana e da intervenção direta nos espaços sociais, observando atentamente os modos em que se constroem essas traduções da literatura para infância.

Nesse sentido, apresentei os discursos dos tradutores de Línguas de Sinais que vivenciaram o ato de traduzir textos da literatura para a infância nas respectivas Línguas como base metodológica deste estudo. Por esse motivo, acredito que tanto o pesquisador como os sujeitos em pesquisa (tradutores/leitores), têm funções sociais envolvidas em um processo de desenvolvimento local e de fala e as políticas afirmativas referentes às comunidades surdas ilustram essas funções, as quais são representadas pelas políticas linguísticas e de tradução implicadas em seus países, questões que serão desenvolvidas e analisadas nos capítulos desta tese.

Como pesquisador em um contexto anticolonial que promove a construção de um projeto de contraposição às tendências acadêmicas eurocentradas, buscando por meio de uma análise crítica questionar a geopolítica dos conhecimentos, que tem invisibilizado e silenciado outras formas de saberes, assim busca-se romper com o legado colonial que legitima a adoção e perpetuação de epistemologias colonizadoras. Tal narrativa esconde o lado mais sombrio e obscuro da colonialidade, que se reproduz através de mecanismos opressores de exploração e geradores de subjetividades tanto dominantes quanto subalternizadas. Nesse contexto, as infâncias passam a ser somente um momento de espera, uma expectativa para uma vida adulta concebida numa visão branca, heterossexual e capitalista, além disso, observar vozes em seus lugares de fala e de representatividade, detenho meu olhar para as experiências dos tradutores, no reconhecimento da literatura traduzida para as Línguas de Sinais e na subjetividade poética que cada sujeito participativo desse processo imprime.

Assim, a categoria da experiência é o ponto de partida para compreendermos o processo tradutório da Literatura para infância para as Línguas de Sinais publicadas pelo INES e da Associação Canales (Argentina) e os diários apresentam as opiniões dos tradutores nas oficinas realizadas nos países, as quais são de extrema relevância para uma análise política, literária e tradutória, pelo fato da recepção ser um intercâmbio entre texto produzido ou traduzido e o leitor ou espectador (o provável público leitor dessa tradução), sendo amparados por estratégias de compreensão utilizadas pelo tradutor, sobretudo, as

narrativas do que esses compreendem da poética de traduzir em determinado contexto.

Ao verter determinados termos ou expressões de grande riqueza semântica ou valorizadas por uma cultura ou na fortuna crítica literária, levei em consideração o contexto de ocorrência e a temporalidade das línguas e das produções, em que o tradutor tem a probabilidade de que sua tradução suscite no pensamento do leitor uma representação diferenciada daquela construída pelo autor do texto de partida “originário”, o que gera implicações, em termos das escolhas dos textos e das políticas acerca dos textos. Importante ressaltar a liberdade ou licença poética, bem como o pensamento interpretativo e crítico que o tradutor detém nesse trabalho de escrita, envolvimento, experiência, afetos e intenções.

Esta tese tem como objetivo geral contribuir e entender as políticas de tradução de forma panorâmica dos quatro países como estão, são e foram consolidadas, especialmente, da Literatura Traduzida para as Línguas de Sinais em países da América do Sul, particularmente, Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, apresentando um mapa do acervo ou da seleta literária produzida entre os anos de 2003 a 2020 o critério dessa a partir da primeiras produções realizadas pelo INES, desde quando elas surgem até finalizar a pesquisa, verificando a influência das políticas de tradução nesse processo de feitura e de seleção.

Como dito anteriormente, essa busca vem materializada aqui num formato de diários de viagens, que contêm o ato de conhecer a realidade dos países através das oficinas que ofereci, dos eventos participados, das Associações de Intérpretes de Língua de Sinais e Surdos, dos órgãos governamentais, por exemplo, secretarias ou assessorias de políticas linguísticas, de educação e de direitos humanos, nas instituições como Universidades que oferecem formação de tradução de interpretação, também de ensino de Língua de Sinais.

Além do objetivo geral explanado, esta pesquisa também buscou, através do entendimento das políticas de tradução e como estas se voltam a pensar questões de ordem histórica, social, racial, de classe, de gênero, exercitar o diário de viagem como uma potência nos Estudos da Tradução para apresentar tais políticas, bem como analisar os processos e discursos sobre as traduções dos contos de fadas como pretexto para entender esses processos que legitimam padrões e marcam hegemonias, além de entrevistar alguns dos tradutores dessas obras.

O *corpus* traduzido e exemplar para nosso trabalho de análise das questões políticas e sociais que envolvem este entrelugar é composto por contos de fadas e maravilhosos que revelam perspectivas de valores morais e éticos, com a elaboração de uma linguagem poética

específica em um imaginário construído e adaptado para as crianças, verificando a construção visual e as performances literárias em Línguas de Sinais, assim como, o texto neste idioma se sustentando por si só ou privilegiando o texto de partida ou o texto fonte.

Procurei avaliar a política das produções em espanhol (Argentina, Paraguai e Uruguai) e em português (Brasil), no sentido das relações de aprendizado, ou seja, das políticas voltadas ao ensino-aprendizagem de segunda língua para os surdos que reflete no modelo metodológico adotado nas traduções, bem como perceber quais são os métodos ou procedimentos adotados na tradução das temáticas infantis para as Línguas.

Documentei e analisei o início de uma política de tradução da Literatura para a Infância para as Línguas de Sinais na América do Sul como sendo questões do universo histórico, de incentivo à leitura, com participação das instituições e importante instrumento na formação e divulgação de obras do cânone literário universal.

A tese está dividida em três capítulos, sendo o primeiro capítulo dedicado a discussão sobre as políticas de tradução e a tradução como política. Ao buscar os conceitos de políticas e de tradução, outros conceitos também entrecruzaram, a ideia de identidades em relação a comunidade surda e aos tradutores e intérpretes de Língua de Sinais, o conceito de relação de Glissant (2005), de hibridismo cultural, interseccionalidade, de local de fala, da teoria dos polissistemas, da teoria do sistema mundo, esses foram elementos para dialogar com os outros capítulos.

No segundo capítulo o cruzamento entre literatura e tradução, ao pensar sobre o cânone e os clássicos da literatura, a literatura traduzida para infância, a literatura produzida em Língua de Sinais e as investigações. Por último o diário de bordo ou de viagens de Paraguai, Uruguai e Argentina, apresentando as políticas de tradução dos quatro países, observando a história das quatro Línguas de Sinais e apresentando as políticas voltadas ao texto literário e as teorias vinculadas ao trabalho, além disso, trago também a localização do mapa da literatura traduzida para as Línguas de Sinais.

O caráter histórico é visitado como processo, produto e função do ato de traduzir, apresentando algumas questões elementares na construção visual, a tarefa do tradutor, a metodologia da tradução e os termos práticos e teóricos de como a leitura de traduções produzidas por surdos e não surdos auxiliam no processo de tradução e de interpretação de Línguas de Sinais, contribuindo na formação de novos profissionais nesta área de atuação na relação com a literatura para e/ou a tradução literária. Apresentei as minhas impressões de forma muito afetiva ao articular e entender cada processo político da tradução e de interpretação das Língua de Sinais dos países, desde conhecer as associações de surdos e de TILS, as

instituições governamentais, as universidades, os representantes das instituições etc. Tudo isso, movimentou uma internacionalização afetiva de saberes políticos acerca da tradução e da interpretação das Línguas de Sinais em Sul América.

2. POLÍTICAS DE TRADUÇÃO

Preposições de localização

Entre políticas
 Entre ações colonizadoras
 Entre ações imperialistas
 Entre fronteiras

Em busca de dizer o que é
 De se confundir
 De se identificar
 Formas de traduzir
 Formas de (re)definir

Em busca de querer compreender o que é
 Políticas de tradução
 Tradução como política
 Política como tradução
 Preposições de localização
 (Jeff Santana).

Este poema traduz um pouco das ideias presentes neste capítulo, o qual vem a discutir e a refletir sobre a construção teórica dessa tese, especialmente, os temas *políticas de tradução*, *tradução como política* e *política como tradução*. Esses termos se distinguem por meio das preposições “de”, “como” e do plural “s” e do local das palavras semelhantes, trazendo semânticas e significados ontológicos distintos sobre política e tradução ao estarem juntas.

Conceituar assuntos como a relação entre identidade e nação; identidades surdas, identidades dos tradutores e intérpretes de línguas de sinais, poética da relação, língua selvagem, línguas de sinais, interseccionalidade, lugar de fala e a construção das comunidades latino-americanas e suas vozes são centrais para a compreensão do funcionamento das culturas e das traduções literárias para as Línguas de Sinais.

A partir da análise desses argumentos as comunidades surdas, os Tradutores e Intérpretes de Línguas de Sinais (TILS) possuem diversas identidades que devem ser levadas em consideração para compreender os processos políticos e tradutórios, assim teremos uma discussão teórica sobre essas identidades, e, nesse sentido, as questões de identidades são relevantes para a assertividade contextual de uma nação, de uma comunidade, de uma cultura

e de uma literatura, ao perceber, como estas, são (re)(des)construídas.

Diante disso, os saberes sobre identidades e a noção político-teórica operativa de interseccionalidade será apresentada, para pensarmos no contexto dos países (Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai), como os TILS são afetados, sobretudo, debater as relações e reveses entre raça, gênero e sexualidade, a partir de uma aposta epistemo-metodológica interseccional para a compreensão dos diferentes fenômenos, ao contextualizar uma racionalidade política, ativar o pensamento e as discussões sobre a literatura traduzida para infância e juventude. Assuntos este que serão apresentados nos próximos capítulos.

A aposta na localização teórico metodológica Sul-Sul, como foi dita anteriormente, não é apenas geográfica, mas uma escolha política, privilegiando saberes e reflexões produzidas por trabalhadoras(es) e pensadoras(es) que têm, prioritariamente, produzido seus trabalhos em contextos abalizados, de diferentes formas, pela força da colonialidade e do imperialismo, dentre os quais destacamos os contextos sul-americanos, incluindo os argentinos, os brasileiros, os paraguaios e uruguaios no contexto do trabalho e do lugares de fala dos TILS e dos envolvidos nas ações.

O uso do “entre” nos primeiros versos do poema dialoga, também, com as questões de língua e das aproximações culturais, as quais foram discutidas a partir de Glissant (2005), Anzaldúa (2009) e Mignolo (2003) para a reflexão sobre a poética da relação, o território e o espaço para pensarmos em Língua e Literatura, contemplando um olhar acerca da linguagem literária de uma língua menor no cenário nacional.

As vozes latino-americanas de Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai são vistas e manifestadas por meio dos quereres e devires para tradução e interpretação das Línguas de Sinais ao pensar no argumento “à procura de um lugar neste século” de Canclini (2008) em contexto político e identitário. Com esses entrecruzamentos de temáticas e de localizações início a conceituação sobre política(s) e tradução.

2.1 POLÍTICA(S), SOCIOLOGIA(S) E TRADUÇÃO: UMA CONCEITUAÇÃO

As questões interrelacionadas entre políticas, sociologia e tradução serão pensadas neste tópico como um ponto relevante para destacar o cerne desta tese. Início nesta discussão por meio dos pensamentos de Maar (1994) e Lendvai & Stubbs (2012), convém perceber a multiplicidade do uso da palavra política(s), a localização dela(s) e entender a junção dela(s) em termos contextuais ligados as temáticas, por exemplo, política social, literária, cultural, linguística e de tradução.

É importante não esquecer ou omitir a referência que todos esses sentidos fazem parte do poder político e das esferas de redes de conhecimento, redes de atores, agência, relações sociais e processos, entendendo, como as *esferas políticas da sociologia da tradução*¹⁵ (em *resumo esferas políticas da tradução*), podem estar, para além de uma esfera institucional em relação as transferências políticas.

Os representantes políticos, lideranças políticas ou órgãos administrativos são políticos para totalidade das pessoas (Maar, p.10). Todas as ações e atividades são ligadas de alguma forma a essas esferas políticas sociológicas e, aos espaços nos quais elas são constituídas. Ao levar a pensar na dialógica entre política, sociologia e tradução.

Neste sentido, os argumentos de Sakai (2009,71-72) de que a tradução é anterior à unidade orgânica da linguagem e que esta unidade é posta por meio da representação específica da tradução. Assim, um regime para a representação moderna da tradução é construído em termos do esquema de configuração, sendo entendida não apenas como a ponte de uma lacuna ou distância entre duas comunidades linguísticas. É também um ato ambíguo de criar continuidade a partir da descontinuidade; pertence a um trabalho político que gera relações sociais.

A tradução é investigada tendo em vista a fronteira, assim contempla a visão ou a viagem da tradução desde as suas origens na linguística e nos estudos da tradução, com isso, pode-se perceber essa percepção tem ganhado consciência por grupo de estudiosos que estão conscientes tanto da complexidade conceitual como do significado político-ético da tradução, em termos da sua amplitude ou inseparabilidade da construção, transformação ou interrupção, sobretudo, influências das relações de poder, confluídas com aspectos, atores e redes sociais.¹⁶

¹⁵ Essa visão está relacionada aos estudos sobre a sociologia da tradução que intensifica os saberes da tradução para além dos estudos linguísticos, ampliando a interdisciplinaridade dos estudos da tradução ao caracterizar a tradução como objeto ontológico.

¹⁶ Releitura do pensamento do SAKAI e (2009).

Ao fomentar essa visão as relações sociais e de poderes, reafirmo de acordo com Latour (2012) e Lendvai & Stubbs (2012), que a sociologia da tradução decorre, a algum tempo, difundido um fluxo dinâmico da política, nos quais os significados são constantemente transformados, traduzidos, distorcidos e modificados. Essa afirmação conduz a refletir nos processos históricos de compreensão das políticas que estou inserido diretamente, percebendo os entrecruzamentos de saberes para alcançar pontos impactantes sociais ao experienciar o conhecimento, além disso, o processo de traduzir e o produto da tradução não escapa jamais das questões culturais.

Diante disso, recorro a Freeman, 2004 e Lendvai & Stubbs (2012) para dizer que o ato de traduzir pode ser visto como um processo sucessivo, pelo qual, os indivíduos transformam o conhecimento, as verdades e os efeitos do poder cada vez que os encontram, ao estar em espaços de conhecimentos, de contatos ou de troca de saberes (re)define a busca de transformar e confluir saberes culturais. Isto é o que mais se aproxima de nosso próprio sentido do uso da *política como tradução*, os elementos políticos como influenciadores no processo de traduzir e no produto traduzido.

A tradução contemporiza como ato de transformar e confluir, ela implica em potencializar algo, ou uma nova forma de ver espaço, de maneira inevitável transformando o que isto significa, uma “arte de um processo comprometido”, ou seja, uma arte não uma ciência, e implica mediação entre diferentes reivindicações de cunho singular e plural ao mesmo tempo, representando um coletivo. Essa arte é ativa, fecunda, e para além disso, é um exercício de criatividade.

A tradução pode ser vista como um agente do/de poder. A teoria anticolonial reconhece que em sentido amplo o ato de traduzir é como arrebatado, mas, o vejo, como para além de submeter ou conquistar (colonizar) está como entende-se os processos, de forma que a tradução cultural é um lugar potencializado de uma reorganização dos espaços de estudo e de trabalho, conduzindo a uma ênfase na representação, no poder e na história, em busca de trazer a especificidade dos saberes (re)construídos ou (re)ontologizados.

Trazer o pensamento da sociologia da tradução ao relacionar com os aspectos metodológicos, considerando as maneiras peculiares pelas quais os objetos de estudo, o conhecimento e os acontecimentos são produzidos por meio do deslocamento ou da supressão de vozes contraditórias ao pensamento dominante, ou daqueles fatos inadequados para tornarem-se apropriados ou adequados, a partir do momento que haja uma escuta profunda, isso reflete nas escolhas de textos a serem traduzidos e as políticas de autorias, um dos poderes

das (in)visibilidades.

Essa reflexão me leva ao encontro de Ivekovic (2019) para questionar e refletir o silenciamento de determinadas vozes, aproximações e saberes. A autora indica que negligenciar a tradução pode contribuir para o apagamento de histórias específicas ou alternativas, suprimindo a diversidade de saberes, ao construir intraduzibilidade, afastamento e incompreensão, que forçam a separação entre os idiomas relacionados, a construção de sujeitos que estão no mesmo espaço e esforçando-se por expulsá-lo para fora do sistema político, não os considerando como parte do espaço de trabalho e confluência de saberes.

A teórica afronta à necessidade de perceber a tradução e o diálogo, onde o ato de dialogar sugere uma dicotomia simétrica e esconde a hierarquia, enquanto a tradução é uma forma de resistência “às linhas hegemônicas da imposição do significado” (IVEKOVIC, 2019, p. 1). Esse pensamento potencializa a (re)construção de entender as políticas de tradução relacionado as escolhas, seleção e significados de textos literários para uma língua nacional.

Em um sentido ontológico, a tradução é utilizada como um amplificador de sensibilidade com ênfase em travessias de sentidos e de relações de poder que a prática da tradução encerra, ao mesmo tempo que, não é um fechamento, mas, crítica e teoria são construídas por meio da prática e pelo trabalho de traduzir, exatamente pelos seus sentidos amplos e políticos.

Um conjunto de processos e materiais (re)construídos pela racionalidade política do que somos e do que nos tornamos em um determinado momento em relação a saberes, se dá de acordo com as nossas relações e que transformam o conhecimento em cada fase ou período. Isso convém dizer que contrariando a uma visão ou uma abordagem do processo de cessão ou transferência de conhecimento, tornar como um fluxo de energia, essa metáfora da tradução indica que o cultivo, o movimento e a transmissão de conhecimento entre os diversas situações de cunho político, social e cultural necessitariam ser ponderadas pela investigação de como seus utentes modificam as atitudes cognitivas e “normativas”, tendo em vista as funções das categorias culturais daqueles que dominam saberes ao atuar e implementar políticas, trazendo à existência do conhecimento transferido aos contextos locais de aplicação ao movimentar, interceder, desviar, aventurar, desconhecer e, destarte, (re)designar os conhecimentos.

Para trazer uma visão metafórica sobre a tradução, me sustento nos argumentos de Clarke (2005) como uma visão metafórica e política social, que pressupõe, dentro de três importantes práticas políticas, um caminho para entender as práticas capitalistas. Na primeira premissa, a tradução fulgura alguns artificios de propagação de políticas e de transferências

de políticas de formas transnacionais, a influência de escolhas políticas sociais. O primeiro autor argumenta que *“a dominação anglofônica da experiência política e das redes de políticas, as passagens de conceitos dentro e fora do ‘inglês da política’ pode ser um local de articulação e variação significativas”* (CLARKE, 2005, p. 8), também das europeias, ambas tem dominado saberes e conhecimentos.

O segundo ponto sobre as práticas políticas e capitalistas é perceber que a tradução punga um novo fulgor sobre a implementação, ou como as políticas se interagem da formação de políticas como caminhos do exercício ou da prática. Por fim, o terceiro ponto, é o que Clarke afirma sobre a tradução, ela é como um arcabouço conceitual, que ao chamar atenção do fato o tornar aparente ou manifestado no trabalho dos tradutores, agentes e mediadores, *“aqueles agentes translocais que mediam linguagens, contextos, locais e níveis”* (Clarke, 2005, p. 8)

Pode-se compreender, as manobras capitalistas, dentro do projeto capitalista nas políticas sociais, que interveem em outras políticas, como os interesses no capital para entender as práticas colonizadoras e imperialistas no processo de uma ideia de *“igualdade”*.

O transnacionalismo da política como tradução se concentra na prova ou tentativa de tornar algumas políticas específicas em universais e (re)transcrever práticas socioeconômicas, administrativas e culturais existentes dentro de seu idioma majoritário e de outra língua nacional de uma comunidade específica. Não é nada de novo ou relevante no trânsito de saberes ou de ideias, planos institucionais, discursos e reivindicações de conhecimento entre e por meio dos locais, agências e atores sociais.

Entretanto, em torno dos últimos 35 anos, com o fim das ditaduras militares em países da América Latina, em destaque, Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai estes processos se intensificaram, representando a influência de pensamentos e das políticas envolvidas. O espaço não impede uma visão dominante, objetivista da transferência de políticas, que se construiu desde os primeiros trabalhos do movimento locais de ideias e práticas, utilizando conceitos como propagação de emendas aprendidas de políticas ou exemplos que não filtrados ou discutidos a partir de relações de aplicabilidade ao espaço e tempo do local específico, pois insere o pensamento *“absoluto”*.

Esse olhar tem se desenvolvido, especificamente, por meio de autores como Dolowitz e Marsh, que conceituam transferência de políticas enquanto *o processo pelo qual o conhecimento sobre políticas, arranjos administrativos, instituições e ideias de um sistema político (passado ou presente) é usado no desenvolvimento de políticas, arranjos, instituições*

e ideias em outro sistema político. (Dolowitz & Marsh, 2000, p. 5). A partir desse argumento para compreender questionamentos relevantes trago os comentadores Lendvai & Stubbs (2012) para apresentar questões que consolidam ao meu pensamento questionador:

“Por que os atores se envolvem na transferência da política? Quem são os atores principais envolvidos no processo de transferência da política? O que é transferido? De onde são tiradas as lições? Quais são os diferentes graus de transferência? O que restringe ou facilita o processo de transferência da política? E como está o projeto de transferência da política relacionado ao “sucesso” ou fracasso da política? (LENDVAI & STUBBS, P. 17).

Seguindo o pensamento desses comentadores ou críticos, parece de alguma forma unidimensional, simplista e formada na “norma” dominante e na construção política daqueles seres dominados e da submissão dos saberes continuamente colonizados. A relevância assertiva, contudo, é que a ideia de transferência engloba de forma menor aquilo é “preciso” no processo do que traduzir/tradução. Posso assim afirmar de acordo com Yanow (2004, p. 15)

Traduzir não é a mesma coisa do que transferir conhecimento. A transferência sugere uma objetificação ou (co)modificação do conhecimento, extrapolado de seu contexto, com o tradutor servindo como mero condutor ou canal através do qual o significado simplesmente passa. Até mesmo este modelo simples de transferência de conhecimento, entretanto, incorpora o problema do ruído – uma distorção do significado original – que reconhece a probabilidade do significado alterado [...].

Lendvai & Stubbs (2012 p.18) apontam que o ruído e a mediação, distorção e recriação do conhecimento transferido, é decisivo, e aponta para uma das contradições de um entendimento universalista tanto dos processos políticos quanto da transferência de políticas por um lado, e das particularidades culturais, identitárias, políticas e sociais de seus diversos sentidos, intercâmbios, implicações e resistências para quem recebe essas estruturas. Nesse sentido, os autores afirmam que:

a literatura dominante sobre transferência de políticas, com sua ontologia absolutista, vê a política tanto na origem quanto no contexto receptor como uma realidade estável, pré-existente e inconteste, e a transferência como um processo mais ou menos linear, uma sociologia da tradução trabalha com uma estrutura muito mais fluida e dinâmica. (Lendvai & Stubbs ,2012 p.18).

A sociologia da tradução contribui neste processo para compreender a política como tradução:

A política não existe em algum outro lugar de forma acabada, mas é produzida no ato da transferência. A política não está disponível para ser olhada e aprendida, mas é produzida o ato de olhar. A política é o resultado de uma série de comunicações, não a sua origem. A questão tem a ver com germinação, não com disseminação. (FREEMAN, 2004, p. 2).

O olhar sociológico nos estudos da tradução, segundo Wolf (2014), logrou para acentuar sobre as diversas agentividades e agentes envolvidos em qualquer procedimento tradutório, desde organização, etc, especificamente, vale ressaltar sobre os fatores textuais e locais que agem no processo da tradução e na seleção de textos para traduzir. Pontuo essas questões, a partir de outros teóricos, que relacionam a política, cultura e tradução.

Para explicar um pouco os estudos sociológicos em tradução, tomei como base os estudos de Araújo e Martins (2018), artigo também com Wolf (2007, p. 13-18):

“sociologia da tradução” é abrangente e que, em virtude dos estudos já desenvolvidos na área, seria legítimo falar em “sociologias da tradução”, levando-se em conta os diferentes objetos de análise específicos. Até o momento, é possível identificar as seguintes subáreas: uma voltada para os agentes envolvidos no processo tradutório (sociologia dos agentes), outra que tem como foco o processo em si, investigando, por exemplo, normas institucionalmente relevantes e regularidades nas decisões tradutórias de determinados profissionais (sociologia do traduzir), e uma terceira, cujo objeto de análise é o produto cultural resultante do processo de tradução (sociologia do produto). Martins e Araújo (2018, p.3).

Seguindo o pensamento de Foucault e Monzó (2020), Martins e Araújo (2018), Chesterman (2017) pode-se perceber uma proposta “tripartite” da sociologia da tradução, que contempla as traduções como produtos, os tradutores (agentes do processo) e o processo tradutório, nomeando esta última subárea, a sociologia do traduzir ou *teoria de redes de atores*, recebendo menos atenção nos estudos contemporâneos.

Nesta tese, ganha força política ao pesquisar a tradução literária para Línguas de Sinais de Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, verificando esses processos e o fenômeno tradutório/político. As transferências políticas conduzem a entender os padrões de dominação colonial em relação a saberes e dependências sociais e econômicas. A reflexão entre transferências políticas e tradução, transferibilidade, deslocamento, “normalização”, é relevante para compreender a desconstrução e descolonização do pensamento, por este motivo mantenho o pensamento de (Lendvai & Stubbs, 2012).

A tradução de políticas vai além da transferência de políticas, uma vez que o mundo não pode ser reduzido a noções binárias de estabilidade versus mudança, ou adaptação versus resistência, determinadas pelo “ajuste adequado” (baseado na distância ou lacuna entre a política original e a política no país receptor). A literatura dominante opera dentro de uma perspectiva que tem uma concepção estreita do poder em termos de pontos de veto institucional ou agentes do veto, e sua habilidade de bloquear a

mudança. (Lendvai & Stubbs ,2012 p.19).

O entendimento dos autores sobre o processo de transferência de políticas, a partir do ponto de vista da tradução, é argumentado como um processo de transferência de políticas que deveria ser visto como uma transformação contínua (Lendvai & Stubbs, 2012 p.19) negociação e aprovação, por um lado, e como um processo politicamente inserido de deslocamento e mudança (do desajuste ao ajuste), por outro. Um ponto alto desses estudos são os processos de formação, transformação e contestação, os quais implicam, que a transferência de políticas não é algo automático. Ao contrário, indica observar às formas nas quais as políticas e seus esquemas, conteúdo, tecnologias e instrumentos mudam constantemente, de acordo com os locais, significados e agências.

Diante disso, a sociologia da tradução discute a interrelação do discurso e da agência. Por isso a abordagem relacional que enfatiza elementos como heterogeneidade, incerteza, fluidez e questionamento, relacionam exterioridades do entrosamento da política como um processo de tradução que ocorre dentro de um espaço transnacional e a noção de “zonas de contato”¹⁷ se referir ao “espaço dos encontros coloniais, no qual as pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contato umas com as outras e estabelecem relações contínuas, geralmente associadas a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada” Pratt (1999, p. 31-32). A questão da zona de contato e da poética da relação confluem com processo de hibridização dos sujeitos.

Uma zona de contato é um tipo de espaço “entre” ou “intersticial”, semelhante à noção de Homi Bhabha do “terceiro espaço”, que nunca está fixo, mas, ao contrário, está sempre “se tornando” Bhabha (1998, p. 208), caracterizado por forças e direções ao invés de formas e dimensões. A autora sugere que uma perspectiva de zona de contato “evidencia as dimensões interativa e de improvisação dos encontros coloniais tão facilmente ignoradas ou suprimidas por relatos difusos de conquista e dominação” Pratt (1999, p. 36-37).

Em outras palavras, as percepções estruturalistas dos trabalhos sobre poder colonial estão presas por muitos dos automatismos da literatura dominante sobre transferência de políticas. Enquanto oferecem, nos termos de Bhabha, a possibilidade de evitar “as políticas de polaridade” Bhabha (1998, p. 209). O conceito das zonas de contato enfatiza a “interação, entendimentos e práticas entrelaçadas, frequentemente dentro de relações de poder radicalmente assimétricas” Pratt (1999, p. 36-37) ou, nos termos de James Clifford, “um

¹⁷ Zona de contato é um conceito já trabalhado por Santana (2010), Masutti (2007) e Masutti e Santos (2008) na área de tradução e interpretação de Língua de Sinais.

conjunto de trocas carregado de poder” Pratt (1999, p. 192).

Na zona de contato, os encontros são raramente, ou apenas raramente, sobre palavras e seus significados, mas são, quase sempre, mais ou menos explicitamente sobre reivindicações, oportunidades, escolhas estratégicas e objetivos, interesses e maximização de recursos. Nas zonas de contato, todos os tipos de interações e de negociações complexas ocorrem em cenários múltiplos, bem como nos bastidores.

Os conceitos de transnacionalismo e de zona de contato confluem com a sociologia do traduzir potencializa os argumentos para entender as políticas de tradução, para tanto, a discussão que procede aborda a subárea de política de tradução e tradução como política.

Inicialmente, em uma escala mais ampla em nível de línguas e de modalidade linguística, se embasando nos estudos e das catalogações da editora Saint-Jerome (2007), de Van Doolaser (2007) & Zanettin et.al (2015), os mesmos apresentam os diferentes subcampos dos Estudos da Tradução e da Interpretação e a interdisciplinaridade da área. São desenhos e mapeamentos dos Estudos da Tradução Para este trabalho, optou-se destacar algumas temáticas levantadas/citadas pelo mapeamento, relacionadas a presente discussão e comuns nos três mapeamentos: a tradução literária, a formação de tradutores e intérpretes, políticas de tradução, tradução e política e a interpretação das línguas de sinais.

Ainda nesses desenhos ou paisagens do campo de estudo, ainda não aparece a tradução das línguas de sinais que é a ênfase neste trabalho. No gráfico realizado por Zanettin et.al (2015) por meio de uma pesquisa bibliográfica e bibliométrica com o uso de resumos de pesquisas em nível mundial, os estudos sobre a interpretação das Línguas de Sinais, destacaram-se em 2% das pesquisas e a tradução literária em 25% dos estudos, referentes as línguas orais.

Essa discussão conceitual sobre políticas de tradução acontece a partir de algumas reflexões realizadas por importantes estudiosos que se debruçaram sobre as temáticas relacionadas a este universo. A primeira, Meylaerts (2010), em seu artigo “Translation Policy”), problematiza o tema das políticas de tradução ao trazer o sentido mais restrito da sua significação, ou seja, refere-se à condução dos assuntos políticos realizados por um governo ou uma administração, isto é, as práticas e políticas públicas implementadas em regras legais ou oficiais.

Essas práticas incluem as línguas, as linguagens e a tradução. Contudo, em uma definição mais abrangente, trata dos governos e órgãos governamentais, mas também, de outros ambientes institucionais, por exemplo, as Nações Unidas (ONU), a União Europeia (EU), o MERCOSUL, as empresas privadas, em que cada uma delas implementa a conduta da sua organização por regras específicas no formato de resoluções, leis e ações.

Um ponto alto da abordagem de Meylaerts é que a falta de políticas poderá constituir certas políticas, então, pode-se afirmar que toda ação passa por esse espaço e, até mesmo, discurso, que se produz num modelo apolítico e de neutralidade, ao constituir expressões e atitudes que revelam um posicionamento e uma perspectiva.

Segundo a autora, nos Estudos da Tradução, a questão de política de tradução aborda uma diversidade de significados, concebendo visões institucionais, mas também uma vasta gama de situações informais relacionadas à ideologia, as estratégias dos tradutores, editores, prêmios e bolsas, treinamento de tradutores. Ela ressalta ainda que o termo política de tradução corre o risco de se tornar uma noção vazia ou com pouco valor conceitual. No entanto, uma abordagem ontológica e linguística perceberá a valorização do conceito em torno dos atos políticos no exercício tradutório e na tradução.

A constituição e o desenvolvimento dos Estudos da Tradução como disciplina acadêmica ou campo disciplinar no final da década de 60 e no início dos anos 70 do século XX, com relação ao conceito de política de tradução, estão presentes em algumas das publicações fundamentais dos teóricos fundadores deste subcampo, sendo uma perspectiva basilar e de posicionamento ideológico. Um dos exemplos apresentado por Meylaerts são os estudos elaborados pelo teórico checo Jêry Levy (1969) ao demonstrar algumas estratégias tradutórias de certos tradutores de poesias, mostrando-os com um fazer pautado em um ato político no âmbito da tradução.

Holmes (1988), instaurou uma reflexão ampla sobre a constituição e construção dos Estudos da Tradução, argumentando o caso dos Estudos da Tradução como uma ciência empírica, por vezes descritiva e explicativa. Previu a terceira área, que está dentro do ramo aplicado, por exemplo, a Política de Tradução. Explicitando algumas questões sobre o lugar e a função dos tradutores e das traduções na sociedade em geral, por exemplo, como determinadas obras precisam ser traduzidas em uma dada situação sociocultural, também a posição social e econômica do tradutor, além disso, pensa a tradução no desempenho do ensino e da aprendizagem de línguas estrangeiras e na formação dos tradutores e intérpretes, afirmando, então, os Estudos da Tradução como “ciência” e ato político.

O trabalho de Holmes estava em contato com os estudiosos de Tel Aviv e Leuven no que diz respeito a ênfase em modelos explicativos descritivos para os Estudos da Tradução. No ramo “puro” de Holmes, especialmente na amostra do subcampo descritivo, ele oferece pouca atenção ao componente política da tradução, porém, isto não quer dizer que o conceito desapareça completamente no modelo descritivo e explicativo que o mesmo propõe.

Nesse sentido, a Teoria dos Polissistemas de Even-Zohar (2013), herdeira dos estudos formalistas russos, se faz presente nas análises descritivas, apresentando questões políticas em relação aos textos traduzidos dentro do sistema maior da cultura-meta, entre outras coisas, no modo como adotam normas, comportamentos e políticas específicas para determinados textos. Em suma, tais questões aparecerão no uso do repertório literário, o qual resulta nas relações de poderes, olhares políticos, expressões culturais, o que pode gerar diferenças e variadas perspectivas dos textos traduzidos em relação à cultura receptora.

Observando as questões relacionadas à literatura, podemos perceber uma diferenciação entre literaturas meta e traduzidas enquanto periféricas, o texto traduzido ocupa uma posição primária. Isto implica que as políticas gerais de tradução seguem as características dos textos de chegada, como resultado, introduzem novos arquétipos ou estilos na literatura meta, por meio dos marcadores dessa. Esses argumentos determinam as ações políticas voltadas à tradução, designando as seletas de textos e de temáticas.

A partir da Teoria de Polissistemas estabeleceu-se a base dos Estudos Descritivos da Tradução fundamentada e introduzida por Toury (1995), sendo esta uma teoria geral da tradução, radicalmente orientada para o texto e para a cultura meta, feita no formato descritivo.

O conceito central de Toury é o de “normas de tradução” Toury (1995 p. 56), em que a mesma é compartilhada por uma comunidade a partir de valores e ideias gerais - quanto ao que é certo ou errado, adequado ou inadequado etc. – e em instruções de desempenho apropriadas e aplicáveis a determinadas situações.

A direção da norma inicial (que governa a distinção básica entre uma tradução adequada versus uma aceitável) e normas operacionais (que governam as decisões do tradutor durante o processo de tradução), distingue as normas que têm a ver com a lisura da tradução (se a tradução intermedeia ou não) e com a política de tradução. O autor define política de tradução como:

[...] os fatores que regem a escolha dos tipos de texto; ou mesmo de textos individuais, ser importados através de tradução para uma determinada cultura / língua em um determinado tempo. Diz-se que tal política existe na medida em que a escolha é considerada não aleatório. Diferentes políticas podem, naturalmente, aplicar-se a diferentes subgrupos, em termos de tipos de texto (por exemplo, literários vs. não-literários) ou agentes humanos e seus grupos (por exemplo, editoras diferentes), e a interface entre os dois oferece muitas vezes terrenos férteis para uma busca política (Toury, 1995, p.180) ¹⁸

As políticas de tradução de Toury nessa definição não se referem exatamente às

¹⁸ Tradução realizada pelo autor, com base nos estudos desenvolvidos por Hirsch (2006) e Garcia (2012).

estratégias dos processos de tradução, mas às relações desenvolvidas pelo pensamento da Teoria dos Polissistemas, o qual o teórico é filiado, construindo os Estudos Descritivos da Tradução que percebe-se ser mais voltado aos elementos estratégicos de feitura das traduções ou conceitos de equivalência de normas, por exemplo, preliminares, direções da tradução, normas operacionais, matriciais, linguísticas-textuais, entre outras.

A partir desses estudos, percebe-se a filiação do estudioso da BSL (Língua de Sinais Britânica), Stone (2009), ao publicar o livro *Toward a Deaf Translation Norm* (Caminhos de uma norma da tradução surda), em que trata de um olhar comparativo das traduções/interpretações de surdos e ouvintes, delimitando determinadas normas de tradução para a Língua de Sinais, baseando tal pesquisa na teoria descritiva de Toury (1995).

Observando que no Brasil essa ideia repercute politicamente nos trabalhos e pesquisas, como nas dissertações de Xavier (2010), Barros (2015), Andrade (2015) e Campos (2017), pesquisas desenvolvidas em programas de pós-graduação em Estudos da Tradução, comparecendo tais estudos para sustentar alguns pensamentos acerca das traduções literárias produzidas nos países Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Será problematizado a questão do eurocentrismo em Línguas de Sinais, com base, em Quijano (1997), em termos de pesquisa e de produção do conhecimento.

Nas interfaces constituídas nos Estudos da Tradução, conforme Hatim e Munday (2004, p.8), temos os Estudos Culturais (Estudos Fílmicos, Linguagem e Poder, Estudos de Gênero, Estudos Queer, Pós-coloniais, entre outros) e os Estudos Literários (poéticas, retóricas, crítica literária, análise crítica do discurso, literatura comparada etc.), também os Estudos Sociológicos.

Entre tantas complexidades e diálogos, os Estudos Decoloniais ou Anticoloniais, que se consolidam como um pensamento questionador e denunciador das práticas colonialistas contemporâneas, em especial, aos grupos emergentes como as mulheres; os LGBTQI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais); negras/negros e pretas/pretos, surdas/surdos) sobretudo, essas comunidades são organizadas por meio de movimentos sociais.

As resistências desses grupos contribuem para as políticas de tradução, bem como as reflexões desenvolvidas por Spivak (1992) no texto *The politics of translation* (A política de tradução), em que a autora percebe a tradução como um ato mais íntimo de leitura, ou seja, um elemento ético para traduzir seria a imersão do tradutor em determinados contextos, por exemplo, a aproximação e afinidade com o texto, ou seja, realizar um ato político.

Outro pensamento relevante desse aspecto político tradutório são os estudos de Quijano (1997) sobre o eurocentrismo, a colonialidade e as relações de poder concernentes à América Latina quando apresenta a ideia de espaço/tempo no mundo globalizado. Segundo este autor, o poder mundial capitalista, juntamente com o tempo histórico, sob a perspectiva de mudança, a qual necessita da desmistificação das autoridades e das hierarquias, promove a ruína das estruturas e instituições e legitima a individualização no nivelamento das relações sociais.

O eurocentrismo é um contorno de conhecimento produzido na Europa Central do século XVII, que surgiu com a finalidade de servir ao padrão mundial do poder capitalista a partir da constituição da América, com uma racionalidade peculiar, mundialmente hegemônica QUIJANO (1997, p. 126). Nessa perspectiva, a mutualidade, a escravidão, a servidão e a produção mercantil foram acontecimentos ocorridos anteriormente ao capital, sendo incompatíveis com o capitalismo. Quijano sustenta os seus argumentos por meio das visões da teoria sistema-mundo desenvolvida por Wallerstein¹⁹(1979), a qual é importante também para este trabalho, conforme Amadeo e Rojo (2011):

[...] a teoria do sistema-mundo adota o ponto de vista da economia, da sociedade e da política mundiais, e suas bases teóricas devem ser procuradas na história econômica, na sociologia histórica e na teoria política, porém, isso não impede sua extensão a problemas que com frequência se superpõem com as preocupações da teoria pós-colonial: por exemplo, a questão da construção das identidades nacionais, do nacionalismo, do racismo ou das minorias étnico-culturais no contexto de expansão capitalista (AMADEO E ROJO, 2011, p.35/36).

Diante disso, temos os alicerces políticos e sociológicos que favorecem o entendimento de um sistema literário traduzido, bem como a seleção de obras traduzidas e as políticas de tradução dos países sul-americanos. As reflexões de Glissant (2005), que serão detalhadas a partir do conceito de relação, (será colocado o número do subtítulo), também contribuem para compreendermos alguns componentes que envolvem o contato entre as culturas, as línguas e as civilizações na contemporaneidade, na medida que corroboram com o processo de pensar as questões culturais e as de identidades em movimento de povos e dos grupos emergentes, sobretudo, a literatura traduzida para as Línguas de Sinais.

Meylaerts (2010), salienta que a influência da política afeta o direito à cidadania participativa na medida em que esta se faz como prática intervencionista na vida das pessoas. A autora afirma que uma política de tradução pode ser um conjunto de normas jurídicas que

¹⁹ Immanuel Wallerstein sociólogo e cientista político estadunidense.

regulam a tradução no domínio público: na educação, nas instituições políticas, na administração e nos meios de comunicação e o governo controla o acesso ou a exclusão de serviços.

Além disso, conforme Santos e Francisco (2018), a política de tradução faz parte das políticas linguísticas, ou seja, liga-se, não somente as normas jurídicas, que controlam uma nação, portanto, qualquer política linguística implica uma política de tradução, pressupondo a determinação do direito à tradução em uma sociedade que tem um sistema político democrático.

A implementação dos direitos linguísticos aos cidadãos leva a pensar também no direito à literatura. De acordo com Debus et. al (2017, p. 27) e Candido (2011, p. 176), determinadas instituições asseguram o direito inalienável de pessoas a desfrutarem da literatura, sendo essa uma produção universal humana em todos os tempos; uma necessidade de todas e todos que deve ser contentada e, cuja exultação, constitui um direito.

Meylaerts menciona que os governos também podem desenvolver políticas de tradução fora dos domínios dos assuntos públicos e políticos, gerando todos os tipos de produtos aplicados à tradução e à interpretação. Por último, a autora coloca que a política de tradução é uma temática ampla e uma abordagem que pode ser aprofundada a partir de diversas teorias e estudos, propiciando um diálogo (re)ontológico nas relações sociais e culturais.

Verificando outros aspectos, chegamos a relação entre *tradução como política*, fundamentada em Lambert (2011, p. 51) apontamentos pertinentes sobre o assunto ou subcampo para a compreensão do funcionamento das traduções, trazendo a perspectiva de que, muitas vezes, nem mesmo a ocorrência de mudanças políticas e sociais bruscas interferem nas atividades tradutórias, uma vez que estas tendem a buscar suas regras e valores, pois são condicionadas a padrões coloniais, estruturais e sociais, a partir de segmentos linguísticos e culturais.

O autor questiona diversos aspectos acerca de uma hipótese banal e óbvia, dependendo das percepções, posições e experiências vividas pelos tradutores e leitores, abrangendo questionamentos sobre as traduções no viés descritivo a ser pensado, a partir das estruturas em um território, baseado numa determinada ordem política, em especial, o contexto dos sistemas literários.

Parece que as relações intersistêmicas de ordem linguística, literária e muitas vezes cultural são – pelo menos em parte – subordinadas as estruturas políticas gerais na seleção positiva e negativa de seus vizinhos (que não são necessariamente vizinhos

do ponto de vista espacial). Já foi demonstrado várias vezes que as relações literárias entre tradições diversas seguem de forma bem sistemática as flutuações das relações políticas. A questão não é exatamente *se*, mas *como* e *exatamente quando* as atividades tradutórias se subordinam (ou não) a princípios políticos, e em que medida elas têm traços coloniais. Na verdade, minha tese principal, formulada em termos muito gerais, permanece de fato bem trivial. Torna-se interessante, sobretudo, quando usada como um instrumento heurístico empírico, que nos permite especificar com maior precisão em que momento atividades como a tradução fazem parte do sistema literário ou também – ou até mesmo primordialmente – de outros sistemas, como o político (LAMBERT, 2011, p. 53/54).

Confirmando o argumento do teórico citado acima, a tradução pode ser parte da política, e o princípio fundamental colocado são as normas que constituem os traços convencionais da tradução como um tipo específico de comunicação, que apresenta certos elementos literários, políticos, religiosos, e outros, frequentemente, forjada em formas bastante híbridas e aleatórias, ou seja, enfatizo que as traduções são influenciadas por normas e padrões estabelecidos politicamente.

No caso das traduções da Literatura para infância e juventude estas possuem padrões estabelecidos, espaços de pesquisas e ensino, e toda uma gama de produções intelectuais que discorrem sobre suas atuações, nuances e especificidades.

Para tanto, as questões de identidade e de localização são necessárias para a compreensão política da sociologia da tradução, as identidades dos sujeitos receptores e dos tradutores em questão. Por isto, política como tradução, políticas de tradução e tradução como política devem ser discutidas a partir dos estudos de identidade e hibridismo.

2.2. IDENTIDADE COMO UMA TRADUÇÃO E HIBRIDISMO

As noções de políticas e da sociologia de traduzir são relevantes para a compreensão do processo de tradução (tradutores e tradução), sobretudo entender os atores sociais na (des)construção dos processos e da transformação de saberes traduzidos. Busco entender isso, por meio das questões identitárias dos envolvidos na tradução. Para isso recorro a Hall (2000) e Canclini (2019) para salientar alguns pontos sobre as identidades e hibridismos como potência do dizer, do fazer e do sentir. Ao fazer parte disso como pesquisador/agente em países da América do Sul, como já fora dito anteriormente tenho a intenção de pensar em políticas de tradução voltadas à cultura e à literatura, em especial, da identidade da tradução literária para Línguas de Sinais, neste momento.

Apresento aqui o conceito de identidade de Hall (2000, p.104) *a identidade é um desses conceitos que operam "sob rasura", no intervalo entre a inversão e a emergência: uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas*. Vale ressaltar a importância do entendimento social sobre identidades, muitas vezes elas não são compreendidas como singulares e plurais ao mesmo tempo, principalmente, no exercício da subjetividade coletiva de aproximação e de afinidade, além disso, as nossas identidades são fragmentadas, pois reflito que somos várias pessoas em uma só, não somos formatados, o espaço e tempo é um dispositivo para nos compreendermos como agentes discursivos.

Um segundo tipo de resposta exige que observemos onde em relação a qual conjunto de problemas emerge a irredutibilidade do conceito de identidade. Penso que a resposta, neste caso, está em sua centralidade para questão da agência e da política. Por "política" entendo tanta importância - no contexto dos movimentos políticos em suas formas moderna - do significante "identidade" e de sua relação primordial com uma política da localização, quanto as evidentes dificuldades e instabilidades que tem afetado todas as formas contemporâneas da chamada política de identidade. Hall (2000 p.104 – 105)

A relação que lidamos com os problemas sobre o que somos em um espaço e tempo nos conduzem a percepção como as identidades são (des)construídas e dois pontos desse processo salientados por Hall é a questão da agência e da política, uma relação pontual para interligar a sociologia de traduzir. A agência, a partir desse discurso de Hall, entendo como um ponto de vista da atuação no espaço a qual (re)produzida pelas identidades de um agente ou dos agentes a partir das histórias e dos tecidos de experiências deles e não em uma centralidade, mas na descentralidade discursiva de diversos dizeres, assim as políticas

traduzem os desafios específicos das identidades diante da fluidez dos processos de formação do que somos e do que nos tornamos nos locais e nos espaços, os quais não seremos iguais “ide”. Para conversar sobre isso cito:

Toda identidade tem, a sua "margem", um excesso, algo a mais. A unidade, a homogeneidade interna, que o termo "identidade" assume como fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda identidade tem necessidade daquilo que lhe "falta" - mesmo que esse outro que ele falta seja um outro silenciado e inarticulado. Hall (2000 p.110).

Retorno à singularidade-pluralidade identitária como um efeito da constituição do sujeito no espaço para analisar em uma especificidade da identidade, aquela que a pessoa determina como a sua principal em uma ação ou manifestação, mas as outras identidades fazem parte dela e que a partir dessas identidades poderá ser compreendida determinada ação, narrativa e discurso como forma de tradução desse sujeito. Este argumento contempla a ideia que Hall (2000. p 10) pontua como “sutura”, dialoga como um fio que forma os pontos ou uma intersecção, entendo como as significações das identidades, da posição do sujeito no cenário social e da localização dele. Isso me coloca a pensar na hibridização.

Para trazer a questão da localização como ponto também identitário dentro da noção de tradução e de hibridismo. Trago Canclini (2019 p.37), para compreender algumas questões, conceituando as políticas de hibridização como uma combinação de repertórios multiculturais, elas dependem de ações políticas e econômicas, ao criar uma área de comércio entre essas nações, isso favoreceu a hibridização, também aspectos relacionados a identidade, a cultura, e a língua. Isso convém dizer sobre as relações de poder vinculadas o transnacionalismo interligado por políticas públicas e privadas em ações ao direito à cultura e à literatura de comunidades emergentes ou silenciadas.

Canclini (2019 p.38) abordar ao reivindicarmos a heterogeneidade e a possibilidade de múltiplas hibridações é uma ação política ou um movimento político, que engloba também o mercado financeiro, redefinindo cenários de disputas políticas e culturais. Outros elementos como exílios, discursos de opressão e imigrações podem também influenciar o contato entre culturas e suas fronteiras. Determinadas produções culturais estarão aliadas a esses discursos intensificados pela ideia de acessível, também atravessados pelos dispositivos transnacionais, implícitos na escolha do produto. Conforme Said (2003 p. 59),

o mundo inteiro como uma terra estrangeira” possibilita a originalidade da visão. A maioria das pessoas tem consciência de uma cultura, um cenário, um país; os exilados têm consciência de pelo menos dois desses aspectos, e essa pluralidade de visão dá

origem a uma consciência de dimensões simultâneas, uma consciência que – para tomar emprestada uma palavra da música – é contrapontística”. Said (2003 p.59)

Nos adentrarmos a novos espaços de saberes nos colocam também como estrangeiro, principalmente no espaço cultural, linguístico e social. Assim, Clifford (1998 p.313) *entende que pensar o mundo, a partir da diáspora e da hibridização, é compreender a junção dessas duas realidades. Chama esse conceito de "uma modernidade de contraponto"*. Ele também teoriza sobre o termo viagem e suas implicações salientando a necessidade de pensar sobre deslocamento, nomadismo e peregrinação, ao evidenciar experiências de novos espaços e buscar entender os processos de tradução dos sujeitos.

[...] propõe viagem como "termo de tradução" entre os demais, ou seja, "uma palavra de aplicação aparentemente geral, é utilizada para comparação de um modo estratégico e contingentes". Todos os termos de tradução, esclarece, "nos levam durante um trecho e depois desmorona. [...] No tipo de tradução que mais me interessa, aprende-se muito sobre os povos, sobre as culturas, sobre as histórias diferentes da própria, o suficiente para começar a perceber o que está perdendo". Canclini (2019 p.39).

Buscar entender os processos culturais contemplam as identidades enquanto suturas em um espaço, e o termo tradução amplia as significações no modo de ser e estar nesses espaços que somos colocados. Diante do modo estratégico e das incertezas em relação aonde estamos, esse estar em um determinado acontecimento tem vários sentidos. Esse pensamento corrobora com o pensamento de Burke (2006):

os artefatos híbridos apresentando exemplos da arquitetura, das imagens de culto e de gravuras, além dos textos e sua estilística que passam por processos de mistura em dois níveis. O primeiro está relacionado aos “estereótipos ou esquemas culturais” presentes na estrutura da percepção e interpretação do mundo (que são acionados no momento da construção destes) e o segundo relacionado às “afinidades ou convergências” de distintas tradições, nas quais a origem do artefato híbrido pode possuir semelhanças comungadas pela sua representação e sentido nos espaços sociais de sua produção. Burke (2006, p. 26).

As nossas histórias e experiências enquanto povo, comunidade e classe trabalhadora é pontual para entender o que acontece e o que se perde. A ideia de hibridação reafirma este raciocínio:

[...] tratar a hibridização como um termo de tradução entre mestiçagem, sincretismo, fusão e os outros vocábulos empregados para designar misturas particulares. Talvez a questão decisiva não seja estabelecer qual desses conceitos abrange mais e é mais fecundo, mas, sim, como continuar a construir princípios teóricos e procedimentos metodológicos que nos ajudem a tornar esse mundo mais traduzível, ou seja, convível, em meio a suas diferenças, e a aceitar o que cada um ganha e está perdendo ao hibridar-se. Canclini (2019, p.39).

Estar em novos espaços, nos conduzem a pensar na língua, na fronteira do conhecimento e na hibridização entre novas formas de pensar e se (re)construir identitariamente, para aceitar, experienciar e estar no novo e com o novo, no contexto de tradução, de cultura, de literatura, de educação e de trabalho. Diante disso, Burke (2006) apresenta que a rejeição é dirimida por meio da resistência ao diferente, da estratégia de defesa e sobrevivência contra a invasão das fronteiras culturais e por uma “purificação cultural”, entretanto, também há aqui a valoração positiva da rejeição, aquela que por meio da educação tenta conservar a cultura oral, as tradições e outros elementos que a constituem frente à ideia de uma cultura globalizada.

Relacionando este pensamento de Burke (2006) e Canclini (2019) nos faz refletir sobre o contato de culturas, quando determinados temas chegam uma determinada comunidade e como são traduzidos:

A primeira condição para distinguir as oportunidades e os limites da hibridação é não tornar a arte a cultura recursos para o realismo mágico da compreensão universal. Trata-se, antes de colocá-los no campo instável, conflitivo, da tradução e da traição. " As buscas artísticas são chaves nessa tarefa, se conseguem ao mesmo tempo ser linguagem e ser vertigem. Canclini (2019 p.40).

A hibridação não se trata de uma fantasia ou de um imaginário, algo abstrato, mas um processo mutável e tornando-se, o qual é vivido e encontrado em formas de estar em contato culturais, isso vai de encontro ao conceito de zona de contato de Pratt (1999) o estar entre culturas e saberes nos sistemas colonizados, sobretudo, transnacionalizados.

O mergulho ou a imersão cultural conduzem no processo da busca do entender mútuo, do compartilhamento, sobretudo, da confluência, também a estranheza ao perceber o ato de confluir de uma comunidade. Na procura da tradução o processo será híbrido diante da identidade e da diferença dos sujeitos confluídos e dos que buscam compreender essa confluência, ou vice-versa.

Ao pensar na literatura como arte e na intenção de traduzi-la para outra língua, essa condução necessita ser compreendida a partir do espaço da linguagem da comunidade e que determinado texto pode a primeiro momento apresentar elementos desinteressantes, o qual será uma vertigem, podendo ser ou não ser a arte do momento enquanto a arte que nos toca profundamente, só acontece a partir da imersão cultural e discursiva. Convém lembrar dos interessantes por uma obra artística em ser conhecida e traduzida para uma comunidade, quem

está no poder da gestão cultural em uma visão macro e micro das identidades produzidas pela comunidade.

Outro pensamento importante de Canclini (2003. p 47), “*Globalizar-se ou defender a identidade: como escapar dessa opção*”, é necessário perceber as manobras transnacionais das redes de conhecimento e dos poderes econômicos no cenário nacional e como eles funcionam, por exemplo, União Europeia, no NAFTA, MERCOSUL, ou seja, como aproximações e influências políticas acontecem direcionadas pelo discurso globalizado a partir dele pode-se entender alguns dos interesses do capital cultural liderado pelo pensamento transnacional, o qual é colonizador e imperialista. Com isso, ocorre o apagamento de projetos e planejamentos nacionais:

E até muitos deputados dos parlamentos nacionais parecem não perceber o que está em jogo em deliberações complexas, cuja informação só é acessível a elites políticas transnacionalizadas ou a técnicos especializados, únicos, possuidores das competências necessárias para “resolver” os problemas europeus, norte-americanos ou latino-americanos e até para estabelecer as propriedades das agendas. Canclini (2019 p, 47).

As transnacionais também compitam o discurso sobre identidades para fazer o exercício de políticas de hibridização, sendo a identidade como um foco primordial para atingir as comunidades menores e elas ganham visibilidade, aceitação que se preocupam com essas demandas, no entanto há muitas questões focada não no foco real da visibilidade identitária. Para isso vale ter em mente o primeiro argumento de Canclini (2019) *que todas as culturas são de fronteiras* e segundo de Said (2003) *que a história de todas as culturas é a história do empréstimo cultural*.

Com esses pensamentos apresento os discursos e estudos sobre a identidade da comunidade em questão dessa pesquisa, a comunidade surda, sua identidade cultural e seus artefatos culturais para relacionar posteriormente, com a literatura produzida em Língua de Sinais.

2.3 AS IDENTIDADES SURDAS COMO PROCESSO POLÍTICO DE TRADUÇÃO

Para tratar das questões de identidades culturais de uma comunidade “em comum” de diferentes países, neste caso, Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, é relevante elencar os argumentos que versam nesse discurso de identidade cultural nas comunidades surdas, o que nele há em comum e o que de específico. Para compreender esse raciocínio adentro em alguns estudos sobre identidades e cultura surda.

Na Argentina, no Brasil e no Uruguai, os estudos sobre as identidades surdas e a cultura surda a partir de um olhar socioantropológico se consolidam na década 90, os “estudos culturais surdos”, ou Estudos Surdos como foi nomeado no Brasil, que se interligam as pesquisas dos estudos linguísticos dessas Línguas de Sinais, iniciadas principalmente na década de 80. Quero salientar que após as pesquisas linguísticas nas Língua de Sinais, o discurso sobre cultura e identidade surda se intensifica.

Acerca do olhar cultural pontuo os trabalhos iniciais como no Uruguai Behares (1991 & 1993), na Argentina Skliar (1997 & 1998), por fim, no Brasil Lopes (2007) para vislumbrar os artefatos ou marcadores/traços culturais e identitários surdos:

Iniciando por Behares (1986 & 1988), um pesquisador da área da linguística que relaciona as questões da Língua de Sinais Uruguiaia com a cultura e a identidade da comunidade surda uruguiaia, demonstrando que essas dimensões surgem por meio da língua, num primeiro momento em suas publicações ele localiza a constituição desse artefato cultural a partir da surdez, como a produção de uma identidade de um grupo emergente. Behares (1988 p.3) apresenta a surdez como uma diferença em relação ao padrão esperado socialmente e, portanto, o sujeito surdo constrói uma identidade em relação a sua vivência singular no plano individual e na comunidade surda, constituída pelos usuários da língua de sinais (surdos e ouvintes).

Skliar (1997 & 1998) pesquisa no âmbito da educação, da filosofia e dos estudos culturais. A partir de investigações em termos de Argentina e Brasil, o autor produz artigos e organiza livros com um olhar socioantropológico sobre a surdez, contribuindo com a discursividade da cultura e da identidade surda.

Tanto Behares quanto Skliar trazem uma reflexão sobre o consenso das potencialidades educacionais dos surdos, da aquisição e desenvolvimento da língua de sinais como primeira língua; da identificação das crianças surdas com seus pares e com os adultos sinalizantes; do desenvolvimento de estruturas, formas e funções cognitivas visuais; de uma vida comunitária e desenvolvimento de processos culturais específicos; de participação dos surdos no debate linguístico, educacional, escolar, de cidadania, Skliar (1998, 25-29). Esses olhares favorecem o

movimento e as lutas surdas.

Nesse sentido, após cerca de dez anos das publicações de Skliar, a pesquisadora Lopes (2007) publica o livro “Surdez e educação”, apresentando uma reflexão da surdez como invenção, ao apontar para uma abordagem que, ao invés de compreender a surdez como visão do capacitismo ou biologizante, a entende como uma invenção ou uma diferença cultural.

Ao entender a surdez como uma questão cultural, Lopes (2007) assume a discursividade socioantropológica, mas questiona e reflete os seus olhares, suas narrativas a partir de como entende cultura e identidade no âmbito teórica-epistêmico e das experiências. A não-patologização da surdez torna possível detectar e compreender, de modo muito mais profundo ou refinado, as complexidades, as intensidades e constantes processos de subjetivação espacial dos sujeitos surdos, além disso, o funcionamento das pedagogias escolares e nas pedagogias culturais, ao perceber os mecanismos de controle políticos, governamentais e de cooptação discursiva.

Além disso, uma discussão interessante de Lopes (2007 p. 23) é sobre os Estudos Surdos, termo inicialmente utilizado e propagado por Skliar (1998, p. 29)²⁰, a autora aponta como uma tradução de Deaf Studies, esses estudos foram desenvolvidos principalmente, nos Estados Unidos e no Reino Unido. Explicitando como uma tentativa de refletir os numerosos registros empíricos e as minuciosas discussões sobre a surdez desenvolvidas, sendo os Estudos Surdos articulado com os Estudos Culturais, com a Educação, com a Literatura e com os Estudos da Tradução. Sobre essa discussão sobre os Estudos Surdos, também destaco a produção de Perlin & Strobel (2009)²¹, as coletâneas dos Estudos Surdos²² e Lopes & Thoma (2018)²³.

Como fora dito anteriormente, vale destacar que esses estudos sobre a cultura e a identidade surda, também os estudos linguísticos das Línguas de Sinais estão apoiados, principalmente nas teorias e nas investigações estadunidenses. Os estudiosos e teóricos da América Latina seguem na tentativa de repensar e ressignificar esses pensamentos e essas políticas em seus países. Um desses movimentos em termos acadêmicos são os eventos como

²⁰ Os Estudos Surdos em educação podem ser pensados como um território de investigação educacional e de preposições políticas que, através de um conjunto de concepções linguísticas, culturais, comunitárias e de identidades, definem uma particular aproximação, - não uma apropriação – com o conhecimento e com os discursos sobre surdez e sobre o mundo dos surdos.

²¹ Teorias da educação de Surdos (2009).

²² QUADROS, R. M. Estudos Surdos I. 1. ed. Petrópolis: Arara Azul, 2006; QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). Estudos Surdos II. 1. ed. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2007; QUADROS, R. Muller de. Estudos Surdos III. 1. ed. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008; QUADROS, R. M.; STUMPF, M. (Org). Estudos Surdos IV. 1. ed. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2009.

²³ Artigo “Estudos surdos em educação no Brasil: a produção do campo no período de 1996-2006”.

o Encontro Latinoamericano de Sordos e Intérpretes de Lenguas de Senãs.²⁴

Diante desse breve apanhado sobre a diferença cultural surda, enfocando neste momento a identidade surda como elemento necessário para compreender a literatura traduzida para Línguas de Sinais e produção literária, assim retorno a uma das potencialidades apresentada por Skliar (1998 p.27), *a potencialidade de identificação das crianças surdas com seus pares e com os adultos surdos*.

Esta potência de vivência surda conduz a pensar na singularidade-pluralidade como o ato de confluência e aproximação de estar entre pares, as políticas de identidades relacionadas as intersecções surdas na relação da transformação e da hibridização. Uma potencialidade relevante para pensar na tradução da literatura para infância e juventude nas Línguas de Sinais de Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, além disso, mapear o protagonismo no processo sociológico da tradução literária.

Seguindo este pensamento, apresento os estudos precursores sobre identidade surda através de Perlin (1998) como um dispositivo de saberes históricos da (re)construção identitária desses sujeitos e de si mesma, demonstrando a sua reflexão com forma que intensifica as políticas de identidades surdas. Os aportes teóricos produzidos em seu artigo “Identidades Surdas” estão filiados aos argumentos de Hall (1997), que diz acerca de seus devires e o seu mergulhar em conceituar a identidade quando esta reflete sobre a representação e a identidade surda:

(...) Ao focalizar a representação da identidade surda em estudos culturais, tenho de me afastar do conceito de corpo danificado para chegar a uma representação da alteridade cultural que simplesmente vai indicar a identidade surda. Perlin (1998, p.53)

Tendo em vista a questão histórica dos surdos em relação ao olhar patologizante, consolidado durante anos, a autora usa o termo “corpo danificado” para apartar ou afastar da visão do capacitismo, ao subverter para pensar a identidade a partir de um olhar cultural de si e sobre os seus semelhantes.

A identidade surda sempre está em proximidade, em situação de necessidade com outro igual. O sujeito surdo nas suas múltiplas identidades sempre está em situação de necessidade diante da identidade surda. Perlin (1998 p. 53)

Este discurso afirmativo sobre a identidade surda conduz o ser e estar com o seu

²⁴ Encontro Latino-Americano de Surdos e Intérpretes de Línguas de Sinais. Em 2018 o IV encontro ocorreu no Brasil na Universidade de Santa Catarina, juntamente com o VI Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa.

semelhante em comunidade, reconhecendo as diferenças entre os iguais, potencializando as identidades multifacetadas e as narrativas e o ponto confluyente, o “ser surdo”. Um dos pontos está na relação, na experiência visual, a qual conflui principalmente pela Língua de Sinais. Diante disso, um dos estereótipos construídos por um tempo em algumas narrativas ouvintistas, por exemplo:

os surdos são vistos como figuras frias desprovidos de definição cultural [...] A ideia de um surdo concentrar-se facilmente em suas atividades sem a distração do trabalho leva uma imagem do surdo como produtor braçal de produtividade. Perlin (1998 p. 55).

Pode-se observar que os surdos têm atuado em trabalhos intelectuais ou “improdutivo”²⁵, sendo professores e tradutores, a segunda atuação é um dos pontos altos dessa tese, em termos de entender o processo sociológico da tradução no cenário da literatura traduzida para as Línguas de Sinais de Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. A língua e identidade não se separam, só potencializam outros elementos culturais e hibridizados, por exemplo, literatura como produção da linguagem e de uma arte, confirmando a diferença cultural.

Nesse sentido, a cultura surda como diferença é a (re)constituição da ação criativa em relação ao contato com os outros, aos textos, aos contextos, as fronteiras e a hibridização, entender que a identidade surda (re)constrói uma cultura visual, a qual não é construída isoladamente, mas no local em que os sujeitos estão inseridos, nas intersecções pertencentes, nas relações de poderes e de privilégios. Um exemplo, disso é a (re)constituição do movimento surdo e do poder da diferença, onde isso se confirma:

É no movimento surdo onde estamos mais próximos da divisão entre poder surdo e poder ouvinte, ou onde surge uma proximidade dinâmica da identidade surda que denominamos política da identidade, que tem sua força na alteridade e que guarda as fronteiras da identidade surda como tal. Perlin (1998, p.69).

Ao mesmo tempo o poder da diferença potencializa o movimento e a política de identidade, sendo elementos paradoxais: é que se necessita de uma identidade em busca de senti-la e desfazê-la, ao mesmo tempo para não ter identidades, e essa luta é necessária.

[...] as lutas são os efeitos do poder, enquanto tal, existentes na sociedade e que busca como poder. [...] com o movimento surdo, a comunidade surda transforma sua

²⁵ “É o trabalho que não se troca por capital, mas diretamente por renda, ou seja, por salário ou lucro (sem dúvida, pelas diversas rubricas, como juros e renda fundiária, coparticipantes do lucro do capitalista)” (Marx, 1980, p. 137). Os professores e tradutores não geram nenhuma riqueza material.

identidade de grupo estigmatizado para grupo valorizado contra a injustiça presente. Perlin (1998 p. 70).

Ao pensar nas questões relacionadas às lutas como efeitos do poder, pode-se dizer que elas ocorrem quando uma determinada comunidade ou grupo compreende as injustiças sociais referentes a ele, e assim percebe quem está no domínio de saberes e direitos.

Os espaços de saberes dominantes também contribuem para a construção desses processos identitários, cabe ressaltar que eles nem sempre são harmônicos, nomeando-os com determinadas identidades como formas de controle, atribuindo características a determinados sujeitos, independentemente da sua subjetividade. Em vista disso, a história, os movimentos e as narrativas coletivas e singulares podem (re)construir as identidades e potencializar os processos emancipatórios.

O direito à vida, a cultura, a arte, a história, a participação política, ao trabalho, ao bem-estar leva a pensar uma esfera pública de luta central e mais simples para as mais amplas e mais descentralizadas. Isso faz com que as lutas surjam imediatas ou não após a constatação do problema. Perlin (1998 p.70).

Nesse sentido, os movimentos sociais de um determinado grupo assumem lugares políticos e uma “caminhada política”²⁶ em busca de direitos, de “reconhecimento” das identidades (re)construídas e o poder da diferença intensifica nas questões sociais, políticas e econômicas que submergem o espaço das artes, da tradução, da literatura, do trabalho, da saúde, da educação, sobretudo, no aconchego de ser diferente a partir daquilo que mais o toca, neste caso a comunidade surda, percebo a diferença linguística como um ponto evidente e alto (“Língua de Sinais igual a Cultura Surda”²⁷), o movimento surdo se pulsa pela experiência visual conexa com a cultura surda vivida pela Língua de Sinais, sendo o poder da diferença, da política surda, sobretudo, reconheço como um pulsar identitário surdo em espaços com sua presença.

Os apoiadores também podem compreender esses traços da pulsação da identidade surda²⁸. Não apenas como algo abstrato do sentir, mas na concretude do corpo externo manifestado por meio da língua. Entre o sentir e o ver da “ação” do sentir. O estar juntos nos espaços de

²⁶ Perlin (1998 p.71).

²⁷ Argumento apresentado pelos professores e pesquisadores Ana Regina S Campello e Markus Weinger na palestra de formação de tutores do curso de Letras Libras da UFSC bacharelado no ano de 2011.

²⁸ Termo utilizado por Perlin (2014) em seu artigo “Cultura e educação bilíngue no pulsar das identidades surdas contemporâneas parte da reflexão de Derrida (2001) em sua obra Mal de arquivo: uma impressão freudiana. Perlin reflete sobre a pulsação da identidade surda para entender os espaços adentrados pelos sujeitos surdos, além disso, perceber as intercorrências do pulsamento desses sujeitos no mundo contemporâneo.

luta, de adentramento, de saberes, de hibridismo e de tradução como um ato de compartimento das experiências. No universo e nos cosmos da tradução e interpretação de Línguas de Sinais realizadas por surdos e ouvintes, o corpo se mantém como um produtor de sentido da língua e da linguagem, um fato da memória, de um lugar e da existência dos corpos que “sinalizam” enquanto uma produção cultural e de conhecimento.

Com isso, os surdos brasileiros são membros da cultura surda brasileira, dentro de uma localização em que o corpo sinalizado e interseccional (ou da vivência interseccional) se manifesta culturalmente e socialmente em produção culturais, de tal maneira a qual os surdos argentinos, paraguaios e uruguaios fazem parte da cultura surda argentina, paraguaia e uruguaia. Essas comunidades nacionais utilizam diferentes línguas de sinais e possuem experiências de vida diversas, mas o artefato que os identifica são as experiências visuais, relacionadas à cultura surda representada pelas Línguas de Sinais, pelo jeito de ser surda/o, pela expressividade de conhecer e de estar em diferentes cosmos, pela experiência compartilhada da exclusão social e de preconceitos da sociedade majoritária.

Diante disso, retomando a Canclini (2019), a cultura é um elemento híbrido, fronteiro, em que cada comunidade cria estratégias de demonstrar a sua identidade, a partir de articulações históricas dos elementos de modos de dizer, dos devires e de interações. A cultura surda como um devir do reconhecimento em busca de ecoar a sua especificidade e o protagonismo surdo nos espaços em que se insere, ao imprimir sentidos, linguagens e imagens específicas do viver surdo, refletindo sobre este argumento, a tradução literária para as Línguas de Sinais leva a pensar na (re)construção das identidades do tradutor e intérprete de Línguas de Sinais- Línguas Orais²⁹.

Que artefatos culturais são híbridos e fronteiros no processo operacional identitário e interseccional nas esferas políticas da re(construção) identitária dos TILS, ou seja, na sociologia de traduzir/políticas de tradução, com ênfase em Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Para isso, a discussão que segue tenciona apresentar as identidades TILS e a aproximação à tradução literária.

²⁹ Este argumento se consolida com o pensamento e com o texto “Produção, circulação e consumo da cultura brasileira” das autoras Lodenir Becker Karnopp, Madalena Klein e Márcia Lise Lunardi-Lazzarin In: Cultura surda na contemporaneidade, negociações, intercorrências e provocações/ organizado por Lodenir Becker Karnopp, Madalena Klein, Márcia Lise Lunardi-Lazzarin. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

2.3.1 IDENTIDADES DOS TILS E PROCESSOS POLÍTICOS

Para compreender a identidade dos TILS na Argentina, no Brasil, Paraguai e Uruguai, no que está relacionado ao trabalho ou a função de mediar língua e cultura, convém apresentar os elementos históricos e geográficos que conduzem a essas (re)construções identitárias.

Evidenciando os olhares sobre identidades que são (re)construídas historicamente através da atuação como TILS, é possível analisar de alguma forma os discursos dos tradutores e intérpretes de Línguas de Sinais, que vivenciam o ato de traduzir e interpretar diversos textos e contextos, assim, a interseccionalidade ou entrecruzamentos dos sujeitos nas respectivas Línguas que traduzem e interpretam de modalidades diferentes (Línguas Orais-Línguas de Sinais) ou da mesma modalidade linguística (Línguas de Sinais-Línguas de Sinais) intensificam as relações entre cultura surda e trabalho.

Por isso, acredita-se que os TILS têm funções sociais importantes em um processo de desenvolvimento local e de ação política. Dessa maneira, essas ações afirmativas, em relação às comunidades surdas, ilustram essas funções, que devem ser representadas nas políticas linguísticas e de tradução nos diferentes espaço-tempos, conduzindo a liderança do movimento político dos surdos, o qual cabem a eles.

Nesse contexto, a experiência de traduzir, interpretar, ler e criar supõe, tanto na prática do cotidiano quanto na intervenção direta nos espaços sociais, os modos como os TILS se constroem a partir da interseccionalidade, em especial, de gênero, de raça e de classe social, intensificando o ser em traduzir e interpretar em termos de presença e corpo.

Ecoar uma voz emergente e política, a partir da experiência de si e colocá-la na modalidade escrita ou na performance poética do corpo demonstra uma potência do sentir, do ver e da memória dos TILS, sobretudo o compromisso político com a comunidade surda;

Ao verificar as pesquisas sobre a interpretação e a tradução de Línguas de Sinais, observar-se no Brasil a ocorrência de uma ênfase maior nas investigações relacionadas a contextos educacionais. Além disso, pode-se perceber que algumas pesquisas destacam questões sobre a (re)constituição da identidade dos intérpretes de Língua de Sinais ouvintes, por exemplo, como a de Santos (2006).

Em sua grande maioria, a construção identitária dos TILS, inicialmente, empírica, foi realizada por meio do contato com os surdos e nas relações familiares e pessoais destes, nos espaços dos movimentos surdos, nas instituições religiosas e nos últimos 30 anos, também, em formações oferecidas pelas associações de surdos, pela FENEIS (Federação Nacional de

Educação e Integração de Surdos) e pelas instituições de nível profissional e superior.

A argumentação sobre a (re)construção identitária profissional dos TILS ouvintes para Perlin (2006), Santos (2006) e Nicoloso (2010) e Santos (2019), neste momento, se deu efetivamente pelo mergulho à cultura surda, bem como no convívio com o ambiente comunicativo nos diferentes textos e contextos de tradução e interpretação e que as relações interseccionais estão presentes no processo da (re)construção do ILS. Esses elementos são fatores decisivos na (re)construção das identidades do TILS.

As mudanças sociais, institucionais, culturais impulsionam os sujeitos a duvidar e ter incertezas sobre suas identidades, isto é, elas deixam de ser estáveis e passam a se deslocar, fragmentam-se e tornam possível ao sujeito identificar-se com múltiplas identidades. Essa escolha pode ser temporária, pois vai depender do espaço social e cultural em que o sujeito encontra-se. As identidades são produzidas dentro das culturas, motivo este que justifica o porquê das mesmas serem culturais. No caso dos intérpretes de Língua de Sinais, a transição entre duas culturas (espaços surdos e espaços ouvintes) multifacetadas, os fazem flutuar entre esses meios, tornando-o uma produção cultural e criando significações a partir destas relações desencadeadas. Santos (2006 p. 26).

Esse pensamento faz refletir acerca das transformações sociais e políticas sobre as identidades, a contextualização do local e da enunciação discursiva. É relevante pontuar o momento que as três autoras brasileiras citadas anteriormente escrevem os seus textos a respeito das identidades dos TILS, as duas primeiras, Perlin (2006) e Santos (2006), evidenciam algumas políticas e propostas de implementação da formação da atuação do TILS e da potência do discurso da diferença cultural surda.

Entre elas, leis e decretos brasileiros, como, a Lei 10.098/2000 de acessibilidade de pessoas com deficiência - o *Poder Público implementará a formação de profissionais intérpretes de linguagem de sinais e de guias-intérpretes, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa portadora de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação*, a Lei 10.436/2002 o *reconhecimento como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados* e o decreto 5626/05, o qual apresenta propostas de efetivação da formação de tradutores e intérpretes de Libras-Língua Portuguesa em termos da educação profissional, cursos de extensão universitária, educação superior e das sociedades civis (associações).

O discurso da diferença e da identidade cultural surda fundamentado academicamente a partir dos Estudos Surdos é aliado e intensificado na perspectiva da (re)construção da identidade dos TILS, neste sentido Perlin (2006) em seu artigo “Cultura Surda e os Intérpretes de Língua de Sinais (ILS)” salienta alguns artefatos culturais dos surdos como a identidade

surda, a diferença, a Língua de Sinais e o poder, que a partir do momento em que o ILS percebe esses marcadores, a sua identidade se torna como algo híbrido e fronteiro, por ser uma testemunha direta da história e política surda.

Para uma elucidação sobre a forma do ILS atuar na defesa da diferença cultural significativa, vamos a um fato ocorrido nos campos da educação, no qual a sua presença se faz mais marcante, devido ao incentivo governamental sobre sua presença em educação. Perlin (2006 p. 139).

Pensar no TILS como mediador de diferentes culturas em espaços da educação e em outros textos e contextos de atuação significa sobretudo o perpassar por diálogos entre culturas e a nossa identidade de TILS está aliada às relações da cultura e comunidade surda com a sociedade ouvinte, as implicações culturais, políticas e de poder. Nesse sentido, Perlin (2006 p. 142) evidencia que a reinscrição cultural do surdo é construída e repassada de acordo com o conhecimento e com a imersão cultural do ILS. As lutas surdas resultam em ações governamentais, que conduzem o adentramento dos surdos em diferentes textos e contextos, sobretudo, a mediação do ILS na busca de aprofundar em conhecimento tradutório e interpretativo entre as línguas em questão.

O conhecimento cultural se dá por uma legitimação, por uma percepção da diferença. Isto implica na possibilidade das posições de poder serem assumidas de forma a que a cultura surda se livre das longas dominações e representações equivocadas dos ouvintes. Essa diferença requer que os processos tradutórios, em si, contenham significâncias que incidam a produção de sentido cultural enfatizados no próprio ato de tradução/interpretação. Perlin (2006 p.143).

O conhecimento cultural é um fator relevante ou primordial para o processo de tradução e de interpretação. As relações entre língua e cultura intensificam, sobretudo legitimam as noções de tradução, de interpretação, da produção cultural e da diferença, isso está vinculado na busca contínua do TILS em conhecer profundamente e intimamente a comunidade surda e os diferentes textos e contextos de atuação, diante dos elementos culturais, interseccionais, históricos e políticos da comunidade surda, além disso, o processo contínuo de (re)construção do TILS em espaço-tempo.

Neste sentido, a questão da diferença surda atravessa momentos em dizeres e devires na (re)construção dos TILS, a fluidez identitária de estar em fronteiras culturais em fluídos mais ou menos intensos, dependendo de como é aproximação com a cultura surda, com o momento político e com a atuação política, pode ser um determinante na formação e na qualificação dos TILS.

O momento político é atuante no momento das relações de reconhecimento, no momento do afastamento de posições de poder colonizador, de forma a que o intérprete se constitua no sujeito mediador entre culturas. Perlin, (2006 p. 144).

Entender os momentos políticos e históricos relacionados à luta de direitos linguísticos e da identidade surda, nos leva a considerar as perspectivas ouvintistas³⁰, as quais foram/são de falta de conhecimento e respeito, discriminação como deficientes, repressão e de exclusão da comunidade surda. A luta do movimento surdo contra essas práticas minorizantes e a busca de contemplar os desejos coletivos de escuta do que a comunidade quer socialmente e politicamente está em parceria com o TILS, isso demonstra o lugar que o TILS desempenha na mediação entre culturas e a função também de ecoar os devires surdos, compreendendo os artefatos culturais surdos ressignificam as suas identidades, de acordo com o momento político, com os novos lugares que vão ocupando, a partir dos saberes fronteiriços, discursos, históricos e do adentramento da comunidade surda aos diferentes espaços de conhecimento.

Vale ressaltar, que em meados dos anos 2000, criam-se várias associações estaduais de TILS no Brasil³¹, no ano de 2008 criou-se a Federação Brasileira das Associações de Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais (FEBRAPILS). As associações e federações de TILS representam um espaço discursivo de ativismo e militância acerca do trabalho e da formação de tradução e interpretação Línguas de Sinais- Línguas Orais, Línguas de Sinais-Língua de Sinais, a fim de afirmar os TILS enquanto uma classe trabalhadora., contribuindo para um olhar político e sociológico sobre o ato de traduzir e interpretar.

Também há as leis, por exemplo, a lei 12.319/2010 que regulamenta a profissão do tradutor e intérprete, a qual prevê a formação de intérprete apenas no nível médio e técnico, posteriormente a Lei 13.146/2015 referente a Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), aponta algumas especificidades da formação e da atuação dos TILS, o TILS que atuará em nível superior tenha a formação adequada, ou seja, uma graduação, além disso, o direito à presença do TILS em diferentes textos e contextos.

No que tange as (re)construção das identidades dos TILS em Argentina vale ressaltar os trabalhos de Famularo, desde a década de 90 em seus artigos destacam as práticas de

³⁰ O conceito de ouvintismo é definido como um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais. Skliar (1998, p 15).

³¹ Conforme o mapeamento atualizado da FEBRAPILS no Brasil temos 21 associações de tradutores e intérpretes de Libras-português. <https://febrapils.org.br/>

interpretação Español-LSA³² uma estudiosa de destaque sobre a tradução e a interpretação na Argentina, destaco o seu artigo “La interpretación em lenguas de señas: desde de la marginalidade a la profesionalización”³³, identificando a necessidade de formação desses profissionais neste período, visto que os primeiros profissionais vêm também de uma formação empírica:

Como ocurre generalmente con las lenguas minoritarias, los primeros intérpretes eran voluntarios. Personas oyentes involucrados existencialmente con personas sordas: familiares, con frecuencia hijos. Profesionalmente como docentes, asistentes sociales, celadores de internados, enfermeros o, accidentalmente, vecinos o compañeros. Famularo (2001 p.5).³⁴

Vale destacar que autora não menciona os espaços religiosos, mas que esses profissionais citados aprendiam a Língua de Sinais por meio do contato com os surdos, a partir disso eram convidados para atuar. Além disso, Famularo (2001) destaca a sociologia de traduzir para pensar na formação profissional do TILS, ao argumentar sobre os processos de profissionalização a partir de um pensamento sociológico para contribuir reflexão do TILS - da marginalização a profissionalização do TILS, ou como Pereira (2006) no Brasil – de anjos a profissionais:

Paralelamente, los desarrollos de las ciencias sociales y una mayor consideración social a favor de la diversidad, permitieron un progresivo cambio en las prácticas y la demanda por parte de los mismos sordos por un intérprete profesional con sólidos saberes y competencias interlingüísticos e interculturales. Famularo (2001 p.7)³⁵

No ano de 1999 ocorre a primeira formação profissional de nível técnico ou uma carreira universitária³⁶ de interpretação Espanhol-Língua de Sinais Argentina na cidade de Buenos Aires no Instituto de Formación Técnica Superior N° 27, a qual oferece até os dias de hoje³⁷. No ano de 2004 inicia a tecnicatura universitária na Universidad Nacional de Cuyo (UNCYO),

³² Em seu livro FAMULARO. R. Despejar x Interpretación em lengua de señas y em lengua oral. Facultad de Humanidades y Ciencias de Educación de Udelar: Montevideo: 2018. Esta obra destaca de alguma forma um apanhado reflexivo das suas produções sobre a interpretação de Línguas de Sinais- Língua Orais.

³³ A interpretação em Língua de Sinais: da marginalidade à profissionalização.

³⁴ Como geralmente ocorre no caso com línguas minoritárias, os primeiros intérpretes eram voluntários. Pessoas ouvintes envolvidas existencialmente com os surdos: parentes, com frequência os seus filhos. Profissionais como professores, assistentes sociais, guardas ou zeladores dos internatos, enfermeiras ou, acidentalmente, vizinhos ou colegas.

³⁵ Ao mesmo tempo, o desenvolvimento das ciências sociais e uma maior consideração social em favor da diversidade, permitiram uma mudança progressiva nas práticas e a demanda dos próprios surdos por um intérprete profissional com sólidos conhecimentos, habilidades interlinguísticas e interculturais.

³⁶ Tecnicatura en interpretación de Español- Lengua de Señas Argentina.

³⁷ <https://educacionute.org/carrera-intérprete-en-lengua-de-senas-argentina/>

sendo a primeira universidade na Argentina a oferecer a carreira, hoje em outras Universidades das províncias argentinas³⁸ também funcionam ou funcionaram.

Em 2015 a tecnicatura em estudios de comunicación no verbal y el ciclo de Licenciatura em interpretación e traducción em formas de comunicación no verbal de la Universidad de Lanus em parceria com el Ministerio de Justicia y Derechos Humanos de la Nación³⁹. Vale lembrar as formações e certificações de intérpretes da ASAM (Asociación de Sordomudos de Ayuda Mutua) de Buenos Aires realizadas mais de 20 anos e também as formações extensionistas da UBA (Universidad de Buenos Aires⁴⁰)

As associações de TILS na argentina são atuantes, por exemplo, la Asociación Mendocina de Intérpretes de Lengua de Señas (AMILSA)⁴¹, la Asociación Civil de Docentes e Intérpretes de Lengua de Señas Argentina (ACDILSA)⁴² e a Asociación Argentina de Intérpretes de Lengua de Señas (AAILS)⁴³.

También há alguns decretos e leis, por exemplo, a província de Mendonza, o Decreto reglamentario de la ley 7.393/2005 - ley de supresion de barreras comunicacionales a traves del uso de la lengua de señas argentina (lsa)-reconocimiento de la lengua de señas argentina⁴⁴. Em Buenos Aires existe a lei 672/2001, Artículo 1-. *Se reconoce oficialmente el lenguaje e interpretación de señas como lengua y medio de comunicación para las personas con necesidades especiales auditivas en todo el territorio de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires*⁴⁵. Além disso, o artigo 66 da Lei 26.522 de Serviços de Comunicação Audiovisual, promulgada em outubro de 2009, fornece acessibilidade por meio da interpretação da LSA e de legendagem para surdos. Nesse sentido, é relevante analisar as disposições do artigo 66 da Lei 26.522⁴⁶ e seu Regulamento (Decreto 1225/2010)⁴⁷:

Que las emisiones de televisión abierta, la señal local de producción propia en los sistemas por suscripción y los programas informativos, educativos, culturales y de

³⁸ UNER (Paraná), UPAP (Salta), COMAHE (Neuquén), UNVM (Villa María) UNCYO (Mendoza).

³⁹ O técnico em estudos da comunicação não verbal e o ciclo de bacharelado em interpretação e tradução em comunicação não verbal da Universidade de Lanus em parceria com o Ministério da Justiça e direitos da nação. <https://www.buscouniversidad.com.ar/ciclo-de-licenciatura-en-interpretacion-y-traduccion-en-formas-de-comunicacion-no-verbal-buenos-aires-lanus-unla-FO253483>

⁴⁰ Universidade Nacional de Buenos Aires.

⁴¹ Associação Mendocina de Língua de Sinais Argentina, trata-se da província de Mendoza.

⁴² Associação Civil de Docentes e Intérpretes de Língua de Sinais Argentina, trata-se da província do Chaco.

⁴³ Associação Argentina de Intérpretes de Língua de Sinais. Sua sede na cidade de Buenos Aires.

⁴⁴ Decreto regulamentar 7.393/2005 - lei para a supressão de barreiras de comunicação através do uso da língua de sinais argentina (lsa) - reconhecimento da língua de sinais argentina.

⁴⁵ Reconhece oficialmente a interpretação da linguagem de sinais como língua e meio de comunicação para pessoas com necessidades especiais de audição em todo o território da Cidade Autónoma de Buenos Aires.

⁴⁶ <http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/155000-159999/158649/norma.htm>.

⁴⁷ <http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/170000-174999/171306/norma.htm>.

interés general de producción nacional, deben incorporar medios de comunicación visual adicional en el que se utilice subtítulo oculto (closed caption), lengua de señas y audio descripción, para la recepción por personas con discapacidades sensoriales, adultos mayores y otras personas que puedan tener dificultades para acceder a los contenidos⁴⁸.

Trazer essas leis e os movimentos associativos em relação aos TILS manifestam de uma certa forma os momentos políticos e a (re)construção da identidade dos TILS no cenário dos países em questão Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, além disso, faz-se entender o objeto de estudo desta tese que é a produção da tradução literária para Línguas de Sinais que contemplam e movem o direito à literatura. Para tanto, continuo ilustrando a identidade do TILS por meio desse olhar, tentando articular as leis e os movimentos associativos, entre eles, o destaque da *Asociación*.

No Paraguai sobre os TILS a comunidade surda paraguaia, enquanto movimento social, luta pelos direitos linguísticos e humanos, por exemplo, o Centro de Surdos do Paraguai foi fundado em 1961 e é referência na luta por uma educação de qualidade, tendo como base a inclusão da Língua de Sinais como língua de instrução, bem como o reconhecimento oficial da LSPy; a formação e o desenvolvimento de intérpretes de Língua de Sinais para atuar em diferentes contextos, também o acesso a um serviço de saúde de qualidade, ao emprego, justiça social; às tecnologias e aos materiais educativos e formativos em LSPy, entre outros direitos que de fato tornem esses sujeitos inseridos e participantes de uma sociedade.

Segundo o coordenador do Centro de Relevos os intérpretes não eram profissionais devidamente qualificados, mas sim familiares de surdos, professores, assistentes sociais e alguns de filantropias religiosas, ou seja, aqueles que tinham o convívio com a comunidade surda. Vale pontuar algumas leis sobre as informações acima.

Vejamos o que preconiza a Lei nº 4251/2010 sobre as línguas usadas no Paraguai:

La presente Ley tiene por objeto establecer las modalidades de utilización de las lenguas oficiales de la República; disponer las medidas adecuadas para promover y garantizar el uso de las lenguas indígenas del Paraguay y asegurar el respeto de la comunicación visogestual o lenguas de señas. A tal efecto, crea la estructura

⁴⁸ Que as emissoras de televisão aberta, o sinal local de produção própria em sistemas de subscrição e programas informativos, educacionais, culturais e de interesse geral de produção nacional, devam incorporar meios de comunicação visual adicionais em que são utilizadas legendas ocultas (closed caption), língua de sinais e audiodescrição, para recepção por pessoas com deficiência sensorial, idosos e outros que possam ter dificuldade de acesso ao conteúdo.

organizativa necesaria para el desarrollo de la política lingüística nacional.⁴⁹

A Lei nº 4336/2011 que establece a obrigatoriedade da linguagem de sinais nos informativos de comunicação audiovisuais destaca:

- b) Reconocer el lenguaje de señas o visogestual utilizado por las personas con discapacidad auditiva, como medio de expresión y comunicación con los demás miembros de la sociedad.
- c) Promover e imponer la obligación de la adaptación de los medios de comunicación audiovisual a formatos que puedan hacer posible la difusión de información, a través del lenguaje de señas o visogestual ⁵⁰

O país tem a Asociación Nacional de Intérpretes de Lengua de Señas, Intérpretes Sordos y Guías Intérpretes para Sordociegos del Paraguay (ANILSPAR)⁵¹ e os TILS têm lutado para uma formação qualificada em tradução e interpretação como acontece em outros países Sul-americanos, em que essas formações acontecem por meio das Associações de surdos e de intérpretes. O governo paraguaio, por meio da Secretária de Políticas Lingüísticas e dos Ministerios da Educação e do Desenvolvimento Económico e Social, apoiou a atualização e criação de um dicionário digital em LSPy que foi lançado em agosto de 2018. Além disso, vale citar o Centro de Relevó – Comunicación Accesible Para Personas Sordas criado em 2013.

El Centro de Relevó es un servicio de comunicación telefónica que permite poner en contacto a personas sordas con personas oyentes, o con las entidades o servicios que deseen. Al Centro de Relevó se puede acceder por canal telefónico o de forma virtual a través de internet. Este servicio es prestado por asistentes de comunicación cualificados que se encargan de establecer un puente de comunicación que hace posible la efectiva interacción social o la consulta y solicitud de información entre

⁴⁹ O objetivo desta Lei é estabelecer as modalidades de uso das línguas oficiais da República; providenciar as medidas cabíveis para promover e garantir o uso das línguas indígenas do Paraguai e assegurar o respeito à comunicação viso gestual ou às línguas de sinais. Para tal, cria a estrutura organizacional necessária ao desenvolvimento da política lingüística nacional.

⁵⁰ b) Reconhecer a língua de sinais ou linguagem viso gestual utilizada pelas pessoas com deficiência auditiva, como meio de expressão e comunicação com os demais membros da sociedade.

c) Promover e impor a obrigação de adaptação dos meios audiovisuais a formatos que possibilitem a divulgação de informação, através da língua de sinais ou sinais visuais.

⁵¹ Associação Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais, Intérpretes Surdos, e Guias Intérpretes para Surdos Cegos do Paraguai (ANILSPAR).

personas sordas y personas oyentes con quienes interactú.⁵²

Esse serviço oferecido pelo Centro de Relevo garante a interpretação Espanhol- LSPy e Guarani-LSPy, sendo um espaço no Paraguai que assegura a comunicação da comunidade em diversos textos e contextos de tradução e interpretação, como uma política comunicação. O centro de relevo é como um viveiro para o treinamento de intérpretes de LSPy. Os intérpretes estão em contato diário com a comunidade surda através de ligações, diante das demandas dos surdos. Isso os torna competentes em termos de tradução e interpretação.⁵³

Além disso, posso dizer que o Centro de Relevo é uma rede de conhecimento e de política nas ações e manifestações identitárias dos TILS no Paraguai, contemplando os modos de ser TILS em atuação e produção nos espaços do território paraguaio em LSPy-Espanõl-Guarani. Além disso, esse espaço e outros (associações) contemplam as identidades dos TILS no Paraguai em relação a tradução dos textos e contextos literários na política de valorização do tradutor surdo e protagonismo no processo.

No que diz respeito ao Uruguai, de acordo com o Siré (2018), os primeiros intérpretes não eram profissionais devidamente qualificados, assim como nos outros países, vindos da empiria do convívio com os familiares surdos, alguns professores, em alguns casos, religiosos.

Em 1993, o Centro de Investigación y Desarrollo de la Persona Sorda (CINDE) uma instituição privada, a qual foi fundada com três objetivos principais: ter a LSU reconhecida como língua natural dos surdos em todo o Uruguai (fato que se consumou em 2001); desenvolver a formação intérprete.

Como resultado da Lei 17.378/2001, um programa para intérpretes certificados foi estabelecido pelo CINDE, também o oferecimento de um curso de Língua de Sinais de dois ou cinco anos de formação. As aulas são ministradas por professores surdos e acontecem de três a quatro vezes por semana. De acordo com Belloso (2010), em 2009 havia duas centenas de estudantes no CINDE.

Apesar de perceber que muitas ações ainda precisam ser construídas e realizadas no sentido da real inserção do sujeito surdo à nação uruguaia, podemos perceber já a criação de

⁵² O centro de relevo é um serviço de comunicação telefônica que permite aos surdos entrarem em contacto com pessoas com capacidade auditiva, ou com as entidades ou serviços que pretendam. A Central de Retransmissão pode ser acessada por canal telefônico ou virtualmente pela internet. Este serviço é prestado por auxiliares de comunicação qualificados que se encarregam de estabelecer uma ponte de comunicação que possibilite uma efetiva interação social ou consulta e solicitação de informações entre surdos e ouvintes com quem interagem. <https://centroderelevo.gov.py/index.php>

⁵³ Segundo os coordenadores do centro de relevo, eles são avaliados em termos de competência interpretativa, também recebem treinamento.

um ambiente com mais acesso ao desenvolvimento do cidadão da comunidade surda o que parece estar se movendo em uma direção positiva, especialmente pela participação ativa da ASUR e também do CINDE, beneficiando as políticas linguísticas e de tradução, também a formação de tradutores e intérpretes para atender diferentes contextos de atuação em todo o Uruguai. Segundo os documentos legais citados acima, o trabalho do futuro é desenvolver uma comunidade que esteja focada em aumentar o acesso dos surdos aos ambientes universitários e de cuidados relacionados à saúde, buscando o aperfeiçoando dos profissionais de tradução e interpretação LSU-Espanhol-LSU.

A partir das investigações desenvolvidas no campo da linguística da Língua de Uruguiaia, conforme já salientado os trabalhos dos pesquisadores e professores Behares, Peloso e dentre outros no Uruguai, em 2009 a Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad de la República del Uruguay (UdelaR)⁵⁴ criou la Tecnicatura Universitaria en Interpretación Lengua de Señas Uruguay (TUILSU)⁵⁵. Conforme Famularo (2011 p.8), a autora explana em suas considerações que aceitar o desafio de estar e (re)construir a TUILSU significa acompanhar os intérpretes LSU-Espanhol-LSU na sua formação universitária e na construção de conhecimentos e tarefas para um desempenho profissional eficiente e eficaz numa sociedade multilíngue e multicultural.

Um ponto alto a destacar é sobre a identidade dos TILS surdas/os, principalmente no processo político, sociológico e protagonista das traduções literárias em Línguas Orais (na modalidade escrita) - Línguas de Sinais e dos espaços que adentram enquanto TILS, vale citar também a interpretação de Línguas Sinais- Línguas de Sinais em conferências. Já sobre o trabalho dos intérpretes surdas/os, vale ressaltar os estudos e as publicações argentinas e brasileiras, por exemplo, Drueta (2008), Strobel (2011), Campello (2014), Siqueira (2015), Granado (2019), Ferreira (2019), e Searls (2019).

As/os tradutoras/es surdas/os como protagonista são os sujeitos que aparecem prioritariamente nas vídeo-traduições (vídeo livros), no entanto, quero dizer que esse processo não ocorre isoladamente ou individualmente, e sim como um ato compartilhado entre línguas e culturas, diante de um texto especializado, sobretudo essa produção ocorre em equipes de tradutora/es surda/os e tradutoras/es ouvintes, isto é uma experiência compartilhada⁵⁶ por meio das negociações de sentidos do texto e do contexto das performances entre tradutor surdo e ouvinte para chegar no produto final traduzido, ou seja, as vivências e as significações do texto

⁵⁴ Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação da Universidade República do Uruguai (UdelaR).

⁵⁵ O técnico universitário em Interpretação Língua de Sinais Uruguiaia.

⁵⁶ Santana (2010), chamou esse ato de “tradução compartilhada”.

de partida ao texto de chegada.

A valorização das/os surdas/os no processo de traduzir um texto da língua escrita para uma língua sinalizada é um potencial híbrido cultural. A identidade dos tradutores surdas/os (re)construídas mutuamente em um exercício político dos movimentos de lutas surdas dentro das redes de conhecimento e muitos já inseridos nos espaços educacionais como professores, com formações em licenciatura (*profesorado*) na área de ensino de Língua de Sinais, Pedagogia e outras, os quais mergulham no ato de traduzir do português e do espanhol para línguas de sinais.

Os apontamentos apresentados nessa seção sobre a identidade dos TILS foram e são relevantes para compreensão de um processo híbrido e cultural da (re)construção do TILS, contextualizando a agência e redes conhecimentos que proporcionam a reflexão sobre os processos identitários. Na próxima seção abordo as questões de Língua, Relação e Línguas de Sinais, como um dos contextos de aproximações com a literatura traduzida.

2.4 LÍNGUAS DE SINAIS: LÍNGUA SELVAGEM E RELAÇÃO

A reflexão que faço nesta seção acerca da Língua, da Relação e das Línguas de Sinais está conceituada em alguns apontamentos apresentados por Anzaldúa (2009) e Glissant (2005).

Anzaldúa (2009 p.312) aponta que a identidade étnica e a identidade linguística são unha e carne, essa afirmação demonstra um conceito para compreender o lugar em que estamos, o hibridismo em um espaço, além disso, como a língua desencadeia determinados elementos em relação à cultura e à literatura quando pensa-se em acesso.

Conforme já salientado, as Línguas de Sinais são Línguas Nacionais de um grupo minorizado nos diferentes países. Posso pensá-las como Línguas Selvagens a partir da metáfora de Anzaldúa (2009) – ainda mais que são de outra modalidade linguística visual-espacial-gestual relacionada a subjetividade surda – as quais ganham credibilidade nos Estudos Linguísticos na Argentina, no Brasil e no Uruguai na década de 80.

As Línguas de Sinais são suprimidas pelas línguas oficiais dos países em questão, até mesmo, pelo discurso que a/o surda/o para ser de fato incluída na sociedade em geral deve saber a língua da maioria no país para ter acesso à cultura e literatura. Essa supressão pode-se dar nas práticas e nos objetivos em traduzir textos, levando a subtrair as línguas em questão, ou seja, domá-la para que uma das línguas seja mais importante em detrimento da outra. Para a comunidade surda a Língua de Sinais é a língua de acesso.

O pensamento de Anzaldúa me faz refletir sobre isso ao introduzir seu artigo relatando sua ida ao dentista, se valendo do órgão língua como metáfora da linguagem “*E eu penso, como você doma uma língua selvagem, adestra-a para ficar quieta, como você a refreia e põe sela? Como você faz ela se submeter?*” “*Línguas selvagens não podem ser domadas, elas podem apenas ser decepadas.*” Anzaldúa (2009, 305).

Percebo na tradução para as Línguas de Sinais este adestramento, as línguas espanhola e portuguesa, quando temos um texto que não parecerá com um texto em língua de sinais e sim um “texto traduzido”, demonstrando um projeto que não se propõe a valorizar as Línguas de Sinais em suas características linguísticas (morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas), literárias e culturais. Assim como o dentista de Anzaldúa (2009, p. 305), quando a tradução não se propõe a se abrir para as características da língua, este é um procedimento resultado de processos de silenciamento, associados à autora ticana ao decepamento do órgão responsável pela fala em “pessoas oralizadas”, entendendo as Línguas de Sinais como línguas que sempre precisam se curvar e se submeter à aspectos das Línguas Hegemônicas, o qual o objetivo é aprender a segunda língua não fato entender um texto é um tema em sua língua, podemos

compreender como um processo de colonizador em tradução.

Mas devemos pensar em uma língua ou em um texto que possam conectar a identidade da comunidade surda capaz de comunicar as realidades e valores verdadeiros para eles mesmos, uma língua com termos que não são nem espanhol e nem português, mas em LSA, Libras, LSPy e LSU, Anzaldúa (2009, 307). Esse questionamento será aplicado no momento da análise crítica da produção dos vídeo-livros em Línguas de Sinais do córpus deste trabalho.

As traduções de línguas de um mesmo país podem promover um hibridismo, a partir das relações culturais ocorridas no país, principalmente levando em consideração aspectos relacionados ao contato entre língua, cultura e nações. A Anzaldúa (2009) parte da pergunta como domar uma língua selvagem, ou seja, como impedir o desenvolvimento de uma língua, pois esta faz parte da vida desses indivíduos e da forma de como eles interagem, tanto na escola, na família, na comunidade e no trabalho. Nos Estudos da Tradução, é relevante trazer o pensamento fronteiro de Anzaldúa como a tradução literária pode ser domada nos aspectos da segunda língua.

Desta forma, percebe que ser surdo pode estar na fronteira entre as línguas, mas também é manter viva suas manifestações culturais, desenvolvendo uma identidade a partir da descoberta de sua história.

A questão ou a noção de Relação apresentada por Glissant (2005 e 2021) leva a refletir sobre a subjetividade surda e os espaços dos países pesquisados no que converge entre Língua e Literatura Traduzida, sobretudo a literatura como forma de apropriação. Elnice Albergária Rocha, tradutora de Glissant, nos apresenta a noção de Relação na obra do teórico martiniquense:

A noção de Relação ressalta a importância de se considerar a confluência da multiplicidade das expressões culturais dos povos e das minorias na abordagem do fenômeno da globalização, uma vez que o discurso dominante considera, de forma quase que exclusiva, apenas seus aspectos políticos e econômicos. (Rocha, 2002, p.23).

A maneira como traduzimos e como percebemos as relações entre línguas de sinais e línguas orais e oficiais de uma país será afetada por estas relações de poder a partir das decisões tomadas por agências e redes de conhecimento que fomentam a produção de materiais traduzidos para línguas de sinais. Moldes coloniais de se pensar a língua são rígidos devido a sua legitimidade e ao ainda insuficiente questionamento destas práticas que não questionam a globalização como uma forma atualizada de colonizar.

Dessa forma, é possível perceber aspectos dominantes que atravessam a comunidade surda na noção de espaço, história, língua e literatura a partir do pensamento de Glissant (2021) antes mesmo de começarmos a tradução, pois estes aspectos são consequência do poder de escolha sobre o que vamos ler, o que vai ser traduzido e como este material vai ser traduzido.

A partir da oposição entre o enraizamento cultural e a Relação da totalidade das culturas, como nos apresenta Rocha,

A confluência das culturas está determinando com transformações tanto nas sociedades e comunidades, quanto nas sensibilidades dos seres humanos; e os povos, sobretudo os que emergem da colonização, vêem-se confrontados com um movimento duplo e aparentemente contraditório: o de seu enraizamento cultural, necessário à sua sobrevivência, e o da Relação da totalidade das culturas. (Rocha, 2002, P.23)

Podemos pensar a complexidade da necessidade de propormos reflexões mais profundas sobre traduções em língua de sinais quando pensamos a prática tradutória no mundo globalizado, entendendo-o como uma atualização da colonização. Embora seja um assunto vastamente estudado, os rígidos moldes existentes na globalização tornam questionamentos à matriz algo passível de rejeição, descredibilidade ou até mesmo ataques que extrapolam o nível profissional podem chegar até mesmo ao nível pessoal.

Se dar conta dessas Relações é se dar conta de que existem grupos e linhas de pensamento priorizados que se sustentam até que de alguma forma consigamos romper com o silenciamento e encararmos a prática tradutória com honestidade e abertura para mudanças que desestabilizam a globalização como discurso de equidade social e política.

Se nascemos e crescemos em um mundo globalizado, é necessário nos observar e nos questionar e entender as consequências de nossas escolhas tradutórias e a que comunidade ela serve, pensando para além dos interlocutores que ela atinge, mas como essa interlocução é feita. Isso não é diferente com as agências, especificamente, com os tradutores Línguas Orais - Línguas de Sinais o pensamento colonizador reflete em algumas práticas tradutórias em determinado tempo e espaço, naquilo que é pensado como o “melhor”, as questões do mercado e do estado, quais dirão o que é necessário e qual conhecimento deve ser destacado é priorizado. As políticas literárias e do cânone respondem à questão da Relação abordada aqui.

Entender o espaço da comunidade surda nos países em questão mostra como as agências entendem o que escolher para traduzir e que os textos traduzidos vivem uma dupla competência em Relação a apropriação da língua pela literatura, em alguns casos percebe-se os conflitos entre as duas línguas nos textos traduzidos. A partir do momento que os tradutores Línguas

Orais-Línguas de Sinais mergulham nos espaços de conhecimento cultural, sendo críticos às formas culturais e literárias enraizadas, as transformações ocorrem no processo de tradução e no ato de traduzir.

No projeto literário de Glissant (2021 p. 87), espaço, tempo e língua são solidários, esses estão em rede. Penso que nas Línguas de Sinais, a poética da relação é uma busca ontológica de situações de contatos culturais em termos de país e de mundo, sim na prática, a qual pode refletir nas políticas traduzidas/literárias das Línguas de Sinais, como uma ação política/sociológica de traduzir, sim uma poética da descolonização, ou seja, construir textos em Línguas de Sinais que manifestam a imaginação poética e linguagem literária sem tentar impor os valores, atitudes e pontos de vista da cultura e língua oral dominante.

Diante da poética da relação como forma de conectar língua, história e literatura, a questão dos lugares interseccionais é relevante para compreendermos os entrecruzamentos para localizarmos a literatura traduzida em Língua de Sinais e seleção literária que possa ser realizada. A próxima seção abordará este tema.

2.5 LUGARES INTERSECCIONAIS

A minha inquietação política para refletir sobre os lugares interseccionais na constituição discursiva da tradução, tem como base teórica os estudos realizados por Crenshaw (2015), Smith e Slade (2013), Akotirene (2019) e Collins e Bilge (2021) o que me levou a pensar sobre uma agenda da subjetividade dos tradutores e da seleção de textos literários a serem traduzidos. Slade (2013) aponta a origem do conceito de interseccionalidade é citado, a partir do Combahee River Collective, era socialista liderado por feministas negras estadunidense no final da década de 70. Reflito a interseccionalidade no que diz respeito aos temas entrecruzados a gênero, a raça, a classe social, a faixa etária, ao discurso, atributos físicos, (in)capacidade, região, cultura, patriarcado, as (in)visibilidades e as políticas de identidades, acreditando que a partir do momento que tivermos a devida atenção a esses elementos poderá dirimir e entender as relações das poéticas e políticas da tradução dos textos literários, sobretudo, nas relação aos espaços que estamos, como os nossos entrecruzamentos são uma referência para ressignificarmos o que é traduzido e entender as escolhas dos textos traduzidos.

As autoras Collins e Bilge (2021 p.41) apresentam o conceito de interseccionalidade como ferramenta analítica aponta para várias dimensões relevantes do aumento da desigualdade global, com isso a desigualdade social não vai se aplicar igualmente a mulheres, crianças, pessoas negras, pessoas com capacidades diferentes, diferenças linguísticas, pessoas trans, populações sem documento e grupos indígenas. Sobretudo, “a própria interseccionalidade é multifacetada e como visa a entender e analisar a complexidade do mundo, requer estratégias complexas”, ou seja, o que as autoras apontam não se trata o que a interseccionalidade é, mas o que ela pode fazer.

As autoras ainda continuam, em vez de ver as pessoas como uma massa homogênea e indiferenciada de indivíduos, a interseccionalidade fornece estrutura para dirimir como categorias de raça, classe, gênero, idade, estatuto de cidadania e outras posicionam as pessoas de maneira diferente no mundo. Refletindo, que alguns grupos são especialmente vulneráveis às mudanças na economia global, enquanto outros se beneficiam desproporcionalmente delas. A interseccionalidade fornece uma estrutura de interseção entre desigualdades sociais e desigualdade econômica como medida da desigualdade social global.

Portanto, não se trata de compreender uma dimensão da vida social como as relações de gênero, por exemplo, como única categoria para análise, mas compreender as complexas relações entre essas dimensões, conduzem a políticas de tradução, a literatura. Na verdade, trata-se de uma categoria que passou a ser usada por agentes políticos na construção política de

traduzir e do dizer o que somos.

Por esse motivo, isto é, por ser descritiva dos processos pelos quais dá-se sentido à luta, talvez seja mais interessante tomar a interseccionalidade como uma racionalidade política e não como uma identidade coletiva que opere e se sustente na relação com outras identidades sustentadas nos movimentos. Para afirmar que a interseccionalidade, no modo pelo qual apropriada por movimentos sociais pode ser compreendida enquanto uma racionalidade política, acredito ser possível apontar que vemos a evolução de uma racionalidade político-interseccional para além de uma noção e boas ideias, sim como uma teoria social crítica.

A flexibilidade ou rigidez e o potencial de exclusão ou de inclusão de uma racionalidade política pode influenciar em sua capacidade de evoluir para uma operacionalidade, ou seja, um modo de dar sentido à atuação política que pode passar a orientar diversos movimentos sociais e de trabalho. A reflexão sobre a sistematização de um espaço que lide com as manifestações culturais, possuem um discurso atribuído às questões identitárias e sociais, específicas da língua, da cultura e dos discursos político-ideológicos e está em voga as questões de raça, gênero e classe social

Diante disso, farei agora alguns questionamentos tensionados à questão de classe social e das intersecções, pensando a tradução como um trabalho, por meio do pensamento de Silva (2019 e 2020) e Fanon (2005). Temáticas relacionadas a empoderamento, lugar de fala, representatividade, consenso, diálogo, democracia, interseccionalidade, apropriação cultural, colorismo, acessibilidade e outros conceitos que compõem a linguagem política hegemônica, a maioria importada dos Estados Unidos e vinculadas ou cooptadas por multinacionais.

O imperialismo, domínio dos monopólios estrangeiros sobre nossa economia e coisas básicas, como o papel dessas multinacionais na promoção do extermínio dos povos originários nos países da periferia, como povos quilombolas, luta de classes, estado burguês, exploração, poder popular, nacionalismo revolucionário, luta anticolonial, violência revolucionária, auto-organização⁵⁷. Agora eu questiono: que classe trabalhadora somos nós TILS? E quando somos negres, também LGBTQIA+ e TILS como somos vistos? Qual é a função da tradução literária em uma abordagem interseccional?

Uma discussão sobre o trabalho do TILS como prática de modos de ação ou até como modo de vida, portanto, são eminentemente as políticas e as identidades deste trabalho, os TILS como classe trabalhadora? Quais as tarefas do TILS e suas interseccionalidades (raça, gênero, classe social) no exercício do seu trabalho? Em torno de que práticas de formação nas temáticas

⁵⁷ Pensamento de Santos (2019 e 2000)

intersubjetivas, constituindo, assim, um espaço pedagógico com o outro por meio do trabalho tradutório e interpretativo em uma noção político-teórica operativa ou uma teoria crítica social? Existem currículos interseccionais na formação de TILS? Como apontar para o deslocamento da perspectiva do trabalho do TILS que traduz textos literários em consideração à abordagem cultural e anticolonial das agendas de raça, gênero e trabalho?

Esses questionamentos serão contemplados de alguma forma por meio dos diários presentes no capítulo 3, a partir das interlocuções, que podem e devem ser pensados também para além desta tese, pois devemos nos comprometermos como agentes sociais no processo de tradução e da seleta literária a ser traduzida, os lugares de onde somos como TILS sul-americanos. Na próxima seção apresentará o eco das vozes no processo de traduzir para as Línguas de Sinais e quais são as influências políticas/sociológicas no contexto de sul-americano (Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai).

2.6 LATINO-AMERICANOS (SUL-AMERICANOS) E O ECO DAS VOZES

Dizer de uma localização, dizer dos nossos vizinhos, das nossas fronteiras e das nossas aproximações, sobretudo das nossas lutas em comum e como nos dizem geograficamente latino-americanos-americanos e Sul-americanos. Assim recorro como brasileiro às perguntas de Canclini (2008)⁵⁸ e o pensamento de Mignolo (2007)⁵⁹ -1 -” o que significa ser latino-americano?” - 2 -“quem quer ser latino-americano?” - 3 - “a quem interessa ser latino-americano” e no caso dos países das pesquisas e no subcontinente que estamos - 4 - “quem quer ser sul-americano?” - 5 - “a quem interessa ser sul-americano?” - 6 - “nos reconhecemos como TILS latino-americanos e sul-americanos? – 7- “Os surdos se reconhecem como latino-americanos e sul-americanos?

As três primeiras perguntas de Canclini (2008 p. 15) podem adquirir um significado especial quando forem respondidas pelos brasileiros que o idioma oficial do Brasil é o português, pensarmos em América Latina uma porção do continente americano que em sua maioria as línguas faladas e oficializadas são neolatinas - o espanhol, o português, o francês - na história a região foi conquistada e explorada, principalmente, pela Península Ibérica (Espanha e Portugal). Quando pensamos em Sul-América também prevalece em sua maioria dos habitantes falantes de espanhol e português e inclusive o Cone Sul, além dos quatros países também temos o Chile que formam a região do extremo da América do Sul.

O comentador sobre os estudos de Canclini, Bruno Peron Loureiro (2009 p. 12), argumenta que a América Latina é uma região de muitos contrastes e de heterogeneidades que costuma ser um agrupamento para atender a alguns propósitos, esses característicos de viés políticos e econômicos. Além disso, o reconhecimento da diversidade da região e da relevância dos intelectuais da epistemologia do sul para interpretá-la, sobretudo, esses estudiosos propõem como Canclini noções políticas que motivam a procura de novos questionamentos sobre os países latino-americanos, as aproximações que fazemos entre nós latino-americanos, como nós nos hibridizamos com os nossos devires em comum e reconhecemos o nosso próximo território e os nossos vizinhos. As particularidades que nos aproximam como países colonizados, essas formas colonizadoras constituem determinadas políticas, ações e escolhas construídas socialmente.

Canclini (2008) dirime que a condição da América Latina extrapola a questão do

⁵⁸CANCLINI, N.G. *Latino-Americanos à Procura de um Lugar Neste Século*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

⁵⁹MIGNOLO, W. *La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2007.

território. Ou seja, num mundo recheado de migrações e comunidades transnacionais, as diversas culturas, por exemplo, argentina, boliviana, paraguaia, colombiana, brasileira ou mexicana não estão inteiramente contidas em seus países, assim como a América Latina não está inteiramente no território que leva esse nome. Seguindo o pensamento de Vieira (2011 p. 2) os inconvenientes de ser latino-americano e com isso desempenhando um latino-americanismo crítico, Canclini produz aqui uma reflexão que ao mesmo tempo se compromete com esta terra, são várias, a multiplicidade da identidade étnica e linguística e com a ideia de integridade intelectual, que rejeita as simplificações conceituais e políticas, compreendo também as intersecções identitárias e a interculturalidade do território, ou seja, *portanto queremos não captar uma identidade latino-americana autocontida, mas apurar como os novos e velhos processos se entrecruzam*. Canclini (2008, p. 26).

Uma das questões que pode responder as perguntas levantadas pelo autor é a globalização, além disso, a discursividade da identidade nacional, ampliando para ideia de aproximações relacionadas ao discurso de integração de pautas e de lutas para fortalecer os ideais em comum que pode nos unir e confluir, lembrando que há os conflitos históricos entre nós, por exemplo, entre Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina. Será que se refletem nas comunidades surdas e TILS? De alguma forma nos diários de interlocuções no capítulo 3 desse trabalho poderemos observar um pouco desse questionamento.

Um ponto em destaque sobre latino-americanidade pelo autor é a indústria cultural, o mercado neste mundo globalizado, isso me faz pensar no produto cultural dos países, nesse caso as traduções literárias dos quatro países e as especificidades das comunidades surdas. Além disso os projetos culturais da atualidade realizados para/pelas comunidade surdas a luta identitária dos surdos e dos TILS como uma manifestação cultural do mundo contemporâneo.

A ideia de Latino-América apontada por Mignolo (2007) possui duas questões relevantes que avalio como interessante para reflexão sobre a tradução de ponto de vista geopolítico: o da existência de dois paradigmas distintos e conectados pela matriz colonial de poder: o imperialista e o da colonialidade. O imperialista está ligado às práticas que cooptam também os saberes, além disso, inserem imposições de pensamento, as quais refletem nas práticas a ideia ocidental da modernidade ocidental travestida de universalidade, sendo esse argumento importante para pensarmos nas escolhas do que se traduz em termos da literatura da clássica mundial para as comunidades surdas dos países.

A colonialidade em Mignolo (2007) compreende o relato da história colonial e da exploração a partir da versão do colonizado, ou dos condenados da terra de acordo com Fanon (2005). Em resumo Mignolo (2007) define *a colonialidade é a estrutura lógico-cognitiva de*

domínio colonial que se faz o controle das metrópoles ou impérios p. 25; colonialismo se refere aos períodos históricos específicos e lugares de domínio imperial p.28; ferida colonial é a consequência psicológica ou física do racismo que se imprime a “condenação” e que os define p.30.

A geopolítica do conhecimento é uma atitude decolonial implicada na adaptação dos sistemas de pensamento e conhecimento local para incluir o sistema ocidental, produzindo o “pensamento fronteiriço”. Na abordagem decolonial, a noção de colonialidade está diretamente ligada à de modernidade, também salientando a globalização em fatos e atitudes no sistema. Com efeito, segundo o autor, a colonialidade seria a face oculta da modernidade, que surge do sentimento de inferioridade imposto nos seres humanos que não se encaixam no modelo eurocêntrico e imperialista estadunidense.

Isso não será diferente nos conhecimentos produzidos acerca das Línguas de Sinais e da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais, quando nos damos conta dessa ferida colonial digo a comunidade surda e os TILS poderemos usar as estratégias e crítica ao sistema e nos unir em diálogos em busca de um pensamento que ecoa as nossas vozes a partir das demandas.

Escolher os argentinos Canclini e Mignolo para dialogar sobre o eco das vozes latino-americanas se dá pelas aproximações entre entender os países latino-americanos, as experiências deles em Argentina e México, pois ambos fizeram esses deslocamentos e discutem o ser e o estar como latino-americanos em diferentes países, reconhecendo as particularidades políticas e econômicas dos países. Outro ponto decorrido por Mignolo (2007 p.80), como um indício da perda de importância da ideia de América Latina a criação da União dos Países da América do Sul (UNASUL). O autor coloca que a existência desta organização demonstra que até mesmo as elites *criollas* não acreditam mais na validade da ideia de América Latina como viável para a criação de uma união latino-americana. Nesse sentido a UNASUL seria indicativa do fechamento do ciclo da noção de América Latina e se insere em um processo mais amplo de mudança epistêmica no marco dos projetos decoloniais, no entanto, é perceber as particularidades entre os países, uma dessas ações atuais no Brasil, a criação da UNILA (Universidade Federal de Integração da Latino-Americana) e os projetos da Associação das Universidades Grupo Montevideu, convênio com algumas universidades da América do Sul.

A questão de me entender como latino-americano e sul-americano na minha busca de me aproximar meus estudos de literatura, Línguas de Sinais, tradução e interpretação como uma luta e integração de nós latino-americanos em países de fronteiras, neste caso, Paraguai, Uruguai e Argentina, a qual é visibilizar o eco das vozes de nós trabalhamos com a comunidade surda e TILS nesse contexto, sobretudo conhecer o trabalho da literatura traduzida em Língua

de Sinais ecoam também as vozes surdas nesse universo.

Diante disso, sabemos que isso já acontece a partir dos eventos das áreas como já fora dito, das ações da Federação/ Associação Mundial de Surdos e TILS (WFD)⁶⁰, (WASLI)⁶¹, quando temos o caso dos TILS a Região de Latino-americana e Caribe da WASLI, publicações científicas o livro *Estudios Multidisciplinares sobre las Comunidades Sordas* (2012)⁶², recentemente o volume 7, número 26 da revista *Humanidades e Inovação* com o título “Línguas de Sinais da América Latina”⁶³, também pesquisas que apresentam as Línguas de Sinais de fronteiras, por exemplo, a dissertação de mestrado de Vaz (2017) “Educação de Surdos na Fronteira de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai)” e os estudos de Araújo & Bentes (2020) sobre o caso da Língua de Sinais Venezuelana no Brasil, entre outras pesquisas e trabalhos. Isso que me faz realizar essa investigação sobre as políticas de tradução de textos literários para as Línguas de Sinais de Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai.

Como eco das vozes da comunidade surda e dos TILS nesta pesquisa são as traduções literárias como uma forma de integração latino-americana e sul-americana. Para isso o próximo capítulo pretende apresentar a Literatura Traduzida das Línguas de Sinais.

⁶⁰ World Federation of the Deaf (WFD).

⁶¹ World Association of Sign Language Interpreters.

⁶² *Estudios Multidisciplinares sobre las Comunidades Sordas*/ organizado por Massone, Mará Ignacia, Buscaglia Virginia Luisa y Cvejanov, Sandra. Essas organizadoras da Argentina.

⁶³ Organizado por Aldrete, Miroslava Cruz (México), Gonçalves, Bruno Carneiro, Ludwig, Carlos Roberto.

3. LITERATURA, TRADUÇÃO E LÍNGUAS DE SINAIS

Mundos traduzidos

"Entre tantas histórias, quais devo contar?"

Sou criança a ler/ver távolas,
Pareço não entender por onde caminhar.

Entre contos de fadas e fábulas,
Eu pareço não me encontrar.

Quais são os mundos que almejam/alvejam nos contar?

Será que elas podem definir quem eu sou,
Moldando-me Ser,
Conceituando o que penso?

Que pessoas eleitas vieram me contar?
Entre sistemas-mundos, centros, semi-periferias, periferias e polissistemas,
Onde posso estar?

Como traduzir eu, yo?
Entre tantos conceitos estou eu e yo em algum lugar?

Que infância é essa que querem me contar?
São mundos CISTemas nos quais não pareço me encaixar.

Jeff Santana, Feibriss Cassilhas e Nana Martins⁶⁴

Este poema “mundos traduzidos” transmite um pouco das ideias deste capítulo que aborda a reflexão sobre os clássicos e cânones da literatura e as teorias que contemplam o olhar e o lugar da literatura traduzida dentro do sistema literário, com ênfase nos textos literários traduzidos para as Línguas de Sinais no Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai, percebendo em sua maioria, que essas obras são voltadas para infância e juventude, por exemplo, os gêneros contos de fadas e fábulas.

Nesse sentido, evidenciamos a política da literatura traduzida e como aplicada nas Línguas de Sinais em relação ao funcionamento delas nas culturas, por meio das amostras de algumas editoras dos quatro países e das ações governamentais, essas agências produzem tais traduções de acordo com a perspectiva ou em uma busca de criar uma produção literária em Língua de Sinais com determinados objetivos. Para entendermos essas questões adentraremos

⁶⁴ Poema escrito pelos integrantes do Sarau.

nas teorias e em analisar as escolhas dos textos ou da seleta literária nos faz entender assuntos e aspectos do sistema- mundo literário. Diante das redes de conhecimento analisaremos um pouco sobre as políticas de tradução para textos literários para as Línguas de Sinais.

3.1 OS CLÁSSICOS E A FORMAÇÃO DO CÂNONE NA LITERATURA TRADUZIDA PARA AS LÍNGUAS DE SINAIS

Um estudo sobre a tradução da literatura para infância, a partir de contos conhecidos e denominados como clássicos da literatura mundial se faz dentro de uma genealogia destes textos, buscando encontrar suas origens, os modos de leitura e de compreensão de obras que atravessam séculos e milênios, as quais ilustram os pensamentos em torno deste texto em termos de crítica literária. Cada vez que uma história é recontada, ela é transformada, recriada, reinventada por quem a conta. Não esquecendo da perspectiva imperialista e da colonialidade que exerce seu poder no processo leitura e na recriação de um conto ou de clássico.

Tais intervenções, geralmente, alteram a narrativa, uma vez que as interpretações e os sentidos são plurais, o que permite que esta prática aumente ou diminua as nuances da história narrada e traduzida e toda essa dinâmica dependerá dos objetivos vislumbrados, o que passa pelas pluralidades e subjetividades da obra e da autoria. Além disso, um texto sempre precisa ser questionado, investigado, esmiuçado, especialmente no momento de ser traduzido.

As representações construídas em obras canônicas ou clássicas da literatura mundial nos levam a indagar os motivos pelos quais tais obras são universais e tão requisitadas, inclusive, no contexto da tradução. A sugestão da leitura de clássicos, especialmente, na infância ou na escola, é defendida por inúmeros autores, educadores e críticos, que afirmam a importância dessas leituras no diálogo com o contexto da busca e o encontro com a tradição, a história; com os valores construídos pela humanidade, o direito à literatura e ao imaginário real e ficcional, esses valores dependendo da obra estão inseridos na exclusão da cultura de grupos subalternizados socialmente, além disso, não é uma literatura que contempla a diversidade cultural que compõe a sociedade e as suas intersecções.

Segundo Calvino (2007, p.16), *os clássicos servem para nos ajudar a entender quem somos e aonde chegamos* essa afirmação é de extrema relevância para pensar no pensamento colonialista de alguns preconceitos étnico-raciais, homofóbicos, misóginos e classistas da nossa, sendo este, muitas vezes, um processo profundamente doloroso, pois é forjado socialmente numa estrutura nem sempre justa e harmônica, o que também reflete a necessidade do questionamento e reflexões sobre certos sentidos e significações desse universo.

Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual. Calvino (2007 p. 10).

Determinadas redes de conhecimento, por exemplo, escolas e as mídias nos ensinam que a leitura na infância e na juventude contribui para a nossa formação como cidadãos e na nossa visão política e social, ou seja, é um ato que está presente na construção do saber, estabelecendo padrões, classificações, comparações, juízo de valores, sobretudo, a literatura clássica que participa de uma visão social com sendo a verdadeira representante do saber, da “elegância” e das imposições. A ideia em visão universal ou mundial pode conduzir a uma definição colonial que todos irão gostar? Tenho a obrigação de saber isso? Mas não saber que exista ou existiu determinada prática, ela acrescentará sim ou não? Pensar no prazer de ler, contudo nos cativa a pensar no texto, quando é lido, ou quando se faz uma escuta, para depois questionar.

O prazer do texto pode definir-se por uma prática (sem nenhum risco de repressão): lugar e tempo de leitura: casa, província, refeição próxima, candeeiro, família lá onde é preciso, isto é, ao longe e não longe (Proust no gabinete com aromas de íris) etc. (BARTHES, 1996, p. 67).

Discutir a questão da leitura dos clássicos é uma questão muito complexa, diante do argumento da subjetividade do prazer texto e da interculturalidade crítica. Talvez possa parecer que faço rodeios para dizer que os clássicos não significam a totalidade do ato de leitura e da formação do leitor, mas compreender o que ele pode representar no contexto de uma diversidade cultural e nas intersecções a partir do pensamento Machado e Soares (2021 p 15.), aliados a problematização de Catherine Walsh (2009) colocam que a concepção de interculturalidade crítica, como um olhar que questionaria a abordagem funcional vigente, ao responder os interesses e necessidades das instituições sociais no que se trata da construção de e a partir das pessoas que sofreram na história com a subalternização, devem problematizar o que essa comunidade querem ler e traduzir. Machado e Soares (2021 p.15), pontuam que a interculturalidade crítica é um processo de (re)existência, para um outro imaginário, outra forma de conviver, ser e estar em sociedade, ou seja, os sujeitos que foram subalternizados e excluídos, que sofrem com capacitismo, com o sexismo, com o racismo, com opressões de ordem diversa, invisibilidade de suas culturas e identidades necessitam de espaços de resistência para que existam de modo pleno.

Criar uma visão crítica do que se lê reflete sempre no ato de traduzir ou de recontar. Calvino (2007, p. 14) defende que “um clássico é um livro que vem antes de outros clássicos; mas quem leu antes os outros e depois lê aquele reconhece logo o seu lugar na genealogia”.

Os clássicos representam um lugar máximo no sistema literário de germinação e de modelo para outros escritores que seguem o mesmo estilo. Vale ressaltar, que para alguns ler é um deleite e que a leitura sem comprometimento ou função possa ser um exercício perigoso e transgressor, assim, é preciso entendê-la como sendo uma ação que leva o leitor aprendiz ao encontro com um tipo de literatura que se marca como tendo valor e reputação.

Diante de tudo isso, o tradutor de um clássico pode se responsabilizar nas relações entre o valor e a função de uma obra, se na língua de chegada terá o efeito estético que deseja que ocorra, portanto, o tradutor ao realizar a leitura do texto será que terá a consciência que representa um cânone, o que pode ser atraente para cativar o público da cultura de chegada em busca de um efeito estético.

A definição de cânone remete a clássico ou vice-versa:

A palavra cânone vem do grego kanón, através do latim cānon, e significava “regra”. Com o passar do tempo, a palavra adquiriu o sentido específico de conjunto de textos autorizados, exatos, modelares. No que se refere à Bíblia, o cânone é o conjunto de textos considerados autênticos pelas autoridades religiosas. Na era cristã, a palavra foi usada no direito eclesiástico, significando o conjunto de preceitos de fé e de conduta, ou “matéria pertinente à disciplina teológica da patrologia, que examina os antigos autores cristãos quanto ao seu valor testemunhal de fé”(Curtius, p.267). No âmbito do catolicismo, também tomou o sentido de lista de santos reconhecidos pela autoridade papal. Por extensão, passou a significar o conjunto de autores literários reconhecidos como mestres da tradição (PERRONE-MOISES, 2016, p.61).

Há uma outra definição de cânone cunhada por Compagnon (2001, p.33) que diz: “eram obras-modelo, destinadas a serem imitadas; o panteão moderno é constituído pelos escritores que melhor encarnam o espírito de uma nação”. Um tradutor ou uma tradução poderá encarnar este espírito da nação ou da comunidade, ou de um grupo emergente, na medida em que se debruça de maneira efetiva e próxima, estabelecendo uma intimidade com os elementos estruturais e estéticos de uma obra, construindo e revelando a representação que esta expressão artística faz.

Para Cella (1998 p. 16) “el ‘canon’ es una manifestación sintomática de un debate mucho más amplio y profundo que es necesario protagonizar más acá y más allá de la especificidad literaria”⁶⁵. A investigação sobre o cânone necessita de constante atualização em termos de recepção sobre como ele se racionaliza e humaniza em nível nacional e internacional.

Sabendo que o cânone universal privilegia certos atores nessa construção de

⁶⁵ "O‘ cânone ’é uma manifestação sintomática de um debate muito mais amplo e profundo de que é necessário protagonizar mais aqui e mais ali acerca da especificidade literária"

representação política, histórica e social, em detrimento de outros sujeitos e grupos, se faz importante para este trabalho resgatar alguns conceitos caros ao pensamento cultural e anticolonial, que preconiza a emergente necessidade de desconstruir o cânone como única fonte referencial, para que outras subjetividades e expressões identitárias sejam visibilizadas e incluídas nesse processo de representação e tradução da sociedade nos seus variados grupos.

Com relação a ideia de nação e coletividade, A categoria nação é relevante para pensarmos como um tipo de formação histórica determinada, inclusive de um cânone enquanto um artefato cultural e estabelecido. De acordo com Ortiz (2013 p. 610) a esfera política é primordial para a compreensão da questão da identidade nacional, o Estado-nação configura um tipo de organização no interior do qual se exprime uma comunidade de cidadãos, a ideia de cidadania é um dos elementos chaves na sua definição. Além disso, Ortiz (2013 p. 613) coloca que a literatura sobre as nacionalidades se transforma em uma espécie de senso comum do qual poucos desconfiam a sua autoridade parece ou se torna incontestável.

Outro estudioso que contempla olhares sobre uma nação colonizada é Memmi (2007) aponta que há diferentes seres colonizados, por exemplo, a criança colonizada que concebe a continuidade do pai, e este como não desfruta de nenhum direito enquanto cidadão dentro do seu próprio país, não tendo a expectativa de que seu filho se torne no futuro um ser com todos os direitos à cidadania. Além disso, aqueles jovens colonizados que têm a oportunidade de migrarem para o país colonizador para estudarem ao retornarem ao seu país de origem pensam ser superiores aos seus pares colonizados. Além disso, Neves e Almeida (2012 p. 127) descrevem que os escritores anticoloniais, sua situação mostra um contraste cultural, pois se escreverem em sua própria língua, o qual escreverá para um público quase nulo, pois poucos são os colonizados que são instruídos, levando a condicionado de escreverem na língua do colonizador, como uma questão de visibilidade para o colonizador.

Para Stuart Hall (1997, p. 49): *“a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural [...]”*. O autor continua

A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e mantém instituições culturais nacionais, por exemplo, um sistema educacional (HALL, 1997, p.49).

Ainda segundo o pensamento de Hall (1997) e Paulino (2004 p.101) para contrapor este direcionamento das elites intelectuais e/ou econômicas, os Estudos Culturais se formaram no sentido de dialogar com a teoria crítica da cultura da primeira metade do século XX, sem, todavia, dicotomizar as produções canônicas ou clássicas em boas ou más, mas vem no sentido

de valorizar as camadas e os grupos sociais oprimidos e ecoar as vozes invisibilizadas. Fortaleceu-se, então, na área das ciências humanas, a focalização prioritária dos negros, das mulheres, das periferias, LGBTQIA+, dos surdos, entre outros. A história cultural mudaria, assim, seu ponto de vista, recusando abordagens até então “naturalizadas” e denunciando limitações e violências, como o racismo, a homofobia, as visões eugenistas e os preconceitos sociais, sendo a literatura um importante instrumento nessa ressignificação e construção de outros protagonismos.

Grijó (2017 p. 52) aponta que a discussão acerca dos valores que estão presentes na definição dos cânones é relevante para não perder de vista que o cânone está fundamentado em juízos de valor de diversas ordens, por exemplo, valorações éticas, políticas, morais, históricas, sociais, além disso aos aspectos estéticos e estruturais do fazer literário. Dialogando com Santiago (2019), abandonar totalmente o valor estético de uma obra em seu reconhecimento como clássico e sua entrada para a memória coletiva é, como foi dito anteriormente, desconsiderar o leitor como parte da fiação do movimento dos domínios emblemáticos que podem ser autoritários, mas nem por isso menos importantes para a história da literatura, também deve-se incluir nesse arcabouço narrativas que representam os grupos historicamente silenciados e invisibilizados, não só pelo viés político, mas, e em especial, pelas características estéticas dessas produções.

A defesa do cânone em seu valor estético está relacionada a um processo político e ideológico, mas esta valorização não é necessariamente reacionária em sua natureza, porém, se presta ao serviço da perpetuação dos valores de uma hegemonia de poder quando silencia e apaga outras obras que não figuram nesse lugar canônico, o que pode ser lido como tendo um valor menor. levando ao apagamento de algumas obras.

Essa valorização configura um único modelo epistemológico e só por isso pode ter hoje uma função dialética como centro e periferia e as visões de sistema-mundo Even-Zohar (2013) e Quijano (1997). Importante salientar que a defesa de outras narrativas a não significa o extermínio das obras clássicas, mas vale sim repensar e ressignificar os mecanismos que a própria sociedade elaborou para constituir uma memória dominante e causar tensões, buscando sempre negociações e atualizações dos substratos culturais e artísticos.

Em diálogo com Calvino em sua defesa para a leitura dos clássicos na juventude, compete-me então interrogar: como os textos canônicos chegam aos grupos emergentes, no caso dos surdos e dos tradutores das obras? Uma das respostas está num dispositivo didático/mercadológico que tem ganhado espaço nas escolas, ou seja, ampliação das edições de obras clássicas da literatura mundial no mercado de línguas nacionais, por exemplo, nas

Línguas de Sinais da América do Sul. Ao verificar as obras traduzidas nas quatro Línguas, este gênero literário produzido para a escola e a infância, com o objetivo de “iniciar” os alunos no mundo da leitura, traz certo apelo de formatação e engendramento de subjetividades que me parecem abstrusas de afrontar, pois são valores caros à academia e à ideia de construção da cidadania.

Esse modelo cria um novo e enorme mercado para os livros paradidáticos e fornece à sociedade, neste caso, representada pelos pais e professores, a sensação de estar formando uma geração de intelectuais que não apenas leem livros quaisquer, mas leem os clássicos, a “verdadeira” literatura, como por exemplo, Machado de Assis, Miguel de Cervantes, Aluísio Azevedo, entre outros. Portanto, é essencial averiguar esta modalidade de introdução da literatura traduzida nas Línguas de Sinais com a inquietação de compreender o que ela acarreta efetivamente de novo em relação a outras práticas, bem como explorar como esta modalidade pode se tornar mais eficiente que outros dispositivos.

Assim faço alguns questionamentos que movem esta pesquisa: (1) Quais mecanismos configuram o processo de tradução de textos clássicos da literatura? (2) E, por consequência, quais são as possíveis contribuições para a população surda e para os tradutores de Língua de Sinais da Literatura para Infância e Juventude?

Diante dessas questões e no sentido de compreender as políticas de tradução e do cânone literário em nível local e global, importante destacar que os surdos, no cenário nacional e internacional, estiveram privados de conhecer essas narrativas na sua língua, isso ocorreu por meio das práticas sociais colocadas pelos sistemas governamentais e dos especialistas da área. Como medida reparatória e através da resistência construída pelos surdos, novos olhares de caráter mais afirmativo começam a despontar no contexto da apreensão do conhecimento por estes sujeitos, sobretudo, como ato político, a partir do discurso de reconhecimento das Línguas de Sinais com o *status* de língua natural e a valorização das culturas surdas concretizadas no Brasil e em grande parte da América do Sul, especialmente, na década 80, através de várias pesquisas na área, bem como a influência dos movimentos sociais surdos. .

Nos estudos da Literatura em Línguas de Sinais ou das Literaturas Surdas na América do Sul, como sendo um dos dispositivos políticos mais relevantes para os discursos da Cultura Surda, essa literatura é compreendida enquanto produção dos surdos e manifestada pelas Línguas de Sinais, tendo como principais gêneros a poesia, os contos de fadas, as fábulas, anedotas, piadas, histórias infantis, tradução literária, entre outros (como já fora mencionado anteriormente). As principais pesquisas que versam sobre este assunto no Brasil foram delineadas por Sutton-Spence e Quadros (2004), Karnopp (2006), Machado (2013), Boldo

(2015) etc. Percebe-se que as traduções literárias são de textos curtos e bem poucas são de romances, conforme será apresentado aqui no histórico dos países e dos gêneros.

No entanto para uma proximidade entre literatura, tradução e cultura, são os estudos de Eagleton (2011 & 2014) sobre a ideia de cultura e olhares sobre a cultura, principalmente como um dispositivo político, que serão primordiais para as discussões acerca da literatura desse trabalho, visto que são uma referência na teoria literária, relevante ainda para pensar nas questões do cânone e dos clássicos em um grupo emergente, os surdos. Contudo, cada teoria tem a sua particularidade, pertinente ou não para aquilo que queira aplicar e defender.

Nesse invés, algumas questões de literatura traduzida a partir das marcas culturais serão evidentes em algumas aplicabilidades, quando pensa-se na tradução de um clássico para uma Língua de Sinais alguns apontamentos tornam-se importantes serem frisados. Conforme já mencionado, os estudos de Toury (1995) e Stone (2009) serão relevantes para os possíveis resultados da pesquisa como o “mundo similar” que seria refletir na adequação e na aceitabilidade de um texto na língua de chegada a partir das políticas de tradução e literária, das normas operacionais, e das normas linguísticas textuais e culturais.

Diante do exposto acerca do clássico e cânone da literatura seguimos para as discussões dos estudos e teorias da tradução que problematizam a literatura traduzida para as relacionarmos às línguas sinalizadas.

3.2 TEORIA DOS POLISSISTEMAS, ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO E AS LÍNGUAS DE SINAIS

Os teóricos Itamar Even-Zohar e Gideon Toury contribuíram com os estudos da tradução ao abordarem um entendimento sobre a tradução como um fato ou ocorrência cultural, uma atividade organizada por normas e sujeita a coerções, enfatizando o campo de estudo no polo receptor, o qual é relevante sobre reflexão no processo e função de traduzir. Um dos destaques que apresento aqui é o texto básico que explica a teoria dos polissistemas “The position of translated literature within the Literary Polysystem”⁶⁶ do israelense Itamar Even-Zohar do ano de 1978.

De acordo com Hirsch (2006 p. 21), a teoria dos polissistemas é herdeira do formalismo russo⁶⁷, esse idealizado por Tynianov nos anos 20, a partir do conceito de sistema dessa escola de crítica literária, Zohar reflete sobre a literatura como parte integrante de um polissistema, a qual se relaciona com outros sistemas em uma rede de relações, que vive em constante estado de transformação, a partir dessa definição de polissistemas estão as linguagens, composições estruturais e extra-literárias, pertencentes a uma determinada cultura, que estão em constante órbita de movimento, em procura de uma posição central, atrelada à competição e aos interesses dos leitores, do mercado editorial, por status, prestígio ou por poder.

Even-Zohar (1999 p.2) faz distinção entre as posições que as traduções podem ocupar em um sistema literário, ainda argumenta sobre a posição periférica da literatura traduzida nos estudos literários, que essa literatura também sempre ocuparia uma posição periférica no polissistema, mas isso não é o caso de forma alguma. Que a literatura traduzida é central ou periférica e que essa posição parece conectada com repertórios inovadores (primário) ou conservadores (secundário), vai depender do arranjo específico do polissistema em questão, qualquer tentativa científica de descrever e explicar o funcionamento do polissistema literário em sincronia e diacronia pode progredir adequadamente sem admitir isso feito, considerando a literatura traduzida não apenas como um sistema integral de qualquer polissistema literário, mas como um dos mais ativos dentro dele.

Hirsch (2006 p. 22) salienta que alguns contextos são favoráveis para que uma literatura traduzida esteja ou ocupe um lugar ou posição, vale destacar o processo estabelecido de uma determinada literatura, o que a faz ser periférica, ou quando é dito que alguns momentos há

⁶⁶“La posición de la literatura traducida en el polisistema literario”. “A posição da literatura traduzida no polissistema literário.

⁶⁷ Pensamento russo desenvolvido na escola da crítica literária com objetivo de aprofundar a linguagem poética e o estudo do texto enquanto uma realidade.

vácuos em uma literatura, nesse lugar central a literatura traduzida dissemina transformações, apresentando modelos de traduzir textos literários, a partir do que os tradutores entendem de literatura. Uma outra questão importante, é quando a literatura traduzida possui um lugar secundário, preservando o gosto da cultura do país em termos de recepção ou efeito estético.

A partir da teoria apresentada acima sobre as ideias desenvolvidas por Zohar, levam a outros estudiosos ou seguidores, por exemplo, Toury a pensar como se dá a construção e descrição ou ramo descritivo da literatura traduzida, para refletir sobre o estudo de questões sociais e econômicas na história da literatura e da traduzida. As concepções delineadas nos normativas de tradução, as questões de prática e teoria.

Os Estudos Descritivos da Tradução (EDT) interessam-se pelas traduções a partir de como elas funcionam ou como elemento da história cultural. A partir do texto “The nature and role of norms in Literary Translation”⁶⁸, Toury (1995), coloca que uma tradução está para além de uma atividade de duas línguas, sobretudo, duas culturas, isto é, dois sistemas de normas diferentes e de particularidades distintas. A partir do conceito *norma* como modelo de base cultural, Toury (1995 p. 56-57) classifica três modelos ou tipos de normas – inicial, preliminares e operacionais.

A *norma inicial* seria o tradutor que se sujeita ao texto de partida e suas relações texto, a sua tradução se submeterá as normas do texto de chegada, a fim de traduzir as normas da língua e da cultura desse texto-fonte ou de partida, na busca de adequação ou aceitação, ou seja, adequam as normas do texto de partida e são aceitáveis as normas literárias, textuais e linguísticas ao texto de chegada. As *normas preliminares* estão relacionadas a escolha do texto e as estratégias de tradução, sendo a seleção dos textos, algo de extrema importância para o sistema literário e entender a sua construção, os pensamentos e poderes implicados e as *normas operacionais* diz respeito as tomadas de decisão no fazer ou no processo tradutório que envolvem, as quais são divididas em *matriciais* e *textuais*: a primeira refere-se acréscimos, omissões, alterações e segmentações feitos em relação ao texto de partida, a segunda as escolhas linguísticas e estilísticas.

Essas *normas de tradução* são fundamentais para reflexão acerca da literatura traduzida de sistema literário e o seu funcionamento nas culturas, além disso, potencializa as análises dos textos literários traduzidos em termos de críticas realizadas por pesquisadores-tradutores, editoras e críticos, conduzindo os elementos da história, da ideologia e da política.

Vale ressaltar a existência de inúmeras críticas sobre a teoria dos polissistemas e aos

⁶⁸ “A Natureza e o papel da tradução”. Toury, Gideon. “The Nature and Role of Norms in Literary Translation”. In: Descriptive Translation Studies and Beyond. Amsterda & Philadelphia: John Benjamins: 1995.

EDT, por exemplo, Venuti (2021, 35) que a seu ver são aspirantes não apenas com um estudo ou teoria e sim uma *ciência*, criticando a neutralidade objetiva dos EDT, ao colocar que as normas linguísticas e literárias são implicadas de valores, crenças e representações sociais com ideologia de grupos específicos. Já Hermans (1999. p.119,120), aponta que os pesquisadores de TP e EDT acometem excessivamente em classificações e em conexões, resguardando-se em indagar os agentes implícitos de fenômenos, como alterações de gênero, em normas e definições e práticas coletivas da tradução, além disso, o autor sugere que nesses estudos a percepção da literatura e da cultura com particularidades autônomas.

Outra questão apontada por Hermans (1999) e Hirsch (2006 p. 36) é o binarismo ou a ordem binária, construída socialmente com hierárquica, privilégios e pode ser refletida no modelo de Zohar por exemplo, com os conceitos de oposição de centro/periferia e de cânone/não-cânone no polissistema literário e sociocultural, a qual leva a uma visão de sistemas altamente estruturais, remontando as concepções dos formalistas, ao utilizar conceitos excludentes, os pesquisadores necessariamente terão que ignorar os elementos ambivalentes, híbridos, instáveis, móveis ou sobrepostos.

Algo relevante e tocante é que toda crítica pode apontar os elementos não ditos e os elogiosos, quando nós conhecemos uma teoria convém conhecer esses pareceres, para construirmos os nossos novas críticas e elogios ou consolidá-los. Alguns desses elementos, por exemplo, da hibridização e instáveis são tocados nesta pesquisa, no que diz respeito ao exercício político e ideológicos no instrumento de uma anticolonial no ato da tradução de países sul-americanos, assim, nós temos ciência em privilegiar alguns aspectos dessas teorias neste trabalho.

A teoria dos polissistemas é relevante para entendermos o funcionamento da literatura traduzida nas Línguas de Sinais, percebendo as relações do processo e da produção, tendo vista que os textos literários traduzidos têm uma função na internacionalização da definição de nação ao mesmo tempo pensar em comunidades nacionais e línguas nacionais terá um impacto distinto, em relação as trocas literárias e tradutórias. Neste sentido, o trabalho de Santos (2018 p. 94), o autor aponta reflexões sobre a relação entre ideologia, tradução e literatura na formação de repertórios literários da cultura surda, com ênfase nas traduções para Bíblia, afirmando como um texto sensível e com características literárias, ele assinala que o polissistema da cultura surda, o qual inclui a literatura produzida em Libras, literatura traduzida para a Libras, contos, histórias, piadas, artes plásticas, musicalidade em sinais, politizações etc.

Santos (2018 p.94) desenvolve um argumento que é um polissistema muito jovem e

periférico em relação ao da cultura ouvinte, e, de certa forma tem chamado pouca atenção, isso se dá por algumas questões, por exemplo, a invisibilidade de um grupo minorizado e subalternizado, além disso, se trata de uma de modalidade visual- espacial-gestual e uma língua nacional. Santos (2018) a partir da influência de Even-Zohar (1999) e Lambert (2011), apresenta um esquema um pouco do sistema literário da Libras.

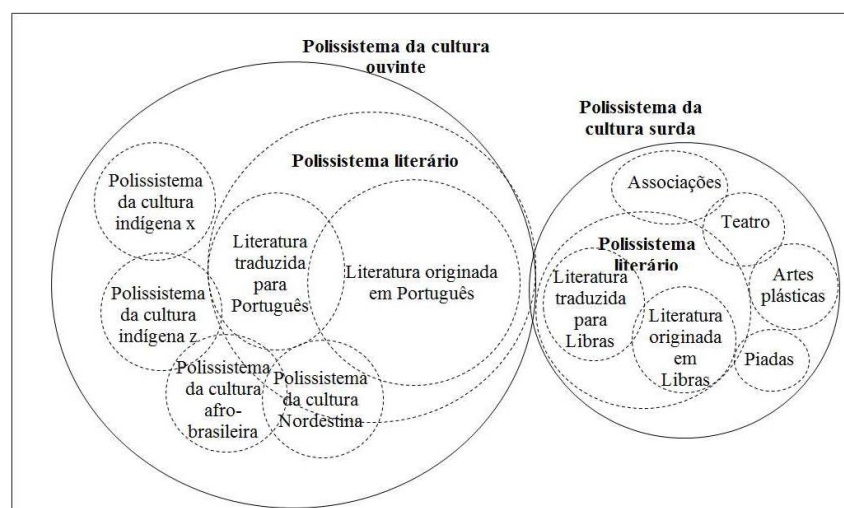


Figura 1 - Esquema de uma pequena parte do polissistema sociocultural brasileiro. Santos (2018)

Fonte: Santos (2018 p. 106)

Em cada país podemos encontrar algumas particularidades entre centro e periferia no sistema literário até mesmo em relação uma configuração de um sistema dentro do outro, compreendendo a realidade do país a partir das culturas. Literárias e transformações históricas. De acordo com, Santos (2018 p. 106) polissistemas literários ganham um destaque maior, quando analisado e comparado em relação aos outros, e não significa dizer que são os mais evidentes dentro do polissistema sociocultural brasileiro, ao mesmo tempo, percebemos as relações de poderes, relação ao tempo, a história e as escolhas de determinados gêneros e estilos se tornam mais evidentes e consumidos pelos leitores.

Assim, no caso do polissistema literário da Libras, a literatura traduzida fortalece e solidifica a literatura surda brasileira. Um ponto destacado por Ramos (2000), e por Santos (2018), é o fato de os surdos serem sujeitos biculturais, visto que além do sistema da cultura surda participam ao menos até certo ponto da cultura majoritária do país, o polissistema cultural e literário ouvinte pode influenciar as escolhas dos textos traduzidos e a literatura originada em Libras. Observaremos isso quando apresentarmos um pouco do mapeamento da literatura traduzida para Libras, LSPy, LSU, LSA, até porque hoje a maioria dos textos literários

traduzidos para Línguas de Sinais é para crianças e jovens. Com isso, a literatura para infância e juventude no polissistema literário tem um lugar específico que será apresentado e esses aspectos contemplam-se na seção literatura para infância.

Nesse invés algumas questões de literatura traduzida a partir das marcas culturais serão evidentes em algumas aplicabilidades, quando pensa-se na tradução literária para uma Língua de Sinais alguns apontamentos torna-se importante ser frisado, conforme já mencionado os estudos de Toury (1995) e Stone (2009) serão relevantes para os possíveis resultados da pesquisa como o “mundo similar” que seria refletir na adequação e na aceitabilidade de um texto na língua chegada a partir das políticas de tradução e literária, das normas operacionais, e das normas linguísticas textuais e culturais.

Os EDT foram/estão sendo aplicados no campo dos ETILS, nesse caso a partir dos estudos do britânico Stone (2009), acreditando na possibilidade de normas de tradução das Línguas de Sinais, principalmente, no sentido das *normas preliminares* Toury (1995), Stone tem consolidado seus trabalhos com o conceito de Norma Surda e é estudado por pesquisadores no Brasil, por exemplo, Souza (2014 p. 169), que aponta que o trabalho de Stone examina as diferenças entre os tradutores e intérpretes ouvintes e surdos e faz sua análise se concentrando em duas categorias principais: (i) – consideração da língua de partida (LP) como peça autônoma em relação aos dados linguísticos; (ii) – comparação da língua de partida (LP) com a língua de chegada (LC) em termos de dados traduzidos ou interpretados.

a norma Surda de tradução nasce de uma comunidade coletiva e heterogênea, na qual os diferentes membros contribuem com habilidades para o coletivo e os tradutores e intérpretes ouvintes e surdos pertencem a essa mesma comunidade. Stone (2009 p. 01) tradução de Souza (2014 p.169).

Essa perspectiva ganhou corpo na pesquisa de Souza (2010) ao analisar as traduções do Curso de Letras da UFSC, sobre elementos artísticos na produção dos tradutores como atores. No Congresso Brasileiro de Tradução e Interpretação Libras e Língua Portuguesa da UFSC a norma surda como uma das temáticas de apresentação. Além disso, vai de encontro com os conceitos de Tradução Cultural (Ramos, 2000) e Tradução Compartilhada (Santana, 2010), o trabalho coletivo em equipe na tradução de textos literários.

A pesquisa de Pimenta (2012) e (2013) apresenta os aspectos da norma surda de tradução de fábulas para a libras. O autor aponta os diversos elementos imagéticos da linguagem cinematográfica que ocorrem nas traduções das fábulas para a libras, por exemplo, o autor traz o uso dos diferentes planos da linguagem do cinema como elemento primordial do uso espacial

das produções em sinais para dar a dimensão visual das relações entre os referentes ou modais semânticos e pragmáticos. Essa percepção das produções em sinais fora apresentada a partir da visão do surdo, referindo-se como norma surda.

Andrade (2015) em seu trabalho sobre a tradução de obras literárias em Libras, enfatizando o antropomorfismo - descreve a norma surda de tradução na construção de textos literários em uma língua sinalizada, apresentando também o Ser Surdo que traduz como tradutor-ator, percebendo a performatividade na atuação por meio dos elementos corporais e da expressividade da Língua de Sinais ao incorporar animais, a norma surda o aspecto que conduz o “mundo similar” na Literatura para Línguas de Sinais, traduzida ou originada em Libras.

Já a pesquisa de Campos (2017) traz a aplicabilidade da norma surda nas traduções da Literatura de Cordel para Libras, reconhecendo as particularidades das línguas, culturas e de cada sistema literário. Assim, problematiza a questão da tradução cultural aliada à norma surda para refletir e descrever os elementos literários em Libras mais vinculados ao ator, a performance com incorporação e classificadores, além disso, conduz de alguma forma um olhar sobre o polissistema literário brasileiro e surdo ao apresentar a literatura de cordel no cenário brasileiro, especificamente do nordeste brasileiro para compreender os procedimentos tradutórios em um viés cultural na tradução para a Libras.

Essas investigações contribuem para entender a abordagem dos EDT aplicada à tradução de Português para Libras e difusão da norma surda de tradução como um elemento relevante de compreensão na tradução de textos literários para Línguas de Sinais, de uma certa forma outro conceito importante e amplo a ser destacado que também vai de encontro à norma surda são os estudos de Peluso (2015 e 2018) sobre a textualidade deferida e as práticas tradutórias, o autor coloca que a escritura não é uma língua, mas que representa uma unidade da língua, sim uma tecnologia.

Segundo Peluso (2018), a escrita separa de alguma forma o texto do falante e o texto também se separa do contexto, a escrita pode ser mais controlada do que a oralidade, e apresenta a questão ou visão escritocêntrica, a soberania da escrita, quando textos escritos são considerados os mais valiosos. Porém, podemos romper com a tecnologia da escritura a partir de outras tecnologias, no entanto, as duas tecnologias que podem separar texto e contexto: são as áudio gravações e vídeo gravações que gerem textos que permanecem. Por meio de um conceito abstrato, no caso das Língua de Sinais as vídeo gravações ou vídeo gravadas como uma textualidade deferida.

De acordo com Peluso (2018), as redes de conhecimento se especializam em textualidade deferida, nesse caso em vídeo gravações onde se cria uma cultura letrada através

das vídeo gravações, por exemplo, nos contextos acadêmicos das universidades e nas diferentes instâncias sociais e culturais, a ideia que vídeo gravações no campo da tradução não depende da escrita e, sim, através da textualidade vídeo gravada uma cultura vídeo gravada. Ainda essas vídeo gravações podem estar influenciadas pela modalidade escrita, como uma colonização maciça da modalidade escrita em relação às Línguas de Sinais. A textualidade deferida vídeo gravada terá efeitos na tradução e com certeza nas políticas de tradução de textos literários para Línguas de Sinais, no processo de tradução que seja de fato um texto ou produto traduzido e esteja em um “mundo similar” ou seja, em Língua de Sinais, sem influências “agressivas” da língua escrita.

Percebo que a questão da textualidade deferida vídeo gravada e a “norma surda” de tradução como elementos fundamentais no produto, no processo, na função da tradução de textos literários. Além dessas conceituações, outra que devemos destacar são relações do sistema- mundo, da colonialidade do pensamento para determinadas escolhas textuais e ações tradutórias, onde se inserem os poderes imperialistas, econômicos e sociais. Para isso, apresento um pouco do pensamento sociológico de Aníbal Quijano como uma resposta preliminar ao sistema das traduções literárias, em relação às questões do mercado editorial referente as Línguas de Sinais, as leis que promovem ações linguísticas e literárias em relação a recursos e acessibilidade.

3.3 COLONIALIDADE DO PENSAMENTO E AS TRADUÇÕES LITERÁRIAS PARA AS LÍNGUAS DE SINAIS

Discutir o mercado editorial da literatura traduzida para as Línguas de Sinais do Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina convém para mim a necessidade de apresentar algumas visões sociológicas em vista da epistemologia do sul em termos de conhecimento, principalmente, que um texto literário demanda do tradutor a aplicação de estratégias tradutórias que contentem o mercado editorial, influenciando na formação e na identidade da cultura nacional ou específica de uma comunidade para entendermos o desenvolvimento da construção da imagem do “Outro” e como as relações de poder se realizam nas estruturas sociais por meio da tradução literária, tendo em vista o argumento já utilizado a partir de Anzaldúa (2009) como domar uma língua selvagem ou como domar uma tradução, as relações de poderes na tradução (Niranjana, 1992) e os subalternizados no contexto de tradução Spivak (2010).

Então, qual o discurso editorial que permeia uma editora e as redes de conhecimento como o Estado, como fomento de ações e incentivo a língua/tradução e a literatura sinalizada? As Línguas de Sinais podem ser olhadas como um elemento de acessibilidade⁶⁹ ou um recurso acessível, não estritamente a uma língua de uma comunidade que se desenvolve por ela. Essas duas visões podem moldar as escolhas do que se traduz e nos modelos de uma tradução literária, diante do sistema de um determinado território-país, as visões que poderão ser conversadoras e autoritárias ou progressistas e emancipatórias na formação de identidade leitora de uma comunidade de um país. Os pensamentos e influências internas e externas constituem momentos históricos, a história entre passado, presente e futuro estão presentes nas políticas de tradução de textos literários para as Línguas de Sinais.

Para isso destaco a teoria do sistema-mundo como uma (re)definição do capitalismo, as questões da colonialidade do saber e do colonialismo da tradução, as quais podem contribuir para o entendimento sobre questão acerca da tradução literária, enfatizando para as Línguas de Sinais no contexto como Línguas Nacionais. Começando, com esse viés pretende-se aqui apresentar a teoria sistema-mundo e percebemos como podemos dialogar com uma visão política e sociológica em termos mundiais.

A teoria sistema-mundo desenvolvida por Wallerstein (1974)⁷⁰, a qual tomo como

⁶⁹ Acessibilidade como uma visão de dar acesso a uma pessoa com deficiência, não transformar estruturas que diz respeito a uma comunidade linguística e uma cultura.

⁷⁰ Em suas obras o estadunidense Imanuel Wallerstein faz um apanhado do sistema mundial moderno a partir da agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no século XVI, seguindo transcorre do mercantilismo e a consolidação da economia-mundo europeia, por último a análise dos sistemas-mundo como movimento do saber.

referência, apresenta-se como uma força de um movimento de transformações sociais, uma interpretação para economia mundial com base no capitalismo e nas relações de trabalho, apresentando elementos da constituição histórica, sociológica, política e cultural, do sistema capitalista dos países.

Neste sentido, Martins (2015, 100), descreve de forma pontual os aspectos econômicos, políticos e culturais no sistema-mundo e como eles se procedem nos países. O sistema-mundo a partir da ideia hierárquica de centro, semiperiferia e periferia, descrevendo a situação dos países:

- 1) os países do centro são aqueles **economicamente** com produção de alto valor agregado tecnológico; produtor e exportador de tecnologia; mão de obra especializada, **politicamente** países de estados fortes, tendo a capacidade de ampliar seu domínio para além de suas fronteiras, **culturalmente**, eles possuem forte identidade nacional e ampliam sua identidade como referencial para além das fronteiras.
- 2) os países de semiperiferia são aqueles **economicamente** de industrialização de baixo valor tecnológico agregado; não produzem tecnologia, mas a absorvem; mão de obra semiespecializada e não especializada, **politicamente** os estados que têm o controle de sua política interna, mas não exercem influência externa, **culturalmente**, eles possuem identidade cultural e nacional média.
- 3) Os países de periferia **economicamente** que produzem produtos primários apenas; mão de obra não especializada, **politicamente** os estados que nem possuem o controle da sua política interna, nem exercem influência externa, **culturalmente**, eles possuem identidade nacional que é fragmentada, prevalecendo identidades étnica ou religiosa.⁷¹

A partir dessa visão da colocação hierárquica de sistema-mundo em relação aos países pesquisados em questão podemos dizer que são de semiperiferia e periferia em uma localização de termos mundiais, mas em termos de uma geografia Latino-Americana pode ocorrer um deslocamento ou ter outros fatores que não se encaixam nessas categorias ou que acreditamos que não se aplicam, culturalmente pensando, se tornam influenciados do capital cultural externo, ao percebermos a questão da descrição das identidades nacionais como mais fortes, ou menos fortes ou menos expressivas no cenário mundial. Isso pode se refletir nas escolhas dos textos traduzidos.

Vale ressaltar que os países podem modificar sua posição no sentido dessas categorias, sendo assim, eles não estão fixos, o que se pode afirmar de acordo com Martins (2015 p. 101), na atualização da teoria do sistema: o mundo foi estruturado para reportar o sistema-mundo,

⁷¹ Essas informações poderão ser encontradas em forma de quadro no artigo de Martins (2015).

por meio de agências, por exemplo, Banco Mundial, FMI⁷², ONU⁷³, Fundação Ford, entre outras. Observamos as decorrências e evoluções dessa estrutura despontadas na divisão internacional do trabalho, na exploração dos recursos naturais, mão de obra, capital, mesmo no modelo de paz liberal da ONU, que são aparelhos hegemônicos do estado e da iniciativa privada. Essas organizações, fundações ou grupos econômicos fazem ações humanitárias aos países semiperiféricos e periféricos, como uma forma de manter o controle econômico, político e cultural, expandindo a colonialidade do saber, dialogando com as concepções imperialistas, determinantes nesses três aspectos abordados.

Esta informação da atualização da aplicabilidade da teoria do sistema-mundo me faz refletir no que fomentam as traduções de textos literários para as Línguas de Sinais, quando pensamos quais agências patrocinam essas ações, o estado a partir de editais de fomentos do governo federal ou do estado, por exemplo, Ministério da Educação (MEC) das produções da Biblioteca Nacional em São Paulo, as produções da Editora Brinque Book e INES. A maioria das editoras e órgãos do governo é patrocinada pelas ações governamentais públicas. A Editora da Arara Azul no Brasil já teve apoio em suas publicações do capital federal e do capital privado da Fundação Itaú (Banco Itaú).

Já a associação Canales da Argentina que produziu diversas traduções ou videolivros ganhou visibilidade em outros países hispano-americanos a partir do modelo produzido e é agenciada ou patrocinada por órgãos governamentais públicos e privados, por exemplo, as ações do Banco Itaú (Itaú Cultural e Fundações Itaú⁷⁴) e a UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância).

Questionar essas organizações é pensar para quem elas servem, quais são seus objetivos reais, quais são as suas referências e normas que orientam as suas ações no plano do conteúdo do seu trabalho. Em geral, elas estão implicadas com o capital financeiro bilionário e as “leis dos impostos”, ajudar significa reduzir seus gastos em valores consideráveis nos seus orçamentos. Observaremos no discurso dessas fundações e organizações em contribuir na falta de acesso à cultura, à comunicação, à acessibilidade e outras instâncias de grupos subalternizados, essas enunciações dos grupos financeiros estão também nos poderes de

⁷² Fundo Monetário Internacional.

⁷³ Organização das Nações Unidas.

⁷⁴ O Itaú Cultural é uma organização voltada para a pesquisa e a produção de conteúdo e para o mapeamento, o incentivo e a difusão de manifestações artístico-intelectuais. Dessa maneira, contribui para a valorização da cultura de uma sociedade tão complexa e heterogênea como a brasileira <https://www.itaucultural.org.br/quem-somos>. Tenemos como misión contribuir positivamente a la transformación de la educación, la cultura, la formación emprendedora y el desarrollo social en nuestro país. En materia educativa, nuestro objetivo es compartir metodologías sociales para mejorar la calidad e inclusión del sistema educativo. <https://www.fundacionitau.org.ar/quienes-somos/>.

campanhas eleitorais de países da América do Sul, determinando quais governos eles querem patrocinar nas eleições⁷⁵.

Diante das questões do sistema-mundo, os autores latino-americanos Quijano (1997) e Grosfoguel (2012) interrelacionam com a colonialidade do saber em relação a América Latina com ênfase na epistemologia do conhecimento, a partir desse raciocínio, podemos refletir as traduções dentro desses saberes, para tanto dialogando com Niranjana (1992) por meio de uma abordagem “empírico-idealista”, a teórica aponta a relevância da complexidade histórica decorrente do expansionismo colonial europeu, para compreendermos de que maneira os Estudos da Tradução atuais abrem espaço para a inclusão do discurso da colonização, isso reflete no mercado editorial dos países sobre o que se traduz.

Na visão de Quijano (1997), a América se torna um novo padrão de poder mundial mediante a conquista e exploração dos europeus aos povos originários e os africanos sequestrados, traçando a ideia de raça⁷⁶ e de superioridade, a diferença de conquistadores e conquistados, com isso os conquistadores criam aparelhos de dominação, sobretudo, o controle do trabalho, dos recursos naturais e dos produtos, abastecendo o capital, o mercado mundial e a dominação dos seus saberes, os quais eurocêntricos.

Esses aspectos conduzem as formas e o nível de desenvolvimento político e cultural, mais especificamente intelectual, em cada caso, desempenhando também uma função de primeiro plano, interligando a noção de sistema-mundo moderno, a Europa Central, sendo o centro do moderno do sistema-mundo, desenvolvendo nos europeus uma linha trivial a todos os dominadores coloniais e imperiais da história, o *etnocentrismo*, sendo uma linha destacada em relação e classificação racial no mundo e depois na América (Quijano, 1997 p.121). Para além, da colonialidade do saber/poder o pensamento de Quijano conduz a pensar nessa hegemonia do pensamento de escolhas intelectuais e justificativas que fazemos do saber.

[...] não se refere a todos os modos de conhecer de todos os europeus e em todas as épocas, mas a uma específica racionalidade ou perspectiva de conhecimento que se torna mundialmente hegemônica colonizando e sobrepondo-se a todas as demais, prévias ou diferentes, e a seus respectivos saberes concretos, tanto na Europa como no resto do mundo. No âmbito deste trabalho, proponho-me a discutir algumas de suas questões mais diretamente vinculadas com a experiência histórica da América Latina, mas que, obviamente, não se referem somente a ela. Quijano (1997 p. 126)

⁷⁵ Silva (2018) em seu trabalho REDES TRANSASSOCIATIVAS: análise da participação dos grupos econômicos e financeiros na estrutura de representação de classe no Brasil, apresenta esses aspectos em relação às eleições presidenciais.

⁷⁶ A ideia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. Talvez se tenha originado como referência às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, mas o que importa é que desde muito cedo foi construída como referência a supostas estruturas biológicas diferenciais entre esses grupos. Quijano (2005 p.117)

Os modelos e escolhas se constroem como forma de conhecimento necessários parte dessas influências de dominação as quais podem cristalizar. Ao pensar nisso, Niranjana (1992), para destacar essas questões na colonização da tradução, apresenta que a constituição do pensamento ocidental sobre a autoria e sentido teve base no empirismo britânico e no idealismo alemão, onde localizamos a Europa Central e o pensamento agregado a sustentar a ideia de humanismo, linha filosófica que atribui ao indivíduo a “essência da palavra” e a “fonte do pensamento”, com a “verdade do saber”, inclusive com uma seleção literária para traduzir.

Por isso, a reflexão de Niranjana (1992) responde à reflexão da colonização via tradução a partir das construções ideológicas que preceituaram as interpretações sobre essa área, ao postular que a prática e o conhecimento da tradução, na sociedade ocidental, foram atravessados pelos efeitos da colonização, e que foi por meio da disseminação do conhecimento sobre tradução que o domínio colonial exerceu sua força em vários níveis. Isso vai ao encontro de Quijano (1997), potencializando a colonialidade do saber via tradução, nos fazendo pensar na geopolítica da tradução. Nesse sentido, enfatizando a relação de gêneros literários e literaturas. A literatura para infância como um lugar fundamental na literatura traduzida

3.4 LITERATURA PARA INFÂNCIA TRADUZIDA E AS LÍNGUAS DE SINAIS

As traduções dos gêneros - contos de fadas e conto maravilhoso, sob as escritas iniciais europeias de Bastile, Perrault, dos Irmãos Grimm, Andersen, da Disney, contos de escritores clássicos e adaptadas para diferentes culturas e audiências, foram escolhidas e mapeadas por revelarem perspicazes concepções do comportamento humano, para refletirem ao imaginário infantil e valores que são vistos como essenciais na infância, sobretudo, uma invenção da infância por meio do saber adulto e de representações ocidentais europeias.

De acordo com Oittinen (2000, p. 28 e 2005, p. 25), a literatura e cultura para crianças são entendidas no sentido mais ontológico do termo criança, um período que se compreende desde a infância até o final da adolescência. No entanto, como a noção de infância mudou muito desde o início da literatura para infância, refere-se especificamente à cultura da infância em transformações, como isso afeta a representação e socialização das crianças. Embora a ênfase dessa tese centra-se entender nas políticas de tradução de textos traduzidos para as Línguas de Sinais dos países em questão, pode-se incluir qualquer tipo de estudo que está relacionado com o rádio, cinema, televisão e arte para crianças, em um esforço para capturar a estética e valores da cultura para infância de surdos e ouvintes. Pode-se perceber mudanças memoráveis nessa cultura nos últimos cinquenta anos e, no campo acadêmico, posições radicais que têm a ver com essas mudanças.

Assim, a literatura e cultura traduzida para infância e dos tradutores das Línguas Orais-Línguas de Sinais desse gênero é promover a pesquisa no campo e no ritmo de promover novos horizontes que reúnam trabalhos acadêmicos em nível nacional e internacional a fim de potencializar o estudo, sobretudo ampliar o acesso a essas produções e a crítica.

Percebe-se como determinadas características fundamentais do texto para infância são muito notórias, como as temáticas de representação, de coletividade, de individualidade e de sociabilidade, evidentes nos contos traduzidos e nas categorias temáticas apresentadas pelas agências e redes de conhecimentos criam temáticas relacionadas, por exemplo: animais arquetípicos, medo, amor, cômicos, clássicos o autocuidado, o amor dos pais, o ser diferente, a opressão social, a segurança pessoal, noções do “bem e do mal”, etc. Como são traduzidas apresentadas em uma tradução em Libras são dados de extrema relevância nesta pesquisa que visa descrever e questionar algumas noções morais do cotidiano, visando pensar nas interseccionalidades sociais.

Para exemplificar este pensamento acolhe-se no olhar de Dias (2002) sobre a ética

da tradução que as interferências morais e/ou pessoais são existentes e, pelo menos na experiência dos tradutores que se agruparam e quase sempre surgem dos editores. O editor solicita ao tradutor que modifique ou corte uma parte do texto ou sugere uma alteração, pois os pais não vão gostar, ou porque avalia inadequado para crianças ou simplesmente porque “não gostou do final do livro”, demonstrando as relações de poder e de controle.

Conforme Shavit (1986), os clássicos da literatura para infância e juventude sobrevivem em suas versões adaptadas, bastante destituídas, portanto, de sua ambivalência dos primeiros registros. Contudo, livros ilustrados complexos e que trazem diversas camadas de leitura muitas vezes alcançaram grande sucesso de vendas.

O argumento de que os adultos obtêm essas obras para eles, não para suas crianças, não pode ser senão uma verdade partidária; é um risco de as manifestações preconceituosas afirmarem que as crianças são apenas as “verdadeiras destinatárias” destes livros e que não se interessam necessariamente por eles. Essas questões serão de extremada relevância para discutir os vídeo-livros dos contos infantis em língua de sinais, visto que ainda não exista um tipo de discussão dentro de um ciberespaço, essa é fundamental para futuras retraduições e aperfeiçoamento na qualidade do processo e do produto de tradução literária para a comunidade surda e tradutores. Uma discussão sobre a relação editor ou idealizador x tradutor será apresentada ao longo do trabalho e evidenciada nos registros dos diários do capítulo 3.

A linguagem infantil foi expressa nos discursos nas Línguas de Sinais em pesquisa e nas traduções em LSA, Libras, LSPy e LSU dos contos estão em sua modalidade oral (sinalizada), não escrita, e sim registradas em vídeo-livros e disponibilizadas no canal do YouTube. Assim percebemos os elementos criativos e estratégicos, os quais foram utilizados para passagem do conto escrito para tradução do conto oral (sinalizado) e nas multimodalidades (escrita, áudio e vídeo), e como isso contribui para outras traduções da literatura para infância e juventude, além disso para a formação de tradutores.

Além disso, é claro, a possibilidade de verificar como é lido em Línguas de Sinais e que leitura é essa. O que é ler em língua e Sinais? Trata-se, por conseguinte, da análise de contos com várias performances tradutórias, visto que a tradução está na modalidade oral (expressiva ou sinalizada) nas Línguas de Sinais. A opção de analisar a tarefa do tradutor, enquanto sujeito interpretante no que tange aos processos efetuados na tradução de uma obra literária para o vernáculo, enfocando os efeitos da tradução na recepção da obra, é enriquecedora. Pensando em tradução como recriação de uma obra, constituindo um novo

texto, o vasto material existente sobre os contos infantis pode vir a receber mais uma contribuição. Para comprovar essa afirmação, pretende-se constatar marcadores culturais e linguísticos que marcam uma nova possibilidade de leitura da obra analisada.

A maioria dos textos traduzidos são da Literatura para a infância. Parto das constatações e perguntas como: a temporalidade dessas produções e outros aspectos como: quem são os sujeitos inseridos nessas obras produzidas e traduzidas? Quais as temáticas (obras) e traduções selecionadas pelo campo editorial em Línguas de Sinais dos fundadores de editoras em Línguas de Sinais? De que forma foram realizadas essas traduções? Quais são os modelos de traduções realizados em Línguas de Sinais da tradução da Literatura para a infância? Como os estudos de uma literatura comparada contribui para análise de traduções literária da Literatura para infância e juventude para as Línguas de Sinais?

Trazer à tona a questão da produção espontânea de textos e das narrativas produzidas pelos surdos, ou seja, perceber como se dão os elementos de uma narrativa (conto) em Língua de Sinais, até mesmo para trazer em discussão as estratégias tradutórias em diálogo com os temas abordados nos contos selecionados para análise; e através dos procedimentos linguísticos utilizados pelo texto partida pelos autores.

Contextualizar e refletir sobre a produção literária para literatura para infância e juventude para/em Línguas de Sinais dos países selecionados dentro da literatura produzida em Línguas de Sinais contemporâneas, bem como dentro da literatura e tradução da comunidade surda. Para tanto, apresento um mapeamento dos textos literários traduzidos para Língua de Sinais dos quatro países.

3.4.1 MAPEAMENTO DA TRADUÇÃO PARA LITERATURA PARA INFANCIA E JUVENTUDE PARA LSA

Como referências basilares, temos os estudos iniciados por Krause e Lopez (2017), que se referem a uma pesquisa comparativa das políticas públicas voltadas às comunidades surdas argentina e brasileira, contribuindo de forma direta para a apresentação histórica e política da tradução e da interpretação na Argentina, além disso, observei os ensaios produzidos por Burad (2007 e 2013) e Famularo (2008) sobre as políticas linguísticas e a tradução e interpretação neste país.

A primeira escola criada para surdos foi realizada por uma iniciativa de cunho privado e foi fundada pelo mestre alemão Carlos Keil no ano de 1857. Aproximadamente 20 anos após, uma família italiana teve três filhos, um deles surdo, José Antônio Terry, nascido na cidade de Buenos Aires no ano de 1878. O pai de José Antônio era deputado e senador do parlamento nacional e Ministro das Finanças e dos Negócios Estrangeiros na Argentina. Terry viajou para a Europa (Inglaterra, Espanha e a Itália), a viagem dele durou sete anos, ao visitar museus e círculos de artes, até completar sua formação de pintor.

No ano de 1911, o pintor retorna para Argentina trazendo a Língua Italiana de Sinais – LIS, bem como sua experiência como pesquisador e sujeito interessado numa visão autônoma dos surdos, ideias apreendidas na sua estadia na Itália. Ele promoveu a fundação da primeira Associação de Surdos de Ajuda Mútua (30 de junho de 1912), sendo esta a primeira associação de surdos da América Latina, com objetivo de defender os direitos da comunidade surda e promover integração e autonomia para estes sujeitos. A associação era dirigida exclusivamente por pessoas surdas, como indicado na Constituição com Entidade Pública Benefício N° 89.

Seu pai fez uma proposta para o governo argentino, que ofereceu um prédio. Após a Primeira Guerra Mundial, muitos imigrantes italianos surdos foram para a Argentina, aumentando a influência da língua italiana dos sinais – LIS no início da educação, após a associação e mais tarde. A luta pelos seus direitos em diversas áreas ocorre até os dias atuais.

Em 1941, foi fundada a Associação de Surdos de La Plata.

Já em 1957, nasceu a Associação Nacional ou Confederação Argentina de Surdos – CAS;

Na década de 1970, aparece a Associação de Surdos Orais; sabe-se que na Argentina existem aproximadamente 28 associações de Surdos.

A Lengua de Señas Argentina - LSA é reconhecida apenas por algumas leis

provinciais; não sendo ainda uma lei federal. Vejamos o que o Decreto Nacional 1225/2010 diz: “se define como Lengua de Señas Argentina, a la lengua natural de expresión y configuración gesto-espacial y percepción visual o incluso táctil utilizada por personas con discapacidad auditiva”⁹.

A convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiências – CDPD e sua ratificação pela Lei nº 26.378/2008¹⁰, foi um ponto de referência muito importante para o tratamento de aspectos específicos de pessoas surdas na educação linguística dos surdos, em Língua de Sinais e na sua cultura, uma vez que estabeleceu a dignidade desses sujeitos e uma maior inclusão dessas identidades na realidade nacional.

No artigo 24, sobre a educação das pessoas com deficiência, no item 3, há algumas especificações:

- b) Facilitar el aprendizaje de la lengua de señas y la promoción de la identidad lingüística de las personas sordas¹¹;
- c) Asegurar que la educación de las personas, y en particular los niños y las niñas ciegos, sordos o sordociegos se imparta en los lenguajes y los modos y medios de comunicación más apropiados para cada persona y en entornos que permitan alcanzar su máximo desarrollo académico y social¹² (BRASIL, 2008).

Existem leis estaduais da LSA em cinco estados argentinos, os quais são: Mendoza, Tucumán, Chaco, Córdoba e Santa Fé. Em Buenos Aires existe a lei 672/2001¹³ - artigo 1: “se reconoce oficialmente el lenguaje e interpretación de señas como lengua y medio de comunicación para las personas con necesidades especiales auditivas en todo el territorio de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires”.¹⁴

São ofertados também alguns cursos básicos de Lengua de Señas Argentina – LSA nas Associações de Surdos. Segundo Famularo (2008, p.3), a única formação em nível de graduação que forma intérpretes de LSA espanhol é oferecida pela Faculdade de Educação Elementar e Especial da Universidade Nacional de Cuyo, na província de Mendoza, sendo este curso criado no ano de 2004, com uma formação de três anos¹⁵. Famularo (2008, p.4) também comenta que somente na província de Mendoza e na cidade de Buenos Aires existem programas de treinamento superior para a formação de intérpretes LSA-Espanhol.

Hoje existem outras formações em nível superior, por exemplo, o programa “Intérprete Universitario en Lengua de Señas Argentina-Español”, na Universidad Nacional de Misiones Facultad de Humanidades Y Ciencias Sociales¹⁶.

Os surdos argentinos têm o direito à presença do TILS, mas não acontece em caráter

obrigatório, portanto não existe uma lei exata, mas existe a intenção e a luta para que tais direitos sejam cumpridos. Em razão do reconhecimento da interpretação de Língua de sinais como forma de comunicação, de acordo com o artigo 2 da Lei 672/2001.

Um dado coletado por Krause e Lopez (2017), indica que a universidade privada não paga o intérprete de LSA, geralmente o universitário surdo arca com as responsabilidades do pagamento desse profissional, sendo este mais um entrave para a verdadeira acessibilidade do sujeito surdo, bem como a consolidação dos seus direitos linguísticos, tendo o estado obrigação de subsidiar tais conquistas e direitos adquiridos.

O artigo 66 da Lei 26.522 de Serviços de Comunicação Audiovisual, promulgada em outubro de 2009, fornece acessibilidade por meio da interpretação da LSA e de legendagem para surdos, nesse sentido, é relevante analisar as disposições deste artigo, seu Regulamento (Decreto 1225/2010)¹⁸:

Que las emisiones de televisión abierta, la señal local de producción propia en los sistemas por suscripción y los programas informativos, educativos, culturales y de interés general de producción nacional, deben incorporar medios de comunicación visual adicional en el que se utilice subtítulo oculto (closed caption), lengua de señas y audio descripción, para la recepción por personas con discapacidades sensoriales, adultos mayores y otras personas que puedan tener dificultades para acceder a los contenidos (autor, data, página).

Ainda há outra Resolução N° 3104/2003 que é bastante importante para pensar os direitos dos surdos, ou seja, a criação do Instituto Nacional de Cinema e Artes Audiovisuais que possui Caption (Legenda) para vídeos e filmes de produção nacional editados.

Apenas poucos canais de televisão têm a legenda (Closed caption). Esta aparece na parte de cima da tela e há pouquíssimas janelas de interpretação da LSA nos programas de televisão. Existe um programa infantil para as crianças surdas e ouvintes chamado “Enseñas para Aprender” no canal Paka Paka, desde 2010, inclusive contempla a apresentação de alguns contos de fadas em forma de desenhos animados traduzidos para a Língua de Sinais Colombiana (LSC), por exemplo, Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida e O Gato de Botas.²⁰

Observa-se uma produção acadêmica voltada aos estudos da interpretação de Língua de Sinais Argentina em diferentes contextos, como já fora dito pela ensaísta Barud, entre os anos de 2007 e 2013, porém, sobre a temática da tradução, não encontrei nenhuma pesquisa até o momento.

Em relação à produção de traduções literárias do Espanhol para LSA, pode-se encontrar trabalhos voltados a crianças e adolescentes surdos, em especial, os realizados pela

Associação CANALES (começou suas atividades em 2002 e atua como uma organização sem fins lucrativos) que é uma associação civil, na qual pessoas surdas e ouvintes trabalham para que as crianças surdas tenham acesso a uma educação de qualidade através do desenvolvimento de projetos educacionais.

Desde então, produziram 79 materiais educacionais acessíveis e treinamentos para mais de 329 multiplicadores surdos. A equipe dessa instituição realiza oficinas em escolas, projetos educacionais e vídeos de diferentes temas (sexualidades, autocuidado, ensino de espanhol para surdos, doenças sexualmente transmissíveis, direitos humanos, entre outros). Segundo dados colhidos, aproximadamente 10.247 pessoas participaram das palestras e treinamentos efetivados em todo o país, incluindo 3.474 professores e diretores de escolas de surdos. Também desenvolveram um material gratuito para sensibilizar a comunidade médica e capacitar 906 médicos sobre como é a cultura e a comunidade surda. Em 2016, os materiais atingiram 17.500 alunos, dos quais 7.200 são crianças e adolescentes surdos. No ano de 2018, esse grupo realizou a produção de vídeos voltados ao empoderamento da mulher surda. Esses trabalhos possuem apoio do governo argentino e de outros parceiros.

Ao analisar alguns aspectos, percebe-se que a missão e a visão principal do trabalho da CANALES é colaborar com a educação das crianças e jovens surdos no sentido de possibilitar que estes tenham de fato acesso às diferentes áreas do conhecimento, com ênfase aos saberes relacionados a linguagem, bem como a literatura. , sendo todos estes movimentos parte de uma política de tradução consolidada pelo Estado, a partir das leis e decretos apresentados anteriormente, focalizando os textos feitos para as crianças.

Um dos principais projetos é formado pelos vídeo-livros em LSA (Videolibros en Señas) apresentando alguns contos clássicos e outros. Este fora iniciado em 2012, em que tais produções e/ou resultados têm sido publicados e disponibilizados no site www.videolibroslsa.org.br, na plataforma do Youtube. Esses trabalhos são primordiais para a tese, uma vez que o site possui certas particularidades e nuances no tocante aos textos literários para crianças que são relevantes do ponto de vista das análises das políticas de tradução.

Vejam algumas categorizações relevantes desse projeto:



Figura 2 - Categorias da Associação Canales

Seguindo essa ordem, apresenta-se os contos:

Tabela 1 - Para os pequeninos (para los pequeños)

Obra (conto)	Autor e ilustrador	Tradutores (Lectores) para o Espanhol/Vocalizado e para LSA
1. De familia em família	José Nesis y Paula Szuster Gustavo Aimar y otros ilustradores	Diego Valmorrosa, Carla Petrosimo e Zoe Carbone
2. Federico y el mar	Graciela Montes Claudia Legnazzi	Zoe Carbone
3. El sol de Otto	Canela Luciana Fernandez	Lucía Fauve
4. Agua salada	Pequeños escritores Manolo Hidalgo	Juán Lopez Maccio Julia Vamorrosa
5. Los mares de Valentín	Ana Méndez O'Kif	Max Lemmo
6. Tenemos derechos	Unicef, 2019 Rocío Alejandro	Zoe Carbone
7. El lunes conocí a Emi	Paula Bambara Yvanke y MEI	Julia Vamorrosa
8. Los guarda secretos	Graciela Repún Elissambura	Juán Lopez Maccio
9. Cuando se van	Silvia Schujer	Juán Lopez Maccio

al jardín	Patrícia Lopez Latour	
10. ¿Qué vas a llevar?	Pablo Bernasconi	Julia Vamorrosa
11. Monstruos en el pelo	Pablo Medici (Brocha)	Lucía Fauve
12. Blancanievies	Jacob e Wilbem Grimm Eugênia Nobati	Karin Grumbetichi (LSA) Fábian Matut
13.. Rapunzel	Martín Moron Martín Moron	Tradutor não encontrado ou adaptador Guadalupe Ramundo (LSA)
14.. Diario de un hada	Valeria Dávila e Mónica López Laura Aguebeguecherre	Noelia Penayo (LSA)
15.. Petit, el monstruo	Isol Isol	Mateo Rodríguez García (criança) (LSA) Asistente: Olivia Rodríguez García (criança)
16. Luna Ración Nascida	Maria Brandán Aróz Marcela Calderón	Ximena Fernández (LSA)
17. El paraguas del mago	Graciela Montes Ana Sanfelippo	Juan D. Lopez Maccio (LSA)
18. Por qué los elefantes prefieren jugar a la Mancha	Silvina Rocha Mey!	Yonhatan Gonzalez (adolescente - LSA)
19. Julieta y su caja de colores	Carlos Pellicer López Carlos Pellicer López	Juanjo Lemmo (LSA) Criança: Mateo Ignacio Dotto
20. Regalo Sorpresa	Isol Isol	Rodrigo Alfonso (adolescente - LSA) Criança: Tomás Agustín Dotto
21. ¿A quién le toca el durazno?	Ah-Hae Yoon Hye-Won Yang	Juan Daniel López (LSA) Criança: Tomás Agustín Dotto
22. Tener un patito es útil	Isol Isol	Carla Petrocino (LSA)
23. La decisión de Teodoro	Irene Singer Irene Singer	Lisandro Rodríguez Fuentes (LSA) Ator - Juanjo Lemmo

24. Gastón Ratón y Gastoncito en un pozo muy oscuro	Nora Hilb Nora Hilb	Melany Natalia Solano (criança - LSA) Criança: Camila Alvarenga
25. Federico	Léo Arias Léo Arias	Melany Natalia Solano (criança - LSA) Criança: Camila Alvarenga
26. Cómo Berta conicó a su gato	Ema Wolf Carlus Rodríguez	Alina Roxana Vaskevis (LSA) Ator: Tomás Agustín Dotto
27. Fiesta de disfraces	Inés Trigub Inés Trigub	Julia Fernanda Valmarrosa (LSA) Criança: Mateo Ignacio Dotto
28. Noticias de un mono	Silvia Schujer Poly Bernatene	Juanjo Lemmo (LSA) Criança: Tomás Agustín Dotto
29. El traje nuevo del emperador	H. C. Andersen Irene Singer	Versão Mariana Fernández Fernando Siciliani (LSA)
30. El gato com botas	Jacob y William Grimm Sebastián Barreiro	Versão Liliana Cinetto Julia Fernanda Valmarrosa (LSA) Atriz 1: Alicia Martínez Atriz 2: Emilia Machado
31. Las doce princesas bailarinas	Jacob y William. Grimm Esteban Alfaro	Versão Ruth Kaufman Lucía Fauve (LSA)
32. Epaminondas y su madrina	Liliana Cinetto Ilustradora: Mariana Ruiz Johnson	Melany Solano (criança - LSA)
33. Caperucita Rojo	Jacob y William Grimm Mariano Díaz Prieto	Versão Liliana Cinetto Eduardo Cabrera (LSA) Atriz 1: Celia Salaz Atriz 2: Rita Andreotti
34. Las pulgas no andan por las ramas	Autores: Gustavo Roldán y Juan Lima	Juanjo Lemmo (LSA) Criança: Mateo Ignacio Dotto
35. Detrás de él estaba su nariz	Istvansch Istvansch	Juan Daniel López Maccio (LSA) Criança: Mateo Ignacio Dotto
36. El patito feo	H.C Andersen: Sabina Álvarez Schürman	Versão Liliana Cinetto Fernando Makotrinski (LSA) Atriz 1: Celia Salas Atriz 2: Cristina Hermas

37. La Bella Durmiente	Jacob y William Grimm Eugenia Nobati	Versão Liliana Cinetto Juan Daniel López (LSA)
		Atriz 1: Alicia Ares Atriz 2: Rita Andreotti
38. El comelibros	Agustín Comotto Agustín Comotto	Juan Daniel López
39. Federica aburrida	Istvansch Istvansch	Aldo Bossio Apresentador: Juanjo Lemmo
40. ¿Adónde va el príncipe?	Graciela Repún y Florencia Esses Valeria Cis	Carla Petrocino - Criança: Mateo Rodríguez García
41. No (es así)	Pablo Bernasconi	Julia Valmarrosa Estefanía Pierini

Tabela 2 - Para os maiores (Para lós más grandes)

Obra (conto)	Autor e ilustrador	Tradutores (Leitores) para o Espanhol e para a LSA
1. El crimen casi perfecto	Roberto Arlt	Lautaro Castiglia
2. A la deriva	Horacio Quiroga	Zoe Carbone
3. El triple robo de Bellamore	Horacio Quiroga	Sofía Castiglia
4. Espejismos	Irene Singer Irene Singer	Lautaro Castiglia
5. Las medias de los flamencos	Horacio Quiroga	Juán Lopez Maccio
6. La tortuga gigante	Horacio Quiroga	Lautaro Castiglia
7. Un asesinato	Anton Chejov	Lector: Juan Daniel López Maccio (LSA)
8. El nombre (Cuento popular gitano de Transilvania)	Liliana Cinetto Ilustração não possui	Julia Valmarrosa (LSA)
9. El regalo de los Magos	William Sydeny Porter - O. Henry	Mariano Matut (LSA)
10. La Boda	Silvina Ocampo	Julia Valmarrosa (LSA)
11. La Soga	Silvina Ocampo	Johanna Katz (LSA)
12. SUPERJUÁN o El cuento grande como una casa	Elsa Bornemann	Juan Daniel López Maccio (LSA)
13. La cicatriz	Sol Silvestre	Lautaro Castiglia (LSA)
14. El anillo encantado	María Teresa Andruetto Patricia Melgar	Fernando Siciliani (LSA)
15. El árbol de lilás	María Teresa Andruetto y Liliana Menéndez	Juan Daniel López Maccio (LSA)
16. El almohadón de plumas	Horacio Quiroga	Lucía Fauve (LSA)
17. Frida	Yolanda Reyes	Rodrigo Alfonso (LSA)
18. El traje nuevo del emperador	H. C. Andersen Irene Singer	Versão Mariana Fernández Fernando Siciliani (LSA)
19. Barbazul	Charles Perrault Anabella López	Versão Anabella López Gabriel Ibáñez (LSA)

Tabela 3 – Clássicos (clássicos)

Obra (conto)	Autor e ilustrador	Tradutores (Leitores) para o Espanhol e para a LSA
1. Blancanieves	Jacob e Wilhem Grimm Eugênia Nobati	Karin Grumbetichi (LSA) Fábian Matut
2. Rapunzel	Martin Moron Martín Moron	Tradutor ou adaptador não encontrado Guadalupe Ramundo (LSA)
3. El regalo de los Magos	William Sydeny Porter - O. Henry	Mariano Matut (LSA)
4. El traje nuevo del emperador	H. C. Andersen Irene Singer	Versão Mariana Fernández Fernando Siciliani (LSA)
5. El gato com botas	Jacob y William Grimm Sebastián Barreiro	Versão Liliana Cinetto Julia Fernanda Valmarrosa (LSA) Atriz 1: Alicia Martínez Atriz 2: Emilia Machado
6. Las doce princesas bailarinas	Jacob y William. Grimm Esteban Alfaro	Versão Ruth Kaufman Lucía Fauve (LSA)
7. Epaminondas y su madrina	Liliana Cinetto Ilustradora: Mariana Ruiz Johnson	Melany Solano (criança – LSA)
8. Barbazul	Charles Perrault Anabella López	Versão Anabella López Gabriel Ibáñez (LSA)
9. Caperucita Rojo	Jacob y William Grimm Mariano Díaz Prieto	Versão Liliana Cinetto Eduardo Cabrera (LSA) Atriz 1: Celia Salaz Atriz 2: Rita Andreotti
10. El patito feo	H.C Andersen: Sabina Álvarez Schürman	Versão Liliana Cinetto Fernando Makotrinski (LSA) Actriz 1: Celia Salas Actriz 2: Cristina Hermas
11. La Bella Durmiente	Jacob y William Grimm Eugenia Nobati	Versão Liliana Cinetto Juan Daniel López (LSA) Atriz 1: Alicia Ares Atriz 2: Rita Andreotti
12. El crimen casi perfecto	Roberto Arlt	Lautaro Castiglia
13. Las medias de los flamencos	Horacio Quiroga	Juán Lopez Maccio
14. La tortuga gigante	Horacio Quiroga	Lautaro Castiglia

Tabela 4- Animais

Obra (conto)	Autor e ilustrador	Tradutores (Leitores) para o Espanhol e para a LSA
1. Luna Racién Nascida	Maria Brandán Aróz Marcela Calderón	Ximena Fernández (LSA)
2. Por qué los elefantes prefieren jugar a la mancha	Silvina Rocha Mey!	Yonhatan Gonzalez (adolescente - LSA)
3. ¿A quién le toca el durazno?	Ah-Hae Yoon Hye- Won Yang	Juan Daniel López (LSA) Criança: Tomás Agustín Dotto
4. Tener un patito es útil	Isol Isol	Carla Petrocino (LSA)
5. Gastón Ratón y Gastoncito en un pozo muy oscuro	Nora Hilb Nora Hilb	Melany Natalia Solano (criança - LSA) Criança: Camila Alvarenga
6. Federico	Léo Arias Léo Arias	Melany Natalia Solano (criança-LSA) Criança: Camila Alvarenga
7. Cómo Berta conoció a su gato	Ema Wolf Carlus Rodríguez	Alina Roxana Vaskevis (LSA) Ator: Tomás Agustín Dotto
8. Fiesta de disfraces	Inés Trigub Inés Trigub	Julia Fernanda Valmarrosa (LSA) Criança: Mateo Ignacio Dotto
9. Noticias de un mono	Silvia Schujer Poly Bernatene	Juanjo Lemmo (LSA) Criança: Tomás Agustín Dotto
10. El gato con botas	Jacob y William Grimm Sebastião Barreiro	Versão Liliana Cinetto Julia Fernanda Valmarrosa (LSA) Atriz 1: Alicia Martínez Atriz 2: Emilia Machado
11. Caperucita Rojo	Jacob y William Grimm Mariano Díaz Prieto	Versão Liliana Cinetto Eduardo Cabrera (LSA) Atriz 1: Celia Salaz Atriz 2: Rita Andreotti
12. Las pulgas no andan por las ramas	Autores: Gustavo Roldán y Juan Lima	Juanjo Lemmo (LSA) Criança: Mateo Ignacio Dotto

13. El patito feo	H.C Andersen: Sabina Álvarez Schürman	Versão Liliana Cinetto Fernando Makotrinski (LSA) Actriz 1: Celia Salas Actriz 2: Cristina Hermas
14.El sol de Otto	Canela Luciana Fernandez	Lucía Fauve
15.Los guarda secretos	Graciela Repún Elissambura	Juán Lopez Maccio
16.Cuando se van al jardín	Silvia Schujer Patricia Lopez Latour	Juán Lopez Maccio
17. ¿Qué vas a llevar?	Pablo Bernasconi	Julia Vamorrosa
18.La tortuga gigante	Horacio Quiroga	Lautaro Castiglia

Tabela 5 - Miedo (Medo)

Obra (conto)	Autor e ilustrador	Tradutores (Leitores) para o Espanhol e para a LSA
1. Un asesinato	Anton Chejov	Lector: Juan Daniel López Maccio (LSA)
2. El nombre (Cuento popular gitano de Transilvania)	Liliana Cinetto Ilustração não possui	Julia Valmarrosa (LSA)
3. La Boda	Silvina Ocampo	Julia Valmarrosa (LSA)
4. La Soga	Silvina Ocampo	Johanna Katz (LSA)
5. La cicatriz	Sol Silvestre	Lautaro Castiglia (LSA)

6. El almohadón de Plumas	Horacio Quiroga	Lucía Fauve (LSA)
7. La decisión de Teodoro	Irene Singer Irene Singer	Lisandro Rodríguez Fuentes (LSA) Ator – Juanjo Lemmo
8. Barbazul	Charles Perrault Anabella López	Versão Anabella López Gabriel Ibáñez (LSA)
9. Caperucita Rojo	Jacob y William Grimm Mariano Díaz Prieto	Versão Liliana Cinetto Eduardo Cabrera (LSA) Atriz 1: Celia Salaz Atriz 2: Rita Andreotti
10.El crimen casi perfecto	Roberto Arlt	Lautaro Castiglia
11. A la deriva	Horacio Quiroga	Zoe Carbone
12. El triple robo de Bellamore	Horacio Quiroga	Sofía Castiglia

Tabela 6 - De amor

Obra (conto)	Autor e ilustrador	Tradutores (Leitores) para o Espanhol e para a LSA
1. Blancanievies	Jacob e Wilhem Grimm Eugênia Nobati	Karin Grumbetichi (LSA) Fábian Matut
2. El nombre (Cuento popular gitano de Transilvania)	Liliana Cinetto Ilustração não possui	Julia Valmarrosa (LSA)
3. El regalo de los Magos	William Sydeny Porter - O. Henry	Mariano Matut (LSA)
4. La Boda	Silvina Ocampo	Julia Valmarrosa (LSA)
5. El anillo encantado	María Teresa Andruetto Patricia Melgar	Fernando Siciliani (LSA)
6. El árbol de lilás	María Teresa Andruetto y Liliana Menéndez	Juan Daniel López Maccio (LSA)
7. Frida	Yolanda Reyes	Rodrigo Alfonso (LSA)
8. La Bella Durmiente	Jacob y William Grimm Eugenia Nobati	Versão Liliana Cinetto Juan Daniel López (LSA) Atriz 1: Alicia Ares Atriz 2: Rita Andreotti

9. Federica aburrida	Istvansch Istvansch	Aldo Bossio (LSA) Apresentador: Juanjo Lemmo
10. Rapunzel	Martín Moron Martín Moron	Tradutor não encontrado ou adaptador Guadalupe Ramundo (LSA)

Tabela 7- Cómico (Cômicos)

Obra (conto)	Autor e ilustrador	Tradutores (Leitores) para o Espanhol e para a LSA
1. Diario de un hada	Valeria Dávila e Mónica López Laura Aguebegue cherre	Noelia Penayo (LSA)
2. Petit, el monstruo	Isol Isol	Mateo Rodríguez García (criança) (LSA) Asistente: Olivia Rodríguez García (criança)
3. El paraguas del mago	Graciela Montes Ana Sanfelippo	Juan D. Lopez Maccio (LSA)
4. Por qué los elefantes prefieren jugar a la mancha	Silvina Rocha Mey!	Yonhatan Gonzalez (adolescente - LSA)
5. SUPERJUÁN o El cuento grande como una casa	Elsa Bornemann	Juan Daniel López Maccio
6. Regalo Sorpresa	Isol Isol	Rodrigo Alfonso (adolescente - LSA) Criança: Tomás Agustín Dotto
7. ¿A quién le toca el durazno?	Ah-Hae Yoon Hye- Won Yang	Juan Daniel López (LSA) Criança: Tomás Agustín Dotto
8. La decisión de Teodoro	Irene Singer Irene Singer	Lisandro Rodríguez Fuentes (LSA) Ator – Juanjo Lemmo
9. Cómo Berta conició a su gato	Ema Wolf Carlus Rodríguez	Alina Roxana Vaskevis (LSA) Ator: Tomás Agustín Dotto
10. Fiesta dedisfraces	Inés Trigub Inés Trigub	Julia Fernanda Valmarrosa (LSA) Criança: Mateo Ignacio Dotto

11. Epaminondas y su madrina	Liliana Cinetto Mariana Ruiz Johnson	Melany Solano (criança – LSA)
12. Detrás de él estaba su nariz	Istvansch Istvansch	Juan Daniel López Maccio (LSA) Criança: Mateo Ignacio Dotto
13. El comelibros	Agustín Comotto Agustín Comotto	Juan Daniel López (LSA)
14. No (es así)	Pablo Bernasconi	Julia Valmarrosa (LSA) Estefanía Pierini (LSA)
15. Agua salada	Pequeños escritores Manolo Hidalgo	Juán Lopez Maccio Julia Vamorrosa
16. Monstruos en el pelo	Pablo Medici (Brocha)	Lucía Fauve

As tabelas acima apresentam 56 (cinquenta e seis) traduções da literatura para infância e juventude para a LSA, observando uma categorização específica, ao separar crianças pequenas e maiores, como uma forma de pensar uma orientação que seja de fato mediadora de saberes e interesses, especialmente por ocasião das temáticas dos contos (medo, amor, animais, cômicos etc.), objetivando facilitar a aprendizagem de determinados conteúdos pelos usuários, ou seja, uma forma mais didática, sobretudo, em relação a classificação de contos clássicos, que são 11 (onze).

Na Argentina, como em diversos países na América do Sul, existem os programas consolidados de incentivo à leitura vinculados ao Ministério da Educação que distribuem determinadas obras para contribuir com a formação da criança e do adolescente, bem como apresentaras tendências sobre a literatura que deve ser lida na atualidade e seus valores no espaço da construção social e das subjetividades desses sujeitos nessa etapa do seu desenvolvimento. Percebo nitidamente a construção de um sistema literário traduzido para a LSA, totalmente ligado às políticas de tradução, vinculadas ao poder governamental argentino, no sentido do estabelecimento de modelos e da seleção mesmo das obras traduzidas.

Algo que me chamou atenção foi que os profissionais tradutores dos contos são chamados de lector (leitor), não de tradutor ou intérprete, o que significa que se anula o trabalho da retextualização na língua de chegada que sofre uma redução da sua visibilidade mesmo quando ela é o veículo para dar acesso a esses textos. Outro apontamento observado é que alguns “lectores” são crianças ou adolescentes, por exemplo, no conto “Petit, el monstruo de Isol” (<http://www.videolibros.org/video/70>), levando-me a concluir que...

Figura 3 – Le petit monstuo – Fonte: Canales



Figura 3 - Le petit monstuo

Os vídeo-livros possuem áudio e trilha sonora em Língua Espanhola seja para permitir que os pais ou educadores ouvintes que decidem sobre o acesso das pessoas surdas a esses conteúdos não se sintam excluídos, seja para manter o lugar central da língua oral que continua sendo o padrão a ser alcançado; as ilustrações são da própria obra selecionada, portanto, não é criado um cenário novo ou contextualizado. O *lector* está “dentro da obra”. No site podemos ver algumas estratégias utilizadas pela equipe de tradução, por exemplo:

FIGURA 4 - Equipe Canales Argentina



Figura 4 - Equipe Canales Argentina

Além disso, a descrição da equipe responsável aparece sempre no final do vídeo:



Figura 5 - Créditos

Fonte: Canales

Diante disso, essas particularidades do produto e do processo das traduções serão discutidas no corpus de análise a ser selecionado.

3.4.2 MAPEAMENTO DA TRADUÇÃO PARA LITERATURA PARA INFANCIA E JUVENTUDE PARA LIBRAS

Seguindo os fundamentos da história dos Surdos, Rocha (2009) e informações da Revista Espaço do INES contextualiza que no Brasil, o imperador Dom Pedro II convidou o professor francês surdo Edward Huet, que veio ao Brasil em 1855, contexto em que foi fundada a primeira escola de surdos, o Instituto Imperial de Surdos-Mudos (1857), atendendo, a princípio, somente aos estudantes do gênero masculino. Atualmente, tal instituição é conhecida como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e fica localizada na cidade do Rio de Janeiro. Huet trouxe a metodologia que foi utilizada e criada para o ensino da Língua Francesa de Sinais – LSF para contribuir com a educação de surdos no Brasil.

No ano de 1913, surgiu a primeira associação brasileira de surdos-mudos (ABSM), que tinha o objetivo de promover e construir uma língua brasileira de sinais, sendo fundada por João Brasil Silvado. Ele conheceu a Associação de Surdos de Ajuda Mútua em Buenos Aires e a fez num modelo similar no Brasil.

Em 24 de maio de 1913, a Associação Brasileira de Surdos-Mudos, começou a ser gerida e organizada pela associação de ouvintes. Em 16 de maio de 1953, uma outra associação denominada Associação Alvorada de Surdos surgiu ainda na cidade do Rio de Janeiro. Esta era uma organização especial e exclusiva para um certo grupo de surdos oralizados que pertenciam a elite carioca, promovendo total exclusão dos surdos pobres e sinalizantes que não eram contemplados neste espaço.

A Associação de Surdos de São Paulo, em 19 de março de 1954, passou a ter como meta criar novas associações, nos mesmos moldes, em outros Estados do país. Dessa forma, em janeiro de 1955, foi fundada a Associação dos Surdos do Rio de Janeiro e, em 30 de abril de 1956, a Associação dos Surdos de Minas Gerais. Essas instituições motivaram os surgimentos de outras associações de surdos que se espalharam por todo o país e até os dias atuais continuam em construção e desenvolvimento. Estima-se que existam mais de 100 associações de surdos no Brasil. Vale ressaltar a criação da FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração de Surdo), no final da década 80, com sede no Rio de Janeiro e filiais em outros estados, como sendo também um marco do movimento surdo em favor dos direitos humanos, principalmente, linguístico e cultural.

No ano de 2002, foi criada a lei nº 10.436, de 24 de abril, na qual reconhece “como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados” (BRASIL, 2002, p.1). Mas ela substitui a Língua Portuguesa

na modalidade escrita.

A partir da criação da citada lei, várias outras foram sancionadas em diversos municípios e estados brasileiros, por exemplo, o decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, regulamentado pela Lei 10.436/2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, bem como o art. 18 da Lei no. 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que apresenta algumas particularidades, por exemplo, : 1) cita as formas institucionais para o uso e a difusão da Língua Brasileira de Sinais e da Língua Portuguesa, visando o acesso das pessoas surdas à educação; 2) preconiza a inclusão da Libras como disciplina curricular; 3) sugere a formação de professores e instrutores de Libras; 4) afirma a importância do uso e da difusão da Língua de Sinais e da Língua Portuguesa para a formação identitária das pessoas surdas, bem como o pleno acesso à educação; 5) defende a formação do tradutor/intérprete de Libras-Língua portuguesa; 6) exalta a garantia e o direito à educação das pessoas surdas; 7) afirma a importância de se garantir o direito à saúde das pessoas surdas ou com deficiência auditiva etc.

A partir da luta dos movimentos surdos e suas reivindicações, ações mais efetivas foram criadas para contemplar esses sujeitos em suas particularidades e interesses, numa plena inserção destes na sociedade brasileira, num sentido de uma efetiva participação cidadã, assim, de 2006 até 2015 ocorreu a certificação de proficiência em Libras através do Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras-Língua Portuguesa – PROLIBRAS.

A portaria do MEC em 2010 apresenta que 4.000 profissionais estavam habilitados para atuar no ensino de Libras com essa certificação, e em relação aos TILS, 2.725 profissionais estavam habilitados para os serviços de tradução e interpretação.

No ano de 2006, a Universidade Federal de Santa Catarina criou o primeiro curso de Licenciatura em Letras-Libras, sendo este um marco para a comunidade surda. Em 2008 ocorreu um plano de expansão do curso, ofertando novamente a Licenciatura e o Bacharelado em Tradução e Interpretação, o que ocorre também em diversos estados da federação nacional.

Em 2010, a lei no.12.319/10, regulamentou a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS em nível médio, trazendo várias implicações em relação aos contextos e espaços de atuação desse profissional, uma vez que.... No ano de 2015, lançou-se a Lei de inclusão da pessoa com deficiência, 13.146/2015, em que são apresentadas algumas particularidades sobre a atuação desse profissional, por exemplo:

1.1.1 - os tradutores e intérpretes da Libras atuantes na educação básica devem, no mínimo, possuir ensino médio completo e certificado de proficiência na Libras;

1.1.2 - os tradutores e intérpretes da Libras, quando direcionados à tarefa de interpretar nas salas de aula dos cursos de graduação e pós-graduação, devem possuir nível superior, com habilitação, prioritariamente, em Tradução e Interpretação em Libras (BRASIL, 2015).

Hoje existem mais de dez associações de Tradutores e Intérpretes de Libras nos estados brasileiros, tais como: APTILS – Paraná; ACATILS – Santa Catarina; AGILS – Rio Grande do Sul, APISBESP – São Paulo; APILSEMG – Minas Gerais; APILES – Espírito Santo; APILRJ – Rio de Janeiro; APILCE – Ceará; ASTILEAC – Acre, entre outras, que se fazem essenciais para as lutas da categoria profissional.

Existem ainda documentos que particularizam a atuação do tradutor e intérprete de Libras, como a Resolução TSE Nº 14.550 de 01 de setembro de 1994 - Deficiente Auditiva – que cita a propaganda eleitoral gratuita na TV com a obrigatoriedade da participação de intérpretes de Libras. O projeto de resolução nº 040/2003, retrata a tradução simultânea na Língua Brasileira de Sinais como essencial na programação da TV Assembleia. A lei nº 4.304, de 07 de abril de 2004, dispõe sobre a utilização de recursos visuais destinados às pessoas com deficiência auditiva na veiculação de propagandas oficiais, tudo isso sendo relevante.

A NBR 15.290/2005 obriga os programas políticos, jornalísticos, educativos e informativos a usarem a janela com um intérprete de Libras. A portaria nº 310, de 27 de junho de 2006, que foi alterada pela portaria nº 188 de 2010, cita os recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão, além disso, a Lei 13.146/2015, apresenta algumas particularidades, tal como: a importância das emissoras de televisão possuírem a legenda (Closed captions), que fica localizada na parte inferior direita da tela, porém, podemos notar que ainda existem poucas janelas de Libras nos programas de televisão. Há um programa na Web Tv em Libras chamado TV INES, do Rio de Janeiro, muitos surdos utilizaram Viável Brasil Prioridade de atendimento.

Diante dessas leis e dos movimentos sociais que levaram a construção e viabilização de determinadas ações em prol de uma dignidade cidadã para o sujeito surdo, na área da tradução literária, em que o texto literário possui determinado prestígio social, como já fora dito anteriormente, vimos as primeiras traduções literárias foram publicadas pelo INES e estão disponíveis no formato de DVDs da Coleção Educação de Surdos, trazendo, então, a tradução de clássicos da literatura infantil mundial. Na próxima seção apresento essas traduções.

3.4.2.1 MAPEAMENTO DA TRADUÇÃO PARA LITERATURA PARA INFANCIA E JUVENTUDE PARA LIBRAS: INES (CLÁSSICOS DA LITERATURA INFANTIL)

Os primeiros trabalhos foram publicados em 2003 pelo INES e estão organizados da seguinte forma: vídeos com legendagem; apresentação inicial; presença de narradores; uso de recursos estéticos em áudio, voz, música, personagens, figurino, cenário, tais como, presença de ilustrações virtuais e cenário externo; dramatização teatral de alguns contos ou fábulas etc. Algumas informações são apresentadas nos créditos, por exemplo, o governo vigente da época, o ministro da educação, a secretaria de educação especial, departamento de desenvolvimento humano científico e tecnológico, divisão de estudos e pesquisas, a equipe técnica, coordenação pedagógica dos trabalhos, atores, intérpretes, vozes, trilha sonora e efeitos sonoros, assistente de câmera, maquiagem, assistente de produção, produção executiva, computação gráfica, edição e finalização, edição e direção de áudio, direção de fotografia e direção geral.

Esses elementos nos levam a pensar nas relações da sociologia da tradução, da literária e nas políticas de tradução literária para Línguas de Sinais nas questões da agência e nos agentes, além disso, os trabalhos de Morais (2010) e Silva (2015) apontam análises acerca dessas produções ao apresentar elementos da contação de história, das questões de gêneros para infância como os contos de fadas, os contos maravilhosos, as fábulas e as lendas. Abaixo apresentamos essa seleta literária dos clássicos da literatura para infância.

Figura 6 – Chapeuzinho vermelho em Libras (INES)



Figura 6 - Chapeuzinho vermelho em Libras (INES)

Chapeuzinho Vermelho. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=JuCVU9rGUa8> . Acesso:

18 de novembro

Tabela 8 -Contos de Fadas, Contos Maravilhosos, Fábulas do INES

Obra	Autor	Tradutoras/es/Contador as/es/Atrizes e Atores para Libras
1 - Chapeuzinho Vermelho	Jacob y William Grimm/Walt Disney	Heloise Gripp
2 - Branca de Neve e os sete anões	Jacob y William Grimm/Walt Disney	Adriana dos Santos
3 - Patinho Feio	H.C Andersen/Walt Disney	Aulio Nobrega Heloise Gripp atrizes e atores
4 - Os três ursos	Cliff Wright	Aulio Nobrega Heloise Gripp Atrizes e atores
5 – Cinderela	Jacob y William Grimm/Walt Disney	Leandro Rodrigues Fernanda Machado Atrizes e atores
6 - João e Maria	Jacob y William Grimm/Walt Disney	Aulio Nobrega Adriana Santos Atrizes e atores
7 - Os três Porquinhos	Joseph Jacobs/Walt Disney	Paulo André Bullhões Adriana Santos Leandro Rodrigues Aulio Nobrega
8 - A Bela Adormecida	Jacob y William Grimm/Walt Disney	Leandro Rodrigues Fernanda Machado Adriana Santos Heloise Gripp Aulio Nobrega Paulo André Bulhões
9 - O gato de Botas	Jacob y William Grimm/Walt Disney	Aulio Nobrega
10 - A roupa nova do rei	H.C Andersen/Walt Disney	Leandro Rodrigues
11 – Rapunzel	Jacob y William Grimm/Walt Disney	Leandro Rodrigues
12 - O cântaro Milagroso	Orígenes Lessa	Leandro Rodrigues
13 - As fadas	Charles Perrault/Walt Disney	Heloise Gripp Fernanda Machado Adriana dos Santos Jeanie Ferraz Paulo André Bulhões
14 - O príncipe Sapo	Jacob y William Grimm/Walt Disney	Fernanda Machado Paulo André Bulhões
15 - A galinha dos ovos de Ouro	Jacob y William Grimm/Walt Disney	Adriana dos Santos Alex de Barros Marcus Vinicius Pinheiro

16 - Os trinta e cinco Camelos	<u>Malba Tahan</u>	Aulio Nobrega
17 - Aprende a escrever na areia	Malba Tahan	Aulio Nobrega

Lendas

Obra	Autor	Tradutores Para Libras
1 - O curumim que virou Gigante	Joel Rufino dos Santos	Leandro Rodrigues
2 - A lenda da Iara	Folclore brasileiro/Luís da Câmara Cascudo	Paulo André Bulhões Leandro Rodrigues Alex de Barros Fernanda Machado
3 - A lenda do Guaraná	Folclore brasileiro/Luís da Câmara Cascudo	Leandro Rodrigues
4 - A lenda da Mandioca	Folclore brasileiro/Luís da Câmara Cascudo	Paulo André Aulio Nobrega Vanessa Lesser
5 - O Curupira	Folclore brasileiro/Luís da Câmara Cascudo	Paulo André Bulhões Marcus Vinicius Pinheiro Aulio Nobrega

Fábulas

Obra	Autor	Tradutores Para Libras
1 - A lebre a tartaruga	Esopo	Heloise Gripp
2 - A raposa e as Uvas	Esopo	Heloise Gripp
3 - A cigarra e as formigas	Esopo	Rejane da Silva Adriana dos Santos Alexandra Paiva Bianca Tomaz
4 - O leão e o Ratinho	Esopo	Rejane da Silva Paulo André Bulhões Alex de Barros Adriana dos Santos
5 - O corvo e a Raposa	Esopo	Heloise Gripp Leandro Rodrigues
6 - O pastor e as Ovelhas	Esopo	Alex de Barros Aulio Nobrega Flávia Pires
7 - Dona Cabra e os sete cabritinhos.	Geoffroy de Pennart	Heloise Gripp Paulo André Bulhões Atrizes e atores mirins
8- A galinha Ruiva	Ingrid Biesemeyer Bellinghausen	Adriana dos Santos Alex de Barros Marcus Vinicius Pinheiro Rafael dos Santos Valter Cruz
9 - O cão e o Lobo	Esopo	Alex de Barros Aulio Nobrega Marcus Vinicius Pinheiro

3.4.2.2 MAPEAMENTO DA TRADUÇÃO PARA LITERATURA PARA INFANCIA E JUVENTUDE PARA LIBRAS: ARARA AZUL/ BRINQUE BOOK/ BIBLIOTECA NACIONAL/LSB VÍDEO

A literatura para infância e juventude traduzida pela Editora Arara Azul se fez em 16 emblemáticas obras, ou seja: *Alice no País das Maravilhas* (Lewis Carroll, 2002); *As aventuras de Pinóquio* (Carlos Collodi, 2003); *A história de Aladim e a lâmpada maravilhosa* (autor desconhecido, 2004); *Alice para crianças* (Lewis Carrol, 2007); *Peter Pan* (James Barrie, 2009); *Dom Quixote para crianças* (Miguel de Cervantes, 2011); *O Gato de Botas* (Charles Perrault, 2011); *João e Maria* (Irmãos Grimm, 2011); *Uma Aventura do Saci Pererê* (autor, 2011), *A cigarra e a formiga* (Fábulas La Fontaine, 2011); *A galinha de ovos de ouro* (Hans Cristian Andersen, 2011); *O soldadinho de chumbo* (Hans Christian Andersen, 2011); *A coruja e a águia* (Robert Louis Stevenson, 2011); *Aventuras da Bíblia em Libras* (Clélia Regina Ramos, 2011); *Uma Aventura de Saci Pererê* (Clélia Regina Ramos, 2011); *As estrelas de Natal* (Alessandra Klein e Karin Strobel, 2015).

Há também obras para jovens e adultos da literatura brasileira: *Iracema* (José de Alencar, 2002); *O velho da horta* (Gil Vicente, 2004); *O Alienista* (Machado de Assis, 2004); *O Caso da Vara* (Machado de Assis, 2005); *A Missa do Galo*; (Machado de Assis, 2005); *A cartomante* (Machado de Assis 2005), *O Relógio de Ouro* (Machado de Assis, 2005); *O cortiço* (Aluísio Azevedo, 2015).

Tabela 9 - Brink Book

Obra	Autor	Tradutores para Libras
1. Guilherme Augusto Araújo Fernandes	Mem Fox	Neiva Aquino Albres (Libras), 2009
2. O homem que amava caixas	Stephen Michael King	Neiva Aquino Albres (Libras), 2009.

As traduções são feitas junto aos livros e as ilustrações.

Tabela 10 - Biblioteca Nacional

Obra	Autor	Tradutor
1. O alienista	Machado de Assis	Félix Oliveira Santos (2016)
2. A alma encantadora das Ruas	João do Rio	Félix Oliveira Santos (2016)

3. Aventuras de Alice no país das maravilhas	Lewis Carroll	Félix Oliveira Santos (2016)
4. Crônicas	Lima Barreto	Félix Oliveira Santos (2016)
5. O Flautista de Hamelin	Robert Browning	Félix Oliveira Santos (2016)
6. O pequeno príncipe	Antonie Saint -Exupery	Félix Oliveira Santos (2016)
7. Relíquias da Casa Velha	Machado de Assis	Félix Oliveira Santos (2016)
8. Romance do Pavão Misterioso	João Melquides da Silva	Félix Oliveira Santos (2016)
9. A chegada de Lampião no Céu	Guaipuan Vieira	Félix Oliveira Santos (2016)
10. A terrível história da perna cabeluda	Guaipuan Vieira	Félix Oliveira Santos (2016)

Exemplo:

Figura 8 - biblioteca nacional

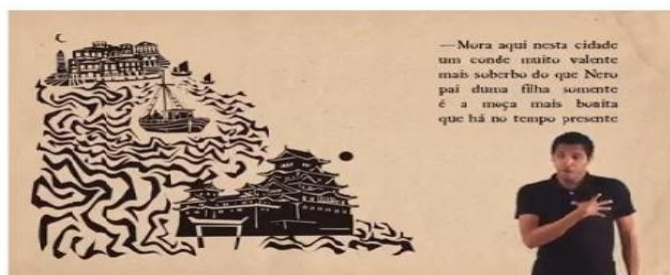


Figura 7 - Biblioteca Nacional

As traduções/interpretações são feitas junto ao livro e traduções.

Tabela 11 - LSB Vídeo (Fábulas de Esopo) e contos

Obra	Tradutor
Fábulas de Esopo	
1. A lebre e a tartaruga	Nelson Pimenta
2. O sapo e o boi	Nelson Pimenta
3. O lobo e cegonha	Nelson Pimenta
4. A reunião geral dos Ratos	Nelson Pimenta
5. O leão apaixonado	Nelson Pimenta
6. A queixa do pavão	Nelson Pimenta
7. A raposa e as uvas	Nelson Pimenta
8. As gêmeas e o galo	Nelson Pimenta
9. O cão e o pelicano	Nelson Pimenta
10. Os pelicanos amigos	Nelson Pimenta
11. O cão e seu osso	Nelson Pimenta
12. O sol e o vento	Nelson Pimenta
Contos	
Obras	Tradutor
1. Os Três porquinhos	Nelson Pimenta
2. Chapeuzinho Vermelho	Nelson Pimenta

Até momento, encontra-se oitenta e uma (81) traduções para Libras, sendo que, sessenta e cinco (65) são textos da literatura para infância e juventude. Assim, uma hipótese que levantei é que os gêneros mais curtos possuem um baixo custo de produção, além da questão da recepção pela comunidade surda, o que me faz entender as relações do direto à leitura do texto ficcional para criança surda e as políticas curriculares do campo da literatura.

3.4.3 MAPEAMENTO DA TRADUÇÃO DA LITERATURA PARA INFANCIA E JUVENTUDE PARA LSPy

A realidade dos surdos no Paraguai se dá em contexto trilingue, pois o país possui três línguas, as quais são: o Castelhana, o Guaraní (oficiais) e a Língua de Sinais Paraguaia (LSPy – não oficial). Sobre a LSPy, sabe-se que tem raízes históricas com a Língua de Sinais Uruguaia (LSU), mas é uma língua distinta, especialmente, nas proximidades das fronteiras com a Bolívia, Brasil e Argentina, existindo nesses espaços variações.

A comunidade surda paraguaia, enquanto movimento social, luta pelos direitos linguísticos e humanos, por exemplo, o Centro de Surdos do Paraguai foi fundado em 1961 e é referência na luta por uma educação de qualidade, tendo como base a inclusão da Língua de Sinais como língua de instrução, bem como o reconhecimento oficial da LSPy; a formação e o desenvolvimento de intérpretes de Língua de Sinais para atuar em diferentes contextos, também o acesso a um serviço de saúde de qualidade, ao emprego, às tecnologias e aos materiais educativos e formativos em LSPy, entre outros direitos que de fato tornem esses sujeitos inseridos e participantes de uma sociedade.

Vejamos o que preconiza a Lei nº 4251/2010 sobre as línguas usadas no Paraguai:

La presente Ley tiene por objeto establecer las modalidades de utilización de las lenguas oficiales de la República; disponer las medidas adecuadas para promover y garantizar el uso de las lenguas indígenas del Paraguay y asegurar el respeto de la comunicación visogestual o lenguas de señas. A tal efecto, crea la estructura organizativa necesaria para el desarrollo de la política lingüística nacional (autor, año, artículo 1).

A Lei nº 4336/2011 que estabelece a obrigatoriedade da linguagem de sinais nos informativos de comunicação audiovisuais destaca:

- b) Reconocer el lenguaje de señas o visogestual utilizado por las personas con discapacidad auditiva, como medio de expresión y comunicación con los demás miembros de la sociedad.²⁵
- c) Promover e imponer la obligación de la adaptación de los medios de comunicación audiovisual a formatos que puedan hacer posible la difusión de información, a través del lenguaje de señas o visogestual (autor, año, página).

O Paraguai possui várias associações de surdos, por exemplo, a Asociación Paraguaya de Sordos (APS), la Asociación Adultos Mayores de Sordos del Paraguay, Asociación de Sordos, la Asociación del Sordos Ciudad Del Leste, entre outras, comendo 10 (dez)

associações. Existe também a Federación Nacional de Personas Sordas. No ano de 2014 foi criado o primeiro curso de Licenciatura em Ciências de Educação em Língua de Sinais na Universidad Nacional de Asunción.

O país tem a Asociación Nacional de Intérpretes de Lengua de Senãs Paraguaya e os TILS têm lutado para uma formação de nível superior em tradução e interpretação como acontece em outros países do Mercosul, em que essas formações acontecem por meio das Associações de surdos e e intérpretes. O governo paraguaio, por meio da Secretária de Políticas Linguísticas e dos Ministérios da Educação e do Desenvolvimento Econômico e Social, apoiou a atualização e criação de um dicionário digital em LSPy que foi lançado em agosto de 2018.

Como fora dito anteriormente, em parceria com a Associação Canales Argentina, com a UNICEF, com a Fundação Itaú e o governo paraguaio, foram publicadas 10 (dez) traduções de contos infantis em LSPy (2017), com o mesmo modelo de trabalho da LSA, mantendo as categorizações utilizadas em outros contextos. No site é necessário ter o cadastro e mudar a bandeira do país para assistir ao vídeo-livro.

Figura 9: link do Paraguai



Figura 8 - Link do Paraguai

Tabela 12 - Para los más chicos (Para os pequeninos)

Obra	Autor e ilustrador	Tradutor (Lector)
Por qué los elefantes prefieren jugar a la mancha	Silvina Rocha Mey!	Carlos Sánchez
El paraguas del mago	Graciela Montes Ana Sanfelippo	Carlos Sánchez (LSPy)
El patito feo	H.C Andersen Sabina Álvarez Schürman	Sebastián Céspedes
El anillo encantado	María Teresa Andruetto Patricia Melgar	Carlos Sánchez
La Bella Durmiente	Jacob y William Grimm Eugenia Nobati	María González
Epaminondas y su madrina	Liliana Cinetto Mariana Ruiz Johnson	Marcelo Goiburu
El gato con botas	Jacob y William Grimm Sebastián Barreiro	Sebastián Barreiro
Caperucita Rojo	Jacob y William Grimm Mariano Díaz Prieto	Marcelo Goiburu

Tabela 13 - Para los más grandes (Para os maiores)

El anillo encantado	María Teresa Andruetto Patricia Melgar	Carlos Sánchez
Frida	Yolanda Reyes	Marcelo Goiburu
El árbol de lilas	María Teresa Andruetto y Liliana Menéndez	Marcelo Goiburu

Tabela 14 - Clasicos (Clássicos)

Obra	Autor Ilustrador	Tradutor (leitor)
El patito feo	H.C Andersen Sabina Álvarez Schürman	Sebastián Céspedes
La Bella Durmiente	Jacob y William Grimm Eugenia Nobati	María González
Epaminondas y su madrina	Liliana Cinetto Ilustradora: Mariana Ruiz Johnson	Marcelo Goiburu

El gato com botas	Jacob y William Grimm Sebastián Barreiro	Sebastián Barreiro
Caperucita Rojo	Jacob y William Grimm Mariano Díaz Prieto	Marcelo Goiburu

Tabela 15 - Animales (Animais)

Obra	Autor Ilustrador	Tradutor (leitor)
Por qué los elefantes prefieren jugar a la mancha	Silvina Rocha Mey!	Carlos Sánchez
El patito feo	H.C Andersen Sabina Álvarez Schürman	Sebastián Céspedes
El gato com botas	Jacob y William Grimm Sebastián Barreiro	Sebastián Barreiro
Caperucita Rojo	Jacob y William Grimm Mariano Díaz Prieto	Marcelo Goiburu

Tabela 16 - De miedo (De medo)

Obra	Autor Ilustrador	Tradutor (leitor)
Caperucita Rojo	Jacob y William Grimm Mariano Díaz Prieto	Marcelo Goiburu

Tabela 17 - De amor

Obra	Autor Ilustrador	Tradutor (leitor)
El anillo encantado	María Teresa Andruetto Patricia Melgar	Carlos Sánchez
La Bella Durmiente	Jacob y William Grimm Eugenia Nobati	María González
Frida	Yolanda Reyes	Marcelo Goiburu
El árbol de lilas	María Teresa Andruetto y Liliana Menéndez	Marcelo Goiburu

Tabela 18 - Cômicos (Cômicos)

Obra	Autor Ilustrador	Tradutor (leitor)
Por qué los elefantes prefieren jugar a la mancha	Silvina Rocha Mey!	Carlos Sánchez
El paraguas del mago	Graciela Montes Ana Sanfelippo	Carlos Sánchez (LSPy)
Epaminondas y su madrina	Liliana Cinetto Ilustradora: Mariana Ruiz Johnson	Marcelo Goiburu

As traduções literárias para a LSPy selecionadas correspondem a 50 % de textos clássicos da literatura para infância. Ao fazer uma análise não tão aprofundada das políticas linguísticas do Paraguai, pode-se dizer que as leis acessadas sempre estão relacionadas a educação especial, a educação inclusiva e a pessoa com deficiência. Não há uma educação linguística, mas já ocorreu alguns avanços, por exemplo, a formação em licenciatura de Lengua Señas (2014) e a criação da Associação Nacional de Intérpretes de LSPy, motivando ações como a tradução literária.

3.4.4 MAPEAMENTO DA TRADUÇÃO DA LITERATURA PARA INFANCIA E JUVENTUDE PARA LSU

Somente a partir de 1989 é que o governo uruguaio começou a mostrar um compromisso oficial e de ações afirmativas sobre e com relação a comunidade surda e suas necessidades cidadãs, aprovando, por exemplo, a Lei 16.095/1988, que apoiou a pesquisa, ensino e difusão de materiais em LSU (Lenguas Señas Uruguay). A Lei 17.378/2001 reconhece a LSU como língua natural da comunidade surda. De acordo com esta lei, os serviços de interpretação devem ser prestados em mídias televisivas e para outros eventos da comunidade surda, também exige que edifícios do governo tenham acesso público com notificações visuais, tais como sistemas de alarme de luz etc. A Lei 18.437/2008 refere-se a LSU não só como uma Língua natural, mas também como língua nativa da comunidade surda uruguaia, o que se estende para uma oficialidade nacional.

Não sabemos ao certo o exato momento em que a comunidade cultural surda uruguaia foi desenvolvida e construída, mas Behares (1986) nos auxilia indicando que houve comunidades surdas presentes em Montevidéu, Salto e Paysandú no início da década 1980. A LSU compartilha e possui certas semelhanças com a LSA e a Libras, as comunidades surdas uruguaias têm desenvolvido as suas identidades surdas nacionais, bem como a sua língua, com particularidades linguísticas e sociolinguísticas muito específicas.

Segundo Behares (1988) os grupos de pessoas surdas estão reunidos em escolas, associações ou reuniões informais nas cidades de Montevidéu, Salto e Paysandú em uma base regular, levando ao desenvolvimento e ao uso da Língua de Sinais nas comunidades na parte ocidental do Uruguai. Em comparação, lugares como Rivera, na fronteira nordeste com o Brasil e Maldonado, na costa sul, não há o mesmo contato com estas comunidades, e existem alguns relatos de que pessoas surdas nestas cidades utilizam certas variações no uso da língua de sinais, diferindo-se das expressões dos grupos de surdos em um contexto mais unificado e/ou maior.

Behares et al. (1986 e 1988), afirmam que o alfabeto manual em Montevidéu tem uma ligação histórica a uma variedade de sinais, usados especialmente na Espanha, e o Salto alfabeto manual para o alfabeto manual de duas mãos utilizado na Grã-Bretanha, levando a diferenças na datilologia de vocabulário espanhol nestas comunidades surdas uruguaias, o que também indica que as variedades de sinais em Montevideo podem apresentar diferenças em relação a faixa etária, sendo que algumas padronizações fazem empréstimos da língua gestual argentina e brasileira.

Essas diferenças levaram alguns a considerar a LSU como tendo duas formas dialectais: A Língua de Sinais de Montevideo e a Língua de Sinais de Salto²⁶. Alguns projetos no Uruguai incidiram sobre o desenvolvimento da LSU, neste caso, a produção do dicionário bilíngue da Língua de Sinais Uruguai no final da década de 80, que se configura com o pioneirismo nas pesquisas terminológicas em América do Sul. Além disso, a Federación Uruguaya de Cooperativas de Ahorro y Crédito (FUCAC) deu uma doação considerável para a Asociación de Sordos del Uruguay (ASUR) para a criação de um outro dicionário de uma Língua Visual-Espacial-Gestual, e em 2007, foi publicado um outro dicionário.

A primeira associação surda nacional, Asociación de Sordomudos de Uruguai (AsMu), foi fundada em 1928, o que fez com que pessoas surdas começassem rapidamente a se reunir, a partir da capital, se espalhando pelo interior do país. Mais tarde, tal mudou o nome para a Associação de Sordos del Uruguay (ASUR) e oferece um lugar de encontro social e treinamento para a comunidade local em diferentes habilidades e inserção à sociedade, tais como: conhecimentos de informática.

Em 1993, o Centro de Investigación y Desarrollo de la Persona Sorda (CINDE) foi fundado com três objetivos principais: ter a LSU reconhecida como língua natural dos surdos em todo o Uruguai (fato que se consumou em 2001); desenvolver a formação intérprete.

Como resultado da Lei 17.378/ano, um programa para intérpretes certificados foi estabelecido pelo CINDE., também o oferecimento de um curso de Língua de Sinais de dois ou cinco anos de formação. As aulas são ministradas por professores surdos e acontecem de três a quatro vezes por semana. De acordo com Belloso (2010), em 2009 havia duas centenas de estudantes no CINDE e cinquenta foram estudar interpretação em LSU.

Em 1994 foi fundada a Associação de Pais e Amigos dos Surdos no Uruguai (Asociación de Padres y Amigos de Sordos del Uruguay - APASU), com o objetivo de ajudar as famílias a encontrar boas oportunidades de educação e estágios para seus filhos surdos. APASU também se esforça para ajudar as crianças surdas a integrarem-se na sociedade, bem como ouvir e participar de eventos relacionados às suas experiências de sujeitos surdos. Uma série de outras organizações estão envolvidas com a comunidade surda uruguaia, incluindo a Asociación Ayuda Mútua de Sordos del Uruguay, a Associação de Intérpretes de Lengua de Senas Uruguaya, a Asociación de Sordo Ciegos del Uruguay (ASCUY), a Organización Deportiva de Sordos del Uruguay (ODSU), o Servicio Central de Bienestar Universitario, a Asociación de Sordos de Maldonado, a Asociación de Sordos de Durazno (ASDU) e a Associação Pró Hogar de la Sordomuda.

Apesar de perceber que muitas ações ainda precisam ser construídas e realizadas no

sentido da real inserção do sujeito surdo à nação uruguaia, podemos perceber já a criação de um ambiente com mais acesso ao desenvolvimento cidadão da comunidade surda, o que parece estar se movendo em uma direção positiva, especialmente pela participação ativa da ASUR e também do CNDE, beneficiando as políticas linguísticas e de tradução, também a formação de tradutores e intérpretes para atender diferentes contextos de atuação em todo o Uruguai. Segundo os documentos legais citados acima, o trabalho do futuro é desenvolver uma comunidade que esteja focada em aumentar o acesso dos surdos aos ambientes universitários e de cuidados relacionados à saúde, buscando o aperfeiçoando dos profissionais de tradução e interpretação LSU-Espanhol-LSU.

Tabela 19 - Los más chicos (Para os pequeninos) - Clásicos (Clássicos)

Obra	Autor Ilustrador	Tradutor (leitor)
La Bella Durmiente	Jacob y William Grimm Eugenia Nobati	Maximiliano Amaral
El patito feo	H.C Andersen Sabina Álvarez Schürman	Virginia Espino
El gato com botas	Jacob y William Grimm Sebastián Barreiro	Juan Andrés Frugoni
Caperucita Rojo	Jacob y William Grimm Mariano Díaz Prieto	Ximena Romero

Tabela 20 - Animales (Animais)

Obra	Autor Ilustrador	Tradutor (leitor)
El patito feo	H.C Andersen Sabina Álvarez Schürman	Virginia Espino
El gato com botas	Jacob y William Grimm Sebastián Barreiro	Juan Andrés Frugoni
Caperucita Rojo	Jacob y William Grimm Mariano Díaz Prieto	Ximena Romero

Tabela 21 - Miedo (Medo)

Obra	Autor Ilustrador	Tradutor (leitor)
Caperucita Rojo	Jacob y William Grimm Mariano Díaz Prieto	Ximena Romero

Tabela 22 - De amor

Obra	Autor Ilustrador	Tradutor (leitor)
La Bella Durmiente	Jacob y William Grimm Eugenia Nobati	Maximiliano Amaral

A Asociación de Sordos del Uruguay (ASUR) espera futuramente criar mais livros para as crianças e os adultos surdos em LSU e existem projetos em parceria com certos órgãos públicos, como a Canales e outros. Além disso, percebe-se o desenvolvimento de pesquisas no campo da tradução e da interpretação de Línguas de Sinais, propondo modos de pensar em um contexto cultural, político e social pluricultural e plurilinguístico.

3.5 OBRAS, AMOSTRAS, MODELOS TRADUTÓRIOS E MUNDO SIMILAR EM LSA, LIBRAS, LSPY, LSU

Escolhi para uma breve análise quatro contos traduzidos das diferentes Línguas de Sinais estudadas, ou seja, observando a construção estética e performática da poética de traduzir contos infantis, sejam tais textos produzidos por tradutores surdos ou ouvintes. Sobretudo, o registro elevado da linguagem literária em ambas as línguas, a prosódia do texto literário nas diferentes línguas, especialmente, no que diz respeito ao mundo similar entre as diferentes linguagens literárias e a literatura que é manifestada totalmente pelo corpo externo nas Línguas de Sinais.

Para este momento, se faz essencial para eu fazer o exercício da reflexão sobre a aceitabilidade e a plena adequação de alguns pontos políticos, na tradução da literatura para infância e juventude. Levanto alguns questionamentos: O objetivo dessas traduções é apenas acessibilidade de quem? O funcionamento delas na cultura fonte atingirá o patamar de cânone ou aproximará mais uma cultura em detrimento da outra ou haverá um equilíbrio; adição ou subtração cultural?

As relações dialéticas e dialógicas são relevantes para pensarmos o funcionamento dessas traduções literárias, uma vez que certos dispositivos como a educação, as instituições, a literatura e a tradução são provenientes e partícipes de processos funcionais da amplitude das traduções com um caráter político. Segundo Debus et. al (2017, p. 20), esses diálogos se movem pela formidável e latente atribuição, por meio de estudos elaborados em cada campo em si, também pelas fronteiras, pensando em uma temporalidade presente, passada futura, estimados em um alicerce indissolúvel dos plurais campos da cultura, ou seja, falar do outro é refletir na relação eu/outro.

Glissant (2005) ao propor uma estética da *Relação* considera a questão da identidade das “minorias”, dos povos e das comunidades emergentes o lugar emancipatório e as literaturas produzidas por estes povos se faz em notável expressão política e econômica, desconstruindo a padronização das culturas, vendo que as fronteiras ou o mundo similar entre os gêneros e a tipologia textual são deslocadas, sendo o pensamento poético o lugar em que o autor rega a escrita ou na delicada procura de desvendar do real, tanto no campo histórico quanto no campo político e ideológico. Então, as culturas não *são*, mas estão *sendo* dentro desse processo de *Relação*. Assim, a função investigativa das literaturas se faz urgente e necessária no sentido de fazer emergir a complexidade e heterogeneidade de cada cultura e língua específica, tendo em vista os caminhos para a preservação da diversidade de viver arte.

Diante desse argumento tão profundo para pensar língua, cultura e tradução de uma comunidade emergente, segue-se a apresentação do mundo similar entre Espanhol e as Línguas (LSA, LSPy e LSU) e o Português e a Libras na tradução de textos da literatura para infância e juventude, O primeiro texto a ser apresentado e detalhado no aspecto descritivo é o conto “Chapeuzinho Vermelho” - LSA, Libras, LSPy e LSU.

3.5.1 O GATO DE BOTAS PARA LSA, LIBRAS, LSPY E LSU

Levando-se em consideração a figura de seus coletores/idealizadores e o contexto histórico-cultural e social em que os contos foram divulgados, toma-se nota para a análise e sua relação. As obras infantis de O Gato de Botas em questão foram: O Gato de Botas na versão de Charles Perrault, configurando o clássico nas três línguas (LSA, LSPy e LSU). O texto foi adaptado por Liliana Cinetto com ilustrações de Sebastián Barreiro. Para a Libras, ainda não foi encontrado o texto fonte utilizado.

Na LSA https://www.youtube.com/watch?time_continue=203&v=iaJ3Z6FIY foi disponibilizado em 2017.

Na Libras <https://www.youtube.com/watch?v=eMMEyLUbRLc> foi disponibilizado em 2006.

Na LSPy https://www.youtube.com/watch?time_continue=90&v=Hw6dMtZ3uXw foi disponibilizado em 2017.

Na LSU https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=QOEw3klS4Cc a disponibilizado em 2017.

O gato de botas para a LSA

O vídeo livro possui treze minutos e trinta e sete segundos. O produto possui áudio com barulhos de animais e algumas músicas; as ilustrações são do próprio livro selecionado. O texto inicia com a apresentação da Associação Canales, em seguida, informa a participação especial da dubladora Carina Zampini com a sua foto. Na sequência, duas atrizes surdas idosas dialogam sobre a produção de um vídeo em LSA do qual só conheciam por meio impresso; uma delas descreve o personagem que é um gato que usa botas, chapéu e possui uma espada, além de falar, em seguida, assistirão o conto. Elas são as apresentadoras da publicação.

Figura 10: Apresentação do conto



Figura 9 - Apresentação do Conto

Fonte: https://www.youtube.com/watch?time_continue=203&v=iaJ3Z6FIY foi disponibilizado em 2017

A tradutora (lectora) de O Gato de Botas inicia olhando para o livro para iniciar a história. Aparece a capa do livro com o título que ela traduz com uma expressão interrogativa, ou seja, um gato? Que tem botas? Ou que usa uma bota? De certa forma, a tradutora descreve a ilustração ao traduzir e dizer que o gato possui rabo e garras. A voz que acompanha também expressa a oração de forma interrogativa, aparecendo toda a capa e, em seguida, abre a primeira página para mostrar o local em que geralmente escreve-se o nome de quem pertence o livro, a outra com o título e a autoria.

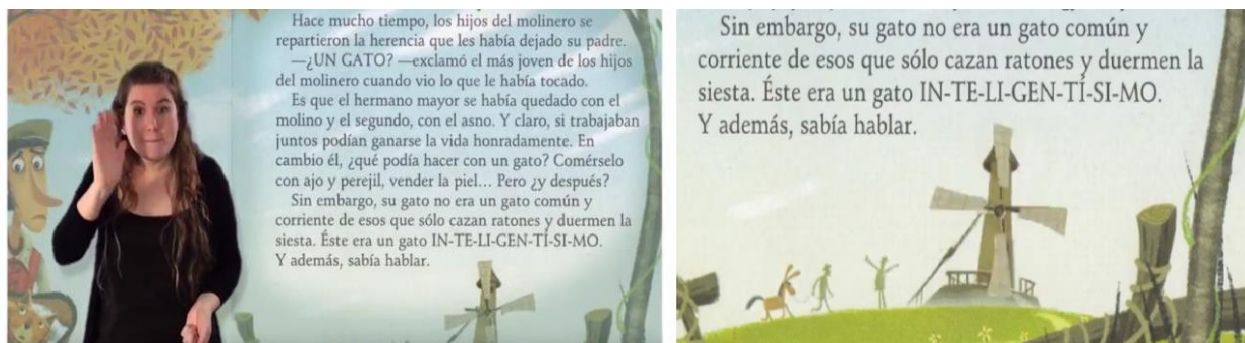
Figura 11: Capa do vídeo livro



Figura 10 - Capa do Vídeo livro

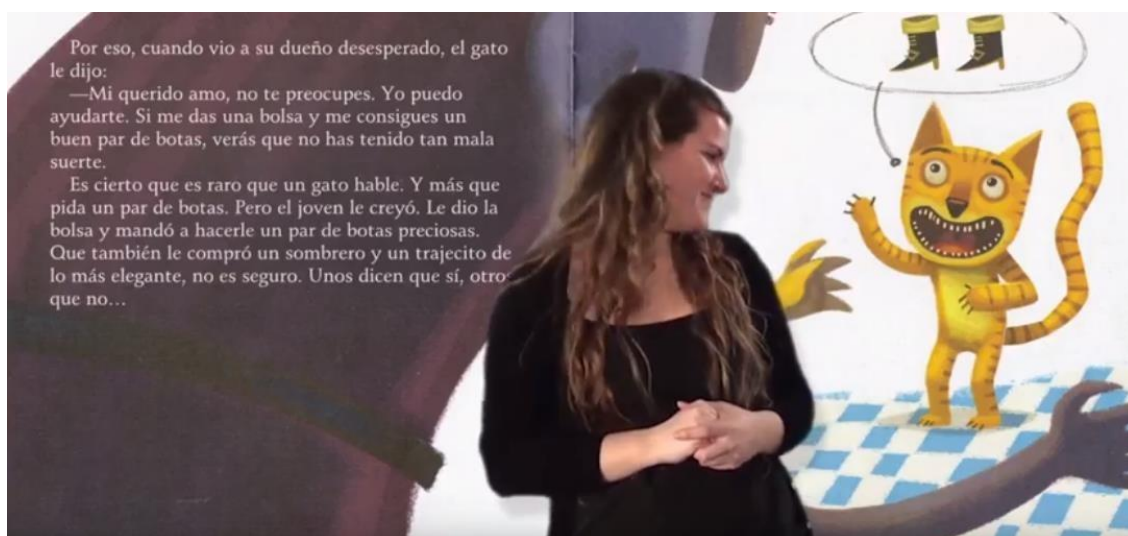
https://www.youtube.com/watch?time_continue=203&v=iaJ3Z6FIY foi disponibilizado em 2017

Ao iniciar o vídeo, a tradutora sempre olha primeiro para o texto para iniciar a sinalização, buscando incorporar a performance de uma criança, usando um tom “infantil” em olhar e se expressar. As imagens ficam animadas em movimento, por exemplo, o cata-vento se movimenta, em seguida, aparece outra ilustração.

Figura 12: A história**Figura 11 - A história**

Fonte: https://www.youtube.com/watch?time_continue=203&v=iiaJ3Z6FIYY foi disponibilizado em 2017

No final da leitura, o seu olhar volta-se para a ilustração, o que leva-nos a termos a a impressão que a tradutora interage com a ilustração animada do gato.

Figura 13: O olhar e a Interação com a ilustração**Figura 12 - O olhar e a interação com a ilustração**

Fonte https://www.youtube.com/watch?time_continue=203&v=iiaJ3Z6FIYY foi disponibilizado em 2017

Quanto maior for o parágrafo do texto, mais pausas acontecem, enfatizando a ilustração e retornando à tradução, sempre inserindo uma marcação para acompanhar o texto em Espanhol.

O livro é fechado e retorna para as atrizes surdas apresentadoras do conto; elas discutem sobre a questão do gênero textual e do personagem protagonista, assim, opinam se

gostaram do conto em vídeo livro ou não, finalizando com os créditos.

Figura 14: Uma conversa e os créditos

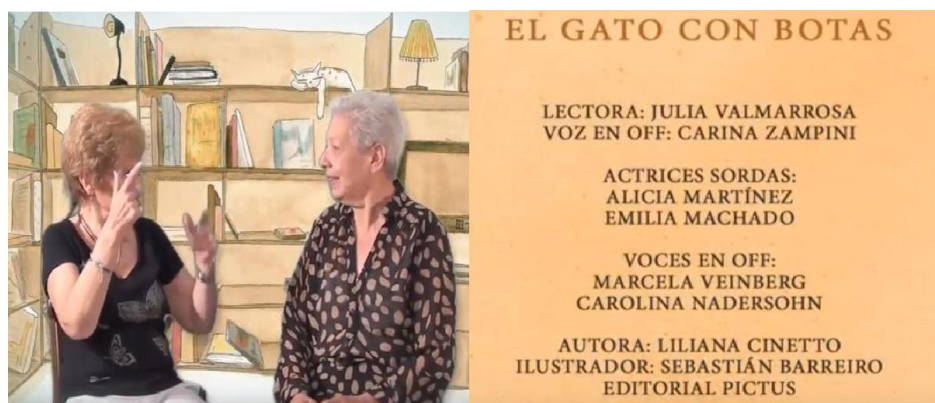


Figura 13 - Uma conversa e os créditos

Fonte: https://www.youtube.com/watch?time_continue=203&v=iaJ3Z6FIY foi disponibilizado em 2017

O Gato de Botas em Libras possui a duração de doze minutos e oito segundos, como foi descrito na tabela de tradução literária produzida pelo INES; o vídeo possui a apresentação inicial, o narrador, os recursos estéticos, a legenda, o áudio, voz, música, figurino e cenário com ilustrações imagéticas ou fotos editadas. Conforme abaixo, percebemos essa sequência entre a apresentação e o público da obra, também a criança, numa contação que traz a atmosfera de contar histórias para dormir.



Figura 14 - A contação e a leitura

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=eMMEyLUbRLc> foi disponibilizado em 2006.

Conforme o texto é contado, aparecem as ilustrações que fazem referência ao conto.



Figura 15 - O narrador

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=eMMEyLUbRLc> foi disponibilizado em 2006.

O gato de botas para a LSPy tem a duração de quatorze minutos e vinte e nove segundos; o texto de partida é o mesmo utilizado na LSA de Charles Perrault; este foi adaptado por Liliana Cinetto, com as ilustrações de Sebastián Barreiro, fazendo parte da iniciativa da Associação Canales. O vídeo não possui apresentação ou diálogo sobre a obra (o conto mais acessado na coleção de LSPy).

Figura 17: A apresentação



Figura 16 - A apresentação

Fonte: https://www.youtube.com/watch?time_continue=90&v=Hw6dMtZ3uXw

Na página inicial, há uma descrição do personagem em consonância com a capa e a leitura é demarcada quando há pausa.



Figura 17 - A apresentação e a história

Fonte: https://www.youtube.com/watch?time_continue=90&v=Hw6dMtZ3uXw



Figura 19 – Os créditos

Fonte: https://www.youtube.com/watch?time_continue=90&v=Hw6dMtZ3uXw

O gato de botas para a LSU tem a duração de 15 minutos e 33 segundos com elementos similares a LSA.



Figura 18 - O tradutor (leitor) e o locutor

Fonte: https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=QOEw3kIS4Cc a disponibilizado em 2017

O tradutor tem a estratégia de apresentar o produto livro e pontua o título da obra,

descrevendo a ilustração.



Figura 19 - A apresentação

Fonte: https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=QOEw3kIS4Cc a disponibilizado em 2017

A perceptividade visual é notada constantemente nas incorporações das personagens.



Figura 20 - A incorporação

Fonte: https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=QOEw3kIS4Cc a disponibilizado em 2017

Nos créditos, além da equipe, também é apresentado o apoio da Associação de Surdos Uruguaios, sendo esta uma referência de produção de material educativa para as/os surdos.

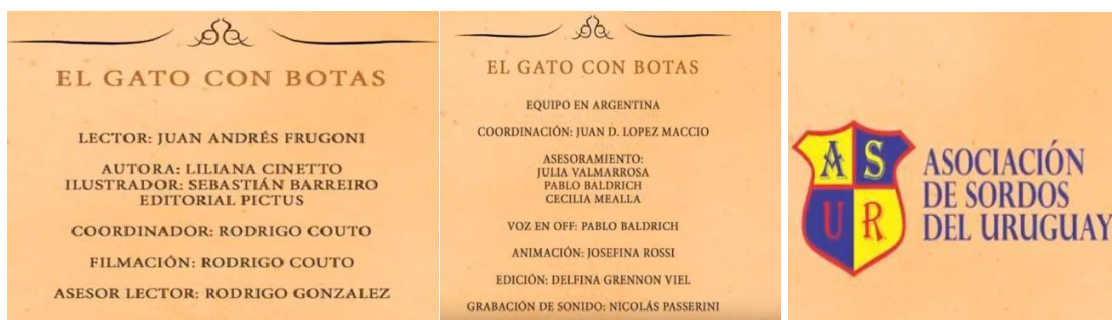


Figura 21 - Créditos

Fonte: https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=QOEw3klS4Cc a disponibilizado em 2017

A partir dessas breves amostras ilustrativas dos vídeos-livros da Canales e da contação de história do INES, senti a necessidade de conhecer o processo vivenciado pelos tradutores dos diferentes países, neste caso, Paraguai, Uruguai e Argentina. Como forma de apresentar esse conhecimento, materializei as viagens em forma de diário de bordo/viagem, como será observar no próximo capítulo.

4. DIÁRIO DE VIAGEM/BORDO DAS POLÍTICAS DE TRADUÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS: DO BRASIL AO PARAGUAI, URUGUAI E ARGENTINA

Sou estrangeiro em países próximos
 Terras que devo viajar
 Terras que devo conhecer
 Terras que devo estar
 Terras que devo dialogar

Movimento-me em estar nos lugares
 São processos e agências
 São identidades e atuações
 Relações entre nós sul-americanos
 Uma integração entre nós e os discursos entre nós

Somos irmãos, hermanos, de colonização Ibérica
 Eu do Brasil
 Ao Paraguai, Uruguai e Argentina
 Em vivências e em interpretações
 Encontros, congressos, associações, interlocuções

Vivências e políticas que dialogam comigo
 Nas minhas línguas, nas literaturas, nas traduções
 Nas intersecções, nas formações, nas investigações
 Naquilo que podemos aprender/ensinar
 Naquilo que podemos compreender/compartilhar

Percorri pelos países
 por suas línguas
 por suas literaturas traduzidas
 por suas sinalizações
 Traduzindo e me traduzindo
 Jeff Santana

O poema, acima, apresenta um pouco do meu diário de bordo/viagem, contendo as minhas inquietações e os meus afetos, ao investigar as políticas de tradução de textos literários a partir do meu lugar de fala, ou seja, a literatura do país que nasci. Aprendi as minhas primeiras palavras em Língua Portuguesa que é a minha Língua Materna, depois a Libras como uma segunda língua, e assim seguiu, outras línguas vieram e com elas um aprendizado que me fez descolonizar o meu próprio conhecimento.

A partir delas, e da maneira que comecei a olhar o mundo depois de conhecer essas línguas, percebo que me sinto em várias fronteiras, que regem minha localização, e que me colocam no limite entre raça, gênero e trabalho, e nessa caminhada percebo que estou a buscar e a me aproximar dos meus vizinhos mais próximos das terras estrangeiras e das línguas próximas como latino-americano e sul-americano.

Essas inquietações e o entendimento de um intérprete/pesquisador posicionado na fronteira, me fez também hibridizar meu próprio texto, para assim alcançar as nuances do meu trabalho e de minha pesquisa, por isso, durante a qualificação, a ideia de escrever um diário de

viagem se concretiza. Antes dele, pensava em apenas mapear ou realizar um panorama das políticas de tradução de Línguas de Sinais e da Literatura Traduzida em Língua de Sinais em Argentina, Paraguai e Uruguai, mas com o diário esta tese se constitui como um processo sociológico no qual pude conhecer as agências e os tradutores, para então, perceber como se constitui um campo do saber identitário na Literatura Traduzida.

A inspiração do diário de viagem, surgiu inicialmente por meio do livro “Diário de viagem” de Albert Camus (2004), escritor argeliano que viajou pela América do Sul, outro texto que me inspirou, foi as crônicas de viagem da escritora Cecília Meireles “Diário de Bordo (2015)” que conta as suas impressões de sua viagem náutica para Portugal, a autora viajou para realizar conferências educacionais e literárias e tudo isso me leva a pensar nos objetivos da minha viagens, nos diálogos entre Literatura e Tradução, na sociologia tradução e em teorias aplicadas a literatura traduzida para a infância e juventude.

Sair das telas do computador para sentir e ver de perto as interlocuções⁷⁷ para construir discursos, ecoar vozes, presenciar formas de políticas de tradução para Literatura Traduzida me colocou como observador atento de todas essas questões. Começo agora a relatar as minhas viagens, iniciada no Brasil, após uma breve passagem por Foz do Iguaçu, faço minha primeira parada internacional, no Paraguai, depois, ando um pouco mais e chego no Uruguai e por fim, à Argentina. Um percurso trilhado com o intuito de compreender um pouco mais sobre como é feito e escolhido os textos para a realização das traduções em um América próxima, e ao mesmo tempo distante.

⁷⁷ Os nomes dos interlocutores não foram revelados para preservá-los, somente a função social desses agentes políticos nos processos sociológicos da tradução.

4.1 DE FEVEREIRO A NOVEMBRO DE 2018: DO BRASIL AO PARAGUAI



Figura 22 - Mapa da primeira viagem

Em fevereiro, estava em Vitória, após as festas de carnaval, repensava o projeto de doutorado, para compreender o que realmente ia pesquisar, até então, pensava em traduzir uma seleta literária da Literatura Brasileira, para desenvolver uma tradução comentada, no entanto lembrava de pesquisas que havia iniciado em 2011, voltadas a literatura traduzida para as Línguas de Sinais em termos nacional e internacional, pretendia escolher países observando a produção feita em vários continentes, ou apresentar de forma comparativa as produções literárias de países, por exemplo, Espanha (Língua de Sinais Espanhola -LSE), Itália (Língua de Sinais Italiana- LIS), seria algo bastante amplo, pelo distanciamento espacial e de condições estruturais entre esses países e o Brasil.

Neste momento, procuro a existência de produções literárias dos países latino-

americanos por meio do Google e do Youtube, encontro, nesta última plataforma, os contos para infância da literatura mundial traduzida para a LSA e os contos da ADAS (Asociación de Artes & Señas⁷⁸ de Buenos Aires) uma associação que se dedica à formação, pesquisa e aplicação artística da Língua de Sinais Argentina, a qual desenvolve projetos teatrais em LSA e na edição de “livros sinalizados” para crianças surdas.

Também no Google, encontro os vídeos livros da Asociación Canales⁷⁹ de Buenos Aires, e vários contos para infância e juventude, não apenas para LSA, também para LSU, LSPy, hoje também para LSN (Língua de Sinais Nicaraguense). Esta última produziu diversos vídeo-livros, conforme apresentado no capítulo 2.

A partir dessa informação e dos meus interesses em pesquisar algo que fizesse mais sentido como latino-americano e sul-americano, resolvi investir e apostar nessa ideia de investigar as Literaturas Traduzidas para as Línguas de Sinais de países mais próximos, sobretudo, as pesquisas do Sul. Ao chegar em Florianópolis, em março, apresento essas traduções das Canales ao meu orientador, que percebe de maneira assertiva a potência e discussão que poderíamos realizar a partir da relação dos efeitos da política/sociologia da tradução de textos literários para a Línguas de Sinais.

Então, início a produção do texto de qualificação, tentando problematizar as políticas de tradução, para chegar, especificamente, aos textos literários para Línguas de Sinais. Um ponto inicial para a pesquisa foi o artigo de Santos & Francisco (2018), as autoras relacionam as políticas de tradução e as políticas linguísticas. Em outro artigo, Santos & Veras (2019), dialogam sobre os direitos linguísticos, delineando-os. A partir dessas leituras, tento articular políticas de tradução e as políticas literárias, com ênfase no direito à cultura/literatura, Candido (1988).

A contribuição da sociologia da tradução, partindo de Bourdieu (1996) e relacionada a uma ontologia social das profissões leva a compreender as razões, versões e efeitos da evolução e involução de grupos ocupacionais e suas atuações, para além desse pensamento e para compreendê-lo melhor podemos referenciar Fouces e Monzó (2020), Heilbron & Sapiro (2009) que apresentam os fenômenos da tradução e interpretação, em que os personagens principais são os agentes e sua coexistência para elucidar um campo de pesquisa, sobretudo, sobre as condições sociais da circulação internacional dos bens culturais por meio da política e da economia, no meu caso na tradução literária para as Línguas de Sinais, tentando de alguma forma entender o contexto e o espaço/tempo entre produção e recepção. Por isso, as

⁷⁸ Associação Artes e Sinais.

⁷⁹ Associação Canales.

interlocuções com agentes promovem uma sociologia da tradução para entender as políticas dos textos literários.

Assim, tenho a ousadia em começar um mapeamento de uma literatura traduzida para as Línguas de Sinais dos quatro países, a partir das traduções realizadas pela associação Canales, fio condutor dos três países. Depois de pesquisa minuciosa, feita a partir de textos literários para infância e juventude, faço algumas tabelas, como observado no capítulo 2, a partir das seguintes temáticas - para os menores, para os maiores, amor, animais, medo e comédia.

Ao perceber, as nossas aproximações como latino-americanos e sul-americanos e os fenômenos da tradução, busco entender a perspectiva política conforme Baker (2018). A autora salienta que vários grupos de tradutores e intérpretes estão de alguma forma envolvidos ativamente em ações coletivas que tentam desafiar o status quo político, uma das atividades são as associações e as agências de cunho ativista profissional. Neste sentido, em maio de 2018, entro em contato com o vice-presidente da Wasli, colega de luta e professor da área de tradução e interpretação Português-Libras, o qual me proporciona obter informações sobre os ativistas e estudiosos do Paraguai. Esse amigo é uma peça fundamental, naquele momento, para eu entender a nossa integração como TILS latino-americanos⁸⁰, afirmando a importância de compartilharmos conhecimento da área para promover a integração e o diálogo entre nós TILS.

Obtenho o contato da presidenta da ANILSPAR, a qual foi muito acolhedora em relação aos meus objetivos de pesquisa e as minhas intenções em conhecer o trabalho de tradução literária para a LSPy, até porque ela e o coordenador de Centro de Relevos foram responsáveis pelas produções de dez vídeos-livros da Canales. Ambos indicaram caminhos para minha pesquisa e me acompanharam em minha estada em Assunção com orientações sobre lugares, pessoas e secretarias, combinamos duas oficinas para o mês de novembro, uma para intérpretes Español-Guarani-LSPy e outra com os surdos e com os tradutores surdos dos textos literários da Canales na Federación Nacional de Asociaciones de Personas Sordas del Paraguay⁸¹.

Para obter os contatos dos outros países aguardava um grande evento interligado - o II Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística e Línguas de Sinais, VI Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa e V Encuentro de Sordos e Intérpretes de Lengua de Señas de América Latina, os quais ocorreriam na UFSC no mês de outubro. Esses eventos são formas de ações coletivas para potencializar e visibilizar o

⁸⁰ SOUZA-JÚNIOR, J. E. G; MUNOZ, A. G. B. The incredible and sad tale of sign language interpretation: A Latin American perspective. In: Barbara Gerner de Garcia, Lodenir Becker Karnopp, Editors. (Org.). Change and Promise: Bilingual Deaf Education and Deaf Culture in Latin America. 1ed. Washington: Gallaudet Press, 2016.

⁸¹ Federação Nacional de Associações de Pessoas Surdas da Paraguai.

campo dos Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais e integrar as nossas pesquisas como investigadores latino-americanos.

Em setembro, ocorre a minha qualificação, onde as ideias fervilham para continuidade do trabalho e para organização das viagens como forma de concretizar as minhas hipóteses de estudar as políticas de tradução de textos literários dos três países e realizar de alguma forma uma sociologia desses espaços de tradução e de interpretação.

Em outubro, acontece o tão esperado Congresso, no qual apresento minha comunicação “Políticas de tradução e de interpretação dos textos literários: o mapa da literatura traduzida para as Línguas de Sinais da América do Sul”, no eixo temático Políticas de tradução e interpretação, disserto sobre um recorte da minha pesquisa em andamento, finalizada a apresentação acadêmica, realizo uma performance artística, tenho como motivação pensar em quem pode elaborar essas políticas e como podemos favorecer a escolha de candidatos que possam contribuir para avanços nessa área, por isso questiono a postura política e os pronunciamentos de cunho fascista, racista e homofóbico de um dos candidatos as eleições presidenciais no Brasil, assim, levanto minha camisa, e mostro os escritos feitos com batom vermelho em meu peito: “ELE NÃO”. Desta forma, tento adequar minhas preocupações acadêmicas e políticas, demonstrando a necessidade de uma melhor compreensão dos fenômenos políticos que afetam várias áreas dos países estudados.

Depois da apresentação, no intervalo, eu tenho a oportunidade de conhecer e conversar com um professor e pesquisador da UdelaR e com uma das membras da diretoria da AAILS, momento que compartilho minhas intenções de continuar a investigação sobre as políticas de tradução de textos literários para as Línguas de Sinais e para minha alegria, eles demonstram interesse em contribuir com o meu trabalho. Este é um grande encontro de caminhares para as viagens, assim trocamos os nossos contatos e começamos elaborar algumas propostas relacionadas a investigação e no que eu poderia contribuir na formação dos TILS dos dois países. No final de outubro, viajo a Vitória, para votar no segundo turno das eleições presidenciais, em seguida, retorno a Florianópolis, já me preparando para realizar minhas próximas viagens.

Em novembro, antes de chegar a Assunção, viajo para Foz do Iguaçu, nas alturas, eu vejo as cataratas e o grande rio que nos divide do Brasil, do Paraguai e da Argentina, miro as fronteiras para participar do “II Congresso Internacional América Latina e Interculturalidade e II Seminário de Bilinguismo: fronteiras interculturais do saber e do conhecer” na UNILA, aguardo no aeroporto uma grande amiga e professora de História da América, que desde os tempos do mestrado pesquisava os livros didáticos do Brasil e da Argentina, um incentivo para

eu pesquisar os países mais próximos. As minhas memórias afetivas com essa companheira me fazem lembrar da época de nosso mestrado, no qual ela já estudava os países de língua espanhola da América Latina, e essa lembrança me tocou profundamente. E tive a certeza de que meu trabalho traria profundas mudanças em minha forma de me relacionar com meu objeto de pesquisa.

Estar na UNILA, representa sentir de fato a minha constituição como pesquisador latino-americano em busca de trocas com investigadores que tenham a América Latina e seus países como objeto de estudo, um diálogo sul-sul. No congresso, participo do eixo temático políticas de linguagem, apresento a comunicação “Políticas de linguagem e de traduções dos textos literários: a literatura traduzida para as línguas de sinais dos fundadores do Mercosul”, durante a conversa pós apresentação, algumas sugestões são dadas e o diário de bordo/viagem torna-se uma proposta de compreensão acerca da potência intercultural da literatura traduzida para as Língua de Sinais na América do Sul,

Compreendo então a importância de estar sempre fazendo anotações, e nesse momento percebo que minha troca não é só com outros intérpretes, pesquisadores e ativistas, mas também, comigo, com minha escrita e com minhas reflexões que vão ganhando vida e formato quando as coloco no papel, meu diário nesse momento, se torna um meio para elucidar minhas ideias.

A partir disso, penso em Glissant (2005), suas ideias são consolidadas observando os aspectos da tradução literária, dentro do imaginário das línguas, o qual sugere a “soberania” de todas as línguas quando da passagem de uma língua para outra, por meio da própria passagem que ela realizaria de uma língua para a outra, é a soberania de todas as línguas do mundo, ou seja, a tradução é um indicativo e a proeminência de que temos que conceber em nosso imaginário a totalidade das línguas e reconhecê-las nos espaços.

A tradução como um processo de “crioulização” ou de “mestiçagem cultural”, que tem como aspiração a “totalidade-mundo”, Glissant (2005) não se refere a uma essência universal da palavra e do sentido, mas à busca constante do tradutor por aquilo que há em comum entre as línguas e se insere na própria relação cultural que define o espaço da tradução e as identidades que se dão no diverso.

Pensar Glissant (2005) me fez refletir sobre minha própria busca como tradutor/intérprete, ela vai além do ato de traduzir, mas é uma perspectiva de onde estou nesse cenário e do que isso pode desencadear, favorecendo minha atuação como formador de tradutores/intérpretes e pesquisador, sobretudo reconhecendo as minhas identidades e interseccionalidade no meu processo de ensinar e aprender. Ao trazer o elemento da diversidade

cultural, teremos duas, ou mais línguas em contato, e pensar nessa totalidade é compreender como elas confluem no espaço/tempo de tradução.

Além dos pensamentos acima, outras trocas ocorreram na apresentação, foi sugerido destacar temas como o diverso de Glissant (2005) e a interculturalidade de Walsh (2019), para assim, compreender o trabalho dos tradutores de textos literários paraguaios e a comunidade surda paraguaia. Após tantas reflexões preciosas, sigo para Assunção, atravessando a ponte da Amizade e ouvindo vários idiomas simultaneamente, o castelhano paraguaio, o guarani e o português brasileiro, enquanto ouço essas várias vozes, ainda dentro do ônibus, compro de um vendedor quatro chipas⁸² e a experimento. E me percebo nesse lugar do diverso.

Ao chegar na rodoviária de Assunção, as cinco horas da manhã, uma das membras da ANILSPAR, já estava a minha espera e presencio uma cidade movimentada e o comércio já aberto. Chego em sua casa e me deparo com uma mesa de café da manhã. Que recepção calorosa! Ela, a membra, é uma intérprete de Espanhol-Guarani-LSPy, inclusive fala português, italiano e inglês, também é advogada e trabalha no Ministério do Trabalho.

Depois do café, nós sigamos para Região Central de Assunção, estava ansioso para conhecer os coordenadores e os tradutores literários de LSPy, a mesma, me deixou no Centro de Relevos que fica no Ministério e Secretária de Planejamento de desenvolvimento do Paraguai, onde aprecio placas em Espanhol e Guarani, isso me causa uma sensação de estar em um país bilingue, eram sete horas da manhã e neste momento já haviam ILS, trabalhando no centro de transmissão no atendimento on-line aos surdos. Percebo que a vida em Assunção começa cedo.

Já esperavam pela minha visita, pois iria ministrar uma da oficina, durante três dias, de quarta-feira a sexta-feira, no período vespertino “Traducción y Interpretación en contextos artísticos y literários a Lenguas Señas-Lenguas Orales” e a oficina no sábado “Traducción y interpretación em Lenguas de Señas producida por sordos” para os surdos.

No Centro de Relevos, tive contato com doze pessoas que trabalhavam naquele espaço, sendo oito intérpretes e quatro surdos. As nossas conversas giravam em torno da (re)construção da identidade dos TILS e da tradução e interpretação em textos e em contextos artísticos e literários, seis deles eram CODAS (possuem os pais surdos) e outros vieram do contato com as associações e espaços religiosos. Quanto aos surdos trabalhavam na administração do espaço, dois deles foram tradutores dos vídeos-livros de contos para infância e juventude da Canales.

Em conversa com o coordenador e com a coordenadora dos vídeos-livros para LSPy, eles contaram como era o processo de vivenciar e de traduzir textos de literatura, além disso,

⁸² Biscoito feito com margarina, polvilho e queijo.

discorreram sobre as questões da agência responsável pelo trabalho, a Canales, e as sugestões sobre como realizar o trabalho de tradução, eles leram as recomendações do protocolo de materiais acessíveis para crianças surdas.

As competências na produção dos vídeos-livros, são os seguintes:

a) Uso e reflexão sobre a Língua de Sinais - nativos do país e usuários da Língua de Sinais local, reconhecidos pela comunidade surda como referentes na educação, liderança e conhecimento de LS;

b) O uso e a reflexão sobre o espanhol escrito - profissionais com formação e experiência nas áreas de linguística geral, ensino da língua espanhola, tradução e interpretação. De preferência com experiência anterior em trabalho com comunidade de surdos e LS;

c) Conhecimento sobre a comunidade surda e cultura;

d) Interação regular com membros da comunidade surda; a adaptação de materiais escritos ao LS e vice-versa que sejam pessoas com experiência em trabalhos de adaptação de materiais escritos ao LS. De preferência com conhecimentos de produção de material audiovisual, fotografia, design e edição;

e) O controle, validação e monitoramento do resultado; pessoas com formação e experiência de trabalho em projetos sociais, investigação social e / ou linguística. De preferência com experiência anterior em trabalho com comunidade de surdos e LS.⁸³

Após a leitura dessas recomendações, refletimos sobre as questões de tradução, assim indaguei que os vídeos-livros não são identificados como um trabalho exatamente de tradução, e sim, como produção de um material didático acessível para crianças surdas, uma das questões é que os atuantes nos livros ou que fazem o processo de tradução são chamados de leitores e não de tradutores.

Os coordenadores observaram que se trata de uma tradução, e que a equipe buscou realizar uma tradução cultural, visto que, a função é pensar na produção de textos para infância de crianças surdas sinalizantes. Sob a perspectiva que a Língua de Sinais, independente do espanhol escrito, seja entendida como um texto em Língua de Sinais.

O coordenador, que é surdo, apontava elementos próximos ao argumento da Norma Surda de Tradução, conforme os estudos de Stone (2009). Esses estudos fazem pensar em um processo de uma língua não tão hibridizada, mas pensada a partir das particularidades dos textos e das culturas. Apresentando suas glosas para construção do texto em Línguas de Sinais para corporificar o texto escrito em Línguas de Sinais.

⁸³ Recomendações do grupo de trabalho Rio - 2017– Protocolo para elaboração de materiais acessíveis para crianças surdas.

Outro ponto importante, na continuidade da conversa com os coordenadores foi a questão sobre as escolhas dos textos selecionados para traduzir e a reflexão sobre a literatura no país e a cultura surda paraguaia, primeiro o coordenador diz “As línguas, as culturas, as literaturas e as identidades no Paraguai estão, ao mesmo tempo, em contato e em conflito também”, “Tudo há influência”, “Tudo se mistura”, “O que cada comunidade quer?”, “O que a comunidade surda quer?”.

Após esses questionamentos, eles narraram que, em 2015, com apoio da UNICEF traduziram duas lendas guaranis “Leyenda del Girasol⁸⁴ y Leyenda del Ñanduti⁸⁵”, esses são textos literários da literatura local, segundo os coordenadores “o nosso território paraguaio é um espaço multilíngue, temos a LSPY, o Espanhol, o Guarani, outras línguas indígenas, além disso, cada cultura e literatura são afetadas por outras culturas e literaturas”.

”Nós temos a consciência que muitos surdos não tiveram acesso a determinados textos e informações em razão da história e das especificidades da comunidade surda, uma justificativa é que a maioria de nós possuímos pais ouvintes, os quais não possuem contato com a LSPY, por isso a importância de discutir entre os nossos pares sobre o que traduzir, além disso, criamos os espaços para essas discussões, um deles, são as associações que fazem parte da nossa cultura surda e das nossas manifestações políticas e artísticas, por esse motivo te convidamos para ministrar uma oficina para nossa comunidade”. O argumento salientado pelos coordenadores confirma o desenho realizado por Silva (2018) sobre o polissistema da cultura surda, as associações estão interligadas a literatura originária em Língua de Sinais e a traduzida para Língua de Sinais.

Quando a proposta da Canales/UNICEF chegou para nós produzirmos os vídeos-livros para as crianças surdas paraguaias, a nossa equipe questionou a seleção dos textos, acerca da importância deles na formação como leitores e se fariam sentido para comunidade surda paraguaia, visto que, eram em sua maioria os clássicos da literatura para infância e juventude e de que modo seriam atraentes para criança surda paraguaia e para nossa comunidade como um todo, neste sentido, a tradução cultural foi a alternativa para produzir um efeito estético de língua para outra, diante das influências literárias entre as línguas e o espaço em que estamos.

Com esses questionamentos e apontamentos venho em minha mente o conceito de “diverso” e “mestiçagem” de Glissant (2005), conforme já fora supracitado. Também de zona de contato (Pratt, 1999), de transculturação na literatura (Rama, 1984), e a aplicação desses dois conceitos no trabalho de Masutti (2007) acerca da zona de contato entre surdos e ouvintes.

Após essas conversas com os coordenadores e com os intérpretes do Centro de Relevo,

⁸⁴ https://www.youtube.com/watch?v=aZV_W_bhPWM

⁸⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=S2o1R4EY6W4>

fomos para o local onde ministrei a oficina “Traducción y Interpretación en contextos artísticos y literários a Lenguas Señas-Lenguas Orales”, contavam dezenove TILS com diferentes níveis de competência tradutória/interpretativa. No primeiro dia, a discussão se deteve sobre conceito tradução e interpretação, já no segundo focamos na tradução e interpretação de textos e contextos artísticos e literários, por último, as práticas de tradução e interpretação de Español-LSPY. Vale ressaltar que algumas situações ocorreram na interpretação consecutiva de Español-Português, a presidenta, o vice-presidente e a tesoureira da ANILSPAR fizeram este trabalho, quando necessário.

Pude perceber que a maioria dos participantes eram Codas e com pouca experiência em textos e contextos artísticos e literários, além disso, as questões interseccionais foram colocadas em relação às contratações que ocorriam por algumas empresas em relação à aparência física. Para mim foi um importante momento para debater a interseccionalidade na tradução e interpretação e os entrecruzamentos entre gênero, raça e classe social.

Já no sábado pela manhã às sete horas uma das membras da Federação de Associações de Surdos do Paraguai foi me buscar na casa da tesoureira da ANILSPAR, o dia tão esperado da oficina “Traducción y interpretación en Lenguas de Señas producida por sordos”, contavam mais de setenta surd@s. Ministrei a oficina em Libras e ocorreu a interpretação para LSPY, as intérpretes surdas que atuaram moraram alguns anos no Brasil, estávamos todas ansiosas para essa atuação, nós conversamos antes e nos preparamos para este momento, entre a audiência estavam quatro surdos que traduziram textos literários para infância e juventude. A oficina tinha a carga horária de oito horas.

No primeiro momento, trabalhamos também o conceito de tradução e interpretação, em seguida assistimos dois vídeos-livros, alguns não conheciam, nem sabiam sobre o trabalho da equipe de tradução dos vídeos-livros e ficaram encantad@s. Neste momento, convidei os quatro tradutores para contarem as experiências deles, suas narrativas se concentravam na questão do trabalho em equipe de surdos e ouvintes, isso foi o ponto alto realizado pelos quatro, uma fala que me tocou muito foi de um surdo que traduziu “O gato de botas” do autor Charles Perrault, ele disse a respeito da tradução : “quando fui convidado para ser o “leitor” e tradutor, busquei muito a memória da minha infância para tecer em meu corpo um texto que fizesse sentido para as crianças surdas e para a nossa comunidade, busquei a criança que existe dentro de mim, para que o meu corpo pudesse expressar toda a experiência visual e a imaginação/fantasia da minha mente surda, além disso, apresentei antes de gravar essa narração para as crianças surdas, até por que hoje as crianças e jovens surdos possuem outras referências que não são mais as minhas, visto que, já sou um senhor.”

Essa fala me faz pensar na reflexão de Shavit (1986) e Oittinen (2000 e 2005) em relação a reconstrução de um texto para infância e quais são as estratégias de tradução que movem um tradutor ou uma equipe de tradução, as transformações textuais e os autores como tradutores. Um ponto alto na fala do tradutor de Gato de Botas é pensar no mundo mágico das crianças, dessa forma, ele constroeu o seu texto em Língua de Sinais e o estar com as crianças produz a sua subjetividade tradutória, além disso, existem também muitos conceitos e muitos termos que ainda não temos na língua de sinais. Portanto, a comunidade surda tem que trabalhar com neologismos e terminologia.

Outra fala relevante foi do jovem surdo que apresentou as lendas Guarani:

Estar em uma equipe de tradução com surdos mais velhos me faz construir a minha identidade surda e fazer com que os textos estejam no meu corpo desde cedo, além disso, desenvolvo um pensamento crítico sobre o que sou – eu sou tantas coisas, mas as pessoas não sabem quem eu sou e a literatura será que sabe? Ter acesso aos textos literários do meu país me faz entender as histórias e culturas próximas e cultivar a minha imaginação visual e fantasia, mas estar com e nesse processo que me constitui e estar aqui conversando entre nós sobre a tradução.

Este depoimento confirma o pensamento de Skliar (1998), mostrando a potencialidade da cultura surda em relação a identificação das crianças surdas com seus pares e com os adultos sinalizantes e a figura surda como tradutor, autor e crítico, sobretudo, desenvolvendo um pensamento reflexivo sobre a sua própria identidade.

Na continuidade da oficina, tivemos as práticas acerca dos textos literários, onde formamos pequenas equipes para traduzir alguns fragmentos literários da literatura paraguaia, guarani e as poesias em Libras para LSPy, foi um momento de emoção e de muito humor surdo⁸⁶.

Na parte da tarde, seguimos a discussão com a questão de interpretação de Línguas de Sinais-Línguas de Sinais, e toda oficina aconteceu como já fora dito, o tempo todo, com a interpretação do meu discurso, na parte prática com alguns surd@s. Utilizei os Sinais Internacionais, como momento prático fizemos a dinâmica do espelho, visto que, em alguns contextos de conferência ocorrem o trabalho do intérprete espelho. Os aprendizes ficaram radiantes com a atividade.

Por último, fizemos uma revisão da oficina, e peço para que alguém possa fazer um resumo, quem fez foi um dos diretores da Federação, ele disse:

A literatura é um ato político e de afeto, a nossa literatura e arte surda paraguaia, ambas, existem, mas são invisibilizadas, a traduzida também faz parte da nossa cultura, mas ela

⁸⁶ Conforme, Peters (2001), o humor surdo é um dos seus sentidos.

está aqui nas associações, pois temos direito à cultura e à literatura, além disso, temos o direito de profissionalizarmos como tradutores surdos e intérpretes surdos. Medidas políticas são necessárias para as nossas lutas. Essas interlocuções revelam um pouco dos discursos das políticas de tradução de textos literários para infância e juventude da cultura surda paraguaia, afirmações relacionadas ao direito à literatura como um bem cultural, a profissionalização e a visibilidade literária, além disso, o discurso da resistência surda nos espaços de poder, a zona de contato entre surdos e ouvintes, a ideia de mestiçagem na literatura traduzida para Línguas de Sinais. Com esse depoimento e com o pensamento acima finalizei a oficina.

Sigo para a hospedagem com os companheiros surdos e no domingo viajo para Florianópolis, em uma longa viagem de vinte e seis horas. Com a passagem por Paraguai com a cabeça cheia de interlocuções e conhecimento, me preparando para as próximas viagens, que serão realizadas a partir de abril de 2019, para mais interlocuções e oficinas, continuo mantendo contato com os agentes sociais e políticos da tradução literária dos países, na certeza de que o caminho continua retornando ao Paraguai, passando por Uruguai e Argentina. Uma longa viagem me espera, e sigo o meu percurso na certeza de que por mais longa que seja a caminhada, ela é necessária para elaboração de meus questionamentos.

4. 2 DE ABRIL A JUNHO DE 2019: DO BRASIL AO PARAGUAI PASSANDO POR URUGUAI E ARGENTINA



Figura 23 - Mapa da segunda viagem

Em abril, após a Semana Santa, retorno a Assunção novamente, e me hospedo na casa da tesoureira da ANILSPAR, mas dessa vez chego no horário do almoço, estava muito cansado, almocei e dormir até no outro dia. As sete da manhã fui para o Centro de Relevo, neste

momento, em conversas com os coordenadores conheço um pouco mais sobre o trabalho deles. A coordenadora foi tutora do trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Ciências de la Educación em Lengua de Señas de la Universidad Nacional de Asunción⁸⁷, e o coordenador é estudante do curso.

A coordenadora tem formação em Serviço Social, a fala dela sempre salientava a importância da justiça social, apresentando a sua luta e resistência junto a comunidade surda paraguaia, “primeiro devemos formar e capacitar os surdos para futuramente criarmos uma formação acadêmica para os TILS”, o coordenador também colocou que “para formar os TILS é necessário que os surdos sejam protagonistas desse processo de formação dos TILS, essa é uma das nossas discussões nas associações, nós devemos ter formação no ensino de Língua de Sinais”, neste momento estão para se formar vinte e quatro surdos.

Além disso, o coordenador menciona, que estar nessa licenciatura e no espaço acadêmico, conduz a sua formação e a sua prática como tradutor de textos literários, proporcionando-o a reflexão sobre as crianças e jovens.

Na interlocução falávamos sobre as políticas linguísticas e de tradução e interpretação no Paraguai, foram pontuadas as questões dos direitos linguísticos, “porque nós temos uma Secretaria de Políticas Linguísticas, trabalhamos para incluir a Língua de Sinais na lei”. “Apresentamos a Secretaria de Políticas Linguísticas o projeto à Câmara, ao Parlamento e ele será discutido esta semana.”

A lei pela qual é concedido o reconhecimento oficial da LSPy, não como língua oficial do Paraguai, mas sim, como a língua de sinais é reconhecida, não no mesmo nível que o guarani ou o espanhol. Em maio de 2020 “A través de la Ley 6.530/20, el Poder Ejecutivo reconoció oficialmente a la Lengua de Señas Paraguaya (LSPy), como primera lengua de las personas con discapacidad auditiva del Paraguay, para la participación plena y efectiva en la sociedad.”⁸⁸.

Mencionam que falta uma análise científica da LSPy, esse trabalho está sendo desenvolvido pela Secretaria de Políticas Linguísticas, inclusive tive acesso ao acervo com algumas narrativas surdas. Assim, entraram em contato com a “Secretaria de Políticas Linguísticas” para que eu fizesse uma visita que foi combinada para o dia seguinte.

Chegando na Secretaria, tive a oportunidade de conhecer e conversar com a Ministra e os diretores, segundo ela, esse órgão foi criado em 2013, com objetivo de “desenvolver políticas

⁸⁷ Ciências da Educação em Língua de Sinais da Universidade Nacional de Assunção. Ingressaram no curso trinta e dois surdos.

⁸⁸ Por meio da Lei 6.530 / 20, o Poder Executivo reconheceu oficialmente a Língua de Sinais Paraguaia (LSPy), como a primeira língua das pessoas com deficiência auditiva no Paraguai, de plena e efetiva participação na sociedade.

linguísticas, planejando e protegendo as línguas do Paraguai, uma instituição governamental encarregada do uso equitativo das línguas oficiais, do respeito e a proteção da diversidade e dos direitos linguísticos do Paraguai, além disso, promover relações de língua e cultura”.

Eles se colocaram como agentes linguísticos acerca da diversidade paraguaia, além disso, pontuaram a importância de entender políticas linguísticas como políticas de tradução, descrevendo as políticas de linguísticas de um país com duas línguas oficiais, além disso, a necessidade de ampliar as formações em tradução e interpretação e os estudos terminológicos nas universidades paraguaias. Comentaram que a LSPy, além do reconhecimento, busca ampliar as formações e promover investigações científicas.

Foi um momento muito importante, estar com a equipe da Secretaria, para entender que além de um espaço de militância linguística, que se desencadeia em medidas de ecoar as vozes do diverso do país, podendo ser um espaço de compreender as especificidades da política linguística enquanto campo do saber e atuação. Traçando as interfaces entre arte e ciência, de acordo com Rajagopalan (2013 p.21) a política linguística é a arte de conduzir as reflexões em torno de línguas específicas, com a intenção de direcionar ações e atividades concretas de interesse público relativo às línguas, o que seja importante para uma nação e para as comunidades específicas.

Tudo isso, faz pensar no que se pode realizar, a partir de um olhar da interculturalidade e das identidades linguísticas e proporciona realizar políticas observando lugares de falas e vivências. A tradução tem o seu lugar real quando se está em um país bilingue, o olhar sobre as outras línguas é ontológico.

No meio dessas considerações, me recorde de ter ganhado um livro da Ministra, que muito me auxiliou em minha pesquisa. Nele consta a lei 4251/10 sobre Guarani/Castellano, essas leis representam uma visão multilíngue e plurilíngue.

Após essa visita, retorno ao centro de Relevô, para me despedir e no outro dia sigo para Salto (Uruguai). De manhã, embarco no ônibus rumo a Resistência (Argentina), fico horas na fronteira entre Paraguai e Argentina, não lembrava que havia uma hora a mais no Paraguai e quando cheguei, perdi o ônibus, que me levaria até Concordia (Argentina), para não ficar sozinho até o outro dia, na rodoviária, comprei uma passagem para Santa Fé (Argentina), andando pela cidade, encontro duas surdas, que estudam na UNER, no curso de formação universitária em língua de sinais argentina, um encontro descontraído, no qual dialogamos em sinais internacionais, me deram dicas importantes sobre a pesquisa e os contatos que eu deveria conhecer naquele país.

Após a despedida, retornei à rodoviária, maravilhado com a beleza da cidade e a

gentileza dessas estudantes, atravesso o Rio Paraná, o observando através da janela do ônibus, aquele rio tão grande, me fez compreender a distância e a proximidade entre essas duas cidades, para assim conhecer mais um pouco sobre a língua de sinais Uruguaia, Estando novamente em mais uma fronteira, num espaço / tempo muito pequeno, vieram-me muitas lembranças dos limites existentes entre nós, formados por caminhos separados por rios, nesse momento, perpasso o Rio Uruguai, ele é tão lindo que me fez lembrar o mar, mar que banha a cidade de Florianópolis, e nessa enorme ponte permaneço pensando nas dinâmicas e nos aprendizados de minha viagem.

Ao chegar na rodoviária de Salto, o professor da UDELAR estava me aguardando para me acompanhar até o hotel. Depois de deixar a bagagem em minhas acomodações, segui para um grupo de estudos, o qual ele coordena. O encontro faz parte das atividades do grupo de pesquisa coordenado pelo professor em conjunto com os professores, pesquisadores e alunos da TUILSU (Tecnatura Universitaria en Interpretación de Lengua de Señas Uruguay). Esta reunião e outras funcionam como um momento de treinamento para todos os participantes.

No outro dia, juntamente com uma professora, visitei duas escolas onde conheci o trabalho dos tradutores e intérpretes que foram treinados ou ainda estão estudando na TUILSU, os quais são funcionários dessas instituições. Conheci um pouco das narrativas desses intérpretes sobre o contexto educacional e sobretudo a formação deles e conversamos sobre textos e contextos artísticos e literários. Todos ficaram animados para a oficina que seria ministrada no sábado.

Na sexta-feira tive uma interlocução com o professor da UDELAR, coordenador do TUILSU, para entender um pouco mais sobre as políticas linguísticas e de tradução/ interpretação da LSU (Língua de Sinais Uruguaia) no país, para além dos seus artigos, considero sua opinião e o seu conhecimento como pesquisador e linguista da LSU relevante. Um dos pontos interessantes nessa conversa foi ao apresentar o conceito de textualidade diferida para construção de textos literários traduzidos para LSU, como um efeito político do sistema literário LSU – uma fala que destaco é “acredito que tanto a interpretação quanto a tradução desempenham uma função importante ao mostrar o valor e a equidade dos produtos que são linguisticamente feitos de um lado ou de outro Español-LSU”.

A partir desse argumento pude refletir sobre as produções culturais da pessoa surda, que envolvem a Língua de Sinais, o pertencimento da comunidade surda e o contato com os ouvintes, o qual pode proporcionar uma experiência bilíngue e oportunidade de conhecer os diferentes estilos de cada cultura e literatura. Vale lembrar que a maior parte da produção ou das agências estão nos grandes centros dos países, por exemplo, Brasil eixo Rio - São Paulo,

Paraguai - Assunção, Uruguai- Montevidéu, Argentina- Buenos Aires.

À noite participei da aula de LSU com as estudantes do TUILSU, três professores surdos ministravam a aula, este foi um momento de aprendizado da LSU e para me comunicar usei um pouco dos Sinais Internacionais, essa dinâmica entre várias línguas de sinais proporcionou aos estudantes compreender o efeito de modalidade visual espacial das línguas de sinais, utilizando classificadores como uma forma de nos aproximarmos em termos de comunicação.

Dos três professores, dois são um casal de professores/estudantes da TUILSU, que moravam em Montevidéu, eles também, me receberiam no campus UdelaR da capital, estávamos no mesmo hotel, assim, ao me entrosar com eles tive a oportunidade de aprender um pouquinho da LSU e de conhecer as suas opiniões sobre a literatura traduzida para LSU. O que pude perceber foram as questões das escolhas do texto, que são feitas por causa de uma vinculação ao currículo escolar, em relação aos clássicos da literatura mundial e dos cânones nacionais, privilegiando apenas um segmento de texto. Neste sentido a professora pediu para que fizéssemos oficinas para os alunos surdos, nas quais apresentássemos os vídeo-livros produzidos pela Canales.

FOTO



Figura 24 - Foto de Nelson Mandela da UDELAR - Salto

No sábado à tarde, seguimos para o campus da UdelaR/Salto. Uma sensação de acolhimento tomou conta do meu coração, logo na entrada da universidade, quando visualizei a frase do mestre Nelson Mandela “La educación es el arma más poderosa que puedes usar para

cambiar el mundo”⁸⁹. Neste dia ministrei a oficina "Traducción e Interpretación en textos y contextos artísticos y literarios a Lenguas de Señas Lenguas Orales ", com duração de quatro horas, similar ao minicurso ministrado em Assunção. A participação dos dois tradutores surdos foi essencial para as trocas com as intérpretes e com os pesquisadores ouvintes, contemplando mais uma vez a questão da “textualidade diferida” e a norma surda de tradução.

O tema de interseccionalidade nas políticas de tradução e interpretação de textos e contextos literários foi discutido para que pudéssemos compreender as escolhas e seleções de texto para serem traduzidos, trazendo também, textos que se aproximem da realidade e verossimilhança de um país e de seus leitores, para descolonizar o conhecimento literário e ampliar o cânone internacional e nacional a partir desses saberes que foram invisibilizados, Paulino (2004).

Na noite de sábado, junto com uma pesquisadora brasileira, fizemos um passeio, fomos ao clube de piscinas termais, após relaxar um pouco, a convite dos professores surdos visitamos a Associação de Surdos de Salto, havia surdos de todo o país, de várias províncias uruguaias, inclusive o tradutor de “La Bella durmiente⁹⁰”, com o qual combinamos uma conversa para a próxima semana, na escola de surdos de Montevideo, local onde ele trabalha, assim, obtive mais informações sobre os outros três tradutores e a equipe responsável no Uruguai pelos vídeo-livros. Um momento de muita descontração e humor surdo.

No domingo passei o dia com a investigadora brasileira, discutimos um pouco sobre a realidade brasileira e uruguaia, no sentido das políticas de tradução e interpretação. Concluimos que a noção de interseccionalidade na literatura para a infância e juventude deve ser levada em consideração, em relação a elementos como idade, gênero, raça, etnia e classe social, entre outros que se entrecruzam, pois os textos traduzidos para a infância ainda valorizam uma hegemonia eurocêntrica, branca e cis-heteronormativa, levando à construção de uma formação de leitores conservadores e incapazes de enxergarem outras realidades, conforme, Adichie (2019).

Após todas essas reflexões, fui apresentado no fim da tarde com um radiante pôr do sol para saudar a mãe Oxum nas margens do Rio Uruguai, senti o efeito simbólico do espelho dessa entidade, concebendo uma sensação harmônica do trabalho realizado em Salto. Pude ver através do espelho de mamãe Oxum outras realidades refletidas.

Foto

⁸⁹ “A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”

⁹⁰ A Bela Adormecida dos Irmãos Grimm.



Figura 25 - Foto do Rio Uruguai

À noite, a professora que me acompanhou nas escolas, me levou até a rodoviária de Salto, para viajar até Montevideo, entrei no ônibus e só acordei na rodoviária, eram seis horas da manhã. Durante todo o percurso tive a oportunidade de descansar e me preparar para mais um dia de atividades.

Me hospedei em um hostel a quinze minutos da UdelaR, em companhia de diferentes estrangeiros, inclusive, em alguns dias, tive a companhia de um surdo sueco. A sensação de ouvir e ver diversos idiomas fez um ruído em meus sentidos, que estavam se acostumando a essas várias formas de se comunicar, estou agora aprendendo novas línguas de sinais, e me hibridizando em todo o processo tradutório e sociológico.

Na segunda à tarde visitei a sede da TUILSU de Montevideo e também duas escolas de surdos junto com as professoras e encontrei o tradutor de A Bela Adormecida e a tradutora de Patinho Feio. Esse encontro foi importante para entender o processo de tradução desses dois textos, a realização do trabalho dos vídeo-livros, eles colocaram que o texto ia para o corpo deles em um processo performático, com apoio de outros tradutores, como forma de “espelho-tradutório”. Ensaavam bastante, antes de estar na câmera, para que pudessem revisar e, assim, obter o produto final. Ambos salientaram: “somos professores de crianças surdas, e os nossos testes para comprovar uma linguagem literária atraente, foi apresentar antes para os nossos alunos.” Esse argumento confirma mais uma vez as estratégias para traduzir textos literários para as crianças de acordo com Oittinen (2000 e 2005).

Após essa visita, junto com a professora e intérprete, conheci um Liceu, onde atuam alguns dos intérpretes formados ou ainda em formação na TUILSU.

Pude então conhecer um pouco sobre a identidades desses intérpretes e observar as aulas de História, novamente como já havia acontecido em Salto.

Visitei uma turma de surdos, onde trabalhavam alguns alunos do curso de TUILSU. Na ocasião e em colaboração com a professora ofereceremos a oficina “Literatura em Língua de Sinais” para adolescentes surdos. Foi mais uma vez um processo de recriação textual e estético.

Participando nas aulas do TUILSU conversei com outro tradutor de “O Gato de Botas” e a outra tradutora de “Chapeuzinho Vermelho”. Ambos trouxeram narrativas similares a dos outros dois tradutores, dessa forma pude perceber que existe uma uniformidade no trabalho. Um ponto importante salientado pelo tradutor foi a presença da performance como um ato de leitura em relação ao que se pode interpretar e dar sentido a uma arte, que as traduções são encenadas de forma oral/sinalizada e escrita corroborando, também, com argumentos de Oittinen (2000 e 2005).

Além disso, conversei com o coordenador responsável pelos vídeo-livros no Uruguai, segundo ele percebe-se que cada país terá a sua produção cultural com sua especificidade. Podemos observar isso, em relação aos textos traduzidos e originados nas diferentes línguas de sinais.

Eu penso que existem opiniões distintas sobre a tradução de textos, aqui podemos observar, que cada país segue suas peculiaridades, por exemplo a produção da Espanha estas são diferentes, na minha opinião, mas a questão é respeitar a relação de duas línguas, que está no entendimento cultural, evidenciando o processo de desenvolvimento das línguas, da tradução cultural são as várias formas de artes e como se relacionam em uma cultura, também o estilo performático ou da performance de cada tradutor.

(...) O importante é construir textos em línguas de sinais que sejam textos que possam ser entendidos pela nossa comunidade, é uma luta continuar o trabalho da literatura traduzida. Uma das formas é saber que os tradutores também são professores e a escola incentiva essas produções, assim, os tradutores que trabalham na escola produzem textos literários para a infância, assim outros trabalhos são desdobrados a partir da experiência vivida em Canales, O importante é que a literatura traduzida para as línguas de sinais seja similar a produção originada em língua de sinais.

Essa interlocução, confirma mais uma vez, os argumentos sobre a tradução cultural como uma estratégia de traduzir textos literários para a infância, além disso, ter a consciência que um material bilíngue pode contribuir no aprendizado das duas línguas, mas, que uma língua independe da outra.

No outro dia, participei da oficina: Taller sobre enseñanza de lengua de señas, oferecido pela Professora Amanda Lujan, da University of New Mexico (EUA), na sede da TUILSU em Montevideú.

Participei de outras atividades relacionadas à minha pesquisa, como ministrar oficinas,

por exemplo, a oficina ofertada no CERESO (Centro de Recursos para Surdos⁹¹) e na TUILSU, participações nas atividades da disciplina Metodologias de Tradução e Interpretação (TUILSU) em conjunto com a professora ministrante, realizei estudos e pesquisas nas bibliotecas da Faculdade de Ciências Humanas e de Educação. Estive na mesa de debate “Experiência de tradução e interpretação” no CERESO, com a presença de profissionais e estudantes da área de tradução e interpretação da TUILSU e de outras instituições, também visitei o CINDE (Centro de Investigación y Desarrollo para la Persona Sorda⁹²).

Foram tantas as experiências e aprendizados que tive no Uruguai, que percebo que essa estadia foi fundamental para a compreensão de vários fenômenos que ocorrem no processo tradutório entre línguas, compreendi as interseccionalidades desses trabalhadores e como a literatura e suas traduções podem contribuir em concepções e formações das identidades, consolidando esses processos sociológicos e de agências.

Já em meados de maio, estava na hora de seguir a viagem. Dessa vez, atravessando de buque (navio) o Rio da Plata para estar em Buenos Aires, ao chegar, vejo mais vez, uma cidade tão iluminada, com avenidas tão largas, com um charme cosmopolitano e me sinto pronto para novos aprendizados.

Cheguei em Buenos Aires na noite de terça, fui recebido por um colega surdo argentino que conheci em Montevideo, fiquei hospedado nas proximidades da AAILLS e da Canales, resolvi ficar nesse hostel para facilitar o acesso a sede dessas instituições, aproveitei para ir caminhando até elas. O metrô também estava bem próximo, isso favoreceu meu deslocamento, permanecer tão próximo assim desses e de outros espaços me auxiliou a conhecer melhor meu objeto de pesquisa e conhecer melhor a cidade.

Mais tarde, na quinta-feira à tarde, fui a Escola Bilíngue, conversei um pouco com a diretora. Ela me explicou como é o trabalho realizado na escola para literatura de crianças e jovens surdos, comentou comigo sobre a importância da AAILLS para conseguir mais contatos. Nessa escola não pude entrar para conhecer as/os alunas/os, pois necessitava de autorização da secretaria de educação. No sábado atravessando Buenos Aires, de estação em estação, e chegando de trem a La Plata para participar de uma oficina oferecida pela AAILLS intitulada “Derechos y responsabilidades de los profesionales y usuarios⁹³” na Asociación Sordomudos de La Plata⁹⁴, conhecendo um pouco do trabalho dos TILS argentino e a comunidade surda de

⁹¹ <https://pcentrales.anep.edu.uy/dispositivos/ces/centro-de-recursos-para-estudiantes-sordos-del-ces-cereso>

⁹² <https://www.colegiosyliceos.uy/centro-de-investigacion-y-desarrollo-para-la-persona-sorda-cinde/>

⁹³ Direitos e responsabilidades dos profissionais e usuários.

⁹⁴ Na Associação de Surdos-Mudos de La Plata.

La Plata.

Pude conhecer o trabalho dos/das assessor/as surdos/as em relação a produção da interpretação das Línguas de Sinais Argentinas, que é como um fio condutor o qual segue atentamente dando sentido a mensagem durante a interpretação, também realiza correções que permite reformular imediatamente a interpretação dentro da unidade de sentido, para além do intérprete de apoio.

Na terça-feira de manhã, tive a oportunidade de conhecer uma escola de surdos com a presença da tesoureira da AAILS, dialogamos com a coordenadora dos Intérpretes da cidade de Buenos Aires, a qual trouxe muitas histórias sobre a construção do trabalho de interpretação educacional na rede pública de ensino, além disso, indicou caminhos para entender a literatura traduzida para LSA, conforme fora dito por ela “a literatura traduzida para as crianças está ligada a educação em nossa cidade, os TILS e surdos estão nos espaços educacionais”. Nessa escola, já pude ter algum contato com os alunos.

Visto que, algumas membras da AAILS fizeram parte da equipe de tradução e interpretação da Canales, elas conseguiriam marcar uma interlocução com a Sócia Fundadora e Coordenadora Geral da Asociación Canales e eu. Momento tão esperado e importante para esta investigação, conversamos sobre a sua formação acadêmica, sobre a criação da Canales como uma agência de produção de materiais bilíngues e em Línguas de Sinais e sobre a função editorial da Canales na produção de uma literatura originária e traduzida em Libras no polissistema literário da LSA.

Um ponto que destaco nessa interlocução é o envolvimento da sócia-fundadora com a comunidade surda para desenvolver projetos de contos clássicos em LSA. Ela destaca que essa produção é anterior a criação da Canales. Na época era necessária a capacitação de pessoas surdas para esse trabalho. Foi quando o ministério da educação da província de Buenos Aires a contratou para realizar projetos nas escolas de surdos e criaram uma equipe, além disso, para ampliar e manter o trabalho, ela se integrou à ASHOKA⁹⁵ uma rede de empreendedores sociais.

A partir desse apoio, veio a fundação da Canales. Em dois momentos fundamentais, foram criadas duas capacitações, na primeira o objetivo foi capacitar os surdos para a leitura e a segunda oficina teve a pretensão de capacitar os profissionais da área. Existe uma falsa ideia de que os surdos não gostam de ler, mas na oficina foi percebido o interesse das crianças pelos

⁹⁵ Ashoka foi pioneira no campo do empreendedorismo social, identificando e apoiando os(as) empreendedores(as) sociais líderes ao redor do mundo desde 1980. Empreendedores(as) sociais são indivíduos que possuem soluções inovadoras para os maiores desafios sociais, culturais e ambientais da atualidade. São ambiciosos(as) e persistentes e abordam questões sociais importantes, oferecendo novas ideias para mudanças no nível sistêmico.

livros, essa curiosidade nos fez questionar essas afirmações acerca da falta de interesse dos surdos pelos livros. Assim, desde o projeto, iniciamos um caminho de divulgação da literatura para os diferentes níveis de leitura.

A fundadora da Canales, salienta que foram criadas oficinas de leitura com as crianças surdas e, além disso, fizeram um projeto de leitura como os surdos de diferentes províncias, e também como os familiares distinguindo os que liam para os filhos surdos e aqueles que não liam.

Foi necessária uma investigação sobre o que é ler para os surdos diferenciando o que é ler e contar para eles, e como esses conceitos são diferentes, foi realizada também uma pesquisa com as famílias surdas de crianças surdas para saber que leituras são realizadas. Com o intuito de verificar se existe uma tradição de leitura e um processo de formação de leitores dentro do ambiente familiar. Desta forma, foi constatado que existe uma diferença entre o contar e o ler, em relação à leitura escrita da sinalizada e como as crianças compreendem essas duas formas de contar a mesma história, pois estamos falando de línguas de modalidades diferentes. Levando em conta essas questões, a Canales convidou uma especialista com conhecimento em literatura para a infância para treinar um grupo de surdos da promoção da leitura e capacitando os surdos e intérpretes que estariam presentes na produção dos vídeos-livros.

Pensando na especialista sobre a literatura para infância e juventude, percebo que ela influenciou nas categorias que eram utilizadas nas temáticas dos vídeos-livros, assim, pensar nessa seleção nos leva ao universo da criança e do adolescente e como essas temáticas são interligadas as suas formas de sentir e compreender o mundo, isto é justificado por um olhar da psicanálise infantil.

De acordo com Oittinen (2000 e 2005) a autora justifica as questões que envolvem o mundo mágico das crianças, havendo uma diferença entre as faixas etárias e as emoções, por exemplo, na categoria sobre o amor podemos pensar na construção das diferentes formas de amar outras pessoas e como isso reflete padrões estabelecidos pela sociedade como normais de condutas e valores, também, já na categoria medo, de acordo com uma visão psicanalítica, a criança experimenta por vontade própria a hesitação a qual inclui o medo, pois nunca saberemos exatamente o que pode produzir essa sensação nas crianças, visto que os adultos já tem uma perspectiva diferente sobre seus próprios medos. Será que esses medos têm alguma relação com a infância? Medos que são construídos por pensamentos de colonização, por pensamentos de dominação, e por construções estereotipadas.

É importante destacar que a opinião e as escolhas feitas pelos adultos, sem pensar na opinião e nas escolhas das crianças, podem gerar conflitos e não alcançar o universo delas, pois

as decisões dos adultos são pautadas no pensamento concreto e racional, diferente do delas que ainda estão sendo construídos com base em seus mundos imaginários. Não podemos deixar de entender que existe a autoridade de nós adultos sobre a criança, sobre o acesso dela a determinadas narrativas e, assim também, na decisão do que traduzir para elas.

Outra categoria importante é aquela que abarca os animais, pensar nesse tema é importante na literatura para a infância, pois a criança cria uma relação com os animais, ao relacionar os valores humanistas na relação entre homens e animais, a criança desde cedo tem um convívio com os animais, ela os vê como seres que fazem parte da sua vida e, corroboram para uma visão que sustenta uma a relação entre a fantasia e a realidade, os animais podem representar o antropomórfico. Também o sentido da criança para a comicidade de uma narrativa. E assim por diante, pensar nessas categorias só faz sentido se levarmos em consideração o desenvolvimento psicológico e cognitivo das crianças.

Outras questões, que devem ser levadas em consideração, quando pensamos a respeito das estratégias tradutórias ao longo do processo de construção da Canales, é repensando o processo de tradução e as suas etapas. Antes, existia a dependência do espanhol escrito convertido em espanhol sinalizado e foi muito difícil treinar pessoas surdas para desconstruírem essa dependência.

A fundadora da Canales, argumenta que é preciso interpretar/sinalizar o texto para que o conteúdo também seja compreendido, e a forma que o texto assume e seu conteúdo são discutidos, ou seja, pensar no que cada uma das palavras, das frases significa, e a partir daí como uma frase se relaciona com a outra, ou seja, os encadeamentos das ideias e sentidos desse texto traduzido.

E quais são os problemas que eles têm em comum? E assim por diante. Mas aí tudo o que se segue é apenas entre surdos e em língua de sinais, digamos. Uma vez que o texto foi entendido, tentamos não depender do espanhol. Em outras palavras, não passamos mais do espanhol para a língua de sinais. O texto passa através da língua de sinais, através de uma pessoa que sabe. Um surdo que conhece espanhol e língua de sinais, que esteve presente, digamos, nesta tradução, nesta interpretação que o intérprete fez.

Após nossas conversas, a fundadora da Canales me passou o contato do coordenador surdo dos vídeo-livros para eu obtivesse mais informações a respeito desse projeto a partir da perspectiva das pessoas surdas envolvidas. Na sexta-feira, me encontrei com a coordenadora de educação especial da Cidade de Buenos Aires, e conversamos sobre a história da educação das pessoas surdas na argentina, que todo movimento da educação especial constitui novas formas de pensar a educação de surdos para além da deficiência, quando nos damos conta do

movimento surdo, da educação bilíngue, das intervenções da área da saúde, e da constituição das políticas linguísticas. Tudo isso, é relevante para pensar em políticas, na educação de surdos. Ela me indica entrar em contato com a assessora de políticas linguísticas da cidade de Buenos Aires.

Nos dias que se sucedem, continuei com minhas atividades de formação, visitei Asociación Civil Argentina de Intérpretes de Lengua de Señas (AAILS) que fica na Confederação de Surdos da Argentina, tendo a oportunidade de conversar com a presidenta e uma membra sobre identidades políticas dos TILS. No sábado ministrei “Interpretación y traducción em texto y contextos artísticos y literários a Lengua de Señas Lenguas Orales: mediaciones culturales y la performance”, momento que tive a oportunidade de compartilhar as experiências vividas no Brasil deste contexto.

Conversei com a coordenadora da Diplomatura de Extensión en Interpretación de Lenguas de Señas Argentina-Español, e ministrei a oficina “ Interpretación y traducción de textos y contextos sensibles em Lenguas Señas Lengua Orales ” na Universidade de Buenos Aires, apresentei uma comunicação na mesa LSA-Español em CABA: evolución y estado actual”, VII Jornada de Educación y Traducción, apresentando o trabalho “Estudios de la traducción e interpretación de Lenguas de Señas: ¿Dónde se encuentra la interseccionalidad?”.

Tive uma interlocução com a assessora de Políticas Linguísticas da cidade de Buenos Aires no Instituto “Lenguas Vivas”, um ponto que destaco da conversa foi a descrição do projeto “Cuentos en lengua de señas argentina” financiando pelo Bristol Council, UNICEF e o Fundo de Buenos Aires, e realizado pela ADAS (Asociación de Artes & Señas). Essa desenvolveu o trabalho de tradução de contos em Língua de Sinais Argentina, tendo como base o aprimoramento dos objetivos pedagógicos, culturais, e o desenvolvimento linguístico das crianças surdas, de seus professores e de seus pais.

Por meio desse material, as crianças poderiam ter acesso a exemplos da literatura para infância e juventude elementos da cultura ouvinte, e assim, desenvolver um pensamento crítico e refletivo sobre o uso e conhecimento da LSA. Os professores poderiam utilizar este material para incentivar nas crianças uma reflexão sistemática da LSA, assim como também a realização de trabalhos interdisciplinares por meio da LSA, por fim, os pais podem compartilhar com seus filhos os contos e as atividades que os acompanham.

Por último, estive na Universidad Comahue no Campus de Neuquén, onde ministrei uma oficina e proferi uma palestra. Estive com a coordenadora da Tecnicatura Universitaria em Interpretación de Lengua de Señas Argentina e foi muito importante, ganhei diversos materiais bibliográficos e realizei interlocuções com as delegadas da AAILS dessa região.

Retorno ao Brasil, foram 26 horas de viagem, nas quais pude refletir sobre todos esses aprendizados, pensando se consegui fazer uma conexão com as teorias da literatura traduzida dos diferentes países onde andei. A única certeza que tive, nesse momento, é que essas viagens me levaram e ainda poderão me levar a conhecer uma parte muito próxima e distante de mim, ao mesmo tempo, que pude experimentar um hibridismo linguístico e tradutório/literário, sendo eu mesmo os limites e as fronteiras dessa investigação.

4.3 DE SETEMBRO DE 2018 A OUTUBRO: DO BRASIL A PARANÁ



Figura 26 - Mapa da terceira viagem

Depois de uma breve passagem pelo Brasil, volto a Buenos Aires para participar na primeira jornada da AAILS, nessa jornada estariam presentes intérpretes de todo país. Vi nesse evento uma oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a formação de tradutores e intérpretes e seus processos. No primeiro momento, tive a oportunidade de participar de duas oficinas uma sobre tradução e interpretação jurídica, e outra sobre intérpretes surdos. Destaco no primeiro dia de evento a mesa redonda sobre formação de intérpretes, com as coordenadoras das Tecnicaturas de Interpretación em LSA-espanhol, onde estavam as coordenadoras das universidades nacionais e provinciais. No intervalo, tive a oportunidade, de conhecê-las e

programar as próximas viagens. Reconhecendo esses espaços e esses agentes como uma forma política de tradução.

Outras atividades que realizei, foram a Visita a Universidade de Entre Rios (UNER) na cidade de Paraná, a participação nas atividades da Tecnicatura em ensino de Língua de Sinais Argentina, a conversa com a professora da UBA. Depois, visitei o Instituto Técnico 27, onde funciona a Tecnicatura em Interpretação de Língua de Sinais Argentina em Buenos Aires e entrevistei a coordenadora. Logo em seguida, também tive uma interlocução com dois tradutores de Literatura para infância e juventude da Associação Canales, confirmando de alguma forma os discursos dos tradutores do Paraguai, do Uruguai e as reflexões realizadas junto à fundadora da Canales, sobre a norma surda de tradução, a textualidade deferida e a especificidade de traduzir para as crianças. Então, pude perceber desses dois tradutores o movimento de aprender a traduzir contos da literatura para a infância, movimento esse, que representa desde a questão da equivalência até uma perspectiva de descolonizar o conhecimento tradutório. Isso, me faz refletir sobre a colonização da tradução e dos efeitos de domar uma língua, segundo Anzáldua (2005).

E por fim participei do 4º concurso de contos em LSA, evento muito importante realizado pela Canales, com a presença de órgãos internacionais de fomento à cultura. Percebo que a teoria do sistema-mundo está na presença dessas agências, cito nesse caso específico a UNICEF. Acho importante salientar que em todos os lugares que passei fiz questão de participar de eventos e de conhecer universidades e associações. Foram nessas trocas que construo um pensamento sociológico das políticas de tradução, saliento esse fato, pois em cada trecho de meu percurso desenvolvo ainda mais essas reflexões, que não param apenas em minhas viagens, mais continuam como parte de mim e de minhas futuras práticas como agente político na área da tradução.

4.4- DEZEMBRO DE 2019: DO BRASIL A SALTA



Figura 27 - Mapa da quarta viagem

A viagem para Salta ocorre, por motivo da minha participação na primeira jornada da AAILS, na qual recebi o convite da coordenadora da Tecnicatura en Lengua y Interpretación de Lengua de Señas, da Universidade Provincial de Administración Pública, na qual proferi uma palestra no evento “Charlas Impulsa Salta: Visibilizando el potencial de la comunidad sorda, su lengua y cultura”. Realizei uma fala sobre a formação política dos intérpretes de língua de sinais libras-português contando sobre a história e as identidades, sobre as interseccionalidades e sobre os atuais movimentos políticos no Brasil em relação ao desenvolvimento da profissão.

Fizemos uma visita ao museu da cidade com a coordenadora do evento e os outros palestrantes, para realizarmos um estudo de campo e propor uma política de acessibilidade para as pessoas surdas em museus onde pude dar algumas contribuições baseadas na orientação de um TCC nesta área no Brasil. Foi um momento de troca, na visita dialogamos sobre o direito a arte, a cultura e a literatura. Além disso, conheci a estrutura da tecnicatura.

Estava preparado para realizar mais algumas viagens e poder participar de outros eventos onde estava prevista a minha participação, mas com a chegada da pandemia do vírus da COVID-19 tive que mudar meus planos. Inicialmente este obstáculo de não poder realizar minhas outras viagens agendadas me pareceu um empecilho para terminar minhas análises, porém à medida que o isolamento social foi crescendo e outras formas de ser e estar e se conectar ao mundo foram surgindo, pude então compreender, que os limites territoriais se tornaram ainda mais estreitos, e novas relações foram aprofundadas pelo mundo online.

Acredito que muitas passagens ainda haveriam de ser contadas nesse diário, pois as relações que tracei com cada um/uma desses/dessas pesquisadores/as, agentes, tradutores/as e intérpretes foram de extrema profundidade e ocasionarão, ainda, mais reflexões no futuro. Por hoje, me sinto profundamente agradecido por ter realizado uma viagem a procura de um entendimento do processo de tradução e interpretação de textos da literatura para infância, da função do tradutor de língua de sinais diante de políticas culturais, e na busca pela compreensão real da função sociológica como agente/tradutor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS - UM PARECER E UMA CONTINUIDADE DAS POLÍTICAS DE TRADUÇÃO LITERÁRIA EM ARGENTINA, BRASIL, PARAGUAI E URUGUAI

As reflexões que foram possíveis por meio das viagens por meio de interlocuções registradas em formato de diário se propuseram a apresentar caminhos já percorridos pela atuação de tradutores de línguas de sinais de textos da literatura para infância e juventude, principalmente pelas suas reflexões sobre o processo e percepção dos contextos em que trabalham/trabalhamos. Sem a pretensão de dar voz a qualquer pessoa que participou deste trabalho, trago diálogos e a concretização de uma etapa deste projeto que privilegia o diálogo e a construção coletiva, incentivada pelo olhar externo dessa pesquisa. A escolha que fiz de partilhar fragmentos deste processo de 5 anos (ou mais) por esses diários é um convite para viajarem comigo, no tempo, espaço e nas mentes tradutórias, assim como desde muito cedo aprendi a viajar nas palavras de Carolina Maria de Jesus, Machado de Assis e Solano Trindade.

Reconheço como os principais resultados desta tese (i) o registro do aumento de trabalhos de tradução literária nos países visitados, (ii) a percepção do que as agências de fomento entendem como o papel que um/a tradutor/a, (iii) o peso dos cânones, (iv) a articulação entre tradutores e autoridades que atuam na área para pensar o futuro da área e os projetos que almejamos desenvolver na tradução literária para as línguas de sinais (iv) o entendimento das línguas de sinais a partir da colonialidade (v) a proposta de rompimentos teóricos e epistemológicos no tratamento do objeto da pesquisa, a forma que foi conduzida por meio do cotidiano.

É preciso reconhecer as conquistas da área até agora ao identificar o aumento dos trabalhos literários que consequentemente está atrelado ao aumento da contratação de tradutores. Além disso, a nossa integração de agentes latino-americanos na atuação nos diferentes textos e contextos de tradução e interpretação representa um avanço nesse sentido.

Há uma constante nos países para os quais viajei que é a percepção do/a tradutor/a como “leitores” pelas agências de fomento. Esta visão é sintoma de um pensamento retrogrado acerca da atuação de tradutores/as em geral, pois mantém o foco no texto de partida, desvalorizando a participação ativa e autônoma do/da profissional de tradução e do seu trabalho de retextualização e criação do texto de chegada, inclusive a criação de todo esse gênero na língua alvo, isso é apontado nas interlocuções, levando a refletir sobre o peso dos cânones, sobre a agenda política atrás do incentivo às traduções e o colonialismo na tradução em geral e os processos vivenciados e aplicados nas Línguas de Sinais em especial.

A valorização dos cânones, é perceptível sobretudo na pós-produção, pois as análises de material e interlocuções apontam para um projeto de divulgação do cânone e da própria língua majoritária. O material coletado revelou uma agenda oculta quando identifico nas interlocuções que a prioridade das gravações é deixar bem legível texto em espanhol e a ilustração do livro sempre aparecendo. A pessoa tradutora pode ser comparada a um narrador sem muita evidência e o tamanho reduzido da tela do/a tradutor reflete e é a representação perfeita do seu protagonismo reduzido no processo.

Entendo que a literatura é uma forma interessante para o aprendizado de língua estrangeira ou segunda língua. O processo de tradução literária promove um desenvolvimento da literatura na língua alvo, a citar o exemplo da Alemanha durante o período iluminista. Portanto é facilmente perceptível a falta de autonomia dos tradutores colocados a serviço do texto de partida, impedindo o desenvolvimento destas atividades tradutórias se alinhe ao desenvolvimento da literatura surda como quando identificamos as/os tradutoras/es se colocando mais como jovens autores. A história da literatura nos mostra como nomes consagrados da literatura exerciam também o ofício da tradução, como foi o caso de Clarice Lispector, Machado de Assis no Brasil e mais recentemente Tatiana Nascimento e Edinho a traduzir para Libras textos de Conceição Evaristo.

Entendendo, o impacto da colonialidade nos países envolvidos nesta pesquisa, é indispensável pensar como a tradução e os materiais elaborados com a necessidade de tradução são afetados pelas relações de poder entre as línguas, sobretudo em países que tem como língua oficial os idiomas das antigas metrópoles. Ao articular teorias da tradução de línguas de sinais em relação aos polissistemas literários, a tradução cultural e norma surda de tradução ao pensamento de Anzaldúa (2005), Niranjana (1992), Glissant (2005) e Quijano (1997) e Martins (2011). Me proponho a exercícios de textualidade diferida, antirracista e anticolonial, demarcando questões que só são desconsideradas por falta de engajamento ou comprometimento, pois são pilares da nossa sociedade.

No início dos trabalhos, me propus, a contribuir e entender as políticas de tradução de forma panorâmica dos quatro países como estão, são e foram consolidadas, especialmente, da Literatura para infância e juventude Traduzida para as Línguas de Sinais em países da América do Sul, particularmente, Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, apresentando um mapa do acervo ou da seleta literária produzida entre os anos de 2003 a 2020, ano inicial a partir dos estudos realizados por Ramos (2000), percebo que esse objetivo foi alcançado, deve ser revisado o ano de 2020 posteriormente, por causa de vários imprevistos, como a pandemia, período no qual não pude realizar mais viagem e acompanhar mais de perto esse processo em

andamento.

O direito ao texto ficcional das crianças surdas é relevante ser lembrado no exercício da imaginação, da forma, do conteúdo e do que traduzido, também as políticas de autoria e direitos autorais, pode ser algumas das respostas da seleção literária traduzida por algumas agências e da valorização dos cânones e dos clássicos. Os nomes que são dados as traduções da literatura para infância e juventude, por exemplo, como adaptação e tradução adaptada requer uma discussão aprofundada no funcionamento dessas traduções no sistema literário das Línguas de Sinais. Além disso, uma particularidade são as questões do processo tradutório e a afirmação de Sutton-Spence (2021) reforça o pensamento entre as relações da tradução entre o texto de texto partida e o texto de chegada:

É bem sabido que não há nada melhor para exigir a compreensão de um texto literário do que tentar traduzi-lo. Na hora de se buscar traduzir o significado de um poema em Libras para o português é que percebemos a verdadeira riqueza e a complexidade da linguagem do poema. Por outro lado, como podemos traduzir obras literárias do português para a Libras sem saber como é feita a literatura em Libras? Para os tradutores-intérpretes de Libras (especialmente para quem trabalha como intérprete educacional), o livro ajudará a conhecer a literatura em Libras para contribuir à compreensão da língua e ao aperfeiçoamento das habilidades linguísticas e tradutórias. (SUTTON-SPENCE, 2021 p.19)

Essa afirmação corrobora ao pensar que para compreender um texto literário uma das alternativas relevantes é tentar traduzi-lo e o mergulho na literatura da língua de chegada será uma das formas de buscar estratégias e elementos que conduzam fluidez do texto de chegada. Para tanto, a realização de um diário de bordo, no qual trago todas as minhas impressões sobre o processo de formação dos tradutores de literatura, entendimento das políticas de tradução e da sociologia da tradução e como estas se voltam a pensar questões de ordem histórica, social, racial, de classe, de gênero, exercitar o diário de viagem como uma potência nos Estudos da Tradução para apresentar tais políticas, bem como analisar os processos e discursos sobre as traduções dos contos de fadas como pretexto para entender esses processos que legitimam padrões e marcam hegemonias, além de entrevistar alguns dos tradutores dessas obras, esses discursos podem ser percebidos nas interlocuções, com isso reverência a proposta de rompimentos teóricos e epistemológicos no tratamento do objeto da pesquisa

Ao procurar avaliar a política das produções do Espanhol e do Português para as Línguas de Sinais, parcialmente concluído, pois durante as pandemia não foi possível fazer as viagens

pelo Brasil, isso ocasionou a mudança do título da tese, assim como, a análise dos materiais recolhidos e propostas.

Documentei e analisei o início de uma política de tradução da Literatura para a infância para as Línguas de Sinais como sendo questões do universo histórico, de incentivo à leitura, com participação das instituições e importante instrumento na formação e divulgação de obras do cânone literário universal, podendo perceber elementos sociológicos para a busca de uma colonização do pensamento já superada em outras áreas da tradução literárias pelas discussões de quase duas gerações de tradutores e teóricos da tradução.

No contexto da abordagem dos polissistemas isso mostra que a área da tradução de literatura para línguas de sinais ainda é incipiente e se encontra mais na periferia do que no centro desses processos de reflexão teórica. A presente tese é um esforço para contribuir para uma mudança nesse sentido. As limitações e fragilidades da presente pesquisa são diversas: as viagens foram interrompidas, e projetos em andamento após o período de coleta não foram contemplados devido a pandemia, além disso, a complexidade de pesquisar quatro países e entrevistar agentes relevantes para formar uma visão geral é enorme, talvez maior do que o relato final dê a entender.

Diante disso, surgem como perspectivas para futuras pesquisas vários desdobramentos. Acredito que seria interessante aprofundar (i) estudos mais detalhados sobre a política, sociologia e interseccionalidade nos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS) (ii) produzir um estudo minucioso do estado da arte das pesquisas na literatura traduzida para as Línguas de Sinais dos países (iii) desenvolver mais dados sobre a história da comunidade surda e da tradução e interpretação das Línguas de Sinais (iv) atualizar os dados dos mapeamentos da literatura traduzida nos países, propondo outros recortes, acompanhando outros grupos e trabalhos mais recentes, inclusive mapear os dados da ADAS (v) realizar um estudo minucioso do mercado editorial das Línguas de Sinais Sul-Americanas (vi) trabalhar de forma detalhada sobre as categorias da literatura para infância – faixa etária, temáticas como amor, medo, animais, gêneros como conto e comédia como um elemento de escolha e seleção na perspectiva e análise da política e sociologia da tradução, também da psicanálise (vii) desenvolver trabalhos no âmbito da antropologia da tradução em relação a diários de bordo e de viagens nos ETILS (viii) a partir dos estudos sobre as políticas e as sociologias de tradução de textos literários seja uma temática na formação dos tradutores e intérpretes Línguas de Sinais - Línguas Orais.

Por fim, neste momento posso afirmar que tudo isso foi um começo de uma busca de compreender o produto, o processo e a função da literatura traduzida para Línguas de Sinais

dos quatro países sul-americanos, assim uma proposta de exercícios em constituir uma textualidade diferida, antirracista e anticolonial, que promova a libertação do texto de chegada das assimetrias de poder da política de tradução de textos literários ainda predominante, além disso, uma tentativa de ecoar e integrar as nossas vozes no processo da tradução literária para Línguas de Sinais.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- AMADEO, J.; ROJAS, G. **Marxismo, pós-colonialidade e teoria do sistema mundo**. Lutas Sociais (PUCSP), 2011.
- ANDRADE, B. L. L. **A tradução de obras literárias em Língua Brasileira de Sinais-Antropomorfismo em foco**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **A Rosa do Povo**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2012.
- ANZALDUÁ, G. **Como domar uma Língua Selvagem**. Tradução de Joana Plaza Pinto e Karla Cristina dos Santos. Cadernos de Letras da UFF, 2009. <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12544587/como-domar-uma-lingua-selvagem-gloria-anzaldua-uff>.
- ARAÚJO, L. B. A. F.; MARTINS, M. A. P. **Um olhar sociológico sobre a tradução**. Revista brasileira de literatura comparada, v. 34, p. 2-11, 2018. Disponível em https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/468/576#_ftn2. Acesso em: 30 ago. de 2021.
- ARAÚJO, P. J. P.; BENTES, T. **Língua de sinais de fronteira: o caso da LSV no Brasil**. Humanidades & inovação, v. 7, p. 125-135, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3214>. Acesso em 30 de ago. de 2021.
- ARGENTINA. LEY 26.522/2009. **Servicios de comunicación audiovisual**. <http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/155000-159999/158649/norma.htm>. Acesso em 30 e agosto de 2018.
- _____. LEY 672/2001. Se reconoce oficialmente el lenguaje e interpretación de señas como lengua y medio de comunicación para las personas con necesidades especiales auditivas en todo el territorio de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires. <http://www2.cedom.gob.ar/es/legislacion/normas/leyes/ley672.html>. Acesso em 30 de agosto de 2018.
- _____. DECRETO 1225/2010. Disponível em: <http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/170000-174999/171306/norma.htm>. Acesso em 30 de agosto de 2018.
- ASSIS, M. **A missa do galo**. In: Outros contos. São Paulo: Ática, 1985.
- BAKER. M. **A tradução como um espaço alternativo para ação política**. Tradução de Cristiane Roscoe-Bessa, Flavia Lamberti, Janaína Araújo Rodrigues Revista Cadernos de Tradução. v. 38 n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2018v38n2p339>. Acesso em 30 de ago. de 2020.

BARROS, T. P. **Experiência de tradução poética Português Libras: três poemas de Drummond**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Tradução) - Universidade de Brasília: Brasília, 2015.

BASÍLIO, E. V. **As vozes do discurso narrativo em traduções de literaturas infantis do português para a Libras**. Mestrado em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2017.

BARRIE, J. M. **Peter Pan** (Livro Digital Português/Libras). Tradução do texto original por Clélia Regina Ramos. Ilustrado por Silvia Andreis e Flávio Milani. . Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.

BARTHES, R. **O prazer o texto**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BEHARES, L. E. **¿Qué es una seña?** En: Primer Encuentro de Educadores Sordos. Caracas.

BEHARES, L.E.; MONTEGHIRFO, N, y DAVIS, D. **Lengua de Señas Uruguay**. Su componente léxico básico. Montevideo: Instituto Interamericano del Niño. 1988.

BEHARES, L.E.; MONTEGHIRFO, N. y RILO, M. **Cuatro estudios sobre la sociolingüística de la lengua de señas de los Sordos del Uruguay**. Montevideo: Instituto Interamericano del Niño. 1986.

BENTES, T. **A tradução de trocadilhos em Alice no País das Maravilhas para a língua brasileira de sinais - LIBRAS**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Tradução) - Universidade de Brasília, 2018.

BHABHA. H. **O local da cultura**. Trad. M.Ávila, E.L de Lima Reis. G.R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOLDO, J. **Intercorrências na cultura e na identidade surda com o uso da literatura infantil**. Mestrado em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

BOURDIEU, P. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRASIL. LEI 13.146/2015. LEI da inclusão da pessoa com deficiência.
_____. LEI 12.319/2010. LEI do reconhecimento da profissão de tradutor e intérprete de Libras,

_____. DECRETO DE LEI n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dez. 2000. Disponível: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>. Acesso: 20 mai. 2018.

_____. LEI 10.436/2002. LEI de Reconhecimento da Libras.

_____. LEI 10.098/2000. LEI de acessibilidade de pessoas com deficiência

BURAD, V. **Cinco intérpretes universitarios de Lengua de Señas Argentina obtienen un título universitario nacional**. 2007. http://www.cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/03/5_interpretes_universitarios_LSArgentina.pdf

_____. **Se necessita un intérprete de lengua de señas para conversar.** 2013
<http://www.cultura-sorda.org/se-necesita-un-interprete-de-lengua-de-senas-para-conversar/>.

BURKE, P. **Hibridismo cultural.** Tradução de Leila Souza Mendes. São Paulo: Editora da Unisinos, 2006.

BYRNE, A. P, J. **American sign language (asl) literacy and asl literature: A critical appraisal.** Dissertation graduate program in education. York university toronto, Ontario, 2013.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade.** Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2019.

_____. **Latino-Americanos à procura de um lugar neste século.** Tradução de Sergio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____. **Globalizar-se ou defender a identidade: como escapar dessa opção.** Tradução de Sergio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos.** Traduzido por Nilson Moulin. Companhia das Letras: 2007.

CAMPOS, K. A. **A tradução da Literatura de Cordel para Libras.** Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

CAMPELLO, A. R. S. **Intérprete Surdo de Língua de Sinais Brasileira: o novo campo de Tradução / Interpretação Cultural e seu desafio.** Cadernos de tradução, v. 33, p. 143-167-167, 2014.

CAMUS, A. **Diário de Viagem.** Tradução Valerie Rumjanek Chaves. 5º ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

CANDIDO, A. **O direito à literatura.** In: Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CARROLL, L. **Aventuras de Alice no país das maravilhas.** Através do espelho e o que Alice encontrou lá. R.J.: Fontana/Summus, 1977.

CASANOVA, P. **A república mundial das letras.** São Paulo: Estação Liberdade. Tradução de Marina Appenzeller. 2002.

CASTRO, N, P. **A tradução de fábulas seguindo os aspectos imagéticos dos planos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais.** CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA, 3., Florianópolis, SC. Anais 2012, UFSC, Florianópolis, 2012.
http://www.congressotils.com.br/anais/anais/anais2012_xx.pdf

_____. **A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais.** Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução).

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

CHESTERMAN, A. **Questions in the sociology of translation**. In: CHESTERMAN, A (Ed.). *Reflections on Translation Theory – selected papers 1993-2014*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 2017. p. 307-321.

CELLA, S. **Canon y otras cuestiones**. In: *Dominios de la literatura acerca del canon*. Editorial Losada: Buenos Aires, 1998.

CESAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa. Sá da Costa, 1978.

CLARKE, J. **What's culture got to do with it?** Paper presented to Research Seminar Anthropological Approaches to Studying Welfare, University of Aarhus, Denmark, 16-18.November,2005.

<https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.492.6871&rep=rep1&type=pdf>

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

COLLINS, P.H; BILGE, S. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Traduzido por Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Editora da UFMG: Belo horizonte: 2001.

CRENSHAW, K. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero: cruzamento: raça e gênero**. UNIFEM, 2004. Disponível em: <https://glefas.org/download/biblioteca/feminismo-antirracismo/Kimberle-Crenshaw.-A-interseccionalidade.-de-raza-y-genero.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2018.

_____. **Porque é que a interseccionalidade não pode esperar**. Tradução de Santiago D’Almeida Ferreira. Ação pela identidade, 2015. <https://apidentidade.wordpress.com/2015/09/27/porque-e-que-a-interseccionalidade-nao-pode-esperar-kimberle-crenshaw/>. Acesso em: 03 jul. 2018.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: Uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DEBUS, E, BAZZO, J.L.S, BORTOLOTO, N. **Literatura infantil e juvenil: frestas do contemporâneo**. Copiart: Tubarão, 2017.

DIAS, R. de S. **Traduzir para Criança: uma brincadeira muito séria**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

DRUETA. J. C. **Intérprete surdo**. In: Congresso nacional de pesquisas em tradução e interpretação de libras e língua portuguesa, 1., Florianópolis, SC. Anais 2008, UFSC, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://www.congressotils.com.br/anais/anais2008/DRUETTA-2008.pdf> Acesso: 30 ago. de 2021.

DOLOWITZ, D. P.; MARSH, D. **Learning from abroad: the role of policy transfer in contemporary policy-making**. Governance: An International Journal of Policy and Administration, v. 13, n. 1, p. 5-23, 2000. DOI: 10.1111/0952-1895.00121

EAGLETON, T. **Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e pós-modernismo**. Traduzido por Maria Lúcia Oliveira. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2014.

_____. **A ideia de cultura**. Traduzido por Sandra Castello Branco. Editora Unesp: São Paulo, 2011.

EVARISTO, C. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In: Alexandre, Marcos A. (org.) Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

EVEN-ZOHAR, I. **Teoria dos polissistemas**. Revista Translatio. Tradução de Luís Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha. Porto Alegre, v. 5, p. 2-21. 2013. Disponível em: www.seer.ufrgs.br/translatio/issue/download/2211/23 . Acesso em: 05 set. 2018.

_____. **La posición de la literatura traducida en el polisistema literario**. Traducción de Montserrat Iglesias Santos revisada por el autor. En Teoría de los Polisistemas, Estudio introductorio, compilación de textos y bibliografía por Montserrat Iglesias Santos. [Bibliotheca Philologica, Serie Lecturas] Madrid: Arco, pp. 223-231.

FAMULARO, R. **Despejar x Interpretación em lengua de señas y em lengua oral**. Facultad de Humanidades y Ciencias de Educación de Udelar: Montevideo: 2018.

_____. **La formación de intérpretes LSU-español-LSU en la TUILSU**. Texto presentado en FLA Cuarto Foro de Lenguas, Montevideo: ANEP, 2011.

_____. **Políticas lingüísticas e interpretación en LS**. http://www.cultura-sorda.org/wpcontent/uploads/2015/03/Famularo_Políticas_linguisticas_interpretacion_LS_2008.pdf

_____. **La interpretación em lengua de señas: desde la marginalidad a la profesionalización**. Comunicación presentada en las Primeras Jornaas sobre la Sordera. San Luis, Facultad de Fonoaudiología, 2001.

FANON, F. **Peles negras, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. **Condenados da terra**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora. Ed. UFJF, 2005.

FERREIRA, J. G. D. **Os intérpretes surdos e o processo interpretativo interlíngua intramodal gestual-visual da ASL para a Libras**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

FIGUEIREDO, A. Prefácio à edição brasileira do livro '**A liberdade é uma luta constante**' de Angela Davis. Bontempo: São Paulo, 2018.

FOUCES, O. D; MONZÓ, E. **Como seria uma sociologia aplicada aos Estudos da tradução?** Tradução de Talita Serpa e Paula Tavares Pinto. Cadernos de Tradução: UFS, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2020v40n1p440/42380>. Acesso em: 30 de ago de 2020.

FREEMAN, R. **Research, practice and the idea of translation**. Consultation paper, University of Edinburgh, 2004. Disponível em: <http://www.pol.ed.ac.uk>

GARCIA, L.A. **Análise descritiva das duas traduções brasileiras do conto The Invisible Man de Chesterton**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

GLISSANT, E. **Poética da relação**. Tradução de Eduardo Jorge Oliveira, Marcela Vieira. Bazar do tempo: Rio de Janeiro: 2021.

_____. **Introdução a uma poética da diversidade**. Traduzido por Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Editora UFJF: Juiz de Fora, 2005.

GRANADO, L. G. W. **Identificação de estratégias de interpretação simultânea intramodal?** Sinais internacionais para libras. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

GRIJÓ, A. A. **Quem conta um conto aumenta um ponto?** Reflexões sobre as adaptações de clássicos da literatura para crianças e jovens leitores. Tese de doutorado em educação. Programa de Pós-graduação em Educação. UFES: 2017.

GROSGOGUEL, R. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais:** Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global, Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 80 | 2008, publicado a 01 outubro 2012, consultado a 08 junho 2021. URL: <http://journals.openedition.org/rccs/697>; DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.697>

HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Loro Lopes. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

_____. **Identidade e diferença:** perspectiva dos estudos culturais. /Tomaz Thadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

HATIM, B.; MUNDAY, J. **Translation: an advanced resource book**. New York: Routledge, 2004. p. 8.

HEILBRON, J; SAPIRO. G. **Por uma sociologia da tradução: balanço e perspectivas**. Tradução de Marta Pragana Dantas e Adriana Cláudia de Sousa Costa. Grafhos Revista da pós-graduação em Letras, v. 11 n. 2, p. 13-28, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/grafhos/article/view/4354/3284>. Acesso em: 30 ago. 2021.

HERMANS. T. **Translation in systems**. Manchester. St.Jerome. 1999.

HIRSCH, I. **Versão brasileira: traduções de autores de ficção em prosa norte-americanos**

do século XIX. 1. ed. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2006

IVEKOVIC, R. **Politiques de la traduction: exercices de partage.** Terra-HN éditions. <http://www.reseau-terra.eu/IMG/pdf/-5.pdf>

KARNOPP, L. B. **Literatura Surda.** Revista Temática Digital, volume 7, n.2, p.100-113, junho, 2006. Disponível em: <http://143.106.58.55/revista/index.php>. Acesso em: 13 jun. 2018.

KARNOPP, L. B.; KLEIN, M ; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (Orgs.). **Cultura Surda na Contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações.** 1. ed. Canoas: Editora da ULBRA, 2011.

KING, S. M. **Vira-Lata.** Ilustrador: Stephen Michael King. Tradutor: Gilda de Aquino, São Paulo: Brinquebook. 32 p. 2005.

KLINGBERG, G. **Children`s fiction in the hands of translators.** Lund: Lund: CWK Gleerup, 1986.

KRAUSE, K.; LOPEZ, L. C. **Políticas públicas para a comunidade surda argentina e brasileira:** um estudo comparativo na ótica dos direitos humanos. In: Fórum Universitário Mercosul - FoMerco, 2017, Salvador - BA. Anais do Fórum Universitário Mercosul - FoMerco, 2017.

LAMBERT, J. **Literatura & tradução:** textos selecionados de José Lambert/ Andréia Guerini, Marie Hélène Catherine Torres e Walter (orgs). Rio de Janeiro: 7 letras, 2011.

LATOURE, B. **Reagregando o social:** uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Tradução de Gilson Cardoso de Sousa. Salvador: EDUFBA, 2012.

LENDVAI, N.; STUBBS, P. **Políticas como tradução:** situando as políticas sociais transnacionais. Tradução de Silvana Aparecida Carvalho do Prado. Práxis Educativa, v. 7, n. 1, 2012. <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/4002>.

LIMA, D. A. **Missa do Galo em Libras:** possibilidades tradutórias. Mestrado em Estudos da Tradução. Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal do Ceará, 2017.

LOPES, M. C. **Surdez & Educação.** 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOPES, L. B.; THOMA, A. S. **Estudos Surdos em Educação no Brasil: a produção do campo no período de 1996-2006.** [p://dx.doi.org/10.20395/fb.v0i37](http://dx.doi.org/10.20395/fb.v0i37), v. 37, p. 21-37, 2018.

LOUREIRO. B. P. **Néstor García Canclini y la interpretación de América Latina.** Tesis de Maestro en Estudios Latinoamericanos. Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología-Universidad Nacional Autónoma de México, 2009.

MAAR, W. L. **O que é Política?** .Brasiliense: São Paulo, 1994.

MARTINS, J. R. **Immanuel Wallerstein e o sistema-mundo:** uma teoria ainda atual?. Iberoamérica Social: revista-red de estudios sociales, v. V, p. 95-105, 2015. Disponível:

<https://iberoamericasocial.com/immanuel-wallerstein-e-o-sistema-mundo-uma-teoria-ainda-atual/> Acesso: 30 set. 2021.

MASUTTI, M. L. **Tradução e interpretação em fronteiras literárias**. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA, 1., Florianópolis, SC. Anais 2008, UFSC, Florianópolis, 2008. <http://www.congressotils.com.br/anais/anais2008/MASUTTI-2008.pdf>

_____. **Tradução cultural: desconstruções logofonocêntricas em zonas de contato entre surdos e ouvintes**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Literatura. UFSC, 2007.

MASUTTI, M. L.; SANTOS, S.A. **Intérpretes de Língua de Sinais: uma política em construção**. In: Ronice Muller de Quadros. (Org.). Estudos Surdos III. 1ed. Petrópolis: Arara Azul, 2008, v, p. 148-167.

MACHADO, F.A. **Poética visual em interface com a língua de sinais brasileira**. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

MACHADO, R. C. M.; SOARES, I. B. **Por um ensino decolonial de literatura**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 3, p. 1-25, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/wcdxsD3sqYmYVRSQncPV4ty/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 de setembro de 2021.

MEIRELES, C. **Diário de bordo**. Ilustrações de Fernando Correia Dias. São Paulo: Global, 2015.

MEMMI, A. **Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Editora: Civilização Brasileira, 2007.

MEYLAERTS, R. **Translation policy**. In: GAMBIER, Y., van DOORSLAER, L. Handbook of translation studies online (Ed.). Holanda: John Benjamins Publishing Company, 2010. p.163-168, 2010. Disponível em: <<http://www.benjamins.com/online/hts>>. Acesso em: 8 agosto de 2018.

MIGNOLO, W. D. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. 1. ed. rev. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2007.

_____. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. Tradução de Ângela Lopes Norte. In: Cadernos de Letras da UFF, dossiê Literatura, Língua e Identidade, Rio de Janeiro: 2008.

MORAIS, C. D. **Tecido em Língua de Sinais: Branca de Neve e os sete anões** (Mestrado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

MUNOZ, A. G. B; SOUZA-JÚNIOR, J. E. G. **The Incredible and Sad Tale of Sign Language**

Interpretation: A Latin American Perspective. In: Barbara Gerner de Garcia, Lodenir Becker Karnopp, Editors. (Org.). *Change and Promise: Bilingual Deaf Education and Deaf Culture in Latin America*. 1ed. Washington: Gallaudet Press, 2016.

NEVES, C. R. das; ALMEIDA, A. C. de. **A identidade do “Outro” colonizado: a luz das reflexões dos estudos Pós-Coloniais.** Em *Tempo de Histórias*, [S. l.], n. 20, p. 123–135, 2012. DOI: 10.26512/emtempos.v0i20.19862. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/19862>. Acesso em: 8 ago.. 2021.

NICOLOSO, S. **Uma investigação sobre marcas de gênero na interpretação de Língua de Sinais Brasileira.** Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina. 2010.

NIRANJANA, Tejaswini. **Siting translation: history, post-structuralism, and the colonial context.** Los Angeles & Berkley: University of California Press, 1992.

NOVAK, P. **Shakespeare in the fourth dimension: Twelfth Nighth and American Sign Language.** In: *Remaking Shakespeare: performance across media, genres and cultures*. Org: AEBISCHER Pascale, WHEALE, Nigel & ESCHE, Edward J. Palgrave USA, 2003.

_____. **A política do corpo.** Texto apresentado no V Encontro de Performance do Instituto Hemisfério: Performance e “raízes”: práticas indígenas contemporâneas. 2005.

OITTINEN, R. **Translating for children.** New York: Garland, 2000.

_____. **Traducir para niños.** Traducción de Isabel Pascua Febles y Gisela Marcelo Wirnitzer. Canaria: Servicio de publicaciones de La Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 2005.

OLIVEIRA, PEREIRA & CARRASCOSA. **“E o resto ao resto”.** In: (Orgs). Oliveira, M. P.O, Pereira, M.M.S & Carrascosa. D. *Cartografias da subalternidade: diálogos no eixo Sul-Sul*. Salvador: EDUFBA, 2014.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo.** Brasília: Paralelo 15. 2000.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional.** São Paulo: Brasiliense, 2013..

O’SULLIVAN, E. **Kinderliteratur im interkulturellen Prozess: Studien zur allgemeinen und vergleichenden Kinderliteraturwissenschaft.** Stuttgart: J.B. Metzler, 1994.

PARAGUAY. LEY 4251/2010.

_____. LEY 4336/2011.

_____. LEY 6.530/2020.

PAULINO, G. **Formação de leitores: a questão dos cânones literários.** *Revista Portuguesa de Educação*, Braga (Portugal), vol. 17, n.01, 2004.

PELUSO, L. C. **Traducción entre español escrito y lengua de señas uruguayana**

videograbada: un nuevo desafío. v. 35 n. 2: Edição especial (número 2- jul/dez 2015): *Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais*. 2015.

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p479>

_____. **Los sordos, sus lenguas y su textualidad diferida.** Translaciones: revista latinoamericana de lectura y escritura. Volumen 5, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6895487>. Acesso em: 30 de set 2021.

_____. **La textualidad diferida y las prácticas traductológicas.** Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e interpretação Libras e Língua Portuguesa, 2018. <https://www.youtube.com/watch?v=GVp0DWWjwSA&t=1s>

PERLIN, G. **Identidades Surdas.** In: SKLIAR, C.B (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. **A cultura surda e os intérpretes de língua de sinais (ILS).** ETD - Educação Temática Digital, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 136–147, 2008. DOI: 10.20396/etd.v7i2.798. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/798>. Acesso em: 4 jun. 2022.

_____. **Cultura e educação bilíngue no pulsar das identidades surdas contemporâneas.** In: Silvia Andreis-Witkoski; Marta Rejane Proença Filietaz. (Org.). Educação de surdos em debate. 1 eed. Curitiba/PR: Editora UTFPR, 2014, v. , p. 223-232.

PERLIN, G.; STROBEL, K. L. **Fundamentos de Educação dos Surdos.** 1. ed. Florianópolis: UFSC: 2009.

PERRAULT, Charles. **O Gato de Botas.** Tradução: Clélia Regina Ramos, Gildete da Silva Amorim e Rodrigo Geraldo Mendes. 1ed. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2011.

PERRONE- MOISÉS, L. **Mutações da literatura no século XXI.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PETERS, C. **Deaf American Literature: From Carnival to the Canon.** Washington, DC: Gallaudet University Press, 2000.

PRATT, M. L. **A Crítica na zona de contato: nação e comunidade fora do foco.** Travessia: Revista de Literatura n° 38, 1999.

_____. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação.** Trad. J. H. B. Gutierrez. São Paulo: EDUSC, 1999.

PUURTINEN, T. **Linguistic Acceptability in Translated Childre 's Literature.** Tese de doutorado. Joensu: Joensu, 1995.

QUIJANO, A. **Des/Colonialidad Del Poder: El Horizonte Alternativo.** Observatorio latinoamericano de Geopolítica. Lima, 1997.

RAJAGOPALAN, K. **Política linguística: do que é que se trata, afinal?** In: Nicolaidis, Christine; Silva, Kleber Aparecido da; Tilio, Rogério; Rocha, Hilsdorf Claudia (Orgs.). (Org.).

Política e Políticas Linguísticas. 1ed.Campinas, SP: Pontes/ALAB, 2013.

RAMA, A. **A Cidade das Letras**. Tradução Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1984.

RAMOS, C. R. **Literatura e Língua de Sinais**: uma proposta de tradução cultural. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Literatura. UFRJ, 1995.

_____. **Alice no país das maravilhas**: uma proposta de tradução cultural. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Literatura. Rio de Janeiro, UFRJ, 2000.

ROCHA, E.A. **A noção de relação em Édouard Glissant**. Ipotesi (UFJF), Juiz de Fora, v. 6, p. 31-39, 2002.

ROCHA, S.M. R. **Antíteses, díades, dicotomias no jogo entre memória e apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos**: um olhar para o Instituto de Educação de Surdos (1856/1961). Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009.

RODRIGUES, C. H. **A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira**: efeitos de modalidade e processos inferenciais. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). UFMG: 2013.

SAID, E. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAKAI, N. **How do we count a language?** Translation and discontinuity, Translation Studies, 2019. 2:1, 71-88, DOI: [10.1080/14781700802496266](https://doi.org/10.1080/14781700802496266)

SANTANA, J. B. M. **Fronteiras literárias**: experiências e performances dos tradutores e intérpretes de Libras. Dissertação (Mestrado em Curso de Pós-Graduação em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

SANTIAGO, S. **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. São Paulo: Perspectiva: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 2019.

SANTOS, B.S. **Para além do Pensamento Abissal**: das linhas globais a uma ecologia de saberes, Revista Crítica de Ciências Sociais, v. 78, p. 3-6, 2007.

SANTOS, B. S; MENESES, M.P. **Epistemologias do Sul**. Coimbra. Almeidina, 2009.

SANTOS, E.C.P. No princípio era a palavra, mas a palavra foi traduzida para os sinais. **CADERNOS DE TRADUÇÃO**, v. 38, p. 125-141, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2018v38n3p93>. Acesso em 30 de agosto de 2021.

SANTOS, J.M. **E a Cátedra, é africana?**. In: Disparada. Disponível em: <https://disparada.com.br/jones-manoel-catedra-africana/> Acesso em: 20 ago. de 2021.

SANTOS, J,M; LÖWY, M. **O que pensava Marx sobre raça, gênero e colonialismo?** Debate

com Michael Löwy e Jones Manoel. Canal da TV Boitempo, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ito1iqAk3Gk>. Acesso em: 20 de agosto de 2021.

SANTOS, S. A. **A tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010**. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

_____. **Intérpretes de Língua de Sinais: um estudo sobre as identidades**. Dissertação de Mestrado em Educação: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

SANTOS, S. A.; FRANCISCO, C. **Políticas de tradução: um tema de políticas linguísticas?** Fórum Linguístico, v. 15, p. 2939-2949, 2018. Disponível em: file:///C:/Users/Asus/Downloads/50624-188957-1-PB.pdf. Acesso em: 15 de agosto de 2018.

SANTOS, S. A.; ZANDAMELA, N. G. R. **Políticas linguísticas e tradução interpretação de línguas de sinais: aproximações entre Brasil e Moçambique**. Working Papers em Linguística, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 101-123, dez. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2015v16n2p101>>. Acesso em: 18 de julho de 2018.

SANTOS, S. F. **A construção discursiva de identidade de gênero de tradutores e intérpretes de LIBRAS não heteronormativos**. Tese (Doutorado em Pós-Graduação em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

SCHLEIERMACHER, F. **Sobre os diferentes métodos de tradução**. Trad. Margarete von Mühlen Poll. In: HEIDERMAN, W. (Org.). Clássicos da teoria da Tradução: antologia bilíngue, v. I, alemão-português. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

SCHLEMPER, M. D. **Traduções Infantis para Libras: o conto como mediador de aquisição sinalar**. Mestrado em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2016.

SCOTT, J. **Experiência**. In: SILVA, Alcione Leite; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs.). Falas de Gênero. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999. Disponível em: < http://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Joan_Scott-Experiencia.pdf. Acesso em: 10 jun. 2018.

SEARLS, J. K. **Trabajo en equipo intérpretes sordos de Lenguas de Señas Oyentes y Sordos**. Conferência apresentada na I Jornada de AAILS: traducción e interpretación de Línguas de Señas-Español. Buenos Aires: 2019.

SEGALA, R. R. **Tradução Intermodal e intersemiótica/ interlingual: português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Tradução), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SHAVIT, Z. **Poetics of Children's Literature**. The University of Georgia Press, Athens and London, 1986.

SILVA, A. B. **Literatura em libras e educação literária de surdos: um estudo da coleção Educação de Surdos e de vídeos literários em libras compartilhados na internet**. Tese

(Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

SILVA, R.O. **Redes transassociativas**: análise da participação dos grupos econômicos e financeiros na estrutura de representação de classe no Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais: UFSC, 2018.

SIQUEIRA, R. B. **O papel do intérprete surdo**. Monografia. Especialização em Libras: ensino, tradução e interpretação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

SIRÉ, S. **Lengua de Señas Uruguaya, el profesional intérprete**: historia de la interpretación de lenguas orales. In: Sección de artículos de interpretación. Cultura sorda. 2018. Disponível em: <https://cultura-sorda.org/lengua-de-senas-uruguaya-el-profesional-interprete-historia-de-la-interpretacion-de-lenguas-orales/>. Acesso em: 20 de agosto de 2021.

SKLIAR, C. B. **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. 2. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

_____. **Educação & Exclusão**. Abordagens Sócio-Antropológicas Em Educação Especial. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 1997

SMITH, S. **Black feminism and internacionality**. In: International Socialist Review, 2013. Disponível em: <https://isreview.org/issue/91/black-feminism-and-intersectionality/>. Acesso em : 31 jul, 2018.

SMITH, S; SLADE, N. **Black Feminism & Internacionality- Socialism**. Conferência realizada em Chicago-Illinois, Socialism, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S7q5EsbfJLk>. Acesso em: 20 maio de 2021.

SOUZA, S.X. **Percepções da norma surda de tradução no Brasil**: o caso do curso de Letras-Libras da UFSC. In: Ronice Müller de Quadros; Marianne Rossi Stumpf; Tarcísio de Arantes Leite. (Org.). Estudos da Língua Brasileira de Sinais I. 1ed.FLORIANÓPOLIS-SC: INSULAR, 2014, v. 01, p. 120-150.

_____. **Perfomances de tradução para a língua brasileira de sinais observadas no curso de letras-libras**. Dissertação em estudos da tradução, UFSC: 2010.

SPIVAK, G. **The Politics of Translation**. In: Lawrence Venuti (ed.), The Translation Studies Reader. London/ New York: Routledge, 1992.

_____. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

STONE, C. **Toward a Deaf Translation Norm**. Washington. D.C.: Gallaudet University Press, 2009.

STROBEL, K.L. **Surdos como intérpretes/tradutores**: um sonho possível? In: Karnopp, Klein e Lunardi-Lazzarin. (Org.). Cultura Surda na Contemporaneidade: negociações, intercorrencias e provocações? 1ed.Canoas: Editora da ULBRA, 2011.

SUTTON-SPENCE, R. **Literatura em Libras**. 1. ed. Petrópolis: Arara Azul, 2021.

<http://www.literaturaemlibras.com/>

SUTTON-SPENCE, R. & QUADROS, R.M. **Poesia em Língua de Sinais: traços da identidade surda**. Estudos Surdos I. Petropolis, RJ: Arara Azul, 2004.

TOURY, G. **Descriptive translation studies and beyond**. Benjamins translation library, 1995.

URUGUAY. LEY 18.437/2008
 _____ . LEY 17.378/2001
 _____ . LEY 16.095

VAN DOORSLAER, L. **Mapping as a keyword-related tool underlying the online Translation Studies Bibliography**. Target, vol. 19, no 2, p. 217-233, 2007. TOURY, G. **Descriptive Translation Studies and beyond**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

VAZ, C. P. **Educação de Surdos na Fronteira de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Pós-graduação em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

VENUTI, L. **A invisibilidade do tradutor: Uma história da tradução**. Tradução de Laureano Pellegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo. São Paulo: Editora da UNESP, 2021.

_____. **Escândalos da tradução: por uma ética da diferença**. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002.

VIEIRA, F. de P. G. **Latino-americanos à procura de um lugar neste século**. GARCÍA CANCLINI, Néstor. São Paulo: Iluminuras, 2008. História Social, [S. l.], v. 1, n. 18, p. 221–228, 2011. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/rhs/article/view/359>. Acesso em: 8 jun. 2021.

VIEIRA-MACHADO, L. M.C; MATTOS, L. C. **Na presença da outra, o encontro comigo: da história da educação de surdos às histórias de nossas vidas**. 1. ed. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2019.

WALLERSTEIN, I. **El moderno sistema mundo**, t. I. México: XXI, 1979.

WALSH, C. **Interculturalidad crítica y pedagogia de-colonial: apuestas (des) de el insurgir, re-existir e re-vivir**. Revista (entre palabras), Quito, v. 3, p. 1-29, 2009.

_____. **Interculturalidade e decolonialidade do poder um pensamento e posicionamento "outro" a partir da diferença colonial**. Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). V. 5, N. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/revistadireito/article/view/15002/10532>. Acesso em: 30 de ago. 2021.

ZANETTIN, F, et.al. **Sketching landscapes in translation studies: a bibliographic study**. Perspectives: studies in translatology, vol. 23, no 2, p.161-182, 2015.